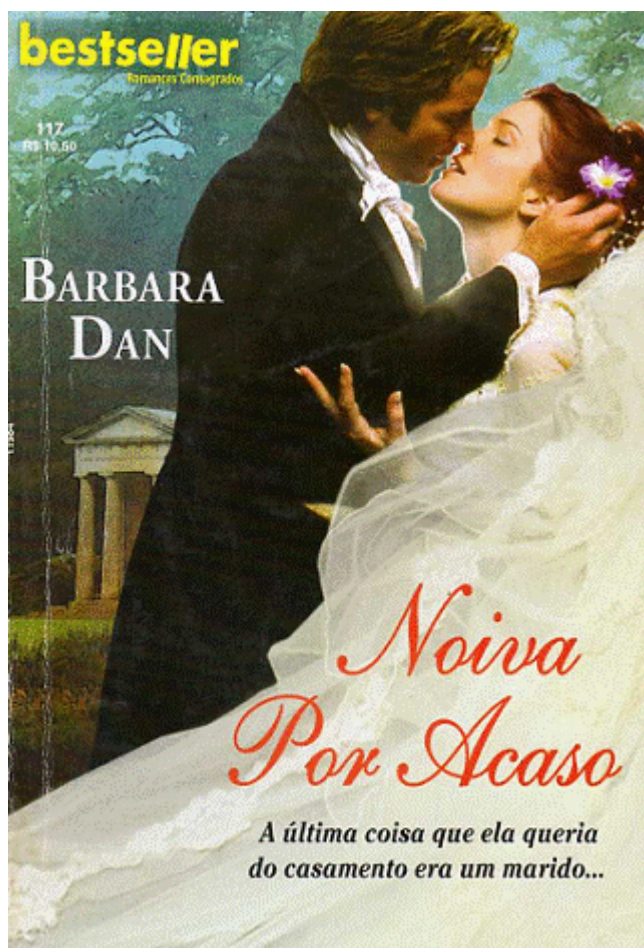


NOIVA POR ACASO

TÍTULO ORIGINAL: O'Rourke's Bride

BARBARA DAN



Disponibilização: Rosangela
Digitalização: Joyce
Formatação e revisão: Sílvana

Projeto
pr
Revisoras



Nevada, 1864

Um casamento de mentira... Uma paixão de verdade...

Mimada, linda e esperta, Kate McGillacuty concorda em se casar com alguém que se encaixe nos padrões exigidos por seu pai: "um homem de verdade", que não tenha medo de enfrentar trabalho duro. Ela então escolhe seu noivo entre uma equipe de lenhadores de Virgínia City, convencida de que vai persuadi-lo a representar uma pequena farsa, mediante um pagamento justo, até conseguir a anulação do casamento. Dessa forma, conseguirá sua tão sonhada liberdade e uma passagem de volta ao mundo civilizado.

Peter O'Rourke não se importa de conspirar com o pai de Kate para ter um emprego estável, mesmo que para isso tenha de se casar com a temperamental filha do patrão. Logo, porém, ele se vê tendo fantasias sensuais com sua linda esposa, e seus planos vão por água abaixo... Peter nunca conheceu uma mulher como Kate, e está disposto a tudo para conquistar o coração de sua noiva rebelde...

Capítulo I

Virgínia City, Nevada, 21 de setembro de 1864.

Através da janela da sala de estar da mansão do pai, Mary Katherine McGillacutty fitou a desoladora paisagem das montanhas sombrias do distrito minerador de Virgínia City. Piscando rapidamente os olhos verdes inundados de lágrimas, esforçou-se para engolir o nó de decepção e ergueu o queixo com altivez. Que injustiça! A falta de sensibilidade de seu pai chegava a ser monstruosa. Se ao menos ele tivesse dito que sentira falta dela, o encontro dos dois poderia ter sido bem diferente.

E, além de tudo, o ultimato grosseiro que sua mãe tinha recebido as forçara a cancelar o calendário social de uma temporada inteira. Isso, em sua opinião, era imperdoável. Após os fatos considerados, Mary Katherine pretendia cooperar o menos possível.

Recém chegada, nem sequer havia trocado a roupa que usara na horrenda viagem pela via férrea de Omaha. Seus trajes, de acordo com os ditames da última moda, se encontravam repletos de adesivos da estrada de ferro que designavam Chicago como seu local de origem.

Ela virou-se e fitou o pai com a mente fervilhando de planos de vingança. Quanto mais cedo ele as dispensasse, melhor.

— Francamente, papai — disse, batendo o pé com força no chão. — Como pode esperar que eu viva em uma cidade como esta?

Mais uma vez Kate espiou a horrível paisagem pela janela. Mesmo sabendo que as ruas eram pavimentadas, isso não mudava sua opinião. Virgínia City era uma cidade selvagem, bárbara e não possuía incentivos para alegrar o coração de uma jovem. Um lugar irritante onde ela desperdiçaria seu tempo e talentos. Nada a faria permanecer ali. Chicago, Nova York e Paris eram muito mais excitantes.

O que teria dado no pai para se instalar em uma cidade como aquela? Claro que não podia acusá-lo de não haver conseguido sucesso, já que ele tinha comprado vários terrenos e formado o conglomerado de mineração Lucky Strike cinco anos antes.

Naturalmente, Kate e a mãe não permitiram que as ambições e os negócios de Homer McGillacutty alterassem o estilo de suas vidas. No verão passado, haviam feito uma excursão pela Europa, gastando os frutos da nova riqueza, enquanto o velho e bom patriarca continuava fumando seu charuto fedorento e pagando as contas.

Homer McGillacutty se considerava uma alma tolerante. Acompanhava o ritmo das viagens da mulher e da filha por intermédio de ocasionais cartões-postais ou rabiscos sumários enviados às pressas pela esposa. Ambas, a Sra. McGillacutty e sua elegante filha davam vazão aos seus desejos, sabendo que ele estaria ocupado demais fabricando dinheiro para sentir falta das duas. Homer fazia viagens diárias ao banco e duas visitas semanais a uma bela e jovem viúva cujo marido havia morrido em um acidente em uma das minas do Lucky Strike que se rompera.

Aquele arranjo tácito vinha durando algum tempo em aparente harmonia. Mas, no fim da primavera, ao se encontrar com um velho amigo de Chicago, na Bolsa de Valores

de São Francisco, Homer soubera que a esposa estava empurrando Kate para os braços de um janota que ela considerava um bom partido.

Claro que McGillacutty não tinha nada contra dinheiro. Porém era um homem que havia vencido na vida por si próprio e "orgulho" era a sua marca registrada. Sua reação imediata, ao ouvir o nome da filha ligado ao efeminado Sr. Clarence Stokes de Oak Park, fora de revolta. Seu temperamento havia se incendiado, elevando-se mais do que as quentes temperaturas geotérmicas no interior das minas. Com a velocidade de um repentino tornado que periodicamente destelhava as igrejas e as casas de Virginia City, resolvera investigar o assunto.

Uma enxurrada de correspondência tinha se seguido entre a Sra. McGillacutty, que quando solteira, assinava Madeleine St. Yves-Suivvart, e o magnata de origem escocesa e irlandesa. Com veemência, Homer afirmava que sua única filha não se casaria com qualquer um que tivesse medo de trabalho.

É claro que a esposa não concordava com o homem bombástico que há desposara vinte anos antes. Não lhe poupava adjetivos, tais como antiquado e grosseiro. E tinha ameaçado pedir a anulação do casamento caso ele insistisse naquela atitude insensata.

Homer, em troca, havia lhe cortado as linhas de crédito, diminuído a mesada pela metade e prometido vender a casa de Chicago se ela e Kate não pegassem o primeiro trem que vinha do Oeste.

Madeleine McGillacutty não estava certa se queria viver novamente ao lado do marido. Porém tinha certeza de que queria gastar o dinheiro dele. Então obedecera, trazendo a filha consigo. Agora, ela desfazia as malas no andar superior.

O brilho ferino no olhar de Homer fez Kate experimentar a mesma sensação de insegurança que sentia após tomar algumas taças de champanhe.

— Papai, eu lhe asseguro, Clarence Stokes não significa nada para mim. Não precisava se aborrecer em nos chamar de volta. Mamãe e eu estávamos no meio de uma maravilhosa temporada. — Kate curvou os lábios num sorriso astuto e seus olhos verdes cintilaram. — Está satisfeito agora que soube das notícias da minha própria boca?

— Não filha, não estou.

Fazendo uma carranca, Homer fechou as mãos grandes e carnudas às suas costas. Tanto ele quanto Kate eram ruivos, teimosos e acostumados a agir à sua própria maneira. Sempre se confrontavam quando estavam juntos e aquela tarde não seria exceção. Homer clareou a garganta e, mastigando a ponta do charuto, estudou o quebra-cabeça à sua frente.

Olhando para a filha, sentiu uma pontada de pesar. Não tinha acompanhado sua pequena Katie se transformar na jovem mais bonita em que ele já pusera os olhos.

— Foi bom não ter puxado a mim mais do que puxou, Mary Kate. — Ele riu, comparando mentalmente seu físico avantajado, de tórax estufado, à delicada elegância da filha.

Ela também não se parecia muito com a mãe. Talvez as feições suaves lembrassem as de Madeleine, pois ambas tinham as maçãs do rosto altas e um brilho intrigante no olhar. Mas a cor da pele e a estatura alta de Kate vinham de Homer.

Kate deu de ombros; seus longos dedos brincavam com o cordão da cortina. Sabia que o pai sempre quisera ter um filho homem. Quando o médico lhe havia dito que a mãe dela não podia mais ter filhos, ele não disfarçara sua decepção.

— Se eu fosse um rapaz, suponho que o senhor me enterraria naquela mina neste exato momento — disse Kate com uma nota de amargura na voz.

Homer soltou algumas baforadas do charuto, enchendo a sala de estar com uma neblina de fumaça.

— Como sempre digo, não adianta chorar pelo leite derramado.

— Então, por que trazer a mim e a mamãe para este lugar sufocante se não para nos torturar? Cresci sabendo que me considerava inútil por ser mulher. Por que de repente resolveu se preocupar com quem vou me casar ou com o que faço da minha vida? Ou com as atitudes da mamãe nesse sentido? O senhor é um estranho, papai. Cinco anos sem mesmo nos fazer uma visita, apenas enviando seu velho e sujo dinheiro. O que lhe importava se eu e mamãe apodrecêssemos em Chicago?

A pele sardenta castigada pelo sol de McGillacutty corou de raiva.

— Meça suas palavras, menina, ou de agora em diante não verá mais a cor do meu dinheiro.

— Ótimo! — explodiu Kate. — Faça o que quiser com ele! Estou pouco me importando. Sempre foi mesquinho com o seu amor. Tenho certeza que posso sobreviver sem o seu dinheiro!

— Palavras orgulhosas e arrogantes, Kate. — Homer tentou manter o controle. — Mas você ainda não é maior de idade e eu decidirei com que tipo de homem se casará.

— Que estupidez! — Os lábios dela se comprimiram. — Mamãe está certa. O senhor se transformou num velho miserável e avarento. Não tem senso de refinamento ou cultura.

— Cuidado com a língua, minha jovem! — rugiu o pai sacudindo-a. — E deixe sua mãe fora disso. Ela e eu temos nossas diferenças, mas não tolerarei nenhuma impertinência de sua parte. Vocês são duas mulheres ingratas e inúteis.

Mary Kate riu desdenhosamente e se afastou.

— Suspeito que o senhor considere todas as mulheres criaturas fracas e desprezíveis. — Ela viu a frustração tomar conta da face do pai e continuou: — Mas talvez eu esteja enganada. Ouvi dizer que uma prostituta de Virginia City ainda lhe presta alguns favores.

Acostumado a viver entre homens ásperos, Homer reagiu sem pensar. Foi até a filha e a esbofeteou.

— Eu não admitiria isso vindo de um homem e por certo não permitirei tal grosseria proferida pela minha própria filha. A Sra. Bowers é uma boa mulher e não deixarei que se refira a ela desse modo outra vez.

Embora abalada, Katherine recusava-se a se dar por vencida.

— Não me lembro de ter mencionado o nome dela — disse com uma calma e um sorriso mortal nos lábios. — Tenho culpa se o senhor associou a palavra "prostituta" ao nome dessa mulher?

Homer ia esbofeteá-la pela segunda vez, mas desistiu, deixando o braço cair ao longo do corpo.

— Sinto muito, Katie. Não pretendia feri-la.

— Pelo amor de Deus! — Uma voz com acentuado sotaque sulista soou na entrada da sala. — Nunca pode haver um momento de paz entre você dois?

Kate e Homer, ambos com os lábios comprimidos pela raiva, viraram-se para confrontar Madeleine McGillacutty.

Peter Casey O'Rourke enganchou o salto da bota no descanso pé de metal do bar Bucket of Blood e apoiou os cotovelos sobre o bonito balcão, conferindo a clientela local. Como ator treinado, desenvolveu um instinto apurado no que dizia respeito a pessoas. E tinha a esperança de que essa habilidade o ajudasse a conseguir a próxima refeição.

Os lampiões a gás emprestavam às senhoras maquiadas do andar superior um matiz teatral familiar. Ele estava com vontade de gritar qualquer coisa, mas que não fosse para sacudir sua crescente agitação.

Ao seu redor, mineiros sérios batiam ombros com lojistas no horário de almoço. O lugar inteiro se assemelhava a um frenesi alimentar. Peter estremeceu ao avistar o jovem garçom do bar, tão deslocado. Sentia-se rodeado e preso em uma teia de falsidade e mentiras.

Harpas que manipulavam o comércio por uma onça de prata. Apavorante! Um exercício desprezível de civilização sobre os clientes de rostos pálidos e consumistas. Mãe de Deus! Um homem não podia descer mais baixo.

O'Rourke piscou ante o cheiro de álcool e a fumaça de tabaco e questionou-se se não estaria sofrendo de delirium tremens. Esperava sinceramente que não! Colocou a mão bem cuidada diante da face. Firme como granito. Não havia nenhuma cobra roxa e estranha deslizando das escarradeiras, e tampouco letras se mexendo na pintura de uma jovem nua na parede. Deus seja louvado! Pelo menos por enquanto, podia descartar a idéia de insanidade.

Dois homens bastante bronzeados, trajando camisas de flanela e calças de algodão, chamaram sua atenção. Os únicos espécimes saudáveis no bar vagamente iluminado. Todo o mundo parecia artificial. Peter olhou para a própria mão segurando um copo e desejou saber quando se sentira mais desajustado.

Homens semimortos, com febre pulmonar, vangloriavam-se de seus feitos e das vocações que haviam seguido. Para a maioria deles, o pote de prata e de ouro permanecia como um sonho inacessível no final de um arco-íris inexistente. Os que alcançaram a riqueza haviam perdido tudo no jogo. Os jovens matavam o tempo entre turnos exaustivos, usando os quatro dólares que recebiam por dia para brindar às suas insensibilidades. Com humor cínico, riam de seus destinos, sabendo que era apenas uma questão de tempo antes que os gases tóxicos, o terrível calor ou um desmoronamento pusessem um fim em suas miseráveis existências.

Muitos eram seus compatriotas. Havia trabalhado em minas semelhantes na Cornualha, em Cardiff ou nas colinas dos Apalaches. Toupeiras que raramente viam a luz do dia, acabando com seus pulmões. Contudo eram guiados pelo sonho de encontrar uma jazida rica de prata. Peter podia ver por que, no final das contas, os donos dos estabelecimentos comerciais e dos malditos cassinos ficavam com todo o dinheiro.

Enquanto O'Rourke estudava aquela facção fascinante da população masculina de Virginia City, tentou se imaginar ganhando a vida como um deles.

Uma idéia moderna: trabalho.

Nunca se vira fazendo outra coisa mais corajosa do que atuar. Para ser franco,

gostava bastante de ser um daqueles que passavam as horas sobre um tablado, fazendo imitações dos jogadores da vida. Sim, comparado àqueles pobres desafortunados que trabalhava duro por um dólar ianque, o ator de vinte e cinco anos de idade vinha levando, até bem recentemente, uma vida boa. Dava-se bem pela sua personalidade e inteligência, e custeado pela generosa mesada do pai. Desde que havia feito as malas e deixado a propriedade da família na ilha de Esmerald, abdicara de seus privilégios, sempre esperando satisfazer uma estranha inquietude interior. E ali estava encalhado em Virginia City. Deus, isso já era uma queda de status no mundo!

Seguindo os passos de muitos jovens pródigos que fizeram o mesmo antes dele, Peter jamais imaginara que a fonte de sua independência e riqueza secaria.

Ele e seu análogo bíblico tinham muito em comum: ambos altamente imaginativos fogosos hedonistas, viajando de primeira classe enquanto o dinheiro durasse. Filhos caçulas e extravagantes, ambos abençoados por pais amorosos e sólidos como rocha. Mas aí é que as semelhanças terminaram. Seu pai tinha cortado a mesada do moleque ingrato e lhe negado qualquer acesso adicional aos cofres da família.

Infelizmente, quando percebera que o dinheiro havia cessado, Peter já estava a meio mundo de distância, em Filadélfia, encenando Delírio, uma versão mais jovial de Edmund Kean.

Não que tivesse ficado imediatamente sem um centavo. Claro que não. Isso acontecera mais tarde, quando havia pegado o primeiro navio rumo a San Francisco, atraído pelos boatos de que todos os atores que iam para as cidades mineradoras que estavam surgindo na Califórnia ganhavam muito dinheiro.

Uma semana depois de aportar em San Francisco, Peter se juntara a uma trupe de uma popular companhia irlandesa. Comia ostras, bebia champanhe, dançava até o amanhecer e gastava rios de dinheiro com os atores da mesma categoria. Mesmo assim, ele não podia se manter com o salário de ator. Sem a generosidade do pai para sustentá-lo, estaria perdido.

Depois de lotar o Maguire's Opera House durante três noites, parecia que a companhia havia tirado o pé da lama. Para comemorar, com seu charme habitual, sua boa sorte irlandesa, O'Rourke havia levado três mulheres a um hotel para uma noitada.

Quando acordara, quase dois dias mais tarde, estava sem um tostão, com a cabeça pesada e um péssimo humor. Além disso, o compromisso teatral tinha sido cancelado e a trupe partira para um lugar chamado Glitter Gulch em busca de fortuna. Peter havia chegado a considerar a possibilidade de enfrentar os quase quinhentos quilômetros do deserto escaldante e hostil para encontrá-los. Mas chegara à conclusão de que era melhor ficar sem dinheiro do que morto e queimado pelo sol.

Mesmo assim, reconheceu que precisaria mais do que charme para sobreviver. Ao contrário do cometa Halley, parecia destinado a desaparecer de cena, sem mesmo uma gota de ouro ou pó de prata.

Por Deus! Pobre aos vinte e cinco anos! Aquilo o fez ficar preocupado com o vazio que sentia no estômago.

— É a vida!— murmurou, reconhecendo o súbito e terrível destino que lhe era reservado. Havia viajado ao redor do mundo, desfrutado o pôr-do-sol em quatro continentes, conhecido outras culturas e passeado em praias enluaradas com as nativas de olhos repuxados do Pacífico. Em algum lugar no meio do caminho, talvez tivesse considerado Virgínia City outro simples desvio divertido em uma carreira diferente e

irregular.

Sua querida mãe, em Wexford, costumava dizer que as dificuldades eram bênçãos disfarçadas. Sim, era uma bonita filosofia, mas, infelizmente, sem substância.

Peter mordeu uma rosca e contemplou seu futuro com surpreendente sobriedade, considerando a quantia de álcool que havia ingerido desde as nove horas. Era uma pena que seu nobre pai não visse a vida pelo mesmo caleidoscópio róseo que sua bela mãe via. Caso contrário, ele não estaria sendo forçado a rever suas opções naquele momento. Sem um guarda-roupa apropriado e agora separado do resto da trupe de teatro, era hora de fazer um balanço de sua vida. Teria de conseguir um emprego de verdade.

— Papai e eu estávamos discutindo sobre a diferença entre mulheres inúteis, mas respeitáveis, e mulheres de vida fácil — Kate explicou à mãe, aproveitando a oportunidade para provocar o pai mais uma vez.

— Madeleine, eu lhe disse que ficasse lá em cima. Quero discutir o futuro de nossa filha a sós com ela.

— Homer, eu ouvi gritos — contestou a Sra. McGillacutty. — Naturalmente que me preocupo com a segurança de Kate.

— Está com medo que eu a deixe roxa de pancadas, hein? — perguntou o marido, dando um passo ameaçador na direção dela.

— Não, não. Claro que não — respondeu Madeleine depressa. Apesar de suas diferenças, Homer sempre a tratara com extrema bondade. — Não pretendi insinuar coisa alguma.

— Não, mas conseguiu colocar minha própria filha contra mim. Bem, agora que já está aqui, pode ouvir o que tenho a dizer. Sente-se.

Obediente, a esposa se sentou ao lado de Kate, que aparentava qualquer coisa menos submissão.

— O que pode querer de nós nesta cidade mineira primitiva? — perguntou Madeleine, ressentida.

— Pretendo ver nossa filha casada com um homem de verdade, não com esses janotas dos subúrbios de Chicago. Alguém que não seja um parasita.

— O quê? — Madeleine o fitou horrorizada e então desviou o olhar para Kate do mesmo modo.

— Você me ouviu. Pretendo conseguir netos desta novilha inútil.

— Novilha inútil! É isso que me considera, papai? — perguntou Kate num tom pouco amável, como se estivesse pronta para iniciar uma batalha.

— Você não passa de uma pirralha mimada — afirmou Homer. — Mas não culpo apenas sua mãe por isso. Uma moça cabeçuda como você precisava da mão forte de um pai para educá-la.

— Já que me considera uma novilha inútil, sabe muito bem que não vai conseguir que eu me case com qualquer um contra a minha vontade.

— Conheço vários jovens aqui em Virgínia City que seriam bons maridos para você. Meu capataz, Lew Simpson, é um deles.

— Esqueça isso, papai.

McGillacutty caminhou na direção da filha e, em uma demonstração de força, suspendeu-a em pleno ar, a fim de que ela entendesse as desvantagens de sua posição como mulher.

— Coloque-me no chão agora mesmo, papai! — Percebendo que aquele não era o melhor método de enfrentá-lo, Kate abaixou a voz alguns decibéis. Quando seus pés tocaram o tapete, ela começou a barganhar: — Tenho certeza de que podemos discutir o assunto como dois adultos civilizados.

— Não há nada para discutir — disse Homer. — Recuso-me a ter um genro vagabundo. Você poderá escolher entre um dos meus sócios.

— E se eu disser "não"? — perguntou ela docemente.

— Então, eu mesmo escolherei.

— Bem, papai, gostaria de lhe fazer uma sugestão. Presumo que ache que qualquer homem em Virginia City é duas vezes melhor do que Clarence Stokes, certo?

— Três vezes melhor.

— Então, por que não vamos até o centro da cidade conhecer os seus amigos? — sugeriu Kate. — Quando mamãe e eu chegamos, notei que metade da população masculina estava bêbada em frente às tavernas.

— Mary Katherine McGillacutty — advertiu o pai, estreitando os olhos.

— O que estamos esperando? — insistiu Kate. — Evidentemente, minha educação foi bastante negligenciada. De acordo com o senhor, nunca conheci um homem de verdade. Eu obedeco, papai. Escolherei um marido nas fabulosas ruas desta cidade e me resignarei com o meu destino.

— Outra cerveja, meu bom homem — Peter empurrou o copo para ser reenchido, embora seus bolsos estivessem vazios. — Ponha na minha conta — acrescentou.

O velho MacGruder arqueou uma sobancelha.

— Não vendo fiado, rapaz. Peter deu de ombros e sorriu.

— Que tal eu entreter os seus clientes com algumas cenas de Hamlet? Ou, quem sabe, de Romeu e Julieta? — sugeriu. — Ou prefere um pouco de poesia?

— Ah, você se imagina um ator, não é? — MacGruder deixou o pano de polir sobre o balcão e gesticulou para o segurança. — Mostre a este sujeito como tratamos os atores por aqui, Kruger.

O'Rourke observou. Um segundo depois, fechava os punhos para evitar que suas feições finamente cinzeladas e que haviam conquistado o coração de tantas mulheres fossem arruinadas.

No momento seguinte, viu-se erguido do chão. Deus, que humilhação! Odiava ter um desempenho tão desastrado, em especial diante de uma platéia subumana.

O segurança o empurrou para a rua através das portas de vaivém.

Escorregando ao longo de um poste, Peter caiu sobre uma pilha de excremento de cavalo.

Reclinou-se para trás e respirou fundo. Deus, em que chiqueiro sangrento havia se transformado a sua vida!

Rindo feito um louco, sentiu a cabeça latejando. E, por falta de coisa melhor para

fazer, desmaiou calmamente.

Um sorriso de vitória antecipada curvava os lábios róseos de Kate. Seus olhos chamejaram lindamente com o calor da batalha.

— Nunca falei mais sério em toda a minha vida! — assegurou.

Bufando como um velho touro irritado, Homer praguejou baixinho. Então, Kate queria fazer jogo-duro, não é? Bem, ele nunca recuara diante de um desafio na vida.

Casar-se com um bêbado, francamente!

Recusava-se a ser passado para trás. Se deixasse a pequena irascível fazer o que queria, por certo não demoraria muito a exibir um anel de Stokes no dedo, o que significaria lhe dar netos inferiores. Herdeiros inúteis eram o que seriam!

— Tem certeza de que é isso que quer? — indagou, dando à filha uma última chance de voltar atrás.

Kate pousou as mãos nos quadris e ergueu o queixo.

— Absoluta! Conduza-me, querido papai, para que eu possa conhecer o homem dos meus sonhos.

— Tudo bem. Vamos em frente!

Segurando o braço de Kate com firmeza, Homer tirou-a da sala de estar com movimentos bruscos, fazendo-a tropeçar no tapete do corredor.

— Espere papai! — ela gritou, tentando recuperar o equilíbrio. Estava apoiada apenas em um dos joelhos, sob a volumosa saia azul e as pontas do manto.

Homer estacou, esperando que a filha tivesse desistido daquela idéia maluca. Afinal, investira demais nela.

— Maldição, Kate!

— Tire suas mãos de mim! — vociferou Kate, furiosa. Fitando o pai com desprezo, endireitou-se e ajeitou as vestes.

— Pronto! Tenho certeza de que quem quer que venha a ser meu marido ficará mais interessado em se casar comigo se eu estiver apresentável.

— Isso tido é ridículo! Você é uma cabeça-dura e uma...

— Mulher inútil — concluiu ela. — Não é mesmo, papai? — Kate pôs a mão na maçaneta e abriu a porta. — Bem, o que estamos esperando? Pensei que estivesse com pressa de me ver casada.

Homer rosnou uma advertência.

— Katie...

Mesmo tremendo nas bases, Kate percebeu que não tinha outra escolha a não ser engolir o orgulho e marchar porta afora.

Homer bateu a porta com força atrás de si. Jamais se sentira tão irritado em toda a sua vida. Estava sendo desafiado pela própria filha! Como a fedelha ousava ir de encontro a todos os valores de decência e bons costumes que ele e a mãe haviam lhe ensinado?

— Muito bem. Já que você insiste... — Agarrando-a pelo braço, dirigiu-se ao centro da zona comercial.

— Claro que o senhor sabe que isso vai lhe custar caro — disse Kate, enquanto corria para acompanhar o ritmo das passadas largas do pai.

— Não tanto quanto a você, Kate. — Homer seguia adiante, tão veloz quanto uma locomotiva desgovernada. — Mas tem razão, vai me custar caro.

— Sempre pensei que o senhor quisesse fazer um bom investimento com o seu dinheiro.

— Certifique-se de escolher alguém que possa me dar um grande número de netos.

— Netos homens — corrigiu ela. — Lembre-se que o senhor acha que as mulheres são criaturas inúteis que só servem para produzir herdeiros.

— Pretendo ter alguém para quem deixar o meu dinheiro — disse Homer num tom severo.

Kate se virou e contemplou a rua. De onde estava, podia avistar vários bares e vários noivos em potencial espreguiçando-se, bêbados, na calçada e na rua. De repente, não se sentiu tão valente e desafiadora. Um calafrio percorreu-lhe a espinha.

Vendo a expressão de repulsa da filha, o pai riu.

— Vamos para casa. Eu a apresentarei a alguns bons companheiros que trabalham para mim.

— Não! — ela gritou, indignada. — Não sou uma rês ou uma cautela de ações de uma mina que o senhor possa permutar.

— Você se casará Kate, antes do fim da semana — declarou McGillacutty sem se alterar. — Estou farto de ser tratado como marionete, enquanto sua mãe gasta o meu dinheiro tão rápido quanto consigo tirá-lo daquele maldito buraco no solo! Ela é uma esposa sofrível e não quero que você siga o mesmo caminho.

— Como ousa papai? Sou uma jovem bem preparada. Erudita. Sei organizar uma festa, um jantar. Pinto paisagens a óleo...

— E o que sabe sobre a vida, filha? — indagou Homer, com a face corada de raiva.

— O que há para se saber? — Kate riu ao ver o pai tão sério. — A vida é apenas para ser... — Ela deu de ombros —... desfrutada.

Homer deslocou o toco de charuto para o outro canto da boca.

— Ainda quer conhecer um homem de verdade?

— Se isso acrescentar algo à minha educação — respondeu Kate, cruzando os braços sobre o tórax e recusando-se a parecer intimidada.

— Preparada? — McGillacutty ofereceu-lhe o braço e, com elaborada cerimônia, ela o aceitou. Os dois marcharam pelo quarteirão. Ambos haviam alcançado um ponto onde suas metas principais eram simplesmente irritar um ao outro, e não encontrar um marido para Kate.

Homer pretendia derrubar o orgulho da filha, e ela, provar que era capaz de mantê-lo.

Minutos depois, pararam em frente à taverna de O'Toole. O único freguês na calçada era um homem velho sem a maior parte dos dentes e o topo do couro cabeludo repleto de cicatrizes.

Homer a conduziu até o Cap's Place. Ali a situação não era diferente: os homens

eram mineiros.

Kate encolheu os ombros e começou a se movimentar, sabendo que o pai apenas pretendia atormentá-la e humilhá-la.

— Pelo visto, não encontrou nada que lhe agradasse? — perguntou Homer.

Ela estava cansada daquele jogo.

— Ora, papai, chega de piadas por hoje. Já me mostrou muitos "homens de verdade" por um dia. Faz calor e estou com vontade de tomar uma limonada, não... — Kate estacou. Seus olhos pousaram em uma figura máscula e esguia deitada junto a um poste.

De imediato, sentiu-se atraída pela informalidade do traje que o homem usava. As botas pareciam ser de couro macio importado. A calça era de um tom azul-claro e indecentemente apertado. Kate engoliu em seco, absorvendo toda a revelação daquele poderio masculino. Começando pelos quadris estreitos, seu olhar deslizou ao longo das coxas longas e musculosas, até os joelhos perfeitos desaparecerem no limite imposto pelas incríveis botas!

Com supremo esforço, obrigou-se a olhar para cima.

Aberta na altura do pescoço, a camisa de linho branco deixava transparecer uma insinuante trilha de pêlos castanho-dourados no tórax viril e a robustez dos ombros largos. As mangas compridas apertavam ao redor dos pulsos fortes e elegantes. Ele tinha mãos longas e um grande anel de sinete em um dos dedos.

Kate sentiu o coração acelerar com um prazer inesperado. Não era casado! concluiu, continuando seu exame.

Curvou-se para admirá-lo melhor. O que viu roubou-lhe a respiração. Grossos cachos de cabelos loiros caíam-lhe sobre os ombros, emoldurando a face, que parecia ser de um anjo caído na Terra. O nariz era reto e afilado. Os cílios e as sobrancelhas cor de bronze polido contornavam-lhe os olhos sob uma testa alta e reta.

O olhar de Kate se dirigiu aos lábios daquela boca generosa que se curvava como se o seu dono achasse o mundo uma grande piada. As faces eram coradas, e o queixo ligeiramente quadrado possuía uma encantadora covinha no centro.

Parecia um deus olímpico! O poeta e o atleta combinados em um corpo deslumbrante.

Kate cambaleou insegura, ao redor do jovem, esquecendo-se completamente do pai. O que via rivalizava com a arte de Michelangelo. Aquela escultura viva a deixara com as pernas trêmulas.

Ajoelhou-se ao lado do desconhecido e tocou-lhe os lábios com suavidade. Foi mera curiosidade que provocou o gesto. Precisava sentir-lhe a textura.

Prendendo o fôlego, deslizou o dedo indicador, contornando-lhe o sorriso e, antes que pudesse retirá-lo, ele foi sugado para dentro de uma caverna morna e úmida. Os lábios sensuais se fecharam em torno de sua carne macia e Kate sentiu a língua e os dentes dele chupando-lhe a ponta do dedo.

Como se uma corrente elétrica lhe tivesse perpassado o corpo, Kate se afastou depressa, caindo sentada na calçada. Suas faces ardiam de embaraço, e, chocada, disse para Homer:

— Este deve ser o seu dia de sorte, papai.

Peter abriu os olhos lentamente e se viu observado pela face rósea de uma criatura divina que possuía lábios tão macios e úmidos que de imediato lhe despertaram os instintos mais primitivos.

Era primorosa. Tinha um par de encantadores olhos verdes e uma vasta cabeleira ruiva, que, acentuada pelo sol, brilhava como fogo.

Seu olhar vagou mais uma vez sobre a adorável aparição e ele começou a pensar que a beleza não podia ser tão etérea e inacessível.

Fechou os olhos por alguns instantes e engoliu em seco. Em seguida, viu a visão de doçura e feminilidade se erguer envolta em um círculo de luz, o sol que ofuscava os sentidos dele. De alguma maneira, soube que havia morrido e ido para o céu.

Mas, então, ela levou o dedo à boca, o dedo que ele chupara e acariciara! Parecia o convite mais inocente e mais excitante que já recebera. Novamente, sentiu uma súbita onda de desejo abalá-lo.

— Bem, filha? — A pergunta acompanhou o impaciente empurrão de uma bota contra a perna direita de O'Rourke.

Peter fez uma carranca ao perceber a figura truculenta que se erguia ao lado da maravilhosa visão feminina. Nuvens de fumaça rosa sobre um topete grosso de cabelos avermelhados. Ele fechou os olhos e gemeu. Inferno! Fora trazido de volta à vida em Virginia City!

Arrancada de seus devaneios, Kate esforçou-se para quebrar o feitiço mental. De sua resposta possivelmente dependia todo o seu futuro. Não era hora de se deixar levar. Apenas porque o homem deitado no chão parecia ser o sonho de toda mulher, não significava que não se transformaria no pior de seus pesadelos!

Ainda assim, avaliou os prós e os contras. Encontrava-se em uma situação particularmente ruim. O pai pretendia casá-la; então, por que não dar sua opinião sobre o próprio destino?

As covinhas na face do homem sugeriam ser ele provido de bom senso e humor. Além disso, parecia ser bastante inteligente. Talvez pudesse se casar com ele. Seria um casamento de fachada, é claro! Faria um trato, por meio do qual ela lhe pagaria pelo uso temporário de seu nome, pelo tempo suficiente para obter uma quantia monetária confortável do pai e sair da cidade.

Sempre quisera visitar San Francisco, lembrou-se. Quando chegassem lá, pediria a anulação do casamento e então poderia voltar de trem para Chicago, onde Clarence a estaria esperando.

Parabenizando-se por encontrar um modo de enganar o pai, Kate caminhou ao redor do sujeito esparramado no chão, examinando-o cuidadosamente por todos os ângulos. Não teria nenhuma dificuldade em conseguir que ele aceitasse o seu plano.

— Muito bem, papai — ela disse em uma voz alta e clara. — Levarei este aqui.

— Levar este aqui? — Que diabo estava acontecendo? Perguntou Peter, tentando emergir da névoa de muito álcool e pouca comida que o envolvia. Ergueu o torso e sentou-se, ao mesmo tempo em que um balde de água fria o inundou.

— Mas o que é isso?

— Minha filha o escolheu — uma voz áspera o informou. Para Peter, soou como a voz da destruição. Abrindo um dos olhos com cautela, desejou saber se poderia estar tão bêbado a ponto de haver seduzido a filha do homem sem ao menos se lembrar.

Sem chance, disse a si mesmo. Bêbado ou sóbrio, eu me lembraria dessa beldade. Deitou-se outra vez, pretendendo ignorá-los até que fossem embora.

— Conheço os meus direitos. Como cidadão, tenho direito há um pouco de paz e tranqüilidade.

— Precisamos deixá-lo sóbrio primeiro — Peter ouviu a jovem murmurar.

— Bem pensado, Kate — concordou o pai. Pretendia ter uma conversa com o rapaz. A filha não iria tomar nenhuma decisão apressada sem a sua ajuda. — Ei, Maloney, o que acha de você e Will me ajudarem a levar este tolo até a minha casa?

— Claro! — respondeu Maloney.

— Que diabo pensa que está fazendo? — rugiu Peter.

— Acho que ele está mais desperto agora, papai.

Kate deu alguns passos à frente, não demonstrando mais juízo do que uma gazela caminhando em direção a um leão faminto. Estendeu a mão a O'Rourke de maneira elegante.

— Como vai? Sou Mary Katherine McGillicutty.

— Peter Casey O'Rourke, à sua disposição.

O estranho loiro e alto segurou-lhe a mão e a puxou para si. Quando o sapato dela bateu na bota de Peter, este a agarrou pelo quadril com a outra mão e a ergueu.

Kate gritou, sentindo a gravidade lhe faltar.

— Papai... ajude-me! — O que aquele maníaco estava fazendo? Perguntou-se. Esmagada por aquela mão de aço, sentiu-se loucamente atordoada. Quando ele a soltou, soube por intuição onde cairia. — Oh, meu Deus! — gritou, sentindo o limo verde do coche encharcar-lhe o vestido criado por um famoso estilista de Paris. A água lodosa escorria-lhe pelas roupas de baixo. Seus sapatos sucumbiram no fundo. Gritando, Kate os pescou e os sacudiu ao perceber o que havia acontecido. — Ah! — Kate jogou fora um minúsculo lagarto que saíra da água barrenta.

A rua estava repleta de homens e um par de mulheres mal vestidas. Todos riam! Ela fitou o sujeito que a fizera ser o motivo de zombaria da comunidade.

A face de Peter exibia um sorriso zombeteiro.

— Gostou do banho? — perguntou ele.

Kate encarou seu vestido gotejante e sentiu o estômago se embrulhar ao perceber um fio de limo verde deslizar-lhe pela face.

— Pelo menos está sóbrio agora — ela observou em tom cáustico.

McGillicutty meneou a cabeça, rindo. Ótimo! Enfim, a filha tinha encontrado o que merecia. O rapaz era determinado. Homer gostou disso. Apesar dos cabelos compridos e do modo estranho de se vestir, O'Rourke não se deixaria manipular por Kate.

— Meu jovem acredito que queira fazer o mesmo comigo — disse Homer.

Peter considerou o oponente, avaliando-o da cabeça aos pés. O sorriso maroto

acentuou-lhe as covinhas da face.

— Não senhor, desconfio que seja mais pesado daquilo que eu posso levantar no momento.

— Posso lhe pagar uma bebida? — ofereceu Homer.

— Não, obrigado. Não é sábio beber com o estômago vazio. — Peter bateu de leve no tórax esguio. — Não tenho comido muito nos últimos dias.

McGillacutty observou-o.

— Está procurando emprego?

— Estou aceitando qualquer coisa.

— Tem experiência em quê, filho?

Peter hesitou não muito seguro de como responder. As pessoas não simpatizavam com os atores, chamando-os de preguiçosos.

— Sei fazer de tudo um pouco.

— Ótimo. Devo ter alguma coisa para você — disse Homer num tom amável. — Mas, primeiro, por que não vem até a minha casa para se lavar? Tem alguma outra roupa?

— Perdi todas as minhas roupas de trabalho. — Peter se aproximou de seu futuro empregador. — Deixei algumas coisas na pensão da Sra. Muldoon, na B Street.

— Importa-se de passar por lá? O'Rourke sacudiu a cabeça.

— Sabe como é, senhor. Estou atrasado com o aluguel e até eu poder pagar, a Sra. Muldoon provavelmente não vai gostar de me ver por lá.

— Cuidaremos disso depois — decidiu Homer. — Primeiro, vamos limpá-lo e lhe servir uma boa refeição. Então conversaremos. Tenho uma proposta generosa e acredito que você não a recusará.

O'Rourke deveria ter ouvido os sinos de advertência, mas sua mente já estava imaginando um prato de vitela.

Após ser apresentado à encantadora esposa morena de seu futuro empregador, Peter foi encaminhado ao andar superior, onde havia um quarto disponível para se lavar. Quando se preparava para descer, usando uma camisa xadrez de McGillacutty, encontrou a filha do homem no corredor.

— Ei, você! — chamou ela. Segundos antes de optar por um vocabulário menos refinado para se referir ao hóspede, Kate se lembrou que Peter Casey O'Rourke, desprezível como era, poderia lhe ser útil. Com esse pensamento, endereçou-lhe um sorriso felino e seus olhos verdes o devoraram com falsa cordialidade. — Que bom vê-lo outra vez — murmurou.

— A senhorita brilha como o sol, Srta. McGillacutty. — Peter se curvou e se afastou para o lado a fim de deixá-la descer os degraus na sua frente.

— Estive pensando... — disse Kate, pousando uma das mãos sobre o braço dele. — Sei que é muito cedo e que nos conhecemos há pouco tempo, mas poderíamos conversar reservadamente? Levará apenas um minuto, eu lhe asseguro.

Dando uma olhada furtiva ao redor, ela o puxou para o fundo do corredor.

— O que tem em mente, Srta. McGillacutty? — perguntou Peter, sentindo-se como uma vítima na teia de uma aranha. — Acho que seu pai está me aguardando no estúdio.

— Meu pai pretende me casar com algum mineiro — sussurrou Kate. — Tenho uma proposta a lhe fazer.

— Poupe-me, por favor. — Peter revirou os olhos. — Não pode ser a mesma coisa que seu pai tem em mente, ou é?

— É bem possível que seja algo relacionado com isso, Sr. O'Rourke. Mas, ouça, prefiro tê-lo trabalhando para mim. — Kate se remexeu, preocupada, sabendo que não dispunha de muito tempo. Não podia deixar o pai estragar seu estratagema. — Tudo que tem a fazer é se casar comigo.

— Casar-me com a senhorita?! — "Casamento" era a palavra mais terrificante do idioma inglês, pelo menos para aquele irlandês. Em face de tal perigo, Peter fitou os sedutores olhos verdes de Kate e riu alto. — Impossível!

— Seria uma união por conveniência, um arranjo temporário — explicou Kate, apressada. — Só até eu chegar a San Francisco, bem longe de meu pai. Eu lhe pagarei bem.

— Diga quanto — incitou ele, com um sorriso cínico nos lábios. Não tinha a menor intenção de aceitar, mas era divertido conduzi-la para a areia movediça.

— Que tal mil dólares?

O'Rourke encolheu os ombros.

— Nada mau para fazer um teatrinho no altar, suponho. E os meus serviços serão requeridos só até aí?

— Naturalmente. — Ela assentiu com a cabeça, ansiosa para chegar a um acordo.

— Nada de brincadeiras no meio da noite? Kate ofegou.

— Claro que não! — murmurou, levando ambas as mãos ao peito.

— Isso é bom. — Peter se moveu de forma graciosa. — Já fiz muita coisa na vida, mas não vou bancar o gigolô de nenhuma jovem mimada.

— Gigolô? — O quê, em nome de Deus, estava fazendo? Um trato com o diabo? Por que aquele homem dizia coisas que nenhum cavalheiro ousaria dizer a uma dama?

— A senhorita me ouviu. — Peter se curvou e beijou-lhe os lábios com suavidade.

A respiração morna de O'Rourke tocou a face de Kate, deixando-a com os joelhos bambos. Ele não fizera nada além de beijá-la... Oh, não! Não fora tão simples assim! Aquele beijo não se parecia em nada com o que trocara com Clarence no balanço da varanda em uma noite de sábado. Era muito mais... Bem, definitivamente, não era... Santo Deus! Kate deixou de tentar analisar o que estava sentindo.

Durante vários e deliciosos minutos, Peter continuou provando o doce sabor daqueles lábios inocentes. Seduzi-la seria divertido.

Uma estranha falta de ar ameaçou destruir o que restara do bom senso de Kate. Ondas de calor e frio percorriam-lhe o corpo ao mesmo tempo. As sensações que os beijos daquele homem provocavam não eram decentes. Jamais ousaria confidenciá-las a outra pessoa. Deixaria apenas para o seu diário pessoal.

Peter sugou e mordiscou-lhe os lábios, excitando-lhe os Mentidos até fazer a cabeça

de Kate girar. Ela ergueu as mãos para manter os cabelos no lugar.

— Por favor, vai se casar comigo? — indagou, por fim, ofegante, voltando ao assunto original.

— Depende. — Os olhos verdes cintilaram. Ele estava de pé, fitando-a, enquanto seus dedos polegar e indicador acariciavam-lhe o queixo tremulo.

— De quê? — sussurrou Kate, arqueando as sobrancelhas.

— Ainda não ouvi a proposta de seu pai — murmurou Peter, beijando-a na face. — Se ele me oferecer menos, quem sabe?

A expressão divertida de O'Rourke fez Kate perder as esperanças.

— Não vai contar nada a papai sobre o meu plano, vai? — perguntou ansiosa.

— Srta. McGillacutty, se pensa que vou me envolver num duelo de vontades entre duas pessoas com temperamento forte, está muito enganada. Por outro lado, se seu pai tiver um trabalho digno para mim e quiser oferecê-la como brinde, poderei considerar a oferta.

Irritada por haver perdido seu tempo, Kate o esbofeteou.

— Você é um homem rude e asqueroso! — exclamou, erguendo a mão para golpeá-lo mais uma vez.

O'Rourke segurou-lhe o pulso e o torceu para trás. Seus lábios estavam brancos de raiva.

— Fico lhe devendo uma por isso — rosnou entre dentes, soltando-a em seguida.

Kate o fitou enquanto esfregava o pulso.

— Se não estivesse tão desesperada, jamais teria me rebaixado a pedir a sua ajuda — declarou ressentida. — Eu deveria ter imaginado.

— Sim, deveria. Nós, homens, tendemos a nos unir. — Peter riu, deslizando o dedo ao longo de uma mecha dos cabelos de Kate.

— Pense no que poderia fazer com mil dólares. Seria o casamento e a anulação mais rápida de todo o Oeste.

De repente, quando seus olhos fitaram os dela, igualmente verdes, uma pontada de desconforto o atingiu. Sentiu-se como se tivesse captado um relance de si mesmo refletido em forma feminina. O que viu não era tão bonito. Katherine McGillacutty ainda era inocente e sem experiência de vida. Mas estava indo rápido demais para o gosto dele. Talvez fosse tão orgulhosa e voluntariosa quanto o rebelde irlandês de Wexford que rejeitara a assistência dos pais alguns anos antes. De alguma maneira, o reconhecimento daquele fato o deixou intranquilo.

Peter virou-se e desceu a escada para ir fazer um "pacto com o diabo".

Encarando Homer McGillacutty como uma garantia de sua próxima refeição, O'Rourke considerou que, se jogasse as cartas certas, sairia vencedor.

Por conseguinte, enquanto conversavam, fumando charutos e bebendo uísque, Peter concentrou-se na tarefa de conhecer o homem sentado atrás da enorme escrivaninha de pinho.

Tudo nele refletia um ser preocupado com os negócios. Suas estantes eram repletas de livros clássicos a relatórios de engenharia de uma companhia em San Francisco.

O couro gasto das cadeiras e de um sofá deixava claro que o magnata passava muito tempo naquele lugar. Talvez até mesmo dormisse em algumas ocasiões.

— A mineração é a paixão da minha vida — informou Homer, reparando que O'Rourke se limitara a beber apenas um drinque e não mostrava sinais de sede insaciável.

Peter caminhou ao longo das estantes e viu títulos em alemão, francês e inglês acerca das mais recentes técnicas de mineração.

— Leu tudo isto? — perguntou, impressionado. Homer encolheu os ombros.

— O que pude. Mas, diga-me, rapaz, o que o trouxe ao Oeste? Ouro? Ou é apenas outro homem tentando esquecer o passado? — inquiriu o velho astuto, estudando seu convidado, que havia feito muitas perguntas, porém falado bem pouco sobre si mesmo.

— O que me trouxe ao Oeste foi a curiosidade.

— Todo homem ou está perseguindo algo ou fugindo de algo — observou McGillacutty.

— Não estou fugindo de nada. Pelo menos ninguém ofereceu uma recompensa pela minha cabeça. E creio que os pais enfurecidos já deixaram de me perseguir a muito tempo — respondeu, não mencionando seu passado sem ambição.

— Não deixou para trás uma esposa? Nenhum coração partido?

Peter riu.

— Alguns corações ligeiramente feridos, talvez, mas nada sério e, definitivamente, nenhuma esposa. — Ele mudou de assunto, gesticulando para as estantes. — O senhor tem uma larga variedade de interesses.

— O que tem feito para ganhar dinheiro, rapaz?

— Sou um homem de muitas artes que não se especializou em nenhuma. — Peter concluiu que aquela conversa não os estava levando a lugar algum. — Olhe senhor, sei que me convidou para vir até aqui por uma razão. O que quer saber de mim? Muito bem. Eu venho de Wexford, Irlanda. Minha família se mantém na mesma terra há sete gerações. São ricos e eu poderia dizer que jamais precisei me preocupar em saber de onde viria minha próxima refeição. — Ele deixou escapar um suspiro. — Porém meus dias de ambulante despreocupado acabaram. Meu pai cortou a minha mesada e estou sem um tostão no bolso. — Sorrindo, sentou-se em uma das cadeiras de couro. — Se o senhor tiver um emprego para um vagabundo como eu, saiba que ficarei feliz em aceitá-lo.

McGillacutty o fitou com ar especulativo.

— Já trabalhou em uma mina?

— Não, senhor. E não posso lhe dizer que a idéia me atrai — respondeu Peter com surpreendente sinceridade. Afinal, não havia motivo para mentir, dizendo ao homem que adoraria suar embaixo da terra. — Eu adoro sentir o calor do sol sobre as minhas costas.

— E quem não gosta? — bufou McGillacutty. — Mas às vezes os mendigos não podem fazer escolhas.

— Isso é um fato, senhor.

Oh, Deus! Pensou Peter. O que fazer? Bem, talvez pudesse agüentar tempo

suficiente para receber um pagamento. Então, compraria uma passagem de trem e voltaria para San Francisco. Ou talvez devesse reconsiderar a oferta de Kate. Dinheiro fácil, nenhum trabalho. Contudo lembrou a si mesmo, que ainda não havia descido tão baixo.

— Todos os meus mineiros pertencem ao sindicato — disse Homer. — De forma que isso está fora de questão.

— Estou disposto a trabalhar em terra, senhor.

O velho ruivo piscou através da fumaça do charuto.

— Não se interessou pela proposta de minha filha?

Os dedos de O'Rourke deixaram de tamborilar no braço da cadeira.

— Está a par de que a Srta. Mary Katherine me ofereceu dinheiro para me casar com ela?

— É claro que sim. — McGillacutty caminhou até uma portinhola de madeira fixada ao lado da parede próxima à sua escrivaninha. — Está vendo isto? A lavanderia fica bem atrás do meu escritório, então fiz um buraco na parede. Sempre que quero saber se a criada está roubando lençóis ou se a lavadeira no porão está ganhando os seus salários, abro-o.

Peter sorriu.

— Tiro o meu chapéu para o senhor.

— Em certas ocasiões, escuto os hóspedes às escondidas. Já dei voltas à imaginação para interpretar alguns silêncios prolongados em sua conversa com a minha filha. — Homer ergueu uma sobrancelha. — Talvez o senhor possa explicá-los...

O'Rourke quase caiu da cadeira de tanto rir. O velho demônio era cheio de artimanhas.

— O senhor tem todo o direito de mandar me matar, senhor, porém a virtude de sua filha está intacta. Foram apenas alguns beijos roubados, nada mais.

— Suponho que possui experiência com as mulheres.

— Para ser franco, talvez seja uma das poucas habilidades que consegui aperfeiçoar.

— Um especialista, para ser mais exato?

Peter percebeu que o rumo da conversa mudara. Depressa inverteu sua estratégia, decidindo supervalorizar seu passatempo fora do palco. Precisava de um trabalho. Não queria se unir a uma pirralha mimada. E, por certo, a melhor tática era convencer McGillacutty de que não era digno de confiança.

— É uma fraqueza. Não consigo controlar meu fraco pelas mulheres.

— Que bobagem.

— É a mais pura verdade, senhor! Desde os três anos tento controlar esse terrível desejo pelo sexo feminino.

— Estou certo que sim. — Homer abriu os lábios num sorriso afável. — Mas parece que ainda lhe restaram alguns escrúpulos.

— Não estou entendendo, senhor.

— Quero dizer que você é um devoto do esporte, mas rejeita a idéia de ser um homem preso. Gosto disso — disse McGillacutty.

De repente, Peter se viu gostando cada vez mais daquele homem.

— Poderíamos deixar de lado o assunto das mulheres e mais especificamente de sua filha? Se tiver uma vaga para mim, se possível em terra, eu me sentiria honrado em trabalhar para o senhor.

— Sim, tenho algo para você. — Homer dirigiu-se a um mapa pendurado na parede e apontou para vários lugares em que constavam suas propriedades. — Não costumo errar sobre como aplicar o meu dinheiro. — Ele fez uma pausa fitando O'Rourke com um olhar afiado, como se quisesse dizer que esperava muito de seus empregados. — Sempre dei muito valor ao dinheiro que consegui.

— Não se preocupe, eu aprendo rápido — disse Peter. — Mostre-me uma vez o que deve ser feito e farei certo.

Homer o observou com suspeita. Parecia-lhe que o jovem tinha um modo estranho de expressar sua vontade de aprender o negócio de madeira. Ele deu com a mão carnuda no ombro de Peter com a força de um pesado martelo que bate em uma bigorna.

— Ótimo! Bem, vamos pôr mãos à obra, certo? Neste exato momento, as minas estão clamando por madeira. Como não podíamos repô-las rápido o bastante, comprei mais de três mil acres da floresta virgem que corta toda a extensão da Sierra Nevada. Já derrubou alguma árvore, filho?

— Não, mas posso aprender.

Homer estendeu o braço, e ambos deram um longo aperto de mãos.

— Começará no acampamento na próxima segunda-feira. Por enquanto, quero-o ao meu lado. Vou lhe mostrar como a madeira é usada nas minhas minas e no moinho. Vou lhe dar muito material de leitura, também. Gosta de ler?

— Qualquer coisa que me caia nas mãos, senhor.

— Lhe pago trinta e seis dólares por uma semana de seis dias. Vai trabalhar duro para conseguir isso — advertiu McGillacutty.

Peter encolheu os ombros.

— É melhor que ser mineiro. Obrigado, senhor. Posso ver que tenho muito para aprender.

— E, para amenizar seu sofrimento, concedo-lhe a mão de Kate. — Homer piscou várias vezes, atento à reação de O'Rourke.

Incomodado, Peter clareou a garganta e sacudiu a cabeça. Nada no mundo o faria unir-se àquela ruiva mal-humorada. Era melhor passar fome!

— Sinto muito, senhor, porém não posso. Aprecio o trabalho, mas não a esse preço.

— Pensei tê-lo ouvido dizer a Kate que consideraria a possibilidade se eu lhe arranjasse um trabalho digno — lembrou-o McGillacutty com um sorriso.

— Eu disse, mas não era sério!

— Minha filha precisa de mão forte para mantê-la nos eixos, rapaz. — Homer coçou a cabeça, como se o problema estivesse além de suas forças.

— Ela planeja usar o casamento como um modo rápido de escapar. Acredite-me,

senhor, sua filha planeja fugir.

— Fugir, deixando-me a ver navios? — Pensativo McGillacutty mastigou a ponta do charuto, fitando o anel de fumaça que subiu para o teto.

— Exatamente, senhor. Pretende pegar o seu dinheiro, pagar o pobre infeliz que a desposar e procurar o advogado mais próximo para conseguir a anulação do casamento. — Peter se sentiu feliz por contar tudo a Homer. Sim, era melhor colocar as cartas na mesa. — É claro que me recuso a fazer parte de tal esquema — acrescentou, cruzando os braços sobre o tórax.

— Alguém deveria ensinar uma severa lição àquela pequena, não concorda?

— Ela precisa de uma boa surra. — Peter concordou que McGillacutty deveria restabelecer a ordem em sua casa e sem demora. Era óbvio que o homem já dera asas demais à sua bonita filha. — É melhor cortar o mal pela raiz, senhor.

— O'Rourke, fico feliz por termos tido esta pequena conversa. Sou um homem ocupado com pesadas responsabilidades. O bem-estar de centenas de homens está diariamente sobre os meus ombros. E se Kate fizer algo quando eu não estiver por perto? — Ele meneou a cabeça.

— Não sei o que eu poderia fazer. — Peter encolheu os ombros. — Eu estarei nas montanhas, montando uma madeireira.

Homer caminhou de um lado para outro com o cenho franzido.

— O'Rourke, você é um jovem com uma boa cabeça sobre os ombros. Reconhece um problema no momento em que o vê.

Peter sorriu triunfante.

— Acho que sim.

— E, definitivamente, minha filha é um problema.

— Não tenho dúvida sobre isso, chefe.

— Ela é um problema para mim e eu o estou passando às suas mãos. Agora Kate é problema seu o que propõe fazer com ela?

A pergunta produziu um silêncio tão profundo que se um alfinete tivesse caído no chão do escritório, soaria como dinamite explodindo na mina de Comstock. Peter sentiu seu sangue circulando acelerado nas veias e seu coração bater mais forte que um tambor.

Santo Deus! Esse homem espera mesmo que eu me case com a filha dele. Não posso fazer isso. Não vou fazer.

— Sua filha é um problema que não estou preparado para assumir. De fato... não sou... o tipo talhado para o casamento.

— Nem mesmo como um favor ao pai dela? Ouça O'Rourke, posso ver que tem escrúpulos. — McGillacutty o encarou. — Poderia ter aceitado a proposta de minha filha e ganhado muito dinheiro, mas não o fez.

— Não, senhor. — Peter pigarreou e sacudiu a cabeça para clarear o cérebro.

— Se você conseguir convencer Kate que está disposto a concordar com o falso casamento, isso me ajudaria bastante.

— Não vejo como. — A voz de Peter se elevou cética.

— Eu teria tempo para lidar com minha esposa, não vê? — explicou Homer. — Maddy e eu precisamos de tempo a sós para resolver nossas diferenças. Se você cooperar e disser aquelas palavrinhas no altar da igreja St. Mary...

Oh, Deus! Peter gemeu intimamente. Estou prestes a pagar por todos os meus pecados!

McGillacutty consultou um grande relógio de bolso de ouro.

— Ela quer ir para San Francisco, diga-lhe que lhe fará a vontade. Só que, em vez disso, a levará para High Sierra. Uma vez lá, faça valer a lei. Coloque-a para trabalhar como cozinheira e lavadeira. — O magnata riu, esfregando as mãos com uma crueldade desnecessária, na opinião de O'Rourke. — Faça-a ganhar o próprio sustento.

— Isso é bom para o senhor, mas é o meu pescoço que está na guilhotina, não o seu — lembrou-o Peter. — Além do mais, casamento não é um assunto tão frívolo para ser tratado dessa maneira. — Ele pensou nos pais casados havia trinta anos e ainda muito apaixonados.

— Ah, mas contanto que não seja consumado, não estaria ligado a Kate legalmente, não é? — argumentou Homer. — Enrole-a, rapaz. Diga-lhe que está tão ansioso quanto ela por uma anulação. Até conseguir colocá-la na linha, já terei meus assuntos domésticos resolvidos aqui em Virginia City. Você devolve minha filha, ela pede a maldita anulação e eu a casarei com o meu capataz.

— Por que não a casa logo com o seu capataz? — desejou saber O'Rourke, procurando uma maneira de escapar.

McGillacutty sacudiu a cabeça.

— Kate é contra qualquer coisa que eu sugiro. Mas ela escolheu você. Pense nisso, O'Rourke. Está disposta a lhe pagar mil dólares. Considere uma gratificação sobre os seus salários.

— Minha alma não valerá um níquel furado depois de um mês de convivência com a sua filha. — Peter sorriu reticente. — Mas vou me sair bem nesse trabalho e aprecio a chance de provar isso a mim mesmo.

Uma diabólica centelha iluminou os olhos de McGillacutty enquanto fitava o futuro genro através da densa fumaça do charuto.

— Tenho certeza de que se sairá bem. Emocionalmente, O'Rourke se sentia como um poço que fora drenado.

— Para lhe dizer a verdade, Sr. McGillacutty, toda essa conversa me despertou um apetite voraz.

— Fico contente em ouvir isso, filho. — Homer o envolveu pelos ombros e o conduziu até a porta. — Agora se lembre, não deixe Kate suspeitar que eu tive algo a ver com o fato de você aceitar a oferta dela.

Peter sorriu.

— Posso dizer que será uma peça que gostarei de encenar. McGillacutty piscou.

— Vamos lhe dar uma lição, não é, rapaz?

— Ora se vamos senhor — Peter assegurou ao seu empregador, desejando saber se um mestre da dissimulação como McGillacutty de fato conhecia a própria filha. Se ele fosse um jogador, apostaria pesado que seria mais difícil negociar com Kate do que com

um urso faminto que vasculha lixeiras no início da primavera.

Mãe e filha os aguardavam na sala de estar. Ambas estavam envolvidas em uma calorosa discussão que cessou assim que os homens cruzaram o limiar da porta. Homer escoltou a esposa até a sala de jantar, deixando para Peter a tarefa de fazer as honras à sua filha.

Pousando os dedos no braço sólido e musculoso, Kate esquadrinhou ansiosa, a face do rapaz.

— E então? — ela perguntou.

— Seu pai me ofereceu um trabalho. É tudo.

— Nada mais? — insistiu Kate.

— Nada tão tentador quanto à oferta dele, posso lhe assegurar. Trinta e seis dólares por semana. Eu aceitei.

— Tolo!

— Gosto de comer bem, minha querida — sussurrou Peter no ouvido de Kate.

E não demorou muito tempo para provar aquela afirmativa.

— Delicioso! É a melhor refeição que já comi nos últimos tempos e receio que tenha me excedido. Acredito que uma caminhada após a ceia me faria bem.

— Ótima idéia! — disse Homer que, em seguida, virou-se para a filha: — O que acha Kate? Talvez possa mostrar ao Sr. O'Rourke algumas das paisagens locais.

Kate torceu os lábios.

— Cheguei de Chicago hoje. O que poderia mostrar ao Sr. O'Rourke que ele já não tenha visto? A menos que haja outra taverna ou sarjeta que queira conhecer.

Peter endereçou-lhe um sorriso amável.

— Talvez sua filha apreciasse saber que há mais diversões culturais em Virginia City do que nossos olhos são capazes de enxergar. Talvez a Srta. Kate gostasse de visitar o Maguire's Opera House.

— Ópera?! — exclamou Kate, surpresa.

— Ficaria feliz em levá-la aos bastidores, se quiser me acompanhar. — Peter ofereceu-lhe o braço.

Kate olhou para o pai, tentando compreender o que estava por trás de sua expressão insípida.

— Leve um casaco, filha — sugeriu Homer. — Faz frio depois que o sol se põe.

— Creio que não demoraremos mais que meia hora, senhor — informou Peter.

Os olhos cinza-esverdeados de Homer encontraram os de O'Rourke num comunicado silencioso.

— Demore o tempo que for necessário, filho.

— Onde disse... que essa casa de ópera... fica? — arquejou Kate, apressando-se para acompanhar-lhe as passadas. — Não pode reduzir a velocidade? Pensei que isso fosse uma caminhada.

Peter parou na esquina e a fitou.

— Viu-me fazer outra coisa a não ser caminhar?

— Maldição! — ofegou ela. — Você não tem modos?

— Tantos quanto à senhorita. — Ele diminuiu o passo. — E como vai ficar o plano para fugir de seu pai? Já pensou em outro cúmplice? — perguntou num tom casual.

— Não, Eu... você me rejeitou — reclamou Kate.

— Repensando sua estratégia?

— Preciso — admitiu ela. — Uma coisa é certa: vou sair desta cidade com ou sem a sua ajuda.

Peter perscrutou o interior da mercearia em que havia algumas mesas e um balcão onde serviam refrescos.

— Vamos tomar um refresco?

Kate assentiu com a cabeça, contente por ter uma chance de descansar.

— Eu pagarei — disse ela.

Oh, você pagará, querida, Peter riu em silêncio. Não perde por esperar.

— Venha, mocinha. Duas sarsaparillas, por favor — ele pediu.

— Eu não bebo — informou Kate. Peter sorriu.

— Uma abstinência, meu Deus! — Quando os copos foram servidos, ele gesticulou para o dela. — Vamos prove. Não estou tentando embebedá-la.

— Eu não disse que estava — Kate retrucou num tom atravessado, e, para provar que era capaz, tomou um gole da bebida. Era deliciosa e não continha álcool. Ela o fitou como se Peter a tivesse enganado intencionalmente.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Confie em mim, Kate. Eu não a enganaria.

— Uma sarsaparilla não é suficiente para construir uma base de confiança.

— É verdade, mas é um começo. — Peter apoiou os cotovelos na mesa. — Vou lhe contar uma coisa: tenho um fraco por donzelas angustiadas e decidi ser o seu salvador.

— Verdade? — Kate esvaziou o copo e pediu outro.

— Estou preparado para fazer o supremo sacrifício de me casar com você. — Ele riu e o sorriso acentuou-lhe as covinhas nas laterais da face. Era uma de suas marcas registradas e Peter sabia tirar proveito disso.

— Voltou atrás. O pai da noiva lhe ofereceu a mão da filha — sussurrou ela.

— Vamos deixar papai fora disso. Você fez a proposta e eu a estou aceitando.

— Será estritamente uma formalidade. Concorda?

— Eu não teria outra escolha. Então, quando receberei meus mil dólares?

— Depois do casamento, quando me levar para San Francisco. — Os olhos verdes cintilaram travessos.

Peter terminou a bebida e se ergueu.

— Pague ao homem, Mary Katherine McGillacutty e vamos nos pôr a caminho.

Kate pegou algumas moedas na bolsinha e as colocou sobre a mesa. Assustada ao perceber que ele havia passado um braço ao redor de seu ombro, ergueu a cabeça e o encarou. Para Peter, pareceu-lhe a coisa mais natural do mundo a fazer, então a beijou ali mesmo, na frente do proprietário e dos quatro funcionários. Beijou-a nos lábios.

— O'Rourke! — protestou Kate, afastando-se.

— Sua reputação acaba de ficar irremediavelmente comprometida. Agora seu pai será forçado a nos deixar casar.

— Sim. — Ela deu um suspiro dramático. — Acho que você está certo.

— Conforme-se com o seu destino, Kate — disse Peter com sua melhor voz de vilão. — Conduzindo-a para a calçada, olhou a rua de cima a baixo. A luz dourada do sol de fim de tarde tingia o céu com tons de rosa e púrpura. O'Rourke respirou fundo e deixou o ar sair lentamente. Aquela parte havia sido fácil. O pior ainda estava por vir.

— O que faremos agora? — Kate deslizou a mão sob o braço dele. Parecia aliviada, depois que Peter concordara em ajudá-la a fugir do pai e daquela cidade.

— Vamos ao Maguire's Opera House! Se voltarmos muito cedo e contarmos aos seus pais nossos planos de casamento, eles poderão achar suspeito.

Kate fitou o cúmplice com os olhos brilhando. Era como conduzir um cordeiro à matança, pensou Peter, sentindo-se um lobo.

Capítulo II

Ainda era cedo e a cortina do Maguire's Opera House não se abria antes das oito. Isso significava que Peter tinha uma hora e meia para levar Kate num vagaroso tour pelos bastidores e conduzi-la de volta à casa dos pais em um horário decente.

— Quando chegar a San Francisco, não deixe de visitar o Jenny Lind Theatre — disse O'Rourke, enquanto entravam na ruela, vagamente iluminada, nos fundos da Opera House.

— É muito grande? — perguntou Kate. — Quero dizer, conheci alguns em Londres e Paris no ano passado. É parecido?

— Oh, não sonhe tão alto — respondeu Peter. — Aqui, poucos teatros se assemelham às casas de ópera de Viena, Paris ou Milão. — Ele acenou com a cabeça ao homem simpático que se encontrava na porta. — Boa noite, Tucker.

— Sr. O'Rourke? Que surpresa!

— Importa-se se eu mostrar os bastidores a Srta. McGillacutty? — Peter apontou para Kate. — Veio de Chicago apenas para conhecer o Maguire's Opera House — acrescentou, com uma piscadela para ela.

— Claro! Entrem. — Apressado, o homem abriu a porta, correu ao longo do corredor e acendeu uma lâmpada na parede. — Vou iluminar a ribalta, assim a sua amiga poderá olhar o palco. — Tucker desapareceu atrás de uma pilha de cenários.

— Seu mentiroso! — sussurrou Kate. — Sabe muito bem por que eu vim de Chicago.

— Sshhh! Isso faz o velho se sentir importante. Que mal pode causar? — Peter a conduziu pelos bastidores, onde, durante alguns minutos, explicou-lhe o funcionamento de várias alavancas que controlavam as bambolinas e as cortinas.

— O que acontece se eu mover isto? — perguntou Kate, fitando-o atentamente.

— Cria a ilusão de um cenário. Os atores simulam alguma ação, como correr ou nadar, ou... Deixe-me mostrar. — Peter contornou um biombo e reapareceu diante de uma parede com ondas pintadas. Havia se livrado da camisa e desnudado o tórax musculoso. Atrás de si, tinha como fundo o oceano.

— O que está fazendo? — chamou Kate, enquanto ele se curvava para frente e começava a mover os braços como um nadador.

— Nadando. Que tal?

Ela o estudou, petrificada pelo realismo. Era excitante vê-lo sacudir aqueles cabelos compridos. Os músculos de seus ombros e braços inflavam ritmicamente, ao mesmo tempo em que desafiava as poderosas ondas do oceano.

De repente, Peter começou a tropeçar. Por um momento, desapareceu por completo. Então, voltou à superfície e ofegou desesperado, como se estivesse tentando se salvar.

— Um... um tubarão! Estou me afogando... Pelo amor de Deus, Kate! Não fique aí parada! Salve-me!

Envolvida no drama, Kate correu do palco aos bastidores.

— Peter! — gritou, em pânico. — O que devo fazer? O'Rourke parou com a encenação e se apoiou contra o cenário.

— Nada — respondeu com um sorriso malicioso. — Apenas desligar a máquina.

Com a face ardendo, Kate se apressou para puxar a alavanca, fazendo com que a engenhoca parasse, emitindo uma série de ruídos metálicos.

Peter vestiu de novo a camisa e caminhou na direção dela.

— Realístico, não?

— Muito engraçado! Tem certeza de que estamos seguros aqui? — Kate umedeceu os lábios, nervosa.

— Não se preocupe. Eu a salvarei de qualquer perigo — dizendo isso, ele a envolveu pela cintura e a conduziu em direção ao palco principal.

— Para onde... estamos indo? — Kate tentou se afastar. A camisa de Peter estava aberta e ela pôde ver os pêlos que rodeavam os pequenos mamilos rígidos daquele peito bem esculpido. Repentinamente intranquila, fez o possível para não notar os extraordinários músculos do abdômen viril.

— Eu lhe prometi uma visita ao palco principal, lembra? — As covinhas e os dentes brancos tornavam-lhe o sorriso ainda mais atraente. Ele a conduziu até um balanço e a

sentou. — Vi Lola Montez atuar no Teatro Califórnia, em San Francisco. — Colocou as mãos no balanço e a empurrou para frente e para trás, num movimento suave. — Ela desceu das bambolinas, cantando uma pequena canção obscena e balançando as pernas.

Peter olhou para baixo e leu a mente de Kate tão nitidamente quanto um mapa. Parecia petrificada, como se esperasse ser enfeitiçada naquele mesmo lugar. Com os refletores a gás lançando longas sombras no recinto, parecia a heroína pálida de um melodrama de segunda categoria.

Peter riu. Talvez houvesse um modo de, escapar do casamento com aquela fedelha. Não importava o quanto ela e o pai estavam interessados naquilo. O truque era se livrar de Kate sem pôr em risco o seu trabalho.

Mas como? Ele estudou sua bela companheira em busca de pistas. Por certo, a pequena atrevida tinha uma imaginação fértil. Agora que podia tirar vantagem facilmente, tudo o que Peter tinha a fazer era lhe pregar um grande susto. O pai dela jamais o culparia se Kate o rejeitasse como pretendente.

Por que não tentar?

Ele puxou as saias de Kate até os joelhos e deslizou as mãos pelas suas coxas. Antes que ela pudesse fazer mais do que proferir um grito agudo e assustador, Peter tocou um botão no balanço que controlava o movimento do aparato.

Kate esticou os pés, atingindo-o sem querer.

— O'Rourke, pare esta máquina! — gritou ao mesmo tempo em que o balanço era erguido rapidamente sobre o chão do palco. Com os olhos arregalados, ela observou Peter puxar um cabo e, no instante seguinte, viu-se velejando pela ribalta e o arco de proscênio, sob as primeiras fileiras do teatro às escuras.

— Socorro! Peter O'Rourke, coloque-me no chão agora mesmo!

Mas o medo inicial de Kate se esvaiu no momento em que surgiu. Uma estranha sensação de magnitude a atingiu à medida que era impelida mais para cima. Enquanto balançava de um lado para outro, receou pela própria vida. Mas quando percebeu que nada de pior poderia lhe acontecer, chutou os pés e riu alto. O fundo do assento começou a deslizar e ela corrigiu a postura depressa. Mantendo a corda segura, olhou para baixo e fitou Peter.

Demônio miserável! Pensou, friccionando os dentes e tentando aparentar um sorriso. Então, ele pretendia assustá-la, não é? Não sabia exatamente como chegara àquela conclusão, mas não tinha dúvidas. Muito bem! Iria lhe dar o troco.

Soltando um dos lados da corda, inclinou-se para trás, de modo que sua cabeça ficou mais baixa que o corpo. Os cabelos ruivos fluíram como uma bandeira tremulante.

— Mais alto O'Rourke — pediu. — Isto... é... maravilhoso! — Claro que era uma terrível mentira. O nó que sentia na boca do estômago apertou e Kate rezou em silêncio para não expelir o jantar. O teto corria loucamente e ela ofegou quando Peter a girou num súbito espiral.

Kate fechou os olhos, certa de que vira cinco tonalidades de verde bilioso.

— Isto... é... muito divertido! — insistiu.

— Maldição! — disse Peter, cedendo. Não tinha planos de assassinar a pateta, apenas dar-lhe um grande susto. Com esse pensamento, trouxe o balanço de volta ao

chão do palco.

Ao descer do aparato completamente zonza, Kate girou alguns segundos e se espatifou no chão. Envergonhado de si mesmo, Peter curvou-se e tomou-a nos braços.

Kate apoiou-se nele, enquanto a ajudava a ficar de pé. Ainda estava tonta, pálida e com a respiração fraca. O'Rourke percebeu as pequenas sardas sobre o nariz dela e o brilho pálido de transpiração da pele branca e delicada, antes de Kate comprimir a face contra o seu tórax nu.

Não podia culpá-la por ser tão provocante, enquanto descansava tranqüila em seus braços. Tudo naquela criatura evocava sedução. Ainda não tinha plena certeza, mas começava a pensar que sua mente estava lhe pregando uma peça. Aquela era a mulher com a qual não podia se envolver, se quisesse fazer refeições regulares.

De repente, Peter recuou, sacudindo-a pelos ombros. Os olhos verdes de Kate pousaram sobre os seus, cheios de perguntas. Os lábios semi apartados eram um convite claro para ele se meter em confusão!

Clareando a garganta, Peter lutou contra a vontade de satisfazer seus apetites naturais.

— Gostaria de ver a seção de roupas? — sugeriu com um sorriso jovial.

Kate lembrou-se da advertência da mãe para se precaver contra os lobos vestidos com pele de cordeiro. Mas nunca ouvira uma palavra sobre irlandeses charmosos com encantadores cabelos loiros e olhos verdes. Então, de pronto, ela perdoou o medo que Peter a fizera sentir no balanço. Como ele sabia acerca de seu medo de altura?

No instante, porém, em que os braços de O'Rourke deslizaram ao seu redor, sentiu-se segura novamente.

— Ainda parece um pouco esverdeada — observou Peter com um sorriso satisfeito, enquanto a guiava pelos degraus estreitos e sinuosos.

—Você me abaixou muito rápido, é só isso. E justo quando eu estava começando a gostar.

— Gostará mais disto aqui — disse ele. — Não olhe para baixo se a altura a incomoda.

O'Rourke a conduziu por vários pavimentos altos, mostrando-lhe vestimentas e dizendo-lhe quem as usara e em que papel. Ao encontrar um vestido branco, colocou-o sob o queixo de Kate.

— Este é mais o seu estilo. Virginal, embora atraente em sua simplicidade. Marie Sullivan o usou — disse com um sorriso largo. — Ela é do seu tamanho, embora não tenha um colo tão bem-dotado. Vamos, experimente.

— Acho que... não devo... — gaguejou Kate, afastando-se. — É muito bonito — admitiu, acariciando o cetim. — Que personagem usaria um vestido assim?

— Julieta. Uma doce heroína, cuja beleza roubou totalmente o coração do amante. — Peter encolheu os ombros.

Algo no cinismo dele aguçou o interesse de Kate pelo vestido. Ela o contemplou, surpresa.

— Você os inveja, não é? Quero dizer... Romeu e Julieta. Os cantos da boca de Peter se torceram com uma suavidade irônica, enquanto ele inclinava a cabeça para o

vestido.

— Experimente-o, Kate — dizendo isso, postou-se atrás dela e começou a desabotoar-lhe o vestido com movimentos hábeis.

— Não, espere! Não pode fazer isso! — protestou ela, mas Peter não lhe deu ouvidos. Segurando-a pela cintura de modo que Kate não pudesse escapar, continuou com a tarefa de abrir os minúsculos botões. Kate sentiu um leve puxão nas costas, ao mesmo tempo em que seu vestido de seda dourada caiu aos seus pés. Com um giro rápido, ela apertou o vestido de Julieta de encontro aos seios. — Peter O'Rourke, isto é uma afronta!

— Não tenha medo, Mary Katherine McGillacutty. — Ciente de que a deixara em pânico, seu desejo de vingança ressurgiu. — Sou seu noivo, lembra-se?

— Sim, mas não precisa pensar que isso lhe concede privilégios especiais.

O'Rourke riu, relanceando o olhar sobre a pele clara dos seios de Kate. Mas apenas pôde ver os mamilos cor de coral, rijos e enrugados sob o rendilhado do chemise.

— Coloque o vestido. Quero ver como fica em uma donzela inocente. — A voz máscula, baixa e sedosa a acariciava como um raio de sol morno sobre a pele. — Lembre-se de quando tinha quinze ou dezesseis anos, Kate. Lembre-se como era?

O'Rourke se aproximou e Kate estremeceu certa de suas más intenções. Ele hesitou.

— Quantos anos você tem? — Segurando-lhe o queixo, encarou-a, procurando a verdade em seus olhos.

— Tenho quase dezoito — respondeu ela erguendo a cabeça corajosamente, mostrando-lhe que não tinha medo dele. — Não sou mais criança e este seu jogo não me interessa.

— Não se trata de um jogo — assegurou Peter. — Ponha o vestido, Kate, ou serei forçado a acreditar que está com segundas intenções.

Ela arregalou os olhos.

— O quê?! — Apressada, enfiou o vestido pela cabeça e o puxou para baixo. — Pronto! Está satisfeito? Agora, por favor, pare com essa conversa tola agora mesmo!

— Ah, Julieta! — Ele a alcançou e endireitou-lhe a saia dourada ao redor dos quadris. Em seguida, conduziu-a até um enorme espelho. — Olhe! Tudo que está faltando é a beleza da inocência.

Boquiaberto como um aluno desajeitado, O'Rourke sentia como se tivesse recapturado uma minúscula parte da própria inocência perdida. Kate era divina em sua simplicidade, e a pele pálida, adornada por uma massa de cachos ruivos que lhe caía pelos ombros. De repente, sentiu um nó na garganta. Lutou para falar, tão desamparado quanto um ator cujo texto se esvaíra na fumaça. Desesperado para disfarçar o lapso momentâneo, virou-se, pegou um chapéu de plumas, colocou-o sobre o coração e começou a recitar frases da peça de Shakespeare.

Hesitante, Kate girou na direção de Peter, que podia ver a inevitável pergunta em seus olhos.

— Você... declama extremamente bem — disse ela num tom suave.

— Tive algumas aulas de elocução na escola. Mas... já chega! Está na hora de tirar

o vestido. Vou esperá-la no fundo da escada. Ande depressa com isso. Não podemos deixar seu pai esperando muito tempo.

— Mas, O'Rourke... — Kate ficou confusa com a abrupta mudança dele. — Não há mais nada que queira me mostrar?

Peter a fitou de alto a baixo com um sorriso ardiloso nos lábios.

— Mary Katherine, pode achar isso divertido, mas, francamente, o nosso joguinho começou a me enfadar.

Ela mordeu o lábio inferior e o viu desaparecer na escuridão.

Deixando escapar um suspiro, livrou-se da fantasia de Julieta. Estava a ponto de colocar o próprio vestido quando ouviu um sussurro atrás de si. Pensando que O'Rourke voltara para ajudá-la com os botões, disse em tom brusco:

— Oh, graças a Deus que está aqui. Poderia me ajudar? E, nesse instante, seu sorriso ansioso enfraqueceu.

Do outro lado do recinto, havia um homem observando-a. Não era tão alto quanto Peter. Tinha cabelos e olhos castanho-escuros e vinha na sua direção.

— Bem, bem... eis a nossa nova ingênua — ronronou o homem, caminhando ao redor dela. — Deixa a Srta. Sullivan no chinelo, minha querida.

Kate apertou a frente do vestido e o encarou.

— Não sei quem você é, mas...

— Thomas Duncan, da San Francisco Repertory Company, à sua disposição. — O desconhecido rodeou-lhe a cintura, puxando-a para si. Ao mesmo tempo, com a outra mão, rasgou-lhe o corpete do vestido, expondo-lhe os seios. — Maravilhosos, minha querida!

Com ambos os punhos, Kate atingiu-o no tórax e se afastou.

— Tire as mãos imundas de cima de mim! — gritou.

O estranho a pegou pelos pulsos e a puxou de encontro ao abdômen estufado.

— Socorro! Peter me ajude! — gritou Kate, chutando e pisando o sujeito.

— Uma prima-dona, hein? Relaxe, doçura. O homem riu e curvou-se para beijá-la.

— Não ouse me tocar, seu imundo! — Ela o chutou nas canelas.

— Seja boazinha comigo, gatinha, e verá que a sua carreira vai decolar — prometeu Duncan como um incentivo.

— Idiota! Quero distância de tipos como você!

Junto com a ofensa, Kate desferiu-lhe uma sucessão de tapas e pontapés. Um dos golpes atingiu-o entre as pernas, fazendo-o gemer de dor.

Enfurecido, Thomas Duncan a esbofeteou. Kate gritou de modo selvagem, mais amedrontada do que machucada. Estava convencida de que lutava por sua vida e honra. Quando cambaleou para trás, o ator a agarrou de novo e rasgou-lhe a manga do vestido.

— Miserável! — gritou ela, desferindo-lhe um golpe no plexo solar.

Ofegante, Duncan desabou sobre Kate.

— Cadela!

— Cão danado!

— Já chega — soou uma voz arrastada na entrada do recinto. — Duncan, acho que a minha noíva está lhe dizendo que não se interessa por você.

Confuso, o homem virou a cabeça, tentando conectar a ruiva descontrolada embaixo dele com a figura alta encostada na parede.

— O'Rourke! Que diabo está fazendo aqui?

— Apenas tomando conta da mulher com quem planejo me casar — respondeu Peter com voz calma. — Precisa de ajuda, querida? — perguntou a Kate num tom familiar.

Duncan, que sabia quando devia se retirar de uma briga tirou as mãos de cima de Kate.

Ela se contorceu sob o seu agressor.

— Vocês dois se conhecem? — perguntou incrédula.

— Já nos encontramos — respondeu Peter. — Duncan, já aborreceu a moça o bastante. Agora, dê o fora.

Thomas Duncan fez uma saída digna enquanto podia, dadas as circunstâncias.

Apoiando o ombro largo contra o batente da porta, Peter estudou Kate com renovada admiração.

— Fez um belo trabalho com os pés — comentou. — Você está bem?

— Bem? — inquiriu Kate, observando no espelho o traje rasgado e os cabelos desgrehados. — Estou horrível! Meu vestido francês está em farrapos e perdi um sapato.

O'Rourke caminhou até ela e começou a abotoar-lhe o que restara do vestido. Quando viu as marcas vermelhas e ásperas da mão de Duncan no ombro delicado, abaixou a cabeça e beijou o local, umedecendo-lhe a pele com a língua.

Kate ofegou e virou-se para esbofeteá-lo, mas ele escapou.

— Você também, não!

— Estava apenas tentando lhe amenizar a dor. — Peter sorriu. Então, se arrependeu, concluindo que a pobre criatura já tivera bastante excitação por uma noite.

— Onde está o seu xale?

O vento aumentara, causando uma queda considerável na temperatura da noite. Ao senti-la estremecer, O'Rourke apertou-a de encontro ao corpo.

Kate o fitou com uma fisionomia lúgubre.

— Perdi o meu sapato.

— Vou voltar para buscá-lo.

— Não, por favor! Não me deixe aqui sozinha. Ele a ergueu nos braços.

— O'Rourke, me ponha no chão. Eu posso caminhar.

— Claro que não pode. — E a carregou rua abaixo.

— Sinto-me tão exposta! — disse Kate. Com ambos os braços ao redor do pescoço

dele, tentou não notar a vaia que receberam de seus espectadores.

— Não se preocupe. — Peter caminhou veloz, ignorando as cócegas que os cachos vermelhos provocavam-lhe no pescoço. — Dentro de instantes estará em casa.

— Espero não ser muito pesada — sussurrou ela minutos depois.

Peter não respondeu, porque já podia ver Homer aguardando na varanda. Parou quase sem ar nos pulmões. Já esperava por uma manifestação do pai de Kate, mas jamais poderia imaginar o que se seguiu.

Com um rugido, Homer McGillacutty fechou o punho e bateu-lhe no ombro, quase o derrubando dos degraus. Peter cambaleou e pousou seu fardo no chão.

Tentando recuperar o equilíbrio, Kate amparou-se em O'Rourke.

— Papai! O que está fazendo? — protestou.

Um simples olhar para a aparência desgrenhada da filha era a prova de que McGillacutty precisava. Sua face corou devido à raiva provocada pela traição de Peter.

— O'Rourke, o que fez à minha filha?

Homer avançou arregaçando as mangas.

— Então, é este o agradecimento que recebo por lhe arranjar um trabalho digno?!

Movendo-se com passadas mais rápidas que um esgrimista sobre um tablado, O'Rourke abaixou-se atrás de um pilar na varanda. O homem não era um mau ator, concluiu. Por certo, aquilo se tratava de um estratagemas para permitir o falso casamento.

McGillacutty fitou Peter, cujos movimentos flexíveis o mantinham um passo à sua frente. Em seguida, lançou-se, desajeitado, com a intenção de agarrá-lo, mas não conseguiu.

— Maldição! Você não perde por esperar seu verme! — berrou, irado.

— Senhor, sua filha e eu... — Peter saltou por cima da cerca da varanda em busca da segurança do gramado. — Seja razoável, Sr. McGillacutty. Posso lhe assegurar que minhas intenções são as melhores possíveis.

Homer estava ocupado demais perseguindo, o aparente sedutor da filha pelo matagal para proferir pouco mais que sons incoerentes e alguns palavrões. O'Rourke achou engraçado, mas o homem parecia de fato enfurecido e disposto a defender a honra da filha.

Kate desceu os degraus e correu atrás do pai.

— Papai, o que é isso? — perguntou completamente atarrecida com a reação dele. — O que está fazendo?

Peter quase deixou escapar uma gargalhada. Homer realmente estava se excedendo no papel de pai indignado.

— Você, seu porco sedutor! — gritou o velho magnata, esbaforido, enquanto Kate tentava reduzir-lhe a velocidade. — Não interfira, menina. Corra e vá chamar o xerife.

— Papai, pare agora mesmo! Está me envergonhando! — Ela apontou para os vizinhos, que assistiam à cena sentados nos balanços de suas varandas.

Para o alívio dos dois jovens, Homer decidiu não fazer um espetáculo para a cidade inteira. Com grande esforço, conseguiu se conter. Afinal, tinha uma reputação a zelar.

Peter curvou-se ao ver as veias protuberantes no pescoço de seu empregador e as pedras que ele trazia nas mãos. Santo Deus! O velho ruivo agia como se de fato ele tivesse lhe seduzido a filha.

— Papai, não sei por que está tão bravo — disse Kate, esperando tranquilizá-lo. — Peter me proporcionou momentos muito agradáveis. Até mesmo me salvou.

McGillacutty a fitou, desconfiado. A alguns metros de distância, O'Rourke permanecia equilibrado sobre a ponta dos pés, pronto para sair correndo caso fosse necessário. O salafrário parecia intacto, limpo na realidade e com uma fisionomia desnecessariamente divertida. Enquanto sua delicada Kate... O sangue ferveu só de olhar para a filha.

Ignorando a esposa, Madeleine, que se encontrava na entrada torcendo as mãos, Homer entrou e esperou pelo casal no corredor.

— Vocês dois, entrem. E você... — acrescentou referindo-se a Peter —... é melhor ter uma boa explicação para isso, ou a Justiça agirá bem rápido.

Kate sorriu, encorajando O'Rourke.

— O latido de meu pai é pior que a mordida — ela mentiu e beliscou Peter no braço, incitando-o a se mover. — Lembre-se que fizemos um trato — sussurrou.

Revirando os olhos, ele começou a subir os degraus da varanda. Sentia-se como um condenado que caminhava os últimos metros em direção à forca. Por que, Deus? Por que tinha se envolvido com aquela família?

Talvez tivesse sido a curiosidade que o impediu de se livrar daquela família e deixar a cidade. Sempre se interessara pelo funcionamento da natureza humana. Era o resultado de anos trabalhando como ator. Pelo menos foi isso que Peter disse a si mesmo enquanto observava pai e filha prontos para uma guerra, no instante em que McGillacutty os isolou em seu escritório.

— Vocês dois podem explicar tudo isso? — inquiriu Homer com falsa cortesia.

Kate sentiu-se na obrigação de se defender.

— Papai, é tudo muito simples. Peter me levou para um passeio e, quando fomos ao Maguire's Opera House, ele me pôs em um balanço e os meus cabelos se soltaram, não vê? Então, subimos para o andar superior...

— Andar superior? — Homer ficou chocado. Tinha a mente repleta de suspeitas. — Fazer o que no andar superior?

— Não pense absurdos, papai. — Kate o fitou, indignada. — Apenas tirei a minha roupa para experimentar uma fantasia.

— Pare agora mesmo! — O pai ergueu a mão, não querendo ouvir mais nada. — Você lutou com ele, tentando repeli-lo, não é, filha? — perguntou esperançoso. — Diga-me que foi por isso que está com essa aparência.

Kate deu uma risada ao ouvir às absurdas e precipitadas conclusões do pai.

— Não, papai, O'Rourke me deixou experimentar uma fantasia de Julieta. Conhece... Romeu e Julieta? Ele recitou os versos divinamente! O senhor devia ter ouvido.

Gemendo, Homer afundou na cadeira de couro da escrivaninha, desapontado. Sentia-se tentado a puxar sua Colt 45 da gaveta e...

Mas Kate continuava sua animada narrativa.

Pela primeira vez, sentia-se tão deprimido até mesmo para acender um charuto. McGillacutty decidiu adiar o fim ignóbil de Peter O'Rourke. Mas só até determinar quantas balas desperdiçaria para matá-lo.

— Depois, O'Rourke mandou que eu me vestisse. Então, eu... — Kate virou-se para Peter, que arqueou uma sobrancelha, como se não acreditasse na estupidez dela. — Estou contando certo, Peter? — perguntou.

— Sua filha tem um modo verdadeiramente surpreendente de lidar com as palavras, senhor. Imploro-lhe que não tire nenhuma conclusão injusta e precipitada.

— Por certo, não espera que eu acredite que nada aconteceu entre vocês dois! — bufou McGillacutty, gesticulando para a aparência desalinhada de Kate. — Por quem me toma rapaz?

— Admito que ela parece um pouco desarrumada, senhor, mas ainda está intacta. — Peter lançou um olhar significativo ao seu empregador. — Eu lhe assegurei depois da nossa discussão esta tarde, que não poria minhas mãos em sua filha.

— Bem? Isso não é exatamente verdade — disse Kate, de súbito ciente de como tudo aquilo poderia trabalhar a seu favor. — Você me beijou. Não pode negar. — Ela curvou os lábios num sorriso cativante. — Lembra-se? Beijou-me na sorveteria na frente de todas aquelas pessoas. E depois no teatro beijou meu ombro... e meu pescoço. E me segurou nos seus braços e...

Kate arrastou a voz sugestivamente. Seus olhos brilharam triunfantes, enquanto a face de O'Rourke adquiria um tom pálido, e a de Homer, púrpuro. Agora McGillacutty seria obrigado a deixá-los casar e ela ficaria livre da sua autocracia para sempre!

O pai ergueu-se com um baque e bateu o punho sobre o tampo da escrivaninha.

— O'Rourke! Isso é intolerável!

— Senhor, sua filha distorceu os fatos. — Peter sentia-se como um homem pego em uma armadilha de urso.

— Ousa acusar minha filha de mentirosa? — Os olhos cinza-esverdeados tornaram-se amarelos de raiva.

— Não deixe por menos, papai — incitou Kate, feliz com a reação de Homer.

Peter não sabia mais de que lado ela estava. Homer o agarrou pela camisa e berrou junto à sua face:

— Tirou a virgindade da minha menininha, seu salafrário!

— Não, senhor. Não fiz nada disso. — Era a primeira vez que precisava se defender sem ser culpado e entrou em choque. — Eu... eu sou completamente inocente.

— Papai, não o mate! — gritou Kate, vendo que Homer estava a beira de cometer uma insensatez.

Nesse instante, Madeleine abriu a porta do escritório.

— Homer! Pare com isso agora mesmo. — Ela deu alguns passos à frente, com seus olhos azuis flamejando, bateu nas costas e soprou-lhe a face rubra de raiva.

Apenas o fato de saber que qualquer coisa poderia restabelecer a paixão por uma mulher que se escondia sob uma máscara de frieza durante os últimos dezesseis anos

fez McGillacutty estacar.

— Maddy — disse num tom rouco.

— Homer, não pode matar este homem! Se ele se aproveitou da inocência de Kate, é muito tarde para violências.

Nesse momento, Kate pegou O'Rourke se dirigindo, furtivo, em direção à porta. Se não fosse rápida, ele partiria e ela se culparia para sempre. Não podia se casar com o capataz do pai e passar o resto de seus dias em Virginia City! Percebendo que estava agindo de modo errado, apressou-se e segurou Peter pelo braço.

— Esperem! Papai e mamãe, O'Rourke não me seduziu — disse apressada. — Sei como é fácil chegar a essa conclusão, mas... acho que fiquei entusiasmada muito depressa, porque sabe como é... O'Rourke me persuadiu a me casar com ele e...

— Depois de tudo isso? Não. Eu retiro a minha oferta — Peter a interrompeu, tentando livrar o braço.

Mas Kate o segurou com mais tenacidade.

— Ele me beijou na sorveteria depois que consenti em me casar.

— Oh, meu Deus! Comprometida em público! — murmurou Madeleine.

— Mandaremos chamar o padre Manogue pela manhã — anunciou Homer, parecendo imensamente aliviado. — Fico feliz que esteja preparado para fazer a coisa certa, O'Rourke.

— O senhor sabe que não sou o tipo que nasceu para o casamento — argumentou Peter, esperando a qualquer momento se tornar um ex-empregado. — Mas mudei de idéia.

E realmente havia mudado! Aquele não era o tipo de família com a qual gostaria de se envolver. Por quê? Oh, Deus, por que não tinha ouvido o conselho dos pais e se estabelecido nas terras de Wexford?

— Tendo abusado ou não da inocência de minha filha, ela está seriamente comprometida. — McGillacutty alcançou uma caixa e retirou um charuto. — Deus sabe quantas pessoas nesta cidade viram vocês namorando.

— E você, Kate — repreendeu-a a mãe. — Que descuido temerário para com a sua reputação!

Peter gemeu.

— Nós não estávamos namorando.

Kate pressionou os seios macios de encontro ao braço dele e o fitou com aqueles adoráveis olhos verdes.

— Como pode querer voltar atrás com a sua palavra? — sussurrou ela. — Você prometeu.

Por que deveria se sentir constrangido em faltar com a palavra, quando Kate não passava de uma pequena mentirosa? Perguntou-se Peter. E como poderia fazer promessas diante de um padre a uma fedelha que não sabia o significado da palavra honra?

— Se não se casar com minha filha, eu o processarei por quebra de promessa — rosnou McGillacutty. — Ou o matarei.

— Senhor O'Rourke, percebo que é um homem educado, com boas maneiras, mesmo que tenha passado por tempos difíceis — disse Madeleine com seu suave sotaque sulista. — Seria uma honra para nós tê-lo como genro.

Peter se desesperou em silêncio. Sem dúvida, a Sra. McGillacutty parecia a pessoa mais civilizada do clã, mas estava deprimido demais para sentir simpatia por qualquer mulher que estivesse ligada a Homer McGillacutty. Madeleine havia feito a cama e se deitado nela! Ele, contudo, preferia trabalhar um mês no interior de uma mina escura e escaldante a viver com Kate. Já estava contando os minutos para devolvê-la ao pai.

— Venha, senhor — Madeleine ofereceu a mão a Homer com um sorriso. — Temos limonada e biscoitos à nossa espera na sala de estar. Isso pede uma comemoração, não é mesmo?

— Parece uma grande idéia, Maddy. — Homer comprimiu a mão da esposa sob o braço e a conduziu pelo corredor, deixando os dois jovens para trás.

— Vamos lá, Kate, longe de mim estrangular a galinha dos ovos de ouro — sussurrou Peter no ouvido dela.

Algumas horas depois, McGillacutty sorveu o último gole de limonada.

— Já é quase meia-noite, pessoal. Está na hora de irmos dormir. A propósito, O'Rourke, mandei buscar a sua mala na pensão da Sra. Muldoon. Ficará aqui como nosso convidado, é claro.

Assim não haveria como escapar de seu destino, pensou Peter.

Homer bateu com a mão pesada em seu ombro.

— Começamos cedo por aqui, rapaz. Você e eu tomamos o desjejum às cinco.

Peter gemeu intimamente. Estava acostumado a freqüentar festas que duravam até a madrugada. Mudar de profissão exigiria uma mudança de hábitos também.

— Eu apreciaria uma batidinha na porta, senhor, só para ter certeza de que estou acordado — disse com um sorriso torto.

— Quatro e meia, está bem?

— Perfeito. Se me derem licença, vou me recolher. — Curvando-se numa elegante mesura, beijou a mão da Sra. McGillacutty e acenou com a cabeça, com menos cordialidade, para Kate. — Boa noite, Kate.

O dia amanheceu depressa. Peter cambaleou, batendo nas coisas em um quarto estranho.

— Maldição! Nem os galos se levantavam tão cedo — disse à imagem de olhos turvos que ele refletia no espelho, enquanto se barbeava a luz de velas. Se soubesse que ser um homem disciplinado significava acordar àquela hora da manhã, jamais teria se tornado um.

Depois de se cortar duas vezes com a navalha, vestiu-se apressado e desceu as escadas. O velho ruivo já se encontrava de pé em frente ao fogão aceso, servindo-se de uma grande xícara de café fumegante, como Peter jamais vira outra igual. Homer usava uma camisa cinza com suspensórios vermelhos, capacete de mineiro, calças pretas e botas pesadas.

— Bom dia, filho. Pegue uma xícara.

Peter obedeceu, ainda com os reflexos reduzidos pelo sono. De imediato, percebeu que teria de fazer algo a respeito de seu guarda-roupa. Estava usando a camisa xadrez que McGillacutty lhe emprestara. Todas as suas calças eram justas, feitas de propósito para excitar as mulheres.

— Qualquer pessoa corajosa o suficiente para beber o meu café merece um conselho amigável — disse Homer, fitando com um ar crítico seu mais recente protegido.

O'Rourke tentou não dar muita importância à bebida fervida.

— Não é tão ruim, senhor. — Corajoso, verteu quase meia tigela de açúcar na bebida escura e mexeu vigorosamente.

Em seguida, sentou-se, comeu panquecas, lingüiças e tomou o café melado e forte até as seis e meia da manhã, quando o restante da família começou a despertar. Então, percebeu que tudo que o seu empregador fazia gerava muito dinheiro. Na realidade, o talento de McGillacutty era motivado por um desejo insaciável de ampliar sua riqueza.

— Kate não vai se casar com qualquer playboy de Chicago. — Homer fitou O'Rourke com um olhar ígneo. — Trabalhei duro demais para ver o meu dinheiro ser torrado em chapéus franceses e passeios de balão.

Peter evitou tecer comentários, sabendo que McGillacutty o desqualificaria como empregado e futuro e temporário genro se soubesse de seu passado como ator. Em todo caso, planejava ficar ao lado daquele homem apenas o tempo suficiente para aprender tudo sobre madeira.

Naquela manhã visitaram o moinho de pilões, os trabalhos de guindaste a vapor e as estações de bombeamento. Peter, por conta própria, tornou a visitar a carpintaria. Fez perguntas a todos, até entender não só o que acontecia nos departamentos de classificação e distribuição, na casa de minério, forno de secagem e as salas de fusão e retorta, como também o que os homens pensavam sobre seus empregos e chefes. Com crescente interesse, aprendeu as várias etapas que envolviam o processo de extração de minério.

Durante três dias circulou pelo sistema alveolado de Philip Deidesheimer com o apoio do capataz de McGillacutty, Lew Simpson. À noite ele e Homer conversavam sobre demandas de madeira projetadas para construir conjuntos de contenção nas minas, porque seu patrão estava preocupado com a segurança dos trabalhadores.

Em todos os lugares que foi naquela semana, O'Rourke viu coisas acerca do trabalho com madeira. Sempre fora observador e utilizava essa habilidade para estudar as pessoas. Agora a usava para tirar vantagem. Começou a enxergar seu trabalho não apenas como um modo de servir às necessidades do dono da mina, mas também para melhorar o padrão de vida e habitacional dos mineiros. Virginia City estava começando a despontar assim como Gold Hill e Silver City.

Centenas de exploradores, aventureiros e trabalhadores vinham da Sierra da Califórnia todos os meses. Muitos viviam em barracas de tela. Precisariam de moradias, antes que a primeira nevasca caísse. Isso não podia ser feito da noite para o dia, e Peter via essa afluência como uma fonte potencial de riqueza. Na realidade, ao longo de alguns dias, O'Rourke sofrera uma mudança radical ao se dar conta de que poderia ganhar mais dinheiro em um ano com a madeira do que ganharia em toda a sua vida trabalhando como ator.

Inspirado pela chance de fazer fortuna deu asas à imaginação. Leu tudo que havia

na biblioteca de seu futuro sogro.

Seu método de estudo intensivo como ator o mantinham tão ocupado absorvendo informações que o assunto de se casar com Mary Katherine McGillacutty lhe escapara da mente. Ele e Homer saíam de casa tão cedo e voltavam tão tarde que a existência de Kate não lhe ocupava mais os pensamentos.

Toda semana, alimentos, roupas, ferramentas e equipamento de transporte e de serraria eram enviados por meio de carros puxados por bois a um acampamento básico em High Sierra. E na segunda-feira, 26 de setembro, Peter soube que havia sido recrutado para pegar a diligência para Strawberry Point, onde encontraria o veterano madeireiro Jigger Jansen. De lá, viajariam a cavalo e mula por alguns dos lugares mais selvagens do Oeste.

Tempo era dinheiro e O'Rourke valorizava cada minuto. Tomava nota, ouvia os mais experientes e fazia perguntas. Ao se recolher, após cada dia de trabalho, mal se lembrava do próprio nome e muito menos se preocupava com certa ruiva intrigante. E embora Homer McGillacutty não tivesse mais falado sobre a filha e houvesse feito Peter nutrir falsas esperanças, o compromisso dos dois foi anunciado no jornal local numa quinta-feira.

Na noite de sábado, 24 de setembro, todas essas esperanças voaram pela janela.

Peter estava desfrutando um banho relaxante no pequeno quarto anexo à cozinha, tirando a sujeira e a tensão de uma semana em uma banheira quente. Cantarolando baixinho e fumando um charuto de seu empregador, contemplou o dedão do pé esquerdo de vários ângulos.

Aahhh! Era um momento verdadeiramente sublime.

De repente, McGillacutty enfiou a cabeça pela porta.

— O padre Manogue disse que pode realizar o casamento amanhã às duas horas da tarde.

A notícia acabou com o sonho de Peter de se tornar um magnata da madeira da noite para o dia.

O sabonete escapou-lhe das mãos e caiu no chão. Suas pernas longas e cabeludas batiam uma contra a outra, enquanto ele considerava suas opções: podia tentar se afogar ou... abraçar a vida de casado!

— Está bem, senhor... duas horas soa... — ele engoliu em seco —... excelente. Poderia me passar aquela toalha?

De alguma maneira, Peter emergiu da banheira incólume, com exceção de uma contusão na canela direita. Enquanto se enrolava na toalha, elevou uma prece silenciosa aos céus: Oh, Deus, salvai-me do esquema McGillacutty.

Domingo, 25 de setembro.

Para a maioria dos habitantes de Storey County, o domingo amanhecera como qualquer outro dia de verão. Mas não para Kate. O'Rourke a acordara no meio da noite com seu caminhar nervoso e murmúrios ocasionais que podiam ser ouvidos do outro lado da parede que separava os dois quartos. Ela poderia jurar que Peter estava rezando! Mas claro que afastou a idéia tola depressa. Peter O'Rourke era cínico demais para tal.

Mesmo assim, Kate estava preocupada. O que poderia estar causando tal desassossego ao seu cúmplice? Precisava saber, porque se ele não a ajudasse a

escapar daquela pequena e triste cidade, o pai por certo a casaria com o seu capataz.

Bateu o pé com força ao ouvi-lo resmungar outra vez. Torceria aquele pescoço bonito se Peter a deixasse na mão agora. Promessa era promessa e Kate pretendia fazê-lo cumprir a dele.

Mas, aqueles passos de tigre! Será que O'Rourke a deixaria esperando no altar?

Tranquelize-se, disse a si mesma, parando para conferir a própria imagem no espelho. Os grandes e brilhantes olhos tinham o assombro de uma mulher desesperada. Bem, não importava. Aquela não era a primeira vez que desafiava o pai. Nenhum homem a domaria. As mulheres tinham tanto direito à felicidade quanto os homens. Kate tremeu de excitação, pensando em sua vida em San Francisco.

Com o espírito renovado, dirigiu-se ao guarda-roupa e retirou o vestido de noiva que ela e a mãe haviam mandado confeccionar.

Do outro lado da parede, a voz de O'Rourke elevou-se o suficiente para fazê-la perceber que ele estava rezando! Deus prometo não olhar mais para outra mulher, especialmente as ruivas, se... A voz abaixou.

Kate beijou a parede como se fosse a face diabolicamente bonita de Peter.

— Maldição, O'Rourke! — gritou ela. — Então, encostou o rosto na superfície fresca e lisa e sussurrou: — Você prometeu seu bastardo. Não ouse me decepcionar.

Um baque ressonante foi a única resposta que recebeu. Como estava encostada à parede, ouviu-o retomar o passo. O cheiro de charuto flutuava pelo ar. Aquilo a aborreceu terrivelmente. Por que Peter O'Rourke tinha que adquirir os sórdidos hábitos de seu pai?

— Precisa fumar? — reclamou.

— Você não manda em mim, Kate. — O resmungo baixo foi tão íntimo que ela desejou saber se ele ainda estava do outro lado da parede. — Farei o que me der prazer.

— Pelo menos poderia demonstrar um pouco mais de consideração, depois que estivermos casados.

De repente, Kate ouviu uma porta bater com violência.

— Maddy, comece a fechar as janelas! — gritou o pai, subindo os degraus apressado. Ao passar pelo quarto da filha, entrou e fechou a janela.

— Tempestade de vento — explicou, desaparecendo em seguida para fechar outras janelas do andar superior.

Olhando para fora, Kate viu um denso redemoinho marrom. Em segundos, não havia nada além do barulho ensurdecador de areia e folhas açoitando as venezianas.

— Papai! — gritou ela, lembrando-se dos tornados do Meio-Oeste. — Não dispomos de um abrigo contra tempestades? — Kate se encontrava de pé, indecisa, apenas com as roupas de baixo, imaginando se não seria sugada pelo vento. Deveria fugir? Esconder-se embaixo da cama? O que fazer?

— Se vista Kate — ordenou Homer ao retornar. — Você e O'Rourke se casarão às duas horas, lembra-se?

— Não podemos nos casar no meio de um tornado! — gritou Kate acima do som assustador do vento. A casa parecia firme, mas por quanto tempo? Talvez aquilo fosse um sinal do desagrado de Deus. Afinal, ela havia desafiado o pai. — Oh, ajude-me, por favor!

— Isso não é um tornado — informou Homer. — Apenas um ventinho. Deixe de ser exagerada — dizendo isso, ergueu os braços da filha e enfiou-lhe o vestido de noiva pela cabeça.

Kate o fitou incrédula. O pai fumava o charuto como uma velha máquina a vapor e, surpreendentemente, tinha a fisionomia calma. Se Homer dissera que aquilo era um "ventinho", quem era ela para discutir?

Suspirando, sujeitou-se à tentativa desajeitada de McGillacutty de abotoar-lhe os botões de pérola nas costas do vestido.

— Obrigada, papai — agradeceu Kate, quando ele terminou a tarefa. Num impulso, ergueu-se na ponta dos pés e beijou-lhe a face, principalmente por ele ter-lhe devolvido a coragem.

— De nada — respondeu Homer, abraçando a filha meio sem jeito.

Envolvida no círculo poderoso daqueles braços, Kate sentiu um calor reconfortante que havia anos não experimentava. O brilho súbito de orgulho no olhar astuto do pai causou-lhe uma estranha e repentina emoção. Em geral, o homem era sério, rude e estava sempre com pressa.

— Seja feliz, Kate. — Ele bateu de leve na face delicada e se afastou, deixando-a sozinha.

— Se é isso que o senhor quer papai — disse ela num tom calmo, não em resposta às palavras de Homer, mas porque uma vez mais se sentia sozinha, sem um ombro para encostar a cabeça e ninguém para amá-la.

Por alguns instantes, sentiu-se como a garotinha que, junto com a mãe, vira o pai partir da estação de trem de Chicago nove anos antes. Suplicara-lhe que não as abandonasse, mas ele tinha partido assim mesmo.

O senhor não me ama, papai. Só ama o seu dinheiro. A menina chorara muito e, desde então, tudo havia mudado entre eles. Depois disso, quando vinha visitá-lo, procurava manter uma distância cautelosa e cortês.

Nesse momento, Homer retornou para uma inspeção final.

— Nada mal. Você é uma noiva quase tão bonita quanto sua mãe quando nos casamos.

— Não podemos ir para a igreja até que o vento diminua — disse Kate, protelando.

— Com ou sem vento, vamos para a igreja às duas horas. De repente, Kate ouviu o estrondo de um vidro quebrando e o grito amortecido da mãe.

— Homer! Uma das venezianas abriu — Madeleine chamou, com uma nota de pânico. — A janela da sala de estar quebrou.

— Oh, inferno! — McGillacutty desceu a escada apressado.

— Vou buscar algumas tábuas.

Kate ouviu o barulho do martelo do pai na sala de estar e na varanda dos fundos, e então percebeu que um "ventinho" não iria interferir nos planos de Homer McGillacutty.

Quando a tempestade desabou, cobrindo Comstock Lode com nuvens densas, Peter sentiu-se como os egípcios na ocasião em que o Senhor trouxe a praga de gafanhotos para devorarem a terra.

Não havia lugar onde se esconder. A cada tique-taque do relógio, aquele casamento ficava mais próximo. Sentia-se quase claustrofóbico! Não conseguira pregar o olho durante a noite, tinha as mãos suadas e não era capaz de se concentrar.

É claro que o tempo ruim era a desculpa perfeita para adiar o casamento. Indefinidamente. Mas algo o segurava, impedindo-o de se apavorar.

Se ao menos pudesse considerar o casamento uma farsa.

Mas não podia.

— Palavras são como o vento — tentou se convencer, enquanto olhava, através da janela, com olhos inexpressivos. Por que não aceitava o fato de que estaria apenas repetindo palavras, não fazendo promessas ao padre Manogue, com quem tivera um breve encontro na mina, na sexta-feira anterior? Se pelo menos sua consciência não o atormentasse.

Mas se deixasse aqueles dois ruivos voluntariosos tomarem conta de sua vida, jamais poderia se olhar no espelho novamente.

Peter pegou um manual de mineração sobre a cama. Havia informações valiosas sobre como operar um moinho, mas que não o ajudariam a fazer o que precisava fazer.

Se a minha palavra não vale nada, o que resta de mim? Perguntou-se.

Sim, mas não permitiria que aquela fedelha o manipulasse e nem que o pai dela o intimidasse.

Aquilo não era apenas um mero caso de saber de que lado ele estava, mas uma questão de consciência. Um teste para saber que tipo de homem era na verdade. E o que esperava se tornar.

Teria que oferecer resistência. Mesmo que isso significasse ir às escuras para a igreja no meio de um ciclone! Tinha que ser ele mesmo. Embora isso deixasse McGillacutty furioso.

Assim que Peter tomou sua decisão, a tempestade arrefeceu, transformando-se em uma suave brisa de verão. O sol voltou a brilhar sobre as cabeças de metade dos descrentes cidadãos de Virginia City. Jamais alguém vira um zéfiro surgir do nada e desaparecer tão de repente antes.

Recuperado de sua indecisão, Peter se barbeou depressa. Aparou as laterais das costeletas e repartiu os cabelos ao meio, usando um gel para mantê-los fixos, no caso de o vento voltar. Um homem não podia ser demasiado cuidadoso com a aparência, disse a si mesmo.

Mas até mesmo um noivo relutante deveria fazer uma boa figura. Vestiu o bonito paletó pérola-cinza e a calça, abotoou a camisa de linho e endireitou a gravata de seda preta. Então, olhou-se no espelho e ficou satisfeito com o que viu.

Pronto. Inspecionando os bolsos com cuidado, desceu os degraus.

— Senhor, encontrarei a Sra. McGillacutty e a sua filha na igreja — informou ao empregador e, antes que Homer pudesse responder, Peter abriu a porta e saiu.

A noiva também se arrumara minuciosamente para a ocasião. Envergando um vestido de cetim branco, com um profundo decote, Kate estacou no corredor do andar superior, enquanto a mãe ajeitava-lhe a longa cauda, com aplicações de renda e pérolas. Em lugar do tradicional véu comprido, optara por um mais curto e um chapéu de Julieta,

igual ao que experimentara no Maguire's Opera House.

— Como está bonita! — Madeleine beijou a filha e secou uma lágrima, lembrando-se do próprio casamento.

Segurando a mão da mãe, Kate sentiu uma pontada de culpa por não compartilhar seu segredo com ela. Mas não podia estragar a felicidade da mãe. Na realidade, achava difícil não participar do seu entusiasmo, que era tão contagioso.

— O que foi? — perguntou.

— Seu pai estará pronto em um minuto, querida. Vou conferir se os detalhes da recepção estão sob controle. — Madeleine desceu os degraus com o roçar agitado das saias que Kate sempre associara à sua delicada mãe.

— Sentirei sua falta, mamãe — disse Kate, afastando depressa o súbito desejo de chorar.

Dirigiu-se à janela e avistou Peter além da metade do quarteirão. Ele caminhava apressado, como se pretendesse que suas pernas cobrissem uma longa distância em um curto espaço de tempo.

Oh, não, você não fará isso, O'Rourke! O temperamento de Kate chamejou. Peter parecia um elegante fugitivo.

Ergueu o vestido e desceu os degraus aos pulos, sem se preocupar com a sua segurança. Os sapatinhos acetinados pareciam deslizar e só reduziram a velocidade quando ela se deparou com o pai no fundo da escada.

— Papai, estou pronta! — anunciou, passando ao redor dele e se dirigindo à pesada porta da frente. — A menos que se apresse eu irei sem o senhor — dizendo isso, Kate abriu a porta e se dirigiu à varanda.

— Calma filha! Por que a pressa? — indagou Homer, movendo-se mais rápido do que de costume até alcançá-la e fazê-la parar.

— Ele está fugindo! — gritou Kate. Mordendo o lábio, esticou o pescoço a tempo de ver Peter contornar uma esquina.

— Nós o alcançaremos — assegurou-lhe o pai com uma risada. Nunca vira a filha tão ansiosa para cumprir as suas ordens! — Temos que esperar por sua mãe.

Com os braços cruzados, Kate tamborilou os dedos nas mangas.

— Isso foi idéia sua papai. Se algo der errado, eu o responsabilizarei pessoalmente.

Homer berrou por Madeleine.

— Traga sua sombrinha, Maddy — aconselhou, acedendo um charuto. — Parece que o sol voltou com força total.

— Não me apresse — disse a esposa ao se juntar a eles. — Onde está a carruagem? — perguntou esperançosa.

A face de McGillacutty ficou corada de aborrecimento.

— Pelo amor de Deus, mulher! A igreja fica apenas a algumas quadras daqui. Quem precisa de uma carruagem em um dia esplêndido como este?

Madeleine fitou o marido com um olhar compassivo e o alcançou para endireitar-lhe a gravata.

— Não fica bem a noiva chegar a pé à igreja. A etiqueta pede uma carruagem. Francamente, Homer, onde foram parar os seus modos?

— Não vejo nada de errado em caminhar. — Os lábios dele se curvaram num sorriso lascivo. — Suponho que a etiqueta também não aconselhe uma noiva a escolher um noivo dentre um bando de bêbados deitados na sarjeta da C Street.

— Homer McGillacutty, abaixe a sua voz! — guinchou Madeleine, golpeando o marido com a sombrinha. — Caso contrário, estaremos arruinados na sociedade!

Com uma carranca, Kate observou a rua vazia. O'Rourke não se encontrava mais à vista. E, pelo jeito, seus pais estariam ocupados tentando resolver suas diferenças domésticas pelos próximos duzentos anos. Teria de agir rápido ou sofreria as consequências para o resto da vida.

— Estou indo — anunciou e saiu correndo.

— Qualquer um pensaria que estava morrendo de pressa para se casar.

Os pés de Kate estacaram. Deu uma olhada ao redor, endireitou o chapéu de Julieta, tentando localizar a voz que a atormentava.

Com um sorriso torto na face, O'Rourke surgiu dos fundos do pórtico da igreja, com as mãos nos bolsos.

O insulto deixou Kate enfurecida. Largando as saias do vestido, ela ajustou as plumas do decote para cobrir-lhe os seios.

— Não estou com pressa.

— Nunca conheci alguém tão contraditório — admitiu Peter com um sorriso largo e sensual. — Corre como uma criança levada e se veste como uma duquesa. Santo Deus! Está mesmo encantadora, Mary Katherine McGillacutty.

— Não sabe que dá azar ver a noiva antes do casamento? — Kate passou por ele em direção à igreja.

Peter a seguiu dando um bocejo teatral.

— Em geral, são os ruivos que dão azar — observou O'Rourke num tom casual.

Kate não estava disposta a deixar aquela observação impune, mas não podia desconsiderar o ambiente onde se encontravam.

Arrastando-o pelo braço, ela o conduziu até um nicho escuro, onde poderiam falar reservadamente.

— Lembre-se do nosso acordo e que a sua sorte está a ponto de mudar — lembrou-o, referindo-se à soma em dinheiro que lhe prometera.

— Eu imagino que sim. — Peter a puxou até um dos confessionários. — Que tal isto? — sugeriu com um ar provocante. — Inclinando a cabeça, ele espreitou através do cubículo encortinado. — Algum pecado mortal que queira confessar antes de nos unirmos em santo matrimônio?

Kate o empurrou.

— Não seja louco, O'Rourke!

— Ainda há tempo para mudar de idéia. — Ele curvou a cabeça e, com um exagerado suspiro, inspirou a fragrância que ela exalava. — Hum caríssimo! — disse, deslizando a ponta dos dedos bem devagar pelo pescoço delicado.

— Não me toque! Não importa o quanto tente, não o deixarei escapar do nosso acordo. — Kate estremeceu ligeiramente quando o dedo polegar de Peter acariciou-lhe a face e capturou-lhe o queixo. — Se eu estivesse em Chicago neste momento...

— Deixe-me adivinhar... — Os olhos verdes vaguearam descaradamente pelas curvas femininas. — Um grande número de cavalheiros teria vindo em seu socorro para ter o privilégio de receber um de seus belos sorrisos.

— Isso mesmo! — respondeu Kate, contente por ele ter entendido.

— Mesmo assim, dentre centenas, talvez milhares de vítimas potenciais, você me escolheu — comentou Peter com um sorriso irônico.

Aparentemente, ele não estava nem um pouco ansioso para se casar, nem mesmo por dinheiro! Kate ergueu o queixo para mostrar que aquela observação não a aborrecera.

— Não o considero uma vítima, O'Rourke. Mas um sócio bem remunerado.

— Ah, aí está você, Mary Katherine — disse o padre Manogue, saindo do confessionário. O religioso avançou com um brilho bondoso no olhar. — Após conversar com seu noivo, sinto como se já a conhecesse.

Ela curvou a cabeça em sinal de respeito. Um sentimento profundo e terrível atingiu-lhe a boca do estômago, como um ataque súbito de consciência.

Por sorte o padre queria apenas saber as suas preferências com relação à cerimônia.

— Tenho certeza que será tudo adorável. Não quero nada de especial, por favor.

— Alguma inquietação que deseje compartilhar? — sugeriu o sacerdote, apontando para o confessionário.

— Não, nenhuma! — Kate fitou a face divertida de O'Rourke e, em seguida, baixou o olhar, sentindo-se culpada.

— Entendo — disse o padre.

Kate clareou a garganta.

— O senhor acha que eu poderia falar reservadamente com o meu... noivo por um momento?

— Claro que sim, minha filha. — Padre Manogue sorriu e se dirigiu ao altar para organizar os sacramentos na mesa.

Kate agarrou o braço de Peter com ambas as mãos e abaixou-se sobre o assento duro de madeira.

— Contou a ele, não é? — sussurrou num tom rouco. O'Rourke esticou as longas pernas para frente e apoiou os braços sobre o encosto do banco. Sorrindo ao perceber o desconforto da noiva, assentiu com a cabeça.

— Oh, meu Deus! Como pôde? — O murmúrio de Kate se transformou num rosnar.

Peter aproximou-se e roçou os lábios nos cachos próximos à orelha dela.

— Como eu não poderia?

Kate virou a cabeça tão rápido que suas bocas quase se tocaram.

— Nunca pretendeu me ajudar, não é mesmo?

— Ouça Kate, eu não podia me casar sem antes aliviar minha consciência, certo? — Sério pelo menos uma vez, ele a fitou nos olhos.

— Por que não poderia ter-se confessado depois? — sussurrou Kate. — Agora ele contará a meu pai! — Ela mordeu o lábio macio para evitar chorar.

Com um ar indiferente, Peter tocou-lhe os cachos ruivos.

— Garota tola. O bom padre não dirá nada a seu pai. O que eu lhe contei está sob segredo de confissão. Ele não poderá revelar nada.

Com os olhos cheios de lágrimas e a boca trêmula, Kate inclinou o queixo.

— Quer dizer que...

O'Rourke assentiu com a cabeça, enxugou-lhe uma lágrima e levou o dedo à própria boca. Seus lábios se curvaram num sorriso sensual. Kate sentiu a respiração presa na garganta enquanto o encarava.

— Você se confessou? — perguntou num tom descrente.

— Não é algo que eu faça com frequência — ele admitiu sincero. — Mas precisava me livrar de algumas coisas que estavam me apertando o peito, se quero permanecer em paz comigo mesmo e... — Peter apontou para cima —... você sabe muito bem com quem.

— Suponho que isso signifique que não me ajudará. — Ela bateu a cabeça duas vezes no encosto de madeira. — Oh, Deus, estou perdida!

O riso baixo e o braço morno de Peter ao redor de seu ombro a despertaram do desalento.

— Provavelmente, sim — concordou ele sacudindo-a de leve. — Mas não mais do que eu, suponho.

Quando Kate ergueu o rosto para olhá-lo, O'Rourke pousou os lábios sobre os dela, num leve roçar.

— Eu me casarei com você, se é o que deseja.

Num gesto impulsivo, Kate o puxou para si e o beijou.

— Obrigada, Peter. Jamais o esquecerei!

— Oh, tenho certeza que não — respondeu ele num tom seco.

O ruído dos saltos delicados de uma mulher sobre o piso os afastou.

— Mãe! Papai! — Kate ergueu-se com os olhos brilhando. — Venha, O'Rourke, agora que meus pais chegaram, vamos falar com o padre Manogue.

Providencialmente, os convidados do casamento começaram a entrar na igreja e em minutos todos já haviam tomado assento. Homer deu o braço à filha e se postou na entrada do templo, preparado para cumprir seu dever. Próximo ao altar, Peter aguardava incomodado com sua gravata perolada. Depois de um longo silêncio, padre Manogue, o único presente de alma verdadeiramente tranqüila, sinalizou ao organista para dar início aos hinos.

Os foles do instrumento assobiaram e ofegaram a cada passo que Homer e Kate davam. No momento em que transpuseram o corredor, ele agradeceu por ouvir o último acorde da marcha de casamento e plantou um beijo na face pálida da filha.

Surpresa, ela o fitou e percebeu que o pai tinha os olhos marejados de lágrimas.

— Papai? — murmurou.

— Seja feliz, minha filha — respondeu Homer com um sussurro áspero. — Então, direcionou o olhar para O'Rourke e seus olhos se encontraram num pacto silencioso.

Peter deu um passo à frente, estendeu a mão, e o coração de Kate começou a bater mais forte. Desviando o olhar de suas mãos entrelaçadas, fitou aquela boca máscula que permanecia séria em uma face tão carismática que a fazia derreter por dentro. Em seguida, ergueu o rosto e notou que ele a estudava. O'Rourke umedeceu os lábios, lenta e deliberadamente, como se soubesse o que ela estava sentindo. Assustada, Kate ruborizou e baixou o olhar.

Padre Manogue os chamou. Ambos se ajoelharam diante do celebrante, de mãos dadas e as cabeças curvadas.

— Amados irmãos, estamos aqui reunidos à vista de Deus e na presença destas testemunhas... — Quase de imediato, a mente de Kate se abstraiu. Ela encarou a mão de O'Rourke com um olhar febril. Seus dedos entrelaçados com os dele. Tentou se livrar, mas percebeu que Peter a prendia com firmeza.

Seria de fato necessário manterem as mãos unidas durante toda a celebração? Perguntou-se. Aquilo era uma tortura. Ficariam agarrados para sempre se o padre não se apressasse!

Enquanto repetiam as palavras do Pai-Nosso, Kate focalizava a mão que segurava a sua. A pele de Peter era flexível e lisa, e as unhas, bem-feitas. A mão de um cavalheiro. Oh, se ao menos...

—... Amém.

Quando Peter a ajudou a se erguer, os pensamentos de Kate se evaporaram, deixando-a confusa e desejando saber em que parte da cerimônia se encontravam.

— Eu, Peter Casey O'Rourke, recebo Mary Katherine como minha esposa...

Santo Deus! Já estavam nos votos. De repente, a verdade daquele ato atingiu-a como um balde de água gelada. O'Rourke tinha razão, eles deveriam estar preocupados! Aquilo não eram apenas palavras, mas promessas que ambos nunca pretenderam manter. Horrorizada, Kate apertou a mão do noivo.

—... prometendo amá-la e honrá-la até que a morte nos separe. — A voz dele não oscilou nenhuma vez.

Assaltada pela culpa, Kate sentiu-se tentada a acreditar que Peter estava sendo sincero! O padre se virou na sua direção. Com a boca seca de apreensão, ela desejou saber quanto tempo passaria no purgatório. Aqui vamos nós! Nervosa, Kate encarou O'Rourke e recebeu um aperto de mão tranquilizador.

— Obrigada — sussurrou.

Padre Manogue clareou a garganta.

— Repita comigo: eu, Mary Katherine McGillacutty, recebo Peter Casey O'Rourke como meu marido para...

Os lábios de Kate começaram a se mover, mas as palavras tinham dificuldade de sair. Ela hesitou, clareou a garganta e tentou novamente. Ainda assim, nada conseguiu proferir.

A congregação se curvou, esperando ouvi-la.

Lançando um olhar amedrontado além do padre, os olhos de Kate se fixaram no crucifixo. Oh, Jesus! Suas pernas bambearam e ela teria batido com os joelhos sobre uma pilha de cetim amarrotado se o braço forte de O'Rourke não a tivesse segurado.

Sentia-se flácida. Não! Não podia se apavorar. O que pensariam as pessoas se ela gritasse e saísse correndo da igreja? Mas isso adiantaria? O pai por certo lhe faria um sermão pela vergonha que o fez passar na frente dos amigos e a obrigaria a casar de qualquer maneira. Oh, Deus! Que castigo!

Um murmúrio abafado ecoou pela igreja. Kate ouviu a respiração inflamada do pai, como os foles de um ferreiro bombeando ar.

O'Rourke encarou-a, genuinamente interessado.

— Tem certeza de que quer fazer isso, Kate? — perguntou num tom grave.

Como uma náufraga, Kate agarrou-se ao braço dele.

— Sim, sim, estou pronta. Hum... — Ela parecia distraída. — Eu... hã... é que fiquei com muita sede depois daquela tempestade de vento. Será que eu poderia tomar um pouco de água? — perguntou ao padre.

— Claro, minha filha. — Mas, em vez de água, entregou-lhe um cálice de vinho.

Kate bebeu com avidez. O álcool a despertou depressa, provendo-a da coragem que lhe faltava.

— Obrigada, padre.

Padre Manogue ergueu o cálice, elevou-o e proferiu uma bênção ao casal:

— Que o Senhor vos abençoe até o final de vossas vidas. — Então, ofereceu-o ao noivo.

Peter, percebendo que a noiva o esvaziara, levou-o aos lábios e fingiu beber, num desempenho respeitável.

— Está vazio — não pôde resistir a murmurar no ouvido de Kate.

— Agora podemos continuar com os votos? — perguntou o padre, endereçando a Kate um sorriso bondoso. — Eu, Mary Katherine McGillacutty, recebo Peter Casey O'Rourke...

Sentindo os olhos do pai sobre seus ombros, Kate declarou resoluta:

— Eu, Mary Katherine McGillacutty, recebo Peter Casey O'Rourke como meu marido, para tê-lo e conservá-lo de hoje em diante...

Sua voz soou como um sino doce e suave, enquanto ela se unia em matrimônio. Tinha os olhos úmidos de raiva e humilhação, mas nem por um momento deixou de fitar Peter.

—... até que a morte nos separe. — As palavras se arrastaram num sussurro, e mais uma vez Kate fitou suas mãos entrelaçadas.

O resto passou como um sonho. Kate observou O'Rourke remover-lhe a aliança da mão direita e colocá-la no terceiro dedo da mão esquerda.

— Eu lhe comprarei uma mais apertada — sussurrou ele.

Aquela ficava folgada, mas o que importava? Pensou Kate. Era só por pouco tempo.

Por fim, o padre os declarou marido e mulher e os apresentou à comunidade como

Sr. e Sra. Peter Casey O'Rourke.

Terminou! Kate sentiu uma enorme onda de alívio. Mal prestou atenção ao beijo superficial que Peter lhe deu na frente dos presentes. A seguir, ele ofereceu-lhe o braço e, enquanto o organista emitia as notas mais lúgubres que Kate já ouvira, permitiu que o marido a escoltasse pelo longo corredor da igreja.

Atribuindo seu lapso momentâneo à culpa infantil e desnecessária, Kate dispensou a ajuda de Peter e subiu na carruagem do pai.

Cruzando os braços, recostou-se nas almofadas, de modo a evitar o olhar divertido de O'Rourke. Que pensasse o que quisesse! Logo estaria livre dele.

Um minuto depois, seus pais escalaram o assento e Homer tomou as rédeas.

Como se já não bastasse aquele ter sido o pior dia de toda a existência de Kate, Peter ainda sentou-se ao seu lado, assobiando. Ao vê-la com uma expressão irritada, ele deu de ombros.

— Tudo preparado para a recepção, amor? — perguntou Peter.

— Ora, não me amole!

— Como queira, doçura — ele disse num tom amável, ao mesmo tempo em que retirava um charuto do bolso. Em seguida, esticou um braço e bateu no ombro do sogro. — Tem fogo, senhor?

Kate arrebatou-lhe o charuto da mão e o atirou na rua.

— Não se incomode papai. O'Rourke está deixando de fumar. — Nesse instante, seus olhos encontraram os da mãe. — Não me olhe dessa maneira, mamãe.

— Deveria tratar seu marido com mais respeito — foi o único comentário de Madeleine.

— Oh, sim, esqueci — replicou Kate. — A senhora e papai nunca dirigem uma palavra atravessada um ao outro, não é?

— Mary Katherine! — Os olhos da mãe brilharam num claro sinal de advertência.

Homer se aproximou da frente da casa e parou a carruagem. Tinha ouvido toda aquela tolice calado.

— Agora basta de discussões. Temos convidados chegando. Devemos agir como gente civilizada.

Peter sorriu.

— Como quiser senhor. O espetáculo é seu e estamos aqui meramente para desempenhar nossos papéis. Vamos entrar senhoras?

Peter e Kate circularam e conversaram com os amigos de Homer durante quase duas horas. Os convidados eram extremamente corteses e amigáveis e pareciam estar se divertindo bastante. Mas não Kate. Se alguém lhe perguntasse, não saberia dizer o que a fazia sentir-se tão exasperada. Só sabia que Peter, com seus modos polidos e sorriso infalível, a estava enervando a ponto de sentir vontade de esbofeteá-lo.

De repente, seu pai se materializou, sorrindo para os recém-casados.

— Ora, ora! Parece que vocês dois estão se dando muito bem — disse Homer.

Peter pegou uma taça de champanhe trazida pelo mordomo e a elevou, propondo

um brinde.

— Acho que este casamento nunca ficará desgastado.

— Sim, papai, Peter e eu temos muito em comum — afirmou Kate, tentando pisar no pé do marido sob a cobertura de suas volumosas saias.

Os olhos verdes de ambos reluziram. O casal se fitou como dois gatos selvagens.

Astuto, McGillacutty postou-se entre ambos, antes que eles partissem para a agressão física.

— Este é um momento de muito orgulho para mim — disse Homer em voz alta. — Minha pequena Kate se casou com um homem bom, e a Sra. McGillacutty e eu não poderíamos estar mais felizes. Não perdi uma filha. Ganhei um filho.

Homer riu e bateu nas costas do genro. Então, tirou uma chave do bolso e a ergueu.

— Meu primeiro presente aos recém-casados — anunciou. — A chave de uma suíte de lua-de-mel no Hotel Internacional.

Kate prendeu a respiração, observando a chave passar das mãos do pai às do marido, que, num passe de mágica, a enfiou no bolso.

Peter deu uma piscadela e Kate sabia que devia cooperar, mas não conseguia. Estava entorpecida por dentro. Aquilo não era um casamento de verdade. Não lhe havia ocorrido até o momento que não dormiria mais como sempre, em sua própria cama. Tomaria o desjejum e então pegaria o trem para San Francisco pela manhã. Esvaziou seu cálice de uma só vez.

— Que... surpresa agradável! — conseguiu dizer.

Ao que Homer arrancou outra chave do bolso e a empunhou com um sorriso.

— Não faça muito barulho, meus jovens. Eu e a Sra. McGillacutty estaremos na suíte ao lado.

Madeleine e Kate fitaram uma à outra, sem dizer uma palavra.

Com um sorriso nos lábios, Peter ergueu a taça de champanhe e propôs outro brinde.

— À segunda lua-de-mel do casal McGillacutty!

Peter saiu para o corredor do hotel, dando uma breve pausa à guerra de nervos que ambos vinham travando durante a última hora. Dizer que as coisas ficaram um pouco piores quando chegaram à suíte de lua-de-mel era pouco para descrever a difícil situação. Kate havia se trancado no quarto de vestir, recusando-se a sair para ouvir ou argumentar, embora Peter tivesse lhe dito que não poria um dedo nela. A fedelha pensava que ele pretendia reivindicar seus direitos de marido e não havia modo de convencê-la do contrário.

Enquanto caminhava, O'Rourke se virou e deparou com Homer McGillacutty saindo da suíte adjacente.

— A bagagem está pronta para vocês partirem amanhã cedo — disse o sogro num tom baixo e conspirativo.

— Obrigado, senhor. Espero que Kate tenha trazido algo mais prático para usar do que os vestidos que eu vi.

Homer assentiu com a cabeça.

— Providenciei três vestidos de lã e mais um casaco masculino pequeno que deve se ajustar nela. Faz frio nas montanhas.

— Cuidarei bem de sua filha, senhor. Devemos estar de volta antes da primeira nevasca.

— Estou certo que sim. — Homer estreitou o olhar e o fitou. — Kate é minha única filha e não quero que a faça infeliz, ouviu?

— Senhor, ela ficará muito infeliz quando descobrir para onde a estou levando — Peter lembrou ao sogro.

McGillacutty gesticulou impaciente.

— Não é esse tipo de infelicidade que eu quero dizer. Você está apenas seguindo as minhas instruções. Sabe muito bem a que me refiro.

— Kate ficará bem — foi tudo que Peter conseguiu dizer.

O feixe de luz foi seguido pelo breve ruído da crinolina. Kate entreabriu a porta da suíte e espiou pela fenda.

— Não vai me convidar para entrar? — perguntou Peter. Kate se moveu para o lado, porém se manteve cautelosa, para que o marido não fizesse nenhum movimento brusco ao passar pela porta. Ela ainda estava vestida.

— Kate, você parece a Virgem Maria vestida com todo esse branco — observou Peter, arqueando uma sobrancelha. — Por que não fica mais à vontade? Solte os cabelos. Relaxe.

— Meus cabelos já estão soltos — ela informou, pegando uma cadeira e sentando-se a uma pequena mesa.

— Já que não há nada a fazer até eu levá-la para a estação amanhã de manhã — disse ele colocando uma toalha sobre a mesa. — Que tal jogarmos baralho?

— Baralho? — repetiu Kate.

— Pôquer, para ser mais exato. Um dos muitos vícios que adquiri nas minhas viagens.

Kate o encarou com uma expressão desconfiada.

— Nunca joguei.

Peter esparramou as cartas sobre a mesa e fez alguns movimentos com os dedos.

— Ficarei feliz em ensiná-la — disse com indiferença, sem nem sequer fitá-la.

— Tudo bem — ela concordou relutante. — Creio que não há nenhum mal nisso.

— Nenhum. Não vamos nem mesmo jogar a dinheiro. Concorda?

— Concordo. — Kate o observou pegar as cartas e misturá-las. Peter tinha mãos bonitas, ágeis, fortes e flexíveis.

— Eu... eu estou muita grata a você.

— Oh, sim, seu coração está transbordando de gratidão — concordou ele exibindo um sorriso sardônico.

Kate o fitou.

— Está sendo muito bem pago para fazer o que fez — ela o lembrou.

— Sim, estou. — Peter sorriu evidenciando as duas covinhas nas laterais da face, ao mesmo tempo em que colocava as cartas diante de Kate. — Você corta.

Ela o encarou e, em seguida, olhou para o baralho à sua frente.

— Cortar?

O'Rourke mostrou como fazer e pôs as cartas sobre a mesa outra vez.

Devagar, Kate as pegou e dividiu o maço ao meio.

— Assim?

— Você aprende rápido. — Ele juntou o baralho novamente e deu cinco cartas para cada um, tão depressa que os olhos de Kate se arregalaram. — Há vários modos de jogar pôquer, minha pombinha, mas, para começar, eu lhe dei cinco cartas.

— Como posso saber se você não está me enganando? — perguntou ela.

— Não estamos jogando a dinheiro, lembra? E apenas um jogo entre amigos — disse Peter, arranjando suas cartas na mão.

— Não somos amigos — Kate o corrigiu.

— Oh, é verdade, eu quase esqueci. Estamos casados. Isso elimina a possibilidade de uma amizade agora, não é? — Ele estudou as cartas. Então, bateu com a unha nos dentes da frente, chamando a atenção de Kate para os seus dentes perfeitos. — Precisa de alguma carta nova? Ela pousou as cartas na mesa.

— Olhe isso não vai dar certo. Não sei nada sobre pôquer.

Com a mão livre, Peter cobriu a da esposa.

— Deixe-me ajudá-la, Kate. — Pegou as cartas dela e as virou. — Não contaremos esta rodada. Ora, ora, você tem quatro valetes! — exclamou. — Isso teria batido a minha trinca, sabia?

— Trinca? — De que diabo ele estaria falando, Kate desejou saber.

— Trinca significa três — explicou Peter expondo as próprias cartas. — Você me bateu! Sabe o que isso? Sorte de novato, minha querida. — Gesticulando para o balde de gelo sobre a mesa-de-cabeceira, ele ofereceu-lhe uma taça de champanhe. — Kate?

— Não, obrigada. Tomei três taças na recepção.

O'Rourke deu de ombros.

— Isso foi horas atrás. — E ele ficou de pé.

Assustada, Kate arregalou os olhos ao vê-lo retirar com os dentes o lacre ao redor da tampa da garrafa. Os olhos verdes fitaram os dela durante alguns instantes de puro prazer primitivo. Peter segurou a garrafa de encontro à virilha e girou a rolha. Kate o contemplava fascinada. Aquele homem não estava apenas abrindo uma garrafa de champanhe. Parecia um artista em cena. Todos os seus movimentos eram uma sedução calculada!

A tampa explodiu e um jato de espuma espirrou pelos ares. Alguns respingos atingiram o olho de Kate, que ofegou. Ambos se fitaram e riram. Ela se sentia freneticamente alegre, como se estivesse participando de algo secreto e proibido.

O'Rourke se apoiou na mesa, aproximando-se perigosamente de Kate, que sentiu a respiração morna dele tocar-lhe a face. Sabia que deveria se afastar, mas não conseguia

se mover ou desviar o olhar daquele rosto bonito. Num gesto inesperado, Peter tocou-lhe a bochecha com a ponta da língua, onde a gota de champanhe escorria como uma lágrima preguiçosa.

— Não devemos desperdiçar nem uma gota — disse ele sorrindo e então se afastou.

Kate deixou escapar um riso trêmulo. Seu coração batia feito louco. Ela se sentia ao mesmo tempo fria e quente, presa e solta. Era o sentimento mais estranho que já experimentara.

— Quer uma taça? — perguntou Peter.

— Sim, claro. — Para disfarçar seu embaraço, Kate agarrou a taça e a esvaziou com um único gole.

— Devagar — ele aconselhou. — Não quero que fique bêbada. — Assim dizendo, O'Rourke continuou com sua aula de pôquer.

Alguns minutos depois, Kate suspirou.

— Jamais me lembrarei de todas essas regras.

— Não é difícil. Aqui, temos três cartas de um mesmo naipe e um par...

Ela lhe lançou um olhar exasperado.

— O'Rourke, não preciso aprender a jogar pôquer.

— Não esteja tão certa. Uma jovem senhora vagando pelos arredores de San Francisco, sozinha e sem nenhuma habilidade, em pouco tempo se vê sem escolhas. — Os olhos verdes pareciam mais penetrantes do que nunca. — Principalmente se for separada do marido.

— O quê?

Peter riu e abaixou a cabeça, porque Kate parecia pronta para golpeá-lo.

— Espere, ouça-me, Kate. Uma mulher nessas condições acaba procurando emprego como crupiê em um cassino.

— Quanto tempo leva para se aprender a jogar essa coisa?

— Necessita-se de um pouco de prática. — Ele bateu o dedo indicador sobre as cinco cartas à sua frente. — Isto, doçura, é um straight flush. Cinco cartas em ordem consecutiva, todas do mesmo naipe, que, neste caso, é ouros.

Algum tempo depois, Kate abriu a boca para um longo bocejo.

— Que horas são? — perguntou, desejando que o dia amanhecesse logo para poder subir a bordo da diligência. Durante o trajeto para San Francisco, poderia recuperar o sono perdido.

— Dez. — Peter sorriu, dando a cada um duas cartas fechadas e uma aberta. — Examine a sua Kate. Se lhe agradarem, mantenha-as. Caso contrário, descarte-as.

O'Rourke estudou a novata jogadora de pôquer misturar as cartas, fazendo dela o objeto de sua própria meditação. Um corpo daqueles levaria um homem forte a implorar, e um fraco, a se jogar embaixo de um trem para conseguir seus favores.

É claro que ele, Peter, não faria nenhuma das duas coisas, mas não descartava a hipótese de um pequeno e inofensivo entretenimento. Por que não? Perguntou-se. Contanto que não deixasse o jogo escapar-lhe das mãos, por que não exercitar suas

habilidades? Com o diabinho do passado instigando-lhe os desejos, suas mãos começaram a coçar. Antes de colocá-las onde não devia, virou as cartas para cima.

— Quer se divertir um pouco, Kate? — perguntou. — Talvez se interesse em fazer uma aposta.

— Não vou jogar a dinheiro — ela respondeu. — Além do mais, eu tenho dinheiro, e você não.

— Mas ambos temos coisas para permutar. — Uma faísca diabólica flamejou nos olhos verdes. Com extrema habilidade, Peter embaralhou as cartas e começou a distribuí-las novamente.

— Tais como?

Ele calculou depressa quantas peças compunham a indumentária de Kate.

— Se eu perder ficarei lhe devendo oitenta dólares. E se você perder tira uma peça de roupa.

— Uma? — Ela olhou para baixo. — Qual? — perguntou com uma nota de suspeita na voz.

— Podemos começar com o chapéu. — Peter concluiu os procedimentos básicos e descansou os cotovelos na mesa. — Bem, o que me diz? Deduzirei os oitenta dólares do que você me deve, se eu perder.

Kate apanhou as cartas e prontamente descartou duas.

— Meu chapéu contra os seus oitenta dólares! — anunciou ela.

Peter abriu a mão.

— Três valetes e dois cincos.

— Eu tenho... como é mesmo o nome disto? Um full house. Que tal? — Ela mostrou dois reis e três oitos. — Reis valem mais do que valetes.

— Mas uma trinca de valetes vence a sua de cincos. — Peter reuniu as cartas. — Retire o chapéu, Julieta.

Ela riu, fitando-o com seus olhos de gata.

— Não ganhou muito, O'Rourke.

— É só um começo. — Ele estalou os dedos. — Dê-se por vencida.

— De jeito nenhum! — Kate retirou o chapéu cuidadosamente e o pôs sobre o colo. — O que apostaremos a seguir? Seus oitenta dólares contra o quê?

Peter suprimiu o riso.

Sentiu-se tentado a saltar os aperitivos e ir direto ao prato principal. “Meus mil dólares pela sua virgindade.” Mas algo o impediu. De alguma maneira, parecia-lhe mais sábio limitar aquela noite a um pequeno strip-tease. Ele permitiu que seus olhos a contemplassem. Não queria fazer as apostas parecerem assustadoras, mas apenas intrigantes.

— Vejamos... Você decide Kate.

— Que tal minhas meias-calças? Peter sacudiu a cabeça.

— Não é uma troca justa. Oitenta dólares contra um par de meias de seda? Tenha

dó!

— E se eu tirar as ligas? — ofereceu ela com uma risadinha.

O'Rourke se fingiu chocado.

— Minha senhora, não tenho a intenção de ser tão cruel, pelo menos não a esta altura do jogo. Que tal o seu véu?

— Não é tão ousado quanto imaginei — disse Kate, aceitando a proposta.

Peter ganhou outra vez com dois pares.

— Quer continuar a apostar? — perguntou ele, oferecendo as cartas.

Kate apostou e perdeu os sapatos e as luvas.

—Agora está começando a ficar interessante — comentou Peter com um brilho cínico no olhar. — Meus oitenta dólares pelo seu vestido, Sra. O'Rourke.

— Não me chame assim! — ela gritou mais aborrecida pelo seu novo nome do que pela possibilidade de perder o vestido. — Certo, o vestido, mas não por oitenta dólares.

— Cem?

— Sim. E desta vez vou ganhar! — declarou Kate, enfática. E ganhou. Peter precisou tentar mais duas vezes, antes de lhe arrancar o vestido.

Capítulo III

Escondendo-se atrás de um biombo em um dos cantos do quarto, Katherine lutou para desabotoar as costas do vestido.

— Está brincando com fogo — disse Peter.

— Talvez sim, mas agora só lhe devo oitocentos dólares. — Por fim, após bastante esforço, ela conseguiu se livrar do traje. A seguir, jogou-o por cima do anteparo.

— Aí está o vestido! Agora me passe o meu roupão, que está na minha mala — disse num tom imperioso.

— Isso acabaria com o propósito de fazê-la tirar o vestido. Vamos, Kate. Prometo que não porei um dedo em você.

— Jamais! — gritou ela.

— O jogo está acabado. E óbvio que você não é mulher o bastante para ser uma jogadora. — Peter sentou-se outra vez, recolheu as cartas e as colocou no bolso. Inclinando a cadeira para trás, fechou os olhos e cruzou os braços sobre o tórax.

Desconfiada, Kate aguardou atrás do biombo, esperando que ele se movesse. Depois de alguns minutos se remexendo de um lado para outro, reprimiu um espirro. Será que teria de passar a noite seminua ali naquele canto?

— Peter? — sussurrou por fim, temendo que ele tivesse adormecido.

Com exceção de um suspiro lento, o silêncio predominou.

Bem, poderia sair. Ele tinha ido dormir, concluiu Katherine, olhando para a sua mala. Levaria apenas alguns segundos para correr até lá e pegar seu roupão.

— Se tocar nisso, Kate, perderá os duzentos dólares que ganhou de mim — sussurrou uma voz grave em seu ouvido.

Dando um grito agudo, Kate pegou o roupão e correu para o outro lado da cama.

— Não se aproxime de mim! — ela o advertiu.

— Deixe isso — ordenou Peter, avançando com um sorriso ameaçador.

Cobrindo os seios o melhor que pôde, Kate tremeu alarmada, diante do olhar penetrante de O'Rourke, que estendeu a mão e pediu o roupão. Cordata, ela o entregou.

— O que vai fazer? — sussurrou, sentindo a boca secar de repente.

Incapaz de se conter, Peter tomou-lhe a mão e beijou-lhe as pontas dos dedos, uma por vez, fitando-a direto nos olhos.

— Oh... — murmurou Kate, engolindo com dificuldade. — Meu Deus...

O'Rourke riu.

— A escolha é sua. Quer continuar a jogar mais strip-pôquer?

Kate assentiu com a cabeça, ansiosa para concordar, contanto que ele não fizesse... bem, contanto que ele não tentasse nada. Deslizando a ponta da língua pelos lábios trêmulos, ela o seguiu até a mesa como um cachorrinho obediente. Peter apontou a cadeira e Kate se sentou.

Afundando o máximo que pôde atrás do tampo da mesa, Kate amaldiçoou-se por ser tão covarde. O'Rourke não a tocara, apesar de seus trajes sumários. Mas aquele sorriso era uma ameaça à sua paz de espírito.

— Agora sou eu que estipulo a aposta. — A voz máscula soou carregada de ironia. — Suas anáguas pelos duzentos dólares que perdi para você.

Ela o encarou à luz dos primeiros raios da aurora. O'Rourke pretendia deixá-la nua!

— Peter, pode ficar com o dinheiro se me devolver as minhas roupas.

— Não, Kate. Minha linda Kate, minha delicada Kate, a mais doce Kate em toda a cristandade — ele declamou num tom eloqüente e com uma das mãos no coração. — Eu as ganhei honestamente. — E começou a rir outra vez, sem tirar os olhos dela um só instante.

Um choramingo escapou da garganta de Katherine, como o de um animalzinho indefeso que reconhece sua impotência diante de um predador.

— Lembre-se que sou novata no jogo.

— Todos têm que aprender as regras algum dia — respondeu Peter com aparente indiferença e a mente focalizada nos seios dela.

Em algum lugar daquela guerra de nervos, Kate cruzou uma linha invisível. Se O'Rourke pretendia seduzi-la antes de libertá-la pela manhã, não o deixaria rir por último. Não haveria vítimas ou derrotados. Mas, se houvesse, não seria ela, decidiu.

Ao descartar duas cartas, Peter a fitou confiante e notou uma mudança sutil no semblante de sua linda oponente. Não estava mais encolhida como uma donzela assustada. Corrigira a postura e seus olhos esquadrihavam as cartas como um veterano trapaceiro. A pele cremosa de seus ombros e seios brilhavam a luz amarela da lamparina.

— Muito bem. Vejamos como você fica sem algumas das suas roupas — disse Kate, inocente demais para perceber que ficar nu na presença dela não significava nenhum castigo para Peter. Sua ousadia devia-se a ter em mãos uma quadra de oitos. — Quero seus duzentos dólares, suas botas, casaco e calças em troca das minhas anáguas, meias e ligas.

— Certo. Se você insiste... — disse ele, tamborilando no tampo da mesa e parecendo bastante distraído.

— Mostre as suas cartas — pediu Kate, erguendo o queixo em desafio.

— Muito bem. — Peter baixou as cartas, uma de cada vez. — Olhe-as e lamente minha querida.

O sorriso de Kate enfraqueceu mais rápido que um cão de pradaria se enfiando em uma cova. Todas as suas esperanças de vencê-lo e expô-lo ao ridículo esvaíram-se. Com a face lívida, Kate baixou seu jogo em silêncio.

— Suas cartas não são boas o bastante — disse Peter, compreensivo.

— Não espera, de fato, que eu me dispa na sua frente! — ela exclamou.

— Hora de pagar o que deve doçura.

O tom de voz suscitava todas as coisas que ela mais temia. Onde estava sua coragem agora? pensou desesperada. Umedecendo os lábios, olhou ao redor do quarto, procurando um buraco onde se enfiar.

— É claro que se não honrar as suas dívidas... — continuou Peter, recolhendo as cartas.

— Eu nunca volto atrás na minha palavra.

— É mesmo? — ele perguntou sarcástico. Kate ergueu-se e dirigiu-se ao biombo.

— Não! Volte Kate. — O comando na voz de O'Rourke a fez virar-se como uma marionete nos fios. — Se tivesse ganhado nossa pequena aposta, duvido que me

deixasse ir para trás desse biombo.

Kate apalpou as fitas que lhe sustentavam as anáguas. Uma de cada vez, estas foram deslizando para o chão. O'Rourke não tirava os olhos das linhas perfeitas de seu corpo e, de repente, ela percebeu o que aquela penalidade lhe custaria.

A quarta anágua caiu. Kate estava agora apenas com um espartilho, chemise e calçolas. Meias de seda com rosetas bordadas e ligas azuis exibiam as mais bonitas pernas que Peter já vira.

— Pronto! — disse ela, cruzando os braços sobre os seios num gesto protetor. — Está satisfeito?

— Sua aposta incluía as meia e as ligas — ele lembrou-a. — Honesto e justo, meu amor.

Sem tirar os olhos do príncipe das trevas que a havia atraído para aquele empreendimento impetuoso e arriscado, Kate sentou-se, retirou as peças e as atirou na direção de Peter.

— Levante-se — disse O'Rourke, espreguiçando-se na cadeira.

Kate o fitou confusa. O que mais ele queria? perguntou-se.

— Ainda está usando o maldito espartilho — Peter disse. Kate desatou o espartilho e o deixou cair sobre o tapete.

Com as mãos unidas em súplica inconsciente, encarou a estrutura feita de barbatanas de baleia como se fosse tudo que restasse entre ela e a ruína completa.

O'Rourke ergueu-se, atraído pela encantadora criatura que se encontrava de pé, vestida apenas com um chemise de seda e calçolas. Os grossos cabelos ruivos lhe caíam ao redor dos ombros. A competição terminara e Peter saíra vencedor. Mary Katherine estava tremendo diante dele.

Incapaz de se conter caminhou na direção da esposa com deliberados passos lentos.

— Ah, Kate, que mulher perigosa você é — sussurrou, inclinando-se para inspirar o inebriante perfume feminino.

Cristo! O que estava fazendo? Seria tão tolo a ponto de deixar seus instintos mais primitivos sobrepujar-lhe o ego? De repente, percebeu que o real perigo não residia naquela mulher tentadora, mas em seu próprio egoísmo.

Apenas sete anos e meio os separavam em idade, porém em experiência de vida havia uma enorme cratera entre os dois. Podia perceber que Kate se sentia atraída... fascinada por todos os seus movimentos. Mas era uma jovem emocionalmente despreparada para dar o próximo passo. Maldição, ela nem o considerava seu marido!

Em que fui me meter? pensou Peter parado diante de Kate. Olhando para as próprias mãos, desejou saber se a vida não se assemelhava a um baralho. Um homem tinha de pegar as cartas que recebia e jogar. Para ganhar ou perder.

— Dê-me suas mãos, Kate — pediu num tom suave. Depois de uma breve hesitação, ela obedeceu, e Peter beijou-lhe cada uma das palmas. — Peço que me perdoe por ter ido tão longe — Nesse instante, seus olhares se encontraram e Kate percebeu uma estranha mistura de pesar e frustração nos olhos dele. — Você está segura comigo.

— Eu... eu sei... — ela respondeu, desejando compreender aquela súbita mudança de humor. Num minuto Peter era agressivo, cínico e sedutor, e no outro, intenso e cuidadoso. Naquele preciso instante, parecia tão sério!

Peter puxou as mantas e a levou para a cama.

— Deite-se — ordenou gentil. — Precisa dormir um pouco antes de partirmos pela manhã. Eu dormirei na cadeira.

Kate o fitou mais confusa do que nunca.

— Peter?

Ele sorriu, segurou-a pelos ombros e a fez sentar na extremidade da cama. A seguir, ergueu-lhe as pernas e a deitou, cobrindo-a com a manta até o queixo. Soprou o pavio da lamparina e beijou-a na testa como uma babá faria para confortar uma criança.

— Boa noite, Kate.

Eram quase quatro horas da tarde quando a diligência chegou a Strawberry Point.

Grata por uma parada de quarenta minutos enquanto os cavalos eram substituídos, Kate se rendeu sem resmungar aos braços fortes que a ergueram do carro.

— Clemência! — suspirou ela, agarrando-se ao pescoço de O'Rourke. — Acho que batemos em todo toco de árvore e buracos existentes na estrada.

— Aquele condutor é um dos melhores — disse Peter, pousando-a no chão. Em seguida, escoltou-a até uma estalagem, onde o condutor, Hank Monk, dissera que os viajantes poderiam tomar uma xícara de café grátis. Não era exatamente a oferta mais irresistível que Kate já recebera, mas pelo menos poderia descansar durante alguns minutos.

— Estarei de volta logo, logo — informou O'Rourke, e cruzou o pátio para ir falar com um homem descalço de calça de brim azul, uma camisa de flanela e um boné de tricô. Ao vê-lo escarrar no chão, Kate se virou com o estômago revoltado.

Dois caçadores ou escoteiros, quatro homens de uniforme azul do exército e pelo menos uma dúzia de lenhadores circulavam pelo pátio. Aproximadamente vinte mulas com mercadorias e alguns cavalos selados aguardavam amarrados na extremidade da clareira.

Era a primeira vez que Kate se via exposta à vida reduzida às necessidades mais simples. Parecia-lhe incompreensível como as pessoas podiam deixar tudo que o Leste oferecia para morar num lugar daqueles.

— Café, madame? — perguntou uma mulher indígena de tranças.

— Sim. Por favor. — Kate tomou assento nas pranchas de madeiras que serviam de bancos. Preocupada, pousou a xícara e perguntou educadamente: — Você vive aqui?

— Sim, meu marido é o vaqueiro chefe da Overland Stage. Vivemos aqui há três anos — explicou a mulher. — E muito felizes.

— Que bom... — murmurou Kate. Na manhã seguinte chegaria a San Francisco, onde todo o luxo estaria disponível para os que podiam dispor dele, pensou. — Obrigada pelo café — agradeceu, erguendo-se.

— Já vai partir? — perguntou a índia.

— Não, mas quero esticar as pernas e respirar um pouco de ar fresco.

— Boa sorte. — A mulher sorriu e se dirigiu a pia na bancada de madeira.

Pobre criatura! Não sou a única aqui que precisa de sorte, concluiu Kate, erguendo as saias para caminhar. Ela piscou e deu uma olhada ao redor. O'Rourke estava rindo e brincando com o grupo de sujeitos mais mal-encarados que ela já vira na vida. Então, percebeu que ele havia trocado de roupa. Seu traje não diferia muito dos outros. O que estaria acontecendo? desejou saber.

De repente, Peter reclinou a cabeça e soltou uma longa baforada de tabaco sobre um lagarto. O lenhador baixo, que Kate notara ao chegarem, bateu amigavelmente nas costas de O'Rourke.

— Olho de Touro! — gritou o homem.

Oh, santo Deus, O'Rourke! ofegou Kate, não acreditando naquela súbita mudança de modos. Ele parecia um camaleão.

Como se seu cérebro tivesse enviado uma mensagem telepática ao dele, Peter fez-lhe um aceno com a mão, trocou algumas breves palavras com dois dos homens e caminhou na sua direção.

— Tudo pronto? — perguntou.

Kate cruzou os braços e bateu o pé, impaciente.

— Francamente, O'Rourke, que exibição mais rude! Ele deu de ombros.

— "Na terra onde fores viver, farás como vires fazer", Kate.

— Este lugar é sujo e repugnante. Ficaria grata se me colocasse de volta naquela carruagem e...

— Sinto muito, Sra. O'Rourke. Este é o fim da linha — informou Peter, sabendo que já era hora de lhe contar a verdade.

— Não me chame assim e pare de brincar! — replicou Kate, dando-lhe as costas.

Peter segurou-a pelo braço.

— Não vai para San Francisco, Kate. Você virá comigo.

— Solte-me agora mesmo! — vociferou ela, lutando contra o aperto possessivo. — Não vou a lugar nenhum com você!

— Pense duas vezes, Kate. Você é minha esposa e irá para onde eu for. E, agora, estou de partida para as montanhas. Deve ter-me ouvido mencionar Diablo Camp.

— Isso não faz sentido, O'Rourke. Nosso acordo... — Kate respirou fundo e tentou novamente, certa de que aquilo tudo não passava de uma grande piada. — Eu lhe paguei assim que você me pôs na estação de Virginia City. Estamos quites um com o outro, lembra-se? Você segue o seu caminho e eu o meu certo?

— Errado. Você vai comigo para Diablo Camp.

— Uma ova que eu vou!

— Cuidado com o vocabulário, Kate. — Peter riu e pousou os lábios sobre os dela.

Kate permaneceu imóvel até ele parar de beijá-la.

— Estou voltando para aquela diligência — ela informou, tentando se libertar.

— Eu sabia que você significava problemas no instante em que a vi. Infelizmente,

não tenho muito tempo para discutir. Lá está a sua bagagem. E você virá. Quer queira ou não!

— O'Rourke, pare com isso! — gritou Kate, atingindo-o com ambos os punhos. — Oh, socorro! Alguém me ajude! Este homem está me seqüestrando... — gritou, olhando ao redor à procura de ajuda. Então, percebeu que os madeireiros atrás deles estavam rindo dela. Rindo de fato! Que tipo de homens era aqueles que não erguiam um dedo em defesa de uma mulher? Enfurecida, debateu-se para se ver livre do braço de Peter e arrastou os saltos dos sapatos para reduzir a velocidade do progresso deles até as mulas. — Meu Deus, você é louco! Eu não... vou!

— É o que veremos Katie O'Rourke. — Peter a jogou sobre o ombro e continuou a andar.

— Espere até meu pai saber disso — ameaçou ela, arranhando-o como um gato acuado. — Ele vai cortá-lo em pedacinhos e... e o usará como isca para peixe! Vai pendurá-lo pelos dedos.

— Sinto muito desapontá-la, mocinha. Mas isso foi idéia dele. Inclusive o nosso casamento. Se a escolha tivesse sido minha, você teria se casado com aquele capataz da mina. Homem de sorte aquele — acrescentou Peter.

Quando O'Rourke a acomodou no lombo de um burro, Kate saltou sobre ele chutando-o e esmurrando-o freneticamente.

— Desgraçado! — E fincou-lhe os dentes no braço, fazendo-o soltar uma imprecação. — Juro que vou matá-lo, O'Rourke!

— Acho que vamos acabar nos matando — concordou Peter, tentando salvar sua camisa da mordida da esposa.

Jesus, a criatura sabia lutar! Jamais conhecera uma mulher igual! Não era de admirar que o pai queria que um homem mais jovem assumisse a tarefa de tentar domesticá-la!

— Ai! — Kate queixou-se quando sua cabeça bateu em cheio contra os músculos rígidos do abdômen de O'Rourke.

Irritado, ele a segurou com aspereza, tentando subjugá-la. Nesse instante, se deu conta de quanto estava excitado. Seu membro rijo pulsava de encontro ao tecido da calça, enquanto Kate se esforçava, em vão, para machucá-lo. Peter gemeu em voz alta. Toda aquela luta parecia aumentar o desejo que sentia por Kate.

— Mentiu para mim, miserável! Você e papai me traíram! — Solte-me! Você mentiu você...

— Sinto muito, Kate. É melhor aceitar as coisas como elas são. Na alegria ou na tristeza, lembra?

— Eu te odeio, sabia? — Ela se preparou para golpeá-lo na face com a cabeça, o que, por certo, quebraria o nariz de Peter.

Bem, aquilo já era o bastante, pensou O'Rourke. Decidido, agarrou-a pelos cabelos e a conteve do modo mais rápido que conhecia. Beijou-a com sofreguidão.

Peter sentiu o arrepio de Kate quando suas línguas entraram em combate. Dois contendores presos em uma luta pela sobrevivência e supremacia. Notando a resistência da oponente oscilar, aprofundou o beijo para lhe mostrar que pretendia fazê-la engolir todas as palavras ofensivas que ela lhe dissera.

De repente, Kate ficou flácida em seus braços. Alarmado, ele se afastou. Ela teria desfalecido? Não, não tinha. Estava ofegante, com os olhos vidrados de paixão e os lábios úmidos e intumescidos. Claramente excitada.

—Algun outro argumento? — perguntou num tom ameaçador.

Kate sacudiu a cabeça, não especialmente ansiosa para descobrir o que mais Peter faria se ela dissesse outra palavra.

— Agora quero deixar bem claro. Ai de você se não andar na linha.

Ambos se fitaram como dois selvagens competindo pela caça.

A dez passos dali, um madeireiro tossiu discretamente, e Peter virou-se para perceber a evidente preocupação do homem.

— Estamos em lua-de-mel, Jansen. — Ele piscou. — Minha esposa ainda está fazendo alguns ajustes para se adaptar à vida de casada.

O madeireiro acenou com a cabeça e se moveu rebocando três mulas atrás dele.

— Oh, Deus me ajude! — disse Kate enquanto O'Rourke a atirava sobre o lombo de um dos animais. De fato, estava se sentindo um pouco zonha nos braços do marido e não era por causa da altitude. De repente, foi atacada por um terrível pressentimento. Ela e Peter eram as duas pessoas mais incompatíveis para viver juntas. Por certo, Deus a estava castigando por haver mentido no altar!

A caravana de homens e suprimentos rumou em direção ao nordeste, seguindo um caminho entrecortado pelas montanhas e as gigantescas árvores da floresta. Com as costas rígidas de raiva, Kate os acompanhava, lutando contra a crescente convicção de que nunca mais veria a civilização. Em minutos, seu mundo de privilégios e confortos lhe fora usurpado. E ali estava ela, um ser cativo, sendo levada para uma selva desoladora, cercada de perigos, elementos hostis... e O'Rourke, em quem confiara seu destino.

Não acreditava que alguém viesse em seu socorro. Talvez ninguém soubesse ou se preocupasse com o que lhe acontecera. Se O'Rourke tivesse dito a verdade, nem mesmo seu pai a ajudaria.

Teria de se livrar daquela situação sozinha. Era como um sonho ruim. Mas de alguma maneira conseguiria escapar daquele pesadelo.

As longas sombras do fim de tarde enfraqueceram, dando lugar ao crepúsculo. A jornada continuava, cada vez mais para o alto, até o ápice. O guincho de um falcão solitário que voava no céu apenas aumentou sua sensação de isolamento.

Um pouco à frente, Jigger Jansen puxou as rédeas da mula que montava, levando a caravana a uma parada abrupta.

— Passaremos a noite aqui — anunciou, sinalizando para que os homens desmontassem.

Ao luar, O'Rourke a viu cambaleiar na sela e ficar flácida. Proferindo uma rápida imprecisão, esporeou o cavalo e a segurou antes que Kate caísse e batesse com cabeça no chão.

Desmontou, tomou-a nos braços e a colocou sobre a vegetação rasteira recoberta de flores-do-campo.

Ainda zonha e aturdida, Kate se afastou e se ergueu.

— Deixe-me em paz, seu bast...

Antes que ela pudesse terminar a palavra, Peter tampou-lhe a boca com a mão.

— Cuidado com o linguajar, moça. — Ele se aproximou, enchendo-lhe a visão de raios de luar prateados que refletiam em seus cabelos loiros. — Está desperta agora? — perguntou afastando a mão.

Kate não precisava que alguém lhe dissesse o terrível perigo que estava correndo. Encarou O'Rourke cansada e faminta demais para começar uma briga. Mas prometera a si mesma que se sobrevivesse àquela noite, se vingaria, nem que fosse a última coisa que fizesse na vida.

— Kate, você está tremendo. Por que não disse que estava com frio? — Sem mais uma palavra, Peter dirigiu-se ao alforje no lombo de um dos animais e pegou um grosso casaco de lã. — Vista isto. Você está quase congelando.

Kate se afastou e jogou o agasalho no chão. Depois de tudo que o traidor lhe fizera, como ousava parecer preocupado? perguntou a si mesma.

— Não quero o seu casaco ou a sua piedade. Quero apenas distância de você.

A expressão de Peter endureceu.

— Já sei... San Francisco. Sinto muito, mas largar uma donzela inocente em uma cidade liberal não seria o melhor para você.

— Eu decido o que é melhor para mim. — Enxugando a face molhada de lágrimas com as costas da mão, Kate recusou-se a encará-lo.

— Aceite isso como um conselho oferecido por um pródigo a outro. — Peter se ajoelhou e ajudou-a com as mangas do casaco. Em seguida, o abotoou e aconchegou a gola ao redor do queixo de Kate. — Pronto! Pelo menos não morrerá de frio.

— E quem se importa? Papai não me ama, ou jamais teria feito uma coisa dessas comigo.

— Não seja tão dura com ele. Você certamente mereceu.

— Isso não é desculpa. Sou mais esperta do que vocês dois imaginam. Posso muito bem me virar sozinha. Tenho dinheiro.

Com as emoções confusas, Peter estudou-a.

— Quanto você tem?

— O suficiente, seu patife, mesmo depois de lhe pagar mais do que mereceu. — Em seu desejo febril de se ver livre, uma idéia lhe veio à mente: talvez ele a deixasse voltar para casa ou pelo menos para Strawberry Point, se lhe oferecesse dinheiro. — Oh, está bem. Sobraram-me oitocentos dólares. Mas posso conseguir mais. Tenho certeza que posso. — Kate sabia que a mãe a ajudaria quando soubesse o que lhe havia acontecido. — Quanto quer O'Rourke? Se for dinheiro de resgate que deseja, posso conseguir.

— Poupe seus esforços. Não estou interessado. — Ele a largou e fitou o fogo com uma expressão desolada. — Que alma mercenária, Kate! Você e seu pai só pensam em dinheiro?

A repulsa de Peter a pegou de surpresa. Não esperava que ele rejeitasse a oferta.

— Não! Mas se o dinheiro me livrar deste pesadelo, estou disposta a negociar.

Por alguns instantes, O'Rourke sentiu-se tentado a lhe dizer que a levaria de volta a

Strawberry Point na manhã seguinte. Mas sabia que não podia voltar atrás. Tinha obrigações para com Homer e para com ela como sua esposa, gostando ou não.

— Tenho certeza de que pode ser comprado — zombou Kate.

— Cristo Todo-Poderoso! Você é mesmo uma garota corrupta — disse ele num tom baixo para que ninguém os ouvisse. — Aceitei esse fardo quando fiz meus votos no altar.

— Não pode dizer isso! Não sou sua esposa! E nunca serei! O nosso acordo não era um casamento de verdade. Era... — Fechando os olhos, Kate respirou fundo. Devia estar perdendo o juízo, pensou. Não era capaz de enfrentar de novo aqueles penetrantes olhos verdes! O que importava se Peter era o homem mais bonito que ela já vira? O salafrário a havia enganado! — Isso é ultrajante, O'Rourke.

— Temos um contrato legal, Kate. Pretendo manter minha palavra, contanto que seja humanamente possível.

— Oh, Deus! — gemeu Kate. — Não aceitei nada disso.

— Acredite em mim. Estou tão indignado quanto você. Repugno a idéia de ter me casado obrigado. — O forte aroma de café havia atraído os homens até a fogueira. Peter usou a desculpa de ir buscar duas xícaras para eles e se afastou.

Ao retornar, puxou Kate pela mão e a levou a um canto, onde poderiam conversar reservadamente.

— Vamos deixar uma coisa bem clara: não insistirei nos meus direitos conjugais. Pode manter sua preciosa virgindade.

— Muito obrigada. — Enquanto tomava um gole de café, Kate o estudou com o canto dos olhos, desejando saber se tinha sido por isso que ele não a tocara na noite de núpcias. Mas é claro que o assunto era ridículo demais até mesmo para especular. Deveria agradecer a Deus por Peter a ter deixado em paz.

— Quer que eu acredite que o meu seqüestro e todo o resto é porque você é de fato um bom caráter? — As palavras foram proferidas com sarcasmo.

— Não. Muito pelo contrário. Sempre levei uma vida egocêntrica. Sou o filho pródigo que desperdiçou tanto a fortuna da família que meu pai se recusa a me receber de braços abertos, por medo que eu queira tirar vantagem outra vez. E se eu tivesse chance, provavelmente faria isso de novo. Quem sabe?

Kate precisava de tempo para acreditar que alguém pudesse ter coragem de admitir uma vida tão perdida.

— O que o faz pensar que eu me tornaria uma filha pródiga como você, O'Rourke?

— Simples dedução — com essas palavras, Peter curvou a cabeça e plantou-lhe um beijo no nariz atrevido. — Relaxe, Kate. O jantar está quase pronto — informou, deixando-a aturdida nas sombras para refletir sobre o que acabara de lhe dizer.

— A comida está pronta — chamou um velho desdentado com uma concha na mão.

Kate se aproximou. Seu estômago se encontrava em tal estado que teria comido um urso, se o pobre animal tivesse aparecido no acampamento.

— Kate, este é Jigger Jansen. — Peter indicou o sujeito descalço a quem os homens da caravana se submetiam abertamente.

— Madame. — O sorriso estreito de Jigger não lhe alcançou os olhos. O sujeito

considerava azar ter mulheres no acampamento. Elas deviam ficar em casa, lugar a que pertenciam. — Inferno, isso não é da minha conta — disse dirigindo-se a O'Rourke —, mas tem idéia de onde está metendo a sua esposa? Seria melhor que os homens esquecessem as mulheres até chegar à cidade na primavera.

— Posso controlar isso — respondeu Peter num tom calmo. — Minha esposa não se afastará dos arredores do acampamento, eu garanto.

— Hum... Estive pensando, Casey, que tal se lhe cedêssemos a cabana do desbastador quando chegarmos ao acampamento?

Casey? Kate arqueou as sobrancelhas. Seu marido de mil facetas teria um pseudônimo? Mas, em seguida, lembrou-se que ele usara Casey como nome do meio durante a cerimônia de casamento.

Forçando um sorriso, ela falou para Jansen:

— Por favor, não incomode ninguém por minha causa.

— Não será incômodo nenhum.

— Oh, bem... nesse caso, se o Sr. O'Rourke concordar, por mim tudo bem. — Kate tentou não demonstrar o quanto repugnava a idéia de compartilhar uma cabana.

Peter passou o braço ao redor dos ombros da esposa e abraçou-a.

— Tenho certeza de que podemos sobreviver em qualquer lugar.

Depois das formalidades, todos se calaram e comeram.

Kate ingeriu a comida depressa para se fortalecer e enfrentar a longa noite que teria pela frente. Seus músculos estavam tensos e a perspectiva de seguir viagem pela manhã, montada naquela mula, a deixou desanimada. Mas era inevitável. Ouvira os homens falarem sobre alcançar Diablo Camp na tarde do dia seguinte. O nome do acampamento era bem adequado, levando em conta que seu companheiro o escolhera para viver.

O'Rourke comeu com os homens, fumou um charuto e se uniu a eles por algum tempo em uma alegre brincadeira.

O maldito colocava uma máscara para cada ocasião, pensou Kate, sombria, sentada em um tronco de árvore.

— Sra. O'Rourke — chamou Peter de repente. — Que tal ajudar Al com os pratos?

Ela ergueu o queixo.

— Deve estar equivocado, querido Casey — disse com um débil sorriso nos lábios. — Minhas habilidades com o trabalho doméstico são lendárias... Ou meu pai não lhe falou sobre o quanto sou inútil?

Peter apontou um dedo para Al, o cozinheiro.

— Sem desculpas, minha querida. Todo o mundo nesta caravana trabalha para comer, e isso a inclui.

Sua carranca autoritária quase se perdeu quando Kate o fitou com desdenho. Era uma jovem magnífica, ele pensou. Mas não podia deixá-la continuar com aquela rotina de pirralha mimada. Os homens o estavam avaliando. Se não pudesse dobrar a esposa, sabia que enfrentaria dificuldades para fazê-los trabalhar, também.

Os olhos verdes de ambos se enfrentaram. O acampamento ficou silencioso e Kate sabia que o marido estava esperando. Peter cruzou os braços sobre o peito largo e trocou

a posição das pernas.

— Certo, eu não faria nada que desagradasse a meu marido, não é? — concordou cínica; levantou-se e caminhou em direção à bacia de pratos.

Os madeireiros tomaram fôlego com um suspiro audível. O'Rourke tinha voz ativa com a mulher e isso o deixava em ótima posição com a turma inteira.

— Lembre-me de colocá-la na folha de pagamento, Kate — disse Peter, dando-lhe um tapinha brincalhão quando ela passou por ele.

— Estou com medo. Nunca fiz isso antes — confidenciou Kate ao cozinheiro.

Al lhe dirigiu um sorriso desdentado e pegou a esponja.

Para imenso alívio de Kate, lavar pratos não requeria um talento excepcional. Era só molhar e esfregar.

Al se virou é se afastou após esfregar uma chaleira grande. Erguendo a bacia, lançou a água na escuridão do mato. De volta, fixou a panela, com um tinido ressonante, no toco que usava como mesa de trabalho. — Tem água quente no fogo. Pode usá-la, madame.

Kate decidiu pôr os flocos de sabão primeiro e então jogou água por cima. Com cautela, ergueu a pesada panela de ferro da fogueira e tornou a encher a bacia. Uma tarefa simples, mas quando terminou de esfregar e enxugar os pratos sentia um pequeno senso de realização. Então, seguindo o exemplo do cozinheiro, arremessou a água nos arbustos.

— Jesus, Maria e José! — veio um grito da escuridão. — Um sujeito não pode nem sequer se aliviar, sem ser escaldado até a morte?

A reclamação do homem foi seguida pela risada dos companheiros, que começaram a especular sobre os efeitos que a água fervente poderia causar à vida amorosa da pobre criatura.

Kate desejou que o chão se abrisse e a engolissem.

— Eu... eu sinto... muito — gaguejou. Transtornada, jogou o pano de prato no chão e mergulhou na escuridão à procura de O'Rourke. Pelo menos o vocabulário dele era melhor do que o daqueles madeireiros!

Com a pressa, tropeçou sobre uma estaca de barraca, machucando o dedo do pé.

— O'Rourke? Onde está você? — sussurrou frenética, pulando em uma perna só. Não queria cometer outra gafe entrando na barraca errada.

De repente, certa mão surgiu da escuridão e a agarrou.

— Estou aqui — respondeu ele, puxando-a para o meio da floresta.

— Para onde estamos indo? Pare, por favor. Não consigo enxergar nada!

— Ficaremos afastados dos outros viajantes — comentou Peter, parando tão de repente que Kate quase colidiu com as suas costas.

— Tem certeza que é seguro? — indagou ela. — Quero dizer... Refiro-me aos animais selvagens.

— Os únicos animais selvagens com os quais deve se preocupar são aqueles homens.

— Pare O'Rourke! — Kate empacou. — Preciso... bem, não sei como lhe dizer... Os homens não são os únicos a responderem ao chamado da natureza.

— Ora, por que não disse isso antes? Venha.

Peter começou a se livrar de um emaranhado de galhos.

— Você não pode vir comigo! — ela gritou. — Vá embora. Espere perto da barraca.

Ele riu.

— Tem certeza de que consegue achar o caminho de volta sozinha?

— Eu me viro — Kate respondeu e, no momento seguinte, caiu sobre uma raiz de árvore. Peter foi até a moita e ajudou-a a se erguer. Mordendo o lábio para abafar a dor de um joelho ralado, ela ficou feliz por não ter um espelho para conferir sua aparência miserável. — Pode ir agora.

Kate esperou até se certificar de que o marido se afastara uma boa distância. Ao retornar, caminhando por entre os arbustos, sentiu a presença dele.

— Espero que não tenha se sentado em nenhuma urtiga — zombou Peter.

— Oh, você adoraria, não é? — rebateu Kate e, sem mais cerimônias, rastejou até a pequena barraca. Tateando ao redor, localizou uma coberta sobre alguns ramos de pinho. O aroma era inesperadamente fresco e convidativo. Entretanto, segundos depois percebeu que não estava só. — Espere um minuto! Você não pode entrar aqui. — Desesperada, tentou se erguer, mas o braço forte de Peter envolveu-a pela cintura, fazendo-a deitar-se.

— Estou lhe provendo um pouco de calor humano, nada mais, Sra. O'Rourke - murmurou ele em seu ouvido.

— Por favor... — Kate umedeceu os lábios, feliz pela escuridão esconder-lhe a face vermelha. — Não... me toque O'Rourke.

Ela tremia nos braços de Peter como folhas em uma ventania.

— Se eu não dormir aqui, Kate, quanto tempo acha que levará para esses madeiros barulhentos decidirem lhe fazer uma visita? — perguntou ele.

— O que eu lhe fiz? — quis saber Kate, que se encontrava aninhada no reconfortante calor dos braços do marido. De imediato, suas narinas detectaram o cheiro masculino misturado ao odor lânguido de couro, fumaça e madeira. Aturdida, lutou para pôr um pouco mais de distância entre ambos, mas O'Rourke a puxou e abraçou-a com força contra o peito.

Kate manteve-se acordada o máximo que pôde. Todos os sons da noite, como a serenata de um coiole em uma colina próxima, chegavam aos seus ouvidos. Por fim, não pôde mais resistir. Aconchegando-se no abraço morno de seu pior inimigo, mergulhou num sono profundo.

— Acorde dorminhoca!

Kate empurrou a mão que intencionava perturbar-lhe o sono.

— Deixe-me dormir — protestou, rolando sobre o estômago.

O'Rourke a sacudiu mais uma vez.

— Ande, você é a ajudante do cozinheiro. Agora, erga-se ou terei de levantá-la e atirá-la no riacho.

Kate o encarou por entre os cachos ruivos e gemeu. Oh, Deus, venderia a própria alma para não pôr os olhos naquele homem novamente.

— Não fique me dando ordens — advertiu-o. — Posso ser sua prisioneira, mas não sou sua escrava.

— Está enganada — informou Peter, empurrando-a para fora da barraca. — Ela caiu de quatro sobre o solo arenoso. — Facilite as coisas para si mesma. Se trabalhar, come. Caso contrário... — O resto da ameaça ficou no ar.

— Se me deixar levantar... talvez possamos discutir como duas pessoas civilizadas.

— Com prazer — disse ele, afastando-se para o lado. Kate se ergueu e lhe desferiu um soco no estômago. Suas juntas rangeram de dor, mas não lhe daria a satisfação de saber quanto aquilo lhe custou.

— Já estou lhe devendo três, Katie O'Rourke.

— Por que parar em três? — perguntou, enfurecida, erguendo-se e acertando-lhe outro soco, dessa vez no maxilar.

— Maldição, mulher! — Peter se esforçou para contê-la e ambos acabaram caindo no chão. Numa luta furiosa, rolaram de um lado para outro, levantando uma nuvem de poeira. Kate o chutou e o insultou, chamando-o dos piores nomes que conhecia.

Conseguindo prendê-la pelos braços, O'Rourke segurou-a pelo queixo e tomou-lhe os lábios num beijo longo e profundo. Agora sabia qual era o modo mais rápido de subjugar-lá... De imediato, Kate parou de lutar e começou a corresponder. Ele se afastou. Num gesto inesperado, acariciou-lhe os seios, vendo os olhos verdes da briguenta se dilatar de prazer.

— Podemos voltar para a barraca? — sugeriu. — Ou está pronta para ir trabalhar?

— Eu... Eu vou trabalhar! Largue-me, O'Rourke. Não precisa perguntar duas vezes.

Kate se ergueu no momento em que ele a libertou, e fugiu com a risada insolente do marido ecoando em seus ouvidos.

As primeiras luzes do amanhecer começavam a despontar no céu quando Kate colocou os pratos do desjejum de volta no saco de suprimentos do cozinheiro. Procurando evitar o olhar divertido de O'Rourke, caminhou em direção à própria mula e montou sobre a sela.

Admitia que era uma mulher desesperada, mas pelo menos havia traçado uma estratégia: trabalhando e se mantendo afastada do marido, poderia ter uma chance de escapar incólume.

Agora, porém, não dispunha mais de seus oitocentos dólares e até descobrir onde ele os escondera, enquanto ela dormia, teria de cooperar.

Chegaram ao cume da montanha à tarde e viram os espirais de fumaça que subiam das chaminés dos alojamentos abaixo. Vários homens desciam o declive oposto atrás de uma pilha de troncos puxada por seis bois. Enquanto se aproximavam, Kate ouviu os barulhos peculiares da serraria do acampamento.

Então, aquele era Diablo Camp, pensou com um sentimento de pesar.

Ao ver o cozinheiro desaparecer no interior de uma grande cabana, caminhou naquela direção, imaginando tratar-se da cozinha e refeitório. Com apenas um pouco de sopa no estômago, ingerida havia pouco mais de duas horas, concluiu, como nova

assistente de Al, que era melhor ajudá-lo.

— Sr. Al — chamou, fazendo a mula reduzir a marcha e parar. — Sinto muito, mas não sei o seu sobrenome. Como devo chamá-lo?

— Deixei de usar meu sobrenome em 1852 — ele disse com uma piscadela misteriosa. Então, começou a descarregar sacos de farinha da montaria. — Poderia abrir aquela porta, madame?

Kate girou ao redor e viu o torso esguio e bem-feito de Peter apoiado de encontro à parede. Ele não havia se barbeado naquela manhã, ela notou. Na realidade, não pusera os olhos nele nem uma vez sequer durante o dia todo. Ele usava botas de cano longo e outra camisa de flanela. Parecia um madeireiro; embora mais asseado e com um linguajar mais refinado, obviamente tentava se ajustar aos padrões locais.

— Boa tarde — disse Kate, cautelosa, com um meio sorriso nos lábios.

Al amarrou um avental e começou a se movimentar. Não queria passar uma imagem de preguiçoso ao chefe.

— Eu e a madame estávamos discutindo as tarefas. Sempre tive ajudantes homens. A Sra. O'Rourke é uma dama delicada, refinada e...

— Ela é uma dama — concordou Peter. — Mas não é nenhuma mandriona. Está preocupado que algumas das tarefas possam ser muito pesadas para ela? O cozinheiro clareou a garganta.

— Pegar água no lago, lavar o chiqueiro dos porcos, esfolar coelhos... não são trabalhos fáceis para uma mulher, sr. O'Rourke.

— Lavar chiqueiros? — Mas aquilo vinha a calhar, pensou Peter, fitando Kate com um sorriso perverso. — Você não se oporia, não é, meu amor? — Os olhos verdes a perfuraram como um punhal, enviando-lhe uma advertência silenciosa contra qualquer protesto.

— E claro que não — respondeu Kate. — Sempre ouvi meu pai dizer que o trabalho dignifica. — Ela se virou para o cozinheiro com um sorriso bondoso nos lábios: — Sr. Al quero dar o melhor de mim. — Então, dirigiu-se ao marido: — Mais alguma coisa, meu bem? — perguntou com um doce sarcasmo.

— Nada, meu amor — disse Peter, surpreso por Kate não ter contestado. — Só passei para dizer que a sua bagagem já está na nossa cabana.

— Obrigada — falou Kate num tom frio. — Agora, se me der licença, eu vou buscar água para lavar as batatas.

O'Rourke estreitou os olhos, cheio de suspeita. Ela estava cooperativa demais para o seu gosto. Até mesmo nos contos de fadas, não se via ninguém passar de bruxa a uma humilde criada de copa tão depressa!

Peter caminhou apressado pela estrada sinuosa que levava à cabana que ele e a esposa compartilhavam. Amaldiçoou-se por permitir que a imagem de Kate não lhe saísse da cabeça. Dane-se ela! E dane-se aquele súbito ataque de consciência! Precisava manter distância daquela mulher, concluiu, ou O'Rourke, o Invencível, poderia cair mortalmente ferido no campo do amor.

— Não pretendo perder meu sono por sua causa, Kate — disse em voz alta, mudando as poucas peças de mobília de lugar. Primeiro, a cama. Aquilo criaria um problema, a menos que propusesse uma solução viável imediatamente.

Com esse pensamento, puxou a cama pesada para longe da parede. Um rato correu, passando pelos seus pés. Isso o fez lembrar-se de dar a Kate um dos gatinhos que vira junto do beliche de Raimey Griswold. Al precisaria de um ou dois também. E o escritório da serraria poderia ficar com dois.

Agarrou o colchão e levou-o para fora. Em seguida, encostou-o em um tronco de árvore e bateu com uma vara para livrá-lo da poeira. Sentia-se como uma criada doméstica, porém não podia esperar que Kate fizesse aquilo. O colchão era muito pesado para ela carregar. Mas aquela era a única concessão que faria. Uma vez o colchão bem arejado, trouxe-o para dentro e recolocou-o sobre o estrado da cama.

O problema é que só havia uma cama.

Mas é claro que, entre tantos madeireiros, pelo menos um dos carpinteiros poderia construir outra para ele. Satisfeito como o pensamento, pegou a estrada outra vez em direção ao escritório. Do lado de fora havia uma pilha de longas pranchas de madeira. Mas ainda precisaria de alguns pregos. Então, dirigiu-se à choupana de Charlie Mason, que estava concentrado no trabalho e mal ergueu os olhos ao vê-lo.

— Espero não estar interrompendo nada — disse Peter, curvando-se para entrar na oficina.

— Em que posso ajudá-lo? — perguntou o homem, sem parar o que estava fazendo.

— Preciso de um martelo e alguns pregos — gritou Peter, tentando superar o estrondo do metal raspando na pedra.

Charlie acenou, mostrando-lhe onde poderia encontrá-los.

— Obrigado, Charlie — O'Rourke apanhou uma tábua comprida de aproximadamente trinta centímetros de largura e retornou à cabana. Estava apenas subindo os degraus quando o sino anunciou o jantar.

— Maldição! — exclamou, pousando a tábua, os pregos e um pesado martelo. Relutante, decidiu terminar os trabalhos após a refeição.

Peter comeu enquanto Kate ficava em pé, pronta para ir buscar mais comida se os homens necessitassem. Ela e Al reenchiam as tigelas e travessas e inspecionavam as enormes panelas de comida quente no fogão. O pão desapareceu mais rápido do que as outras coisas, junto com grandes quantidades de molho. Kate parecia concentrada, levando seu trabalho a sério, o que pegou Peter de surpresa.

Ao terminarem, os homens arrastaram seus bancos ruidosamente e saíram em silêncio. Ao passarem por eles, o número de acenos e arrotos ajudava o cozinheiro a julgar o sucesso dos esforços de ambos.

Peter aguardou todos partirem. Estava escuro lá fora e ele pretendia acompanhar Kate até a cabana.

— Eu lavarei os pratos — disse Al num tom de voz baixo, não querendo fazê-la demorar-se, já que o marido a esperava.

— Não, esse é o meu trabalho — discordou Kate, lançando um olhar mal-humorado a O'Rourke. Sem pressa, raspou os restos de comida dos pratos e colocou as sobras em um balde. Em seguida, passou o restante do tempo esfregando, enxaguando e secando, até Peter se irritar.

— Maldição, Kate, ande logo com isso! — disse bruscamente quando o capataz apagou as luzes às nove horas da noite.

— O que é isso, querido? — ela perguntou, fazendo-se de inocente. — Está esperando por mim? — zombou, imitando o sotaque sulista da mãe.

— Sabe muito bem que sim — respondeu Peter, erguendo-se. Havia uma ameaça clara em suas passadas estudadas ao cruzar a cozinha na direção dela.

Al estava atarefado junto ao fogão, ansioso por não causar nenhum problema.

— Sra. O'Rourke, nenhum dos meus ajudantes ficava até esta hora. Por favor! Vá com seu marido.

Kate suspirou relutante.

— Muito bem, já que o senhor insiste. — Dobrou o avental e o colocou sobre a mesa. — Até amanhã.

Peter a puxou pela mão e deixou a cozinha tão rápido que os pés de Kate tiveram dificuldade de se manter no solo. Ele estava furioso, mas determinado a manter seu temperamento sob controle.

— Você é uma verdadeira dor de cabeça, Mary Katherine O'Rourke.

— Ora, obrigada, Sr. O'Rourke. Que elogio! Como posso me tornar uma pessoa humilde se continua me lisonjeando dessa maneira?

Peter friccionou os dentes. Não discutiria. Não! Para que se aborrecer? O silêncio seria a conduta mais adequada. Sim, ficaria calado tão logo lhe explicasse os arranjos que fizera para dormirem e sobre a existência da linha de giz amarela no meio da cabana.

— Francamente, O'Rourke — disse Kate tropeçando nos degraus que levavam à cabana. — Já tive muitas demonstrações da sua rudeza por um dia!

— O mesmo digo eu. — Peter acendeu uma lamparina de querosene e a colocou sobre a mesa no seu lado da sala.

— Em primeiro lugar, já estou farto de ouvi-la me chamar de O'Rourke. Pode me chamar de Peter.

— Ou Casey? — sugeriu ela, movendo-se em sua direção.

— O que significa isso, Casey? — Kate caminhou ao redor dele, com as mãos nos quadris, estudando-lhe o traje. — Olhe só para você! Barba por fazer. Vive contando piadas e cuspiendo tabaco! — Encarou-o e revirou os olhos, desgostosa. — O que virá a seguir, hein? Quero dizer, além de me tratar dessa maneira?

— Está bem. Casey é o meu nome do meio e achei mais adequado usá-lo com o tipo de gente com a qual estamos lidando. Agora, quanto à barba, eu a deixarei decidir. — Ele esfregou a face e, mais uma vez, suas belas feições chamaram a atenção de Kate. — Devo deixá-la crescer durante o inverno ou não?

— Está querendo dizer que planeja me manter nesta choupana durante todo o inverno?

— Seu pai mencionou algo como devolvê-la dentro de uns dois meses — disse Peter observando-lhe a reação.

— O'Rourke, eu sei que não somos amigos, mas quer, por favor, me dizer por que meu pai tem a intenção de me fazer tão infeliz? — Os olhos verdes se encheram de lágrimas e Peter sentiu um aperto no peito. — Por que vocês dois estão fazendo isso?

Uma curiosa mistura com compaixão e algo mais poderoso fez Peter desejar nunca

ter embarcado naquela empreitada.

— É simples. Seu pai acha que ficará tão farta de passar aperto que voltará para casa submissa como um gato e se casará com o capataz dele.

Após um longo silêncio, Kate abriu os lábios num sorriso torto e ergueu as mãos.

— Depois de dois meses lavando pratos neste fim de mundo, nem mesmo o tal capataz vai me querer — disse, fitando o homem alto e bonito à sua frente.

— Esta é a intenção de seu pai. Quer que eu a devolva. — Peter clareou a garganta — Intacta. Virgem, se é que entende — acrescentou.

— Jamais ouvi tamanho absurdo! Quero dizer, ele não está sendo um pouco ingênuo? Enviando-me para longe, sob a responsabilidade de um salafrário desclassificado?

Peter sacudiu a cabeça.

— Este foi o elogio mais eloqüente que ouvi nos últimos tempos. Porém, essas foram as instruções de seu pai.

— Você lhe confessou o quanto é velhaco?

— Oh, sim. — Os lábios de Peter se curvaram em algo parecido com um sorriso. — Mas o sr. Homer prefere que eu não misture negócios com prazer. Ele está muito ocupado neste momento, ou você e Lew Simpson sem dúvida já estariam casados.

— Bem, papai não pode me casar com o capataz dele! Eu já me casei com você.

— Achei que não quisesse continuar casada comigo — disse Peter num tom zombeteiro. Esquecendo-se do voto de não a tocar, alcançou-a e acariciou-lhe a face macia com a ponta dos dedos.

Nervosa, Kate se virou para tocar o copo da lamparina.

— É preferível a ser obrigada a me casar com algum mineiro velho e imundo.

— Simpson não é um sujeito ruim. — Suas mãos se fecharam ao redor dos ombros dela, puxando-a por um segundo. A suave fragrância de lavanda invadiu-lhe as narinas, antes que ela se afastasse, ficando fora de alcance.

— Por favor, não me toque — implorou cautelosa, enquanto se retirava para o outro lado da cabana.

Quando Kate cruzou a linha amarela que dividia a sala, O'Rourke lembrou-se de sua missão original.

— Espere! Quase me esqueci. Precisamos discutir algumas regras. Prometo que não a aborrecerei mais. Não a tocarei e só falarei o necessário com você. Os lábios sensuais se curvaram num sorriso travesso. — Pode até fingir que sou invisível, se preferir.

Kate ergueu a cabeça e o fitou cética como sempre.

— Sobre o que está falando?

— Estou propondo a solução perfeita. Por razões óbvias, preciso protegê-la enquanto estivermos no acampamento. Então, dividi a cabana em duas partes. A propósito, você está no seu lado e eu ficarei aqui no meu.

— Soa bastante razoável — comentou Kate, esperando ouvir mais.

Peter apontou a cama, que estava metade no lado dela e metade no seu.

— Arrumei uma solução temporária para os nossos problemas noturnos — dizendo isso, ele colocou a prancha de madeira no meio da cama e a equilibrou. A seguir, com um gesto de mão, convidou-a a inspecionar. — É só até eu mandar fazer outra cama. Segure isto — pediu, indicando-lhe para firmar a tábua. Pegou suas ferramentas e martelou alguns pregos na tábua, tentando fixá-la na cabeceira.

Kate não se conteve e deixou escapar uma risadinha.

— Perdoe-me, Peter, mas você não é nenhum carpinteiro. — Ela se afastou para um lado e o observou bater no dedo polegar, quebrar unhas e xingar. Após algumas tentativas abortadas, a tarefa foi concluída. Pelo menos a tábua não caiu. Parecia uma miniatura da Grande Muralha da China, uma barricada contra a paixão.

— Bem, o que acha? — Peter perguntou orgulhoso de sua habilidosa solução para uma situação desastrosa. Pronto! Agora se sentia melhor, sabendo que, mesmo dormindo, não esbarraria em Kate por acaso. Aquilo era uma tentação que ele iria superar, assegurou a si mesmo.

Kate olhou para os brilhantes olhos verdes e depois para a cama. Cada lado tinha uns sessenta centímetros; Não era muito. Embora tivesse de agüentar um pouco de desconforto, era melhor do que ser obrigada a lutar com um maníaco sexual.

Ela conferiu e testou o colchão do seu lado.

— Experimente primeiro, Peter. Afinal de contas, você é maior. Não quero que fique mal acomodado.

A preocupação de Kate com o seu conforto o deixou sem cor.

— Está certo. Será melhor assim. Metade da cabana para cada um — dizendo isso, ele se, ergueu e se dirigiu à porta da frente.

— Como quiser. — Sorrindo, Kate começou a explorar seu lado do quarto. — Pode pegar meus calções de banho que estão do seu lado? — ela pediu após um longo silêncio.

Peter a atendeu prontamente.

Fazendo um zumbindo com a chave, Kate conferiu se o conteúdo de sua bagagem estava intacto. Em seguida, considerou as limitações de espaço tendo em vista o número de vestidos que possuía.

— Vou até lá fora — anunciou O'Rourke, saindo em seguida.

As estrelas pareciam minúsculos diamantes em um céu sem defeitos, e a lua... Oh, Cristo! Estava deslumbrante! Cheia e propícia para levar um homem a cometer loucuras! Em especial quando havia uma ruiva bonita lá dentro, trajando apenas uma camisola.

Peter não pôde se conter e espiou através do vidro empoeirado da janela. Avistou um par de seios perfeitos e firmes. Gemendo, curvou-se sobre o parapeito, tentando ignorar a resposta túrgida de seu corpo.

Desesperado, decidiu dar um passeio. Talvez um mergulho no lago. Lançou outro olhar furtivo pela porta aberta. Kate se encontrava vestida decentemente outra vez. Graças a Deus! Agora ele poderia relaxar.

Mas, em vez disso, sentiu-se mais excitado do que nunca. Era aquela camisola!

— Kate — chamou com a língua grossa de desejo. — Tranque a porta. Eu vou nadar um pouco.

Peter prendeu a respiração ao vê-la se aproximar trajando aquela exígua vestimenta. Todas as paixões indomadas que se enfureciam em seu interior foram estimuladas. O brilho morno da lamparina de querosene criava uma cachoeira ígnea de luzes dançantes nos longos cachos avermelhados.

Kate deu um passo em sua direção. Havia algo de inquietante naquele olhar hipnótico.

— Peter?

De imediato, ele percebeu seu engano. Jamais deveria ter contemplado aquela virgem estonteante.

— Não dê nem mais um passo — sussurrou, afastando-se da soleira da porta.

Então, virou-se e correu.

Kate contemplou a lua cheia por alguns segundos e, em seguida, fechou a porta. Sentindo o cansaço dos dois últimos dias, arrastou os pés até a cama e deitou-se. Após se revirar várias vezes, tentando se pôr mais confortável bateu com o cotovelo na tábua divisória.

Ainda indignada, começou a analisar a grande conspiração entre seu pai e O'Rourke. O que levaria um homem como Peter a aceitar tal coisa, quando ela havia lhe oferecido dinheiro em troca de sua ajuda? Nunca o perdoaria. Nunca! O patife não tinha intenção de transformar aquela união em um casamento de verdade. Então, o que queria na realidade?

Aagitada, virou-se de um lado para outro. Tinha ciência da habilidade do marido de controlá-la com um beijo ou com a ameaça de tomar outras liberdades. Sentou-se na cama. Sabia como se vingar de O'Rourke. Os dois poderiam fazer o mesmo jogo! Por que não? O traidor merecia sofrer pelo que lhe fizera! A idéia ganhou espaço em sua imaginação fértil e ela começou a engendrar um plano de ação.

As mulheres haviam sido a desdita dos homens desde o começo dos tempos. Não seria a única pessoa miserável em Diabolo Camp. Quando o arrumasse, o Sr. Peter Casey O'Rourke devolver-lhe-ia os mil dólares e pagaria qualquer preço para se ver livre dela.

Confortada por suas idéias perversas de vingança, Kate agasalhou-se sob uma manta grossa de lã e fechou os olhos. Estava quase dormindo, mas um estranho ruído de patinhas correndo a fez erguer-se assustada.

Um esquilo cinza com pequenos olhos pretos a encarava sobre a tampa da mala.

Apertando a manta de encontro aos seios, Kate o observou, esperando que a qualquer momento o roedor pulasse sobre a sua cabeça.

Deslizou para fora da cama, caminhou, pé ante pé, até a porta, que destrancou e abriu, esperando espantar o intruso.

Imaginando que o animalzinho acataria a sugestão se ela se afastasse da entrada, ergueu a camisola à altura dos joelhos e pulou sobre o lado da cama de O'Rourke.

O esquilo escolheu aquele exato momento para também pular. Desesperado para se ver livre, afundou as minúsculas garras afiadas no pé esquerdo de Kate. Ela abaixou a camisola, levou a mão à boca e soltou um grito assustador. Apavorado, o bichinho deslizou a cauda, circundando o tornozelo de Kate, o que a fez dar outro grito estridente.

Peter estava apenas emergindo do bosque quando ouviu os gritos de Kate.

Outro grito abafado ecoou alcançando seus nervos já tensos, fazendo-o imaginar o pior. Alguém havia arrombado a porta e estava tentando tirar vantagem de sua esposa!

— Já estou indo, Kate! — gritou, correndo pelo curto trecho da clareira até a cabana. Quando seus pés descalços tocaram o piso da varanda, um borrão de pele cinza passou por ele correndo.

Ao entrar, encontrou-a equilibrando-se em uma perna, no lado dele da cama, com ambas as mãos sobre a boca e os olhos fechados. Tremia feito uma folha, mas não corria nenhum perigo aparente.

O'Rourke caminhou até a cama, repentinamente irritado por Kate havê-lo assustado daquela maneira.

Sua entrada ruidosa fez os olhos de Kate se abrir, alarmados. Ela sorriu, vendo que os reforços haviam chegado e estava a ponto de lhe agradecer, quando Peter gritou:

— Kate, o que está fazendo do meu lado da cama?

Ela apontou para a porta com o braço trêmulo, fixando um olhar amedrontado, como se esperasse que os fantasmas se materializassem a qualquer segundo.

— Aquilo... encostou em mim... — explicou.

— Bem, seja lá o que for já se foi. Agora, vá para o seu lado da cama, deite-se e sossegue. — Peter deu-lhe as costas e procurou uma toalha na mala. Não havia nenhuma.

— Maldição! — murmurou. Kate continuou imóvel.

— Você está todo molhado.

— Eu sei sua tola. — Ele estava de pé, gotejando água sobre as tábuas do piso.

— Eu tenho uma toalha — ela ofereceu timidamente — Se não se importa em compartilhá-la...

— Bem, então vá buscá-la.

Kate foi até o seu lado do cômodo, abriu a mala, pegou uma toalha branca grande e felpuda e a entregou ao marido. De pé em um canto, permitiu-se observá-lo secar a face e os cabelos.

Ao vê-la parada, esperando que ele tirasse as roupas molhadas, Peter sentiu seu sangue irlandês começar a ferver.

— Isto não é nenhum show, moça.

Assustada, Kate saltou para baixo das cobertas, com as faces vermelhas, e puxou a manta até a cabeça.

— Sinto muito havê-lo aborrecido.

Seminu, com a toalha entre as pernas, O'Rourke gelou.

— Cale a boca, Kate — ordenou.

Kate sorriu consigo mesma. Dois minutos depois, pensou em algo para dizer.

— Enquanto estivermos compartilhando o mesmo espaço, tentarei evitar lhe pedir qualquer coisa, exceto quando for absolutamente necessário.

— Obrigado — respondeu Peter.

— Farei o máximo para ficar fora do seu caminho — continuou ela.

— Hum-hum. — O'Rourke apagou a lamparina e deitou-se do seu lado da cama. A luz do luar que entrava pela janela dava a cabana uma atmosfera misteriosa. Ao tentar dobrar os braços sob a cabeça, seu cotovelo bateu na prancha de madeira.

Kate deu uma risada na escuridão.

— Não achei graça nenhuma, sua bruxa.

— Poderia ter a cama inteira para si se não tivesse me seqüestrado — ela o lembrou.

— Outro engano. Mais um em uma lista de vários. Kate começou a cantarolar algumas melodias irritantes e a tamborilar os dedos na tábua próxima à cabeça dele.

— Está fazendo isso para me aborrecer? — perguntou Peter, erguendo a cabeça.

Kate o fitou. O luar iluminava-lhe as feições e fazia das mechas vermelhas uma aureola luminosa. Piscando, ela sorriu com um ar inocente.

— Sei o quanto está cansado, e como não conheço outra cantiga de ninar...

— Pode dispensar a serenata, Kate — respondeu ele afundando no travesseiro.

— Estou tentando apenas ser uma esposa amável.

— Oh, e como...

— Boa noite, Peter.

Ele não respondeu. Continuou deitado de barriga para cima, com os braços cruzados sobre o tórax.

— Peter?

— Maldição! O que você quer? — vociferou ele abrindo os olhos. Kate estava espiando por cima da tábua. Os cabelos soltos lhe caíam nos ombros como uma cascata e alguns fios sedosos roçaram a garganta de Peter. — Um homem não pode dormir?

— Não precisa ser tão rude. Se vamos compartilhar a mesma cama, deveríamos pelo menos observar as regras básicas de civilidade, não acha?

— O que quer dizer com isso?

Kate notou a mão dele tentando afastar seus cachos ruivos. Ela sorriu e jogou o cabelo para trás. Mas, apesar da tentativa aparente de livrá-lo daquele incômodo, a maior parte dos fios macios e perfumados voltou a atormentá-lo.

— Deveríamos conversar sobre assuntos gerais com educação e sinceridade.

O'Rourke agarrou-a pelos cabelos e a puxou até suas faces ficarem a milímetros uma da outra.

— Aiiii! — Kate protestou, tentando se livrar e evitar ficar careca. Com o movimento, seu torso oscilou e caiu sobre a tábua.

— Fique no seu lado, Kate! — ordenou ele, perturbado pelo forte desejo que o acometeu quando os seios da sedutora, iluminados pela luz do luar, entraram em seu campo de visão.

Percebendo a direção do olhar do marido, Kate se deu conta do poder que exercia

nele. Em vez de se retirar, exibiu ainda mais o tórax e riu.

— Não o estou aborrecendo, estou?

— Não... nem um pouco — respondeu Peter, agora completamente entregue à excitação. — Deite-se e fique em silêncio ou vou ter que a calar de uma vez por todas.

Kate inclinou a cabeça; sabia que estava andando sobre gelo fino, mas não pôde resistir à tentação de fazê-lo sofrer.

— Nada do que diz pode me fazer deter.

— As ações falam mais alto que as palavras, ou já se esqueceu?

O coração de Kate acelerou dentro do peito.

— Não, não esqueci.

— Então, Sra. O'Rourke, cale a boca — Peter rosnou aliviado ao vê-la se retirar para seu próprio lado da cama.

Kate se enroscou como uma bola embaixo da manta. Estranhamente afetada pelo modo como ele a chamava de esposa, desejou saber o que aquilo significava para Peter. Por que ele insistia em chamá-la daquele modo? Seria porque sabia que isso a aborrecia?

Por fim, a curiosidade a fez se manifestar mais uma vez:

— O'Rourke? — Não houve resposta, mas Kate sabia que ele estava acordado. Não podia dormir com ela tagarelando como uma maritaca. — Poderia fazer o favor de não me chamar de Sra. O'Rourke?

— Este é o seu nome, não é?

— Não, não é!

— Sugiro que tente dormir, Kate. — Aquilo não se tratava de uma sugestão, mas de uma ordem.

Kate suspirou. Pelo menos ele não a chamara de "senhora" novamente. Ela fechou os olhos.

— Boa noite, Peter. — Ele riu.

— Boa noite, Sra. O'Rourke.

Kate estava de pé na escuridão, tentando prender as extremidades de um lençol nas fendas das madeiras, para formar uma cortina e prover um pouco de privacidade no seu lado da cabana. Lavou-se em silêncio e se vestiu, fazendo tudo isso sem despertar Peter.

Antes que o sol surgisse por detrás da montanha, já havia feito três viagens até o lago para buscar água e cuidado dos porcos no chiqueiro.

Ao voltar, encontrou Al misturando massa para panquecas e brincando com Bobbie White Feather e Lance van Ecklund. Kate pousou o balde com um ruído e se apressou até o fogão, esperando que o resto de suas tarefas fossem ali dentro.

Sem perder um movimento, o cozinheiro controlou as duas espátulas e acenou com a cabeça para um balde.

— Acorde Ole Bessie, Sra. O'Rourke, e traga um pouco de nata morna para o café dos homens.

Kate o fitou de forma inexpressiva.

— Quem é Ole Bessie? — inquiriu, vendo os homens compartilharem uma piscadela divertida.

— Bessie é uma vaca leiteira. — informou Bobbie. Vertendo a massa sobre a manteiga que derretia na chapa de assar, Al sorriu.

— É uma boa menina.

— Quer que eu ordenhe uma vaca? — O riso ofegante de Kate se transformou em incredulidade. De repente, percebeu que aprendera mais coisas durante aquele tempo do que em toda a sua curta vida. Mas, definitivamente, ordenhar uma vaca não era algo que gostaria de aprender!

Lance van Ecklund tirou o balde do gancho e caminhou na sua direção com a graça natural de um atleta e um sorriso de encorajamento nos lábios.

— Vamos senhora — ele acenou com a cabeça para a porta aberta. — Deixe-me ensiná-la como se faz.

Nesse instante, Kate viu Peter entrar no refeitório. Seus olhos verdes se encontraram numa violenta colisão. Ela não sabia como, mas até mesmo em meio a um bando de homens famintos e impacientes, ele a fazia tremer.

Até Peter aparecer, pretendia negar-se a acompanhar Lance. Mas aquele olhar desafiador mudou seu modo de pensar. Tinha certeza de que O'Rourke estava com ciúme.

Agarrando a chance de testar seus poderes, sorriu para o rapaz.

— Obrigada... sr. van Ecklund, é esse o seu nome, não é?

— Pode me chamar de Lance — disse o homem, oferecendo-lhe o braço. Depressa o dinamarquês alto a conduziu até o curral. Tirou um isqueiro do bolso, acendeu a lamparina, pegou um banquinho e mandou-a sentar — Moça da cidade? — Não fazendo segredo do seu interesse, deslizou o olhar pelo corpo feminino.

Kate o viu esfregar as mãos para esquentá-las, antes de tocar no úbere da vaca. Agora que estavam a sós, ela esperava que o homem entendesse que seu único interesse era na ordenha.

— Acho que o sr. Al tem pressa em servir o café da manhã — disse com intenção de apressá-lo.

— Voltaremos logo. Mas primeiro vou lhe mostrar como se faz. — Van Ecklund riu. — Não fique nervosa, sra. O'Rourke. — Posicionando-se atrás dela, o rapaz rodeou-lhe as laterais do corpo com os braços, e seus dedos grossos apertaram os de Kate, fazendo jorrar um jato morno de leite.

— Não estou nervosa! — retrucou ela, com a raiva substituindo-lhe a confusão. Encolhendo os ombros num esforço vão de se livrar do abraço indesejado, Kate o repeliu.

— Por favor, pare! Já posso fazer isso sozinha.

Não dando a mínima importância às palavras dela, Ecklund tocou-lhe a face rubra.

— Não acha que mereço um beijinho por lhe dar essa lição?

Kate fugiu, deixando a vaca entre eles. Ao ver van Ecklund contornar o animal em sua direção, agarrou um cabresto e o atingiu.

— Fique longe de mim! Meu... meu marido o matará!

Van Ecklund puxou-a para si e zombou, divertido.

— Ele é do tipo ciumento? — Com um movimento rápido, passou-lhe uma rasteira, derrubando-a no chão.

— Acertou. Sou ciumento.

Kate ouviu o familiar sotaque irlandês.

Abruptamente, o corpanzil de Ecklund foi retirado de cima dela. Kate sentou-se a tempo de ver o marido erguendo o homem. Seu queixo caiu. Não podia acreditar no que estava vendo! Em vez de surrá-lo até a morte, Peter riu e o ajudou a sacudir o pó das calças. O'Rourke não apenas não demonstrava ciúme, mas agia como se o comportamento do dinamarquês não passasse de uma grande piada!

— A diversão acabou, Lance. Minha esposa é um pouco ingênua e sem dúvida você confundiu sua ânsia de aprender a ordenhar essa pobre criatura com algo mais.

— Sem ressentimentos? — perguntou Ecklund, surpreso por seu comportamento não ter provocado uma briga.

— Um erro natural — disse Peter pegando o balde de leite. — Pode fazer o favor de levar isto ao cozinheiro? — perguntou conduzindo o homem até a porta.

— Claro, senhor — concordou Lance, estranhando a conduta do seu novo chefe. Ou O'Rourke era um grande covarde, ou seria mais provável que tivesse um temperamento assassino que ele temia desatrelar.

— Cuide para que isso não se repita — disse Peter num tom amigável, mas firme.

Ele não olhou para onde Kate se encontrava sentada sobre a palha, até se certificar de que Ecklund entrara no refeitório.

— Que amável da sua parte agir como se tudo fosse culpa minha — comentou Kate num tom caloroso. — Minha reputação não significa nada, suponho.

— Não me venha com essa, Kate. Você estava flertando com o rapaz, ou ele jamais teria tomado liberdades desse tipo — retrucou Peter secretamente aliviado pela esposa estar ilesa.

— Poderia pelo menos ter lhe dado uma surra — reclamou ela.

O'Rourke ergueu uma sobrancelha.

— O quê? E correr o risco de ser aniquilado por aquele dinamarquês louco? Não, obrigado, Kate! Não planejo adquirir uma cicatriz no rosto por causa de um flerte inofensivo.

— Não teria sido tão inofensivo assim se você não tivesse aparecido.

— É verdade. — Peter tirou alguns fios de palha dos cabelos desalinhados de Kate. — Comporte-se ou terá de pedir ajuda aos céus! E se eu não estiver por perto da próxima vez? Pode acabar às voltas com uma dúzia de homens atrás de você.

Kate sabia que ele estava dizendo a verdade. O tiro saía pela culatra. Era muito arriscado recorrer novamente a tais táticas para irritá-lo.

— Tomarei cuidado.

— Acho bom. — Ele a empurrou para fora do curral. — Agora volte para a cozinha.

Al não pode ser prejudicado porque a sua ajudante não mantém a mente centrada no trabalho.

Não havia nenhum indício de ciúme da parte de O'Rourke. Kate teria que se esforçar mais para descobrir seu ponto fraco. O que, sem dúvida, pretendia fazer.

A manhã inteira Peter folheou registros e folhas de pagamento, tentando ter uma idéia de como McGillacutty geria seu empreendimento.

Sabia exatamente como o sogro queria que o acampamento fosse administrado e o que acontecia na realidade. A seu ver, ambos os métodos eram inaceitáveis.

Homer cobrava tudo dos seus empregados, desde o sabão que usavam até as ferramentas exigidas para exercer seus ofícios.

Taxas por serviços médicos eram mensalmente deduzidas dos salários. Como McGillacutty podia justificar tal dedução, já que não havia contratado um médico para o acampamento? Aquilo estava além de sua compreensão.

Tinha um trabalho a fazer, mas isso não o impedia de dar incentivos aos homens.

Após duas horas examinando o livro-razão, Peter ordenou que todo o custo com uniformes, ferramentas e artigos pessoais, cobrado dos empregados, fosse reduzido em cinquenta por cento. Afinal, as condições de trabalho daqueles homens não eram muito melhores que as de escravos.

Por volta das dez e meia da manhã, enquanto O'Rourke revisava as contas semanais da madeira cortada, ouviu alguém gritar.

— Eles estão trazendo Raimey Griswold! — chamou Smitty, passando por Peter e se dirigindo ao galpão de armazenamento da companhia.

Peter seguiu o homem.

— O que há de errado?

— Ele se machucou — respondeu Smitty, procurando uma caixa de primeiros-socorros.

Um dos empregados de nome Mason sacudiu a cabeça.

— A árvore caiu sobre a perna dele.

Peter foi até o ferido, examinou-lhe o ferimento e de imediato percebeu que se tratava de uma fratura na canela.

Outro homem, chamado Hoss, acenou com a cabeça para Raimey.

— E grave chefe? Ele vai ficar de molho a estação inteira?

— O tempo que for necessário para a sua perna sarar — disse Peter num tom vago. Não sabia quanto tempo demorava para uma perna quebrada se curar. Nesse instante, avistou Kate e Al entrando no galpão com baldes de água quente e fria.

— Foi uma fratura feia — comentou o cozinheiro, balançando a cabeça. — Vai ser um inverno longo e difícil para a esposa de Raimey Griswold e suas três crianças.

— Não se o nome dele continuar na folha de pagamento — retrucou Peter, notando o olhar surpreso dos homens. — Ninguém aqui recebe sem trabalhar, mas encontraremos tarefas que ele possa realizar até que fique curado — acrescentou.

Kate tinha a mão esquerda descansando ligeiramente no ombro do marido, que

estava curvado sobre a maca.

— Precisamos diminuir esse inchaço — observou ela.

— Não sei Kate... — disse O'Rourke com ar de dúvida.

— Talvez seja melhor você sair e deixar isso comigo e os homens.

— Eu trouxe água fresca do lago — retrucou ela, utilizando um tom calmo. Em seguida, passou pelo marido, ignorando todos, menos o enfermo, que se encontrava deitado e inconsciente. Imergiu um pano limpo no balde e o colocou sobre a perna de Griswold, sob o olhar atento de Peter e dos outros homens.

Kate ergueu a perna ferida de Raimey e colocou uma manta dobrada e limpa por baixo. Com cuidado, estancou o sangramento dos cortes. E, então, incapaz de remover um fragmento de madeira fincado na carne do paciente, pediu a Charlie Mason que raspasse a perna cabeluda do companheiro.

— Obrigada — disse Kate, aprovando as habilidades de Mason como barbeiro. — Eu sabia que um homem que conserta ferramentas seria capaz de fazer um trabalho difícil como este.

— Fico feliz de poder ajudar, madame.

— Alguém aqui já cuidou de ossos fraturados? — perguntou Peter.

Al deu um passo à frente.

— Eu.

Nesse instante, Griswold recobrou a consciência. Burns e Hoss trataram de anestesiá-lo com doses generosas de uísque. Enquanto isso, Kate limpava-lhe o ferimento mais uma vez. Ela, Peter e o cozinheiro colocaram a perna do paciente na posição correta e a enfaixaram com tiras de musselina. Por fim, usando mais tiras imersas em um emplastro, a imobilizaram.

Quando terminaram, Kate percebeu o olhar de Peter.

— Excelente! — disse ela com uma piscadela alegre. Peter jogou a água do balde pela janela. Certificando-se de que Griswold não estava sentindo dor, virou-se para elogiar seus camaradas.

— Agora voltem ao trabalho, rapazes.

Durante os dias que se seguiram, Al acompanhou os passos de Kate como um cachorro de circo. Não a deixava levar comida para Raimey Griswold sozinha de jeito nenhum. Estranhamente protetores Al e Charlie Mason teimavam em fazer-lhe companhia em suas incumbências quando os outros homens estavam no acampamento.

Com Kate ocupada, Peter se concentrara totalmente na tarefa de se familiarizar com as operações de Diablo Camp e seus empregados. Assim que Raimey conseguiu se locomover com um par de muletas, ele o incumbiu de descascar batatas e ajudar Charlie Mason a afiar serras. Nos momentos disponíveis, ambos verificavam os estoques da companhia juntos.

Ao identificar os encraveiros que eram fonte de constantes problemas, Peter estipulou tarefas que os mantinham separados. Além disso, revisou as políticas de trabalho de McGillacutty, eliminando várias áreas de queixas legítimas e melhorando dessa forma o moral dos homens.

Capítulo IV

Às nove horas o sino soou anunciando o fim do dia no acampamento. Kate colocou o último prato no armário, estranhando o fato de Peter ter saído logo após o jantar sem nem sequer um aceno. Ele sempre a aguardava terminar o serviço e a acompanhava até a cabana. Onde o homem teria se metido? perguntou-se.

Curiosa, olhou pela janela da cozinha e não viu nenhuma luz no escritório. Nada no comportamento do marido durante a refeição sugerira problemas.

Nesse instante, o Sr. Al entrou pela porta dos fundos e guardou uma panela lavada.

— O que acha de eu a escoltar até a cabana, senhora? O chefe deve estar ocupado.

— Sim, aceito de bom grado.

Ambos caminharam em silêncio na escuridão. Quando Kate alcançou a cabana, percebeu uma luz opaca através das cortinas fechadas. Mas é claro, pensou. Peter tivera um dia duro e por certo já havia se recolhido.

— Boa noite, Sr. Al, e obrigada pela companhia — disse.

— Boa noite, Sra. O'Rourke. — E o cozinheiro se afastou.

Kate subiu os degraus e abriu a porta devagar, a fim de entrar despercebida na cabana e não perturbar o sono do marido caso estivesse adormecido.

Estava certa em pelo menos uma de suas deduções: Peter estava dormindo. Mas não na cama.

Com os pés e os braços pendendo nas laterais de uma enorme banheira de metal, encontrava-se submerso, com a cabeça apoiada na beirada. No chão, ao lado de um copo vazio, havia um livro cujo título era Hamlet.

Chocada pela visão de tanta carne masculina exposta, Kate caminhou ao redor examinando, de vários ângulos, o torso bem esculpido. A curiosidade, aliada a um prazer furtivo, superou a precaução. Seu coração batia de modo selvagem e a boca ficou seca.

Um ronco suave escapou dos lábios que se encurvaram num sorriso lânguido. Kate sabia que devia controlar seus olhos, caminhar bem devagar até aquela linha de giz amarela e se deitar, antes que fosse descoberta. De lá, sob as cobertas, o despertaria. Mas como? Gritando?

O que fazer? Uma oportunidade daquelas não acontecia todos os dias. Um relance cauteloso confirmou que seu companheiro de quarto estava de fato adormecido. Mas, para sua decepção, aquela pesquisa anatômica no corpo de O'Rourke limitava-se aos músculos do tórax. O resto era oculto pela água.

Com os dedos coçando de vontade de tocar-lhe o pé, Kate se ajoelhou ao lado da banheira.

De repente, um esguicho de água atingiu-lhe a face!

Ofegante, ela afastou os cabelos molhados e clareou a visão. Peter, embora não tivesse se mexido, fitava-a fixamente.

— Oh, você está acordado! — disse Kate, afastando-se e esperando convencê-lo de que não estava fazendo nada de errado.

Peter pegou o livro e a ignorou.

— A água da banheira está ficando fria — ela informou após alguns minutos de um incômodo silêncio.

Peter estava carrancudo, lendo. Parecia ter terminado o banho, contudo não fazia nenhuma menção de se erguer da banheira.

— Você quer que eu saia para poder se levantar? — perguntou Kate.

— Normalmente, eu diria que sim — respondeu O'Rourke. — Mas esta noite posso precisar da sua ajuda.

Ela ficou imediatamente alerta.

— O que há de errado? Está doente? Peter arqueou uma sobrancelha.

— Pareço doente?

— Não...

— Não estou doente, Kate, mas apenas paralisado, maldição!

Os olhos dela se arregalaram, já que o marido parecia são e forte. Na realidade, duvidava que algum homem na face da Terra se assemelhasse a ele em perfeição física.

— Conseqüência do senso de humor sádico de Jigger e da minha própria estupidez — prosseguiu Peter, dobrando uma perna com cuidado. — Hoje usei músculos que não sabia possuir.

— Oh! — exclamou Kate.

Era evidente que o marido se encontrava mais vulnerável do que ela imaginara. Por fim, teria Peter O'Rourke em suas mãos. Quanto tempo havia sonhado com aquele momento? As possibilidades de vingança incendiaram-lhe a imaginação.

— Pobre homem — ela sussurrou. — Então, teve um dia ruim. Posso ajudá-lo de alguma maneira?

Devagar, Peter forçou uma posição mais vertical na banheira.

— Poderia me dar àquela toalha?

— Seu desejo é uma ordem. — Kate foi buscar a toalha. O'Rourke se agarrou às laterais da banheira e fez uma careta.

— Precisa de ajuda para sair? — perguntou ela.

Teimoso, Peter sacudiu a cabeça em uma negativa. Tinha os músculos tão enrijecidos que mal podia dobrar as pernas. Serrara troncos enormes por dez horas seguidas, tirando apenas um intervalo curto para o almoço. Ao terminar de jantar, todos os seus músculos e juntas doíam terrivelmente.

Kate pegou uma garrafa de uísque no fundo da cômoda, com a mente funcionando a todo o vapor. Ela o mataria suavemente. Afinal, depois de tudo que ele lhe fizera, era o mínimo que podia fazer.

Kate verteu um pouco da bebida em um copo e o entregou ao marido.

— Beba. Isto o fará se sentir melhor.

E, de fato, fez. Alguns momentos depois, camuflado pela toalha, O'Rourke ergueu, desajeitadamente, seu corpo esguio para fora da banheira.

— Devo ter perdido o juízo. Este tipo de trabalho é pior que qualquer penitência de um monge louco — gemeu ele. — Pelo que me recordo, há maneiras mais fáceis de ganhar dinheiro.

Kate conteve um sorriso. Nunca o vira mais miserável!

— Você apenas se excedeu um pouco, Peter. Amanhã estará melhor.

— Sim. Se eu sobreviver até lá.

Rígido e mancando, permitiu que ela o ajudasse a alcançar a cadeira mais próxima. Estava completamente nu, com exceção da toalha envolta ao redor da cintura. Contudo, em seu estado atual, O'Rourke era inofensivo, fato esse que fez Kate sentir um friozinho no estômago.

Testando o quanto podia ir adiante, ela pegou uma toalha pequena e lhe secou os cabelos. Peter se rendeu às suaves habilidades daquelas mãos, fechando os olhos e deixando escapar um gemido de gratidão.

— Posso fazer isso sozinho — ele murmurou.

— Depois de um dia tão árduo? Tolice. — Entusiasmada com sua tarefa, Kate ajoelhou-se e enxugou-lhe as pernas com a toalha. Secou-o até mesmo entre os dedos dos pés. Então, subindo devagar, fitou-o esperançosa, como se aguardasse seu próximo comando. — Gostaria que eu lhe trouxesse um roupão?

Peter assentiu com a cabeça, com a mandíbula retesada de dor, e alcançou um ungüento sobre a mesa.

— Oh, deixe-me ajudá-lo — insistiu Kate. Com um gesto ágil, destampou o pote e enrugou o nariz ao sentir o forte odor. Colocou o roupão do marido no espaldar da cadeira, espalhou a pomada nos ombros dele e massageou-lhe os músculos exaustos.

A medida que os dedos delicados deslizavam sobre sua pele, O'Rourke sentia uma onda de calor percorrer-lhe o corpo e não conteve um suspiro de satisfação.

— Acho que vou tomar outra dose de uísque — pediu, desejando usufruir o máximo possível os serviços de sua bela enfermeira. A ânsia de Kate em querer ajudá-lo era espantosa. Então, convinha tirar vantagem enquanto o humor dela permitisse, ele concluiu.

Kate colocou o copo e a garrafa sobre a mesa ao alcance de Peter e, voltou a fazer as massagens.

— Isso... é... maravilhoso — murmurou O'Rourke, curvando-se e vertendo no copo outra dose da bebida.

Sentindo que o marido estava muito dolorido e cansado para oferecer resistência, ela planejou induzi-lo a um falso senso de segurança e começar a lhe fazer cócegas.

Mas, no decorrer do processo de aplicar o ungüento, mudou de idéia. A dor muscular de Peter era genuína. Então, decidiu causar-lhe outro tipo de desconforto.

Deliberadamente, pegou mais um pouco de ungüento, alisou e esfregou-lhe as costas em círculos largos, sempre observando a expressão dele.

Peter, porém, permaneceu impassível. Irritada pela falta de resposta, soprou-lhe a orelha. Os cachos loiros tremularam e roçaram seus lábios, mas ele não mexeu uma pálpebra.

Com uma carranca, Kate começou a explorar-lhe a pele. De repente, sentindo-se com mais coragem, tomou liberdades maravilhosas. Com a ponta dos dedos, percorreu-lhe a espinha de alto a baixo. E a todo instante esfregava os seios nas costas de Peter.

Por fim, imaginando já ter feito o suficiente, Kate parou para respirar.

— Já acabou? — murmurou Peter, virando a cabeça para fitá-la com um brilho insolente no olhar.

Ela sentiu os dedos formigarem e a face arder. Procurando pelas vulnerabilidades do marido, permitira-se, inadvertidamente, baixar a guarda. Então, ao fitar aqueles maravilhosos olhos verdes, se deu conta da suscetibilidade de Peter.

— Agradeço a sua bondade — disse ele, erguendo-se e tomando o último gole de uísque. — Se me der aquele par de ceroulas de flanela, posso cuidar do resto sozinho.

Kate fez o que lhe foi pedido e, em seguida, foi até a lareira avivar o fogo com mais lenha. Cuidou para não se virar para trás, até ouvir Peter suspirar e se arrastar em direção à cama.

— Precisa de algo mais? — perguntou solícita, enquanto ele se deitava cuidadosamente em seu lado da cama.

— Não, obrigado.

— Tem certeza de que está confortável? — insistiu ela.

— Não, não estou! Deixe-me descansar em paz, Kate. — Ela levou a mão à boca abafando uma risadinha.

— Isso soa tão... fúnebre, Peter! Você deve estar duro como uma tábua.

— Duro pelo corpo todo — confirmou O'Rourke, dando um sorriso torto, apesar de seu desconforto. — Agora fique longe de mim, mulher, e me deixe dormir.

— Talvez se eu lhe massageasse as pernas — brincou Kate, beliscando-lhe a panturrilha.

— Não! — Ele se deitou de bruços com o braço e a perna direitos pendendo para fora da cama. Tudo que queria era que o deixassem sozinho.

Kate, porém, tinha outros planos. Ela apagou a lamparina, pegou um creme aromático na mala e pulou para o lado do marido. Colocou uma quantia generosa na palma da mão e besuntou-lhe a perna, do joelho ao tornozelo, com a substância fresca e cremosa.

— Isso está frio, Kate! — reclamou Peter, com a voz rouca pelo esgotamento.

Ignorando-lhe o protesto, ela aplicou-lhe mais creme na perna esquerda. Ajoelhou-se, correu as mãos para cima e para baixo em ambas as pernas, pressionando-lhe os músculos e removendo os nós de tensão. Gemendo no travesseiro, O'Rourke se rendeu, achando as mãos da esposa surpreendentemente fortes e flexíveis.

Kate começou a cantarolar uma cantiga de ninar irlandesa, que dessa vez o encantou. Relaxado por completo, Peter se deixou levar pelo ritmo hipnótico da canção, aliada à carícia calmante das mãos dela, e dormiu como um recém-nascido.

De alguma maneira, Peter conseguiu se levantar da cama na manhã seguinte. Bem fortalecido por uma pilha de panquecas, três ovos fritos, bacon, biscoitos e café que Al lhe preparara, seguiu Bobbie White Feather e Hoss pela estrada, assim que o dia amanheceu.

Tinha os músculos doloridos, mas o ânimo revigorado. Aquela inesperada reviravolta no comportamento de Kate podia significar um amolecimento na atitude da esposa para com ele. Sentiu um aperto de ternura no coração ao avistá-la saindo pela porta da cozinha para ir trabalhar.

Não conseguia tirar os olhos da bela figura, especialmente depois da noite anterior. Embora as ações de Kate fossem um tormento calculado, ela, inconscientemente, revelara um lado mais suave e atencioso de sua natureza.

— Bom dia, Kate. — Peter acenou com a cabeça e um sorriso nos olhos enquanto se aproximava.

O sol lançava seus raios pelo acampamento, envolvendo-a em um halo brilhante.

— Bom dia, Peter — respondeu Kate num tom suave, tirando de dentro da jaqueta o minúsculo gatinho branco que ele lhe dera. — Venha, Moriah, vamos tomar um pires de leite morno.

É claro que podia estar errado, Peter argumentou consigo mesmo, porém Kate parecia estar contente com sua vida, apesar do ambiente hostil.

Não agia como a borboleta social deteriorada que o pai julgava que fosse. Na realidade, estava se comportando melhor do que ele esperara. Sua jornada de trabalho era tão longa quanto à dele, às vezes até maior. Ninguém podia reclamar de sua atitude. Ela era brilhante, bonita e aprendia muito rápido.

Sim, tinha de admitir que Katie O'Rourke estava começando a crescer aos seus olhos. Aquela garota inocente poderia partir-lhe o coração se tivesse uma chance.

Após o jantar, Peter pediu a Al que levasse sua esposa até a cabana, porque precisaria se demorar para inspecionar os livros contábeis no escritório.

Kate ficou ligeiramente chateada ao chegar mais tarde e encontrar seu companheiro de cabana adormecido. Durante o dia todo, esperara pela oportunidade de seduzi-lo, e lá estava ele dormindo como um anjo caído do céu.

Aborrecida, preparou a cama, utilizando o fogo da lareira para enxergar ao redor do quarto. Sua mente fervilhava de idéias e, ignorando a regra, cruzou a linha de giz amarela.

— Peter? — chamou abaixando-se e sacudindo-o. — Acorde...

— Hum? — Ele abriu um olho. — Oh, é você, Kate — disse bocejando e estirando

os braços, em uma imitação perfeita de um homem despertando de um sono profundo.

— Quer conversar? — perguntou ela, brincando com a faixa acetinada da camisola.

— Tive um dia longo, Kate — disse Peter, embora estivesse acordado o tempo todo, esperando para ver quais as táticas que ela usaria naquela noite.

— Pensei que podíamos... conversar.

Ele decidiu cooperar.

— Meus músculos ainda estão tão doloridos que mal posso pensar quanto mais conversar.

— É mesmo? — Kate considerou as palavras do marido. — Eu ficaria feliz em esfregar-lhe um pouco mais de unguento. Quer dizer, se você quiser.

— Faria isso por mim? — Peter esperou que o sorriso em seus lábios não fosse tão amplo a ponto de parecer suspeito.

— Claro! É a coisa mais decente e generosa a fazer.

— Deus a abençoe. — Ele gesticulou para a cômoda. — O unguento cheira mal, mas o que fazer? Com o seu toque macio, posso suportar a dor.

— Eu poderia usar a minha loção — ofereceu Kate.

— Não teria algo menos... floral? — perguntou Peter, virando-se de bruços.

— Lavanda, rosa ou gardênia. Faça a sua escolha. — Kate desnudou-o da cintura para cima. Em seguida, com as mãos delicadas, afagou-lhe as costas.

— Lavanda, então. — Ele riu. — Cheira um pouco mais varonil que rosa ou gardênia e é bem melhor que o unguento.

Dessa forma, Kate passou a praticar suas habilidades de enfermeira por várias noites seguidas. Um curioso entusiasmo começou a surgir em seu trabalho, à medida que se familiarizava mais intimamente com os detalhes do perfeito corpo masculino e seus pontos mais sensíveis. Às vezes se sentia de fato feliz por poder lhe aliviar o desconforto. Mas, então, um diabinho emergia de seu subconsciente, inspirando-a a fazer cócegas, caçoar ou causar algum tipo de tormento à sua vítima.

Quanto mais Peter se abstinha de retaliar, mais corajosa Kate se tornava.

Ela nunca suspeitou que a estratégia do marido fosse induzi-la à sedução.

Um clima de intimidade cresceu rapidamente entre Kate e Peter, que agradecia a Deus o fato de trabalhar fora o dia todo, longe da esposa, que mal podia esperar para colocar suas mãos delicadas nele, todas as noites. Concentrada em dar continuidade às suas idéias de vingança, Kate havia se tornado uma perita na arte de lavar pilhas de pratos sujos em tempo recorde. A maioria das noites, quando o marido deixava o escritório e entrava pela porta da cabana, ela já estava de camisola, escovando seus longos cabelos ruivos.

No sexto dia em que se encontravam no bosque, Jigger que já confiava no trabalho de Peter o suficiente, encarregou-o da equipe que derrubava árvores.

Suado, mas contente com seu êxito no serviço, O'Rourke recebia os cumprimentos dos outros homens agrupados ao seu redor. A aprovação deles significava muito. Sabia que estava longe de ser proficiente, porém havia dominado o medo face ao real perigo que o trabalho representava e saído incólume. E o melhor de tudo, ganhara o respeito e a

aceitação do áspero "touro dos bosques", Jigger Jansen. Sendo o homem seu aliado, tinha certeza de que poderia transformar Diablo Camp em uma próspera operação.

Peter chegou ao acampamento acompanhado do estribeiro, que cheirava tão mal quanto seus cavalos. O acampamento inteiro estava particularmente exultante por haverem se superado.

— Seu marido fez um trabalho excepcional hoje — disse Jigger a Kate quando ela trouxe uma travessa de bifes de carne de veado para a mesa.

— Parecia um animal sobre aquelas árvores. — O amplo sorriso de Smitty deixava claro que o desempenho de O'Rourke merecia elogios.

— Eu não teria feito melhor — confirmou Joe Burns, acenando para Peter. Jamais teríamos derrubado aquela árvore se ele não tivesse trepado nela e alcançado o topo do jeito que fez.

— É o melhor chefe que já tivemos. E sua como um homem de verdade. — Charlie Mason riu, cutucando o madeireiro próximo a ele.

Al levou as mãos aos quadris.

— Tratem de comer e chega de conversa fiada! Não vou ficar aqui a noite toda lavando pratos.

Os homens se desculparam e atacaram a comida feito lobos famintos.

Kate observou Peter dar boa noite aos companheiros após o jantar. Uma vez que todos haviam se retirado, ele se ergueu devagar e marchou como um cavalo manco pela cozinha.

— Al, obrigado por ter levado minha esposa para casa depois do trabalho nos últimos dias.

Kate girou ao redor do fogão com uma chaleira pesada de água fervente em ambas as mãos.

— Está se sentindo melhor esta noite, não é, meu bem? — perguntou, com um brilho perigoso no olhar.

— Um pouco — admitiu O'Rourke.

— Oh, pobre homem! Bem, vá descansar. Logo estarei em casa. O que você precisa é de um pouco mais de unguento de cavalo e de um longo banho de banheira.

— Pode me trazer mais água quente quando voltar? — perguntou Peter, tirando a chaleira das mãos dela.

— Claro, não se preocupe. Terá toda a água de que precisar—prometeu Kate, tentando calcular quanta água seria necessária para afogá-lo na banheira. Peter beijou-a na face.

— Você é um tesouro, não há dúvida. — Deu-lhe uma piscadela e, em seguida, dirigiu-se a Al: — Deus me presenteou com um verdadeiro anjo como esposa.

Kate se virou com ímpeto para as três pilhas de pratos sujos. Não é suficiente o que eu trabalho o dia todo, remoeu, passando sabão e água fervente nos pratos. Agora O'Rourke quer que eu satisfaça todos os seus caprichos! Bem, ele não perde por esperar!

Minutos mais tarde, quando terminou de lavar a louça, estava pronta para começar uma briga enquanto avançava pelo caminho que levava à cabana, com um balde de água

gelada em cada mão.

Não vou mais me permitir ser vítima de um destino cruel, jurou, pousando o fardo pesado e empurrando a porta para abri-la. Sou bastante capaz de...

Antes que pudesse terminar o pensamento de vingança, um par de braços fortes a ergueu e a carregou em direção à banheira, onde Kate esperava encontrar sua presa.

— O'Rourke, o que está fazendo? — reclamou, debatendo-se violentamente. Ele se moveu com rapidez, o quarto girou, deixando-a ofegante e atordoada até ser recolocada no chão ao lado da banheira.

— Pelo trabalho árduo que tem enfrentado e por tudo que tem feito por mim, achei justo invertermos as posições.

— O quê!? — A reação inicial de Kate foi de choque. A essa altura, as mãos de Peter já se encontravam ocupadas desabotoando-lhe as costas do vestido. Ela virou-se e protestou:

— Espere! Não pode fazer isso!

— Ah, posso, sim, minha querida esposa — disse ele, arrancando-lhe o vestido com um movimento ágil.

Horrorizada, Kate o observou desatar a fita de cetim de seu elegante chemise e abri-lo até a cintura. Em seguida, olhou para baixo e viu seus seios completamente nus. Em pânico, ela lutou para se libertar e correu para o seu lado do quarto.

— Mantenha-se afastado de mim, Peter!

— Não me diga que um banho não a atrai depois de um dia árduo de trabalho naquela cozinha quente e esfumaçada. — Antes que Kate pudesse se cobrir, ele a envolveu pela cintura.

Kate agarrou-se à extremidade da cômoda para impedir que o marido a carregasse para a banheira.

— Seu tolo! Eu não quero tomar banho nenhum! O'Rourke afrouxou o aperto e, dispensando a cerimônia, jogou-a dentro da banheira morna, encharcando-lhe as calças e o chemise.

— Olhe o que você fez! — lamentou ela. Arregaçando as mangas, Peter sorriu, contemplando com satisfação os mamilos enrijecidos e o triângulo ruivo-escuro revelado pelas roupas de baixo molhadas e transparentes.

— Como ousa?! — bradou Kate, lutando para se erguer.

— Isto vai relaxá-la e a ajudará a dormir melhor. — Peter ensaboou um pano e se ajoelhou ao lado da banheira.

— Não finja que se preocupa com o meu bem-estar, O'Rourke.

— Ah, mas é claro que me preocupo. — Rindo, ele capturou-lhe o braço, ensaboou-o e enxaguou com movimentos vigorosos todas as partes expostas do tórax feminino. — Pensou que poderia bancar a mulher falsa e escapar ilesa, não é? — Era óbvio que Peter pretendia se vingar. — Trouxe mais água? — perguntou.

Sem conseguir raciocinar, Kate assentiu com a cabeça.

Testando a temperatura da água enquanto retornava, Peter arqueou uma sobrancelha, compreendendo de súbito o que ela pretendia fazer.

— Deixe-me lavar os seus cabelos, querida — ofereceu, com um sorriso cínico nos lábios.

— Não. Eu os lavei esta tarde e não quero que me toque.

O'Rourke a fitou de soslaio.

— Mas acha certo fazer todas aquelas coisas estranhas comigo?

Kate remexeu-se, expondo uma perna longa e esbelta.

— Sim... é... quero dizer, não! Aquilo era diferente. Pensei que você precisasse de mim.

— Minha necessidade aumenta a cada dia — admitiu ele, arrancando-lhe a meia-calça molhada e beijando-lhe os dedos do pé esquerdo, sem nunca deixar de fitá-la.

— Deixe-me em paz, seu... seu pervertido! — gritou Kate, tentando livrar o pé das mãos que o seguravam. — Oh, Deus, o que vou fazer? — perguntou desesperada, em voz alta.

— Não sei Kate. O que está pensando em fazer?

Ela deixou escapar um grito assustado quando seus dedos do pé ensaboados roçaram de leve o órgão masculino enrijecido.

— Solte-me agora mesmo, seu... seu vilão! — gritou ofegante, com os olhos arregalados de pânico.

Acariciando um bigode imaginário, Peter deu uma risada.

— Soltar você? — zombou. — Mas por que, belezinha, se a tenho finalmente em minhas mãos?

— Oh, pare, O'Rourke! Isto já foi longe demais. — Kate o chutou furiosa.

Peter a deixou e, ainda rindo, sentou-se em uma cadeira assumindo um ar ofendido.

— Como pode questionar meus motivos? Eu apenas queria retribuir todo o cuidado que tem me dispensado nestas últimas noites.

— Você me enganou, O'Rourke! — Kate se ergueu, espirrando água para todos os lados, e correu para o seu lado do quarto. Escondendo-se atrás de um biombo em um dos cantos, retirou as roupas molhadas, secou-se apressada e vestiu uma camisola. O tempo todo resmungando e se queixando do modo como ele a havia tratado.

— E não era compaixão de sua parte, Kate — continuou Peter. — Não queira me convencer de que não se tratava de sedução.

— Não era sedução! — Ela foi se sentar diante da lareira, retirou os grampos dos cabelos e os deixou cair soltos.

Uma urgência primitiva e bastante familiar correu pelas veias de O'Rourke, com a mesma intensidade que instigava um leão faminto a fazer sua matança. Deu dois passos rápidos em direção à esposa, antes que pudesse se controlar.

— Ah, minha doce Kate, deixe-me fazer amor com você — disse, com a voz rouca de desejo.

Kate ergueu-se de um pulo como se uma faísca a tivesse atingido por baixo da camisola e ateado fogo em seu corpo. Virou-se de frente para o marido, com os cabelos balançando ao redor dos ombros.

— De jeito nenhum! Fique longe de mim! — Ela avançou, exibindo a escova de cabelos na mão. — Respeite a linha divisória. Eu o odeio, menosprezo e... e... — Conforme Peter se aproximava, Kate sentia o coração se apertar com o forte desejo que a acometia. — E... nem mesmo... gosto de você — concluiu, voltando para o seu lado, além da linha de giz.

— Não é pronto! — bradou, batendo o pé com força no chão.

— Vamos pôr um fim nessa disputa. — Peter suspirou e se deitou na cama. — Seus lábios dizem que não, suas ações dizem que sim. Não pode me culpar por me sentir confuso.

— Suponho que queira que eu o desculpe pela sua estupidez!

Frustrado pela obstinação da esposa, O'Rourke contemplou a prancha de madeira divisória. Era apenas uma pequena barreira comparada à parede emocional que os separava. Dominado pelo desejo, decidiu negociar com sua companheira de cama.

— Kate — sussurrou ele. Ouvindo-a se remexer, espiou por cima da tábua. Até mesmo na escuridão, os olhos dela faiscavam como os de um gato. — Nós somos casados — lembrou-a com cautela.

— E daí? — perguntou Kate apoiando-se em um dos cotovelos. Centímetros os separavam.

Peter contemplou-a a luz tênue do luar. Não encontraria palavras para descrever o quanto era linda. Engolindo em seco, lutou contra a paixão que ameaçava engolfá-lo.

— Ouça Kate, por que não nos livramos desta maldita tábua e... conversamos?

Sem nenhuma mudança de expressão, Kate retribuiu o olhar ardente de seu marido seqüestrador. Sonhara havia dias com aquele momento. Seus dedos tocaram a face de Peter com extrema ternura, procurando o buraquinho no queixo e contornando-lhe as covinhas nas laterais.

A respiração de Peter acelerou e seu corpo se enrijeceu de excitação. Os santos tinham atendido às suas preces! Naquela noite, finalmente, ele possuiria a esposa!

Então, a sedutora mostrou suas verdadeiras feições.

— Eu preferiria fazer amor com uma cascavel de duas cabeças — murmurou Kate, deixando-se afundar no travesseiro. — Boa noite, O'Rourke!

Enrolando-se mais uma vez sob as cobertas, ela sorriu, colhendo os louros da vitória.

Mas com o que Kate não havia contado era que Peter Casey O'Rourke tinha uma vingança preparada. Rindo, o infeliz teve a audácia de bombardeá-la com um leque de poesias sem fim!

— Francamente, O'Rourke! — reclamou ela, não agüentando mais ficar em silêncio. — Aonde foi arranjar tais rimas asquerosas? Em algum... bordel?

— Não, doce Kate, você é a minha inspiração. Eu a estou aborrecendo, doçura? — A voz de Peter soou suave, até mesmo penitente, mas ela não se deixou enganar nem por um segundo.

Irritada, ergueu a cabeça por cima da tábua.

— Você está fazendo de propósito para me atormentar.

— Vejamos... Se não gostar de Sheridan, talvez prefira uma história de dormir de lorde Wilmot.

— Não! Agora fique calado, O'Rourke! Estou tentando dormir! — vociferou Kate, deslizando mais uma vez para baixo das cobertas, com os dedos tampando as orelhas.

Peter ignorou-lhe os protestos. Havia prometido não pôr a mão nela, mas as palavras costumavam ser um potente sedutor.

— Feche os olhos e sonhe com estes versos — murmurou ele, começando com outra sessão de poesias.

Furiosa, Kate ergueu-se e, lançando-se por sobre a prancha divisória, esmurrou-lhe a mandíbula.

No momento seguinte, seus corpos estavam unidos como duas forças cósmicas que se inclinam loucamente fora do curso. Sentindo a imediata excitação do marido, Kate tentou reparar seu erro e se livrar dos braços que a prendiam.

Mas Peter deslizou as mãos pelas costas macias, atraindo-a de modo a promover um contato mais abrangente entre seus quadris. Alarmada, ela se arqueou, afastando os seios do tórax do marido. Mas a ardente sensação que a masculinidade de Peter lhe provocava entre as coxas ameaçava fazê-la render-se por completo.

— Meu Deus, O'Rourke, não tem piedade? — Sua excitação era tanta que Kate temia desfalecer.

Rindo, Peter puxou-a de novo de encontro ao peito e começou a mover a pélvis lentamente.

— Autodefesa, minha querida — disse ele, lambendo-lhe a pele arrepiada da lateral do pescoço. — Você me atacou, lembra?

Kate gemia nos braços do marido. Sentindo todo o poder persuasivo daquela boca, rendeu-se aos beijos que a inebriavam.

Em resposta à pressão que o membro rígido de Peter exercia através do tecido de sua camisola, ela apoiou a perna direita no chão. Então, arrastada pela força de um instinto cego, abriu-se para ele. Era loucura, sabia, mas, no momento, aquilo não a preocupava!

Surpreso e confuso pela rapidez com que Kate sucumbira, Peter deslizou a mão pela coxa roliça. Ela ofegou, enquanto os dedos hábeis do marido lhe despertavam sensações até então desconhecidas. Com o coração acelerado, arqueou-se, buscando uma cura para a desesperadora febre que a consumia. Quando jogou a cabeça para trás, seus cabelos ruivos voaram como a tocha de um anjo, iluminando todos os recantos escondidos da alma de O'Rourke. Paixões insaciáveis se enfureceram, inflamando a ambos.

Um minúsculo suspiro escapou dos lábios de Kate ao pressionar, ansiosa, os quadris de encontro ao presente que Peter lhe oferecia. Desejava-o com desespero. Seu corpo admitia a necessidade que seus lábios negavam. Buscava a chama que lhe provocaria uma reação incandescente e incontrolável. No instante seguinte, um grito escapou-lhe da garganta à medida que ela explodia em mil direções, contorcendo-se em uma gloriosa órbita de êxtase.

— Boa menina — sussurrou Peter, contemplando o olhar de prazer que iluminava a face feminina. Sentia-se satisfeito por haver lhe proporcionado aquele momento, ciente do

poder que agora exercia sobre a esposa.

Kate desmoronou sobre o corpo dele, arquejante e flácida como uma geléia. Peter beijou-lhe os cachos úmidos na testa, sentindo uma estranha ternura pela mulher em seus braços.

Normalmente, Peter teria seguido seus hábitos de mais de uma década, buscando satisfação no maravilhoso corpo de Kate. Mas a prancha de madeira e sua própria paixão súbita e insana pelo "sexo frágil" o fizeram hesitar. Mais tarde poderia vir a lamentar o fato de não ter terminado logo o que havia começado. Porém que homem com uma linda mulher nos braços precisaria de percepção tardia?

Sem perceber seu engano, convenceu-se a não tirar vantagens egoístas. Em vez disso, deixou Kate dormir, feliz por saber que o que haviam começado poderia ser realizado em etapas.

É claro que pretendia consumir a união depois que ela tirasse uma curta soneca. Apenas não imaginou que adormeceria também.

No dia seguinte, às nove horas da manhã, Peter passou próximo à cozinha, praguejando contra a ajudante do cozinheiro. Para o inferno aquela mulher! Ele havia dormido além da conta e ela nem sequer se importara em acordá-lo. Seu planejamento para o dia tinha sido arruinado. Era tarde para seguir com os homens até a floresta. Soltando uma imprecação, entrou no celeiro e pegou uma pilha de relatórios esquecidos em um canto. Precisava revisá-los antes de se encontrar com Jigger mais tarde.

No meio do dia descobriu-se com dificuldade de ler os livros. Acendeu a lanterna e olhou pela janela, imaginando por que o horizonte se encontrava tão escuro. Uma espessa neblina cobria o céu e podia se ouvir o que soava como um forte vendaval à distância.

Sacudiu a cabeça, fazendo menção de voltar ao trabalho, quando, de repente, teve um sobressalto.

Ventania se aproximando e nenhuma movimentação? Aquilo parecia estranho. Por que nem uma única folha se agitava nas árvores defronte da janela? Na verdade, o exterior parecia bastante calmo, com exceção daquele barulho que parecia aumentar como a aproximação de um trem em alta velocidade.

Pensando bem, o som se fazia acompanhar de um forte aroma de enxofre e...

Fumaça! Era aquilo que estava fazendo seus olhos arderem!

Considerando que poderiam estar à beira de uma catástrofe, encaminhou-se apressado à porta, vestiu a jaqueta e saiu para o exterior.

Com exceção de Griswold, que ainda permanecia de repouso pela perna acidentada, apenas Al, Kate, o ferreiro e ele permaneciam no acampamento. A equipe se encontrava nas colinas, cortando e desbastando árvores ou carregando as toras, por meio da rampa de madeira, para o depósito. A certa distância do escritório, o sufocante cheiro de fumaça era inconfundível. O nublado do céu não era uma cobertura de nuvens carregadas. Em algum lugar no bosque estava acontecendo um incêndio florestal. E se os sentidos não o traíssem, não muito longe dali.

Peter não sabia nada sobre matas, tampouco como lidar com um incêndio nelas. Mas tinha noção de quão rápido o fogo podia se alastrar. Quando menino, havia testemunhado labaredas engolfarem um conjunto habitacional em Dublin. Uma terrível experiência que ele nunca esquecera. Histeria coletiva. As faces distorcidas pelo terror,

enquanto as chamas cresciam fora de controle. Observara uma jovem mãe desesperada, lutando para romper a multidão de vizinhos aglomerados, e ainda podia ouvir os gritos descontrolados.

— Meu bebê está lá dentro! — urrava a mulher.

E quando o marido voltara ao prédio em chamas, a estrutura havia desmoronado, matando-o também.

Em outra ocasião, Peter se detivera em frente ao Teatro Orpheum, na cidade de Filadélfia, na noite em que seis pessoas foram pisoteadas até a morte por uma multidão em pânico. O fogo tinha sido debelado em minutos, mas aquilo não diminuía a tragédia.

Cenas de horror que O'Rourke carregaria sempre consigo. Saltou o portão do celeiro e, num gesto automático, se dirigiu à elevação oeste. Lá, a fumaça mais escura se erguia bem atrás da colina. Não identificara os sinais de incêndio antes pelo fato de vir da parte californiana das Sierras. Diablo Camp ficava na linha direta do fogo.

— Blackie! — gritou Peter, sobrepujando o barulho e correndo em direção à oficina do ferreiro. — Sele os cavalos e me encontre atrás do celeiro!

O ferreiro espiou de dentro do buraco negro em que se encontrava.

— O que está acontecendo, patrão? — indagou, observando a velocidade com que o novato do escritório central corria em direção à cozinha.

— Incêndio florestal! Corram! — O'Rourke gritava por sobre o ombro, sem diminuir o passo.

Blackie jogou o martelo e as tenazes que seguravam uma ferradura de volta na bigorna. Estava tão acostumado a inalar fumaça e ao confinamento escuro da oficina que nem sequer notara qualquer indício de incêndio. Levou alguns segundos para que seus olhos se adaptassem à claridade do exterior e outros tantos para assimilar as palavras de O'Rourke.

— Jesus! — exclamou e mergulhou o rosto na bacia de água postada ao lado da bigorna. Em seguida, segurou na crina do cavalo que se encontrava do lado de fora da porta da oficina, montou no lombo do animal e galopou em direção ao celeiro.

Em tempo recorde esvaziou o celeiro e o curral e retornou com dois cavalos atrelados a uma carroça, no momento em que Peter chegou, trazendo consigo Kate e o cozinheiro.

O'Rourke atirou o livro de contabilidade do acampamento e a caixa de dinheiro sobre o banco do condutor.

— Comecem a carregar — ordenou. — Roupas, lençóis, fósforos, lanternas. Peguem o máximo que puderem, antes que o fogo queime tudo.

Kate pegou uma pilha de cobertores e a jogou na carroça. Atrás dela veio Al carregando roupas.

— Para onde vamos? — gritou Kate para O'Rourke, que corria pela estrada de terra.

— Temos que pegar Raimsey — ele respondeu e continuou correndo.

— Posso ajudá-lo? — berrou ela. O barulho havia aumentado a ponto de lhe causar dor nos ouvidos.

— Não! Tente encontrar os suprimentos médicos. Precisaremos deles quando tudo

tiver terminado.

Quando Peter desapareceu no interior do alojamento, Kate se encaminhou ao escritório. Jogou rolos de bandagens, linimentos, ungüentos e meia dúzia de garrafas de uísque dentro de uma grande caixa, que entregou a Blackie. Depois esquadrinhou as prateleiras do depósito, adicionando fósforos, sabonetes, mais lençóis e outra lanterna em sua bolsa.

— Sr. Al, ajude-me! — ela gritou, cambaleando pelo peso da carga.

Satisfeita, livrou-se do fardo e pegou várias botas penduradas pelos cordões e as jogou por sobre o ombro. Blackie estava entrando. Os músculos protuberantes suados. Naquele instante, Kate avistou uma caixa de ferramentas.

— Blackie! — berrou, sentindo a garganta arder, e apontou para os vários martelos, serras e machados que se encontravam na caixa.

— Sim, madame! — Com movimentos rápidos e precisos, o ferreiro a ajudou ajuntar as ferramentas, rifles e cartuchos.

Quando saíram do depósito, O'Rourke havia voltado. Meio guiando, meio arrastando Raimey Griswold. Ele e Al depositaram o madeireiro na carroça por sobre as pilhas de roupas e lençóis.

Apressado, Blackie retornou ao celeiro e de lá retirou um quadro de uma jovem seminua em uma moldura dourada.

— Não posso partir sem isto — declarou, depositando um beijo nos lábios pintados em cor carmim da imagem brilhante. — A mascote do acampamento. — Colocou-o na carroça próximo a Raimey. — Santa Maria de Deus, Casey! Aquele fogo vai nos incinerar se não partirmos imediatamente!

— Vamos! — gritou O'Rourke. Ele e Blackie agarraram os arreios dos cavalos e se encaminharam para a cozinha.

— Três minutos. Não mais que isso — avisou Peter. — Kate, traga todas as panelas que puder segurar. Al, você e Blackie ajudem-me a juntar os mantimentos.

Os quatro tentavam vencer a velocidade do fogo. Kate encaixava os potes uns dentro dos outros, produzindo um barulho estrondoso em sua pressa. Jogou talheres sujos e pratos dentro de um caldeirão. Com ambos os braços extenuados pela excessiva carga, depositou tudo na carroça.

Revezando-se, Peter e Blackie passavam os gêneros através da janela para Al. Um após outro, os sacos pesados voavam pelo ar, pousando na carroça. Um dos fardos caiu no meio da tela.

— Oh, tenha piedade, patrão — reclamou Blackie. Peter jogou outro saco de feijão para Al.

— Não prefere salvar seu próprio lombo para visitar a dama pessoalmente? Em caso afirmativo, não reclame.

De pronto, o ferreiro esqueceu a queixa ao avistar as terríveis chamas amarelo-pálidas em meio à cortina de fumaça negra no topo da montanha.

— Oh, meu Deus! — ofegou, empalidecendo como um fantasma. — Está muito próximo!

Al olhou por sobre o ombro e tornou-se tão lívido quanto o ferreiro.

— Vamos sair daqui! — Saltou para o banco do condutor, soltou o freio e açoitou os cavalos. A carroça deu um solavanco para frente, deixando Peter caído na lama.

Levou apenas um segundo para ele perceber que Kate não se encontrava na carroça. Tampouco em qualquer lugar à vista.

— Danação, Kate, onde você está? — berrou, tentando sobrepujar o barulho ensurdecedor da bola de fogo que surgia na colina.

Foi então que a avistou, na porta da cozinha, equilibrando uma tina em cada mão. Peter a segurou pelo braço e começou a correr. À frente deles, a carroça deslizava pelo trilho de madeira em direção ao lago.

— Venha, Kate, temos de alcançá-los — apressou-a, puxando-a consigo. — Por que diabo voltou para a cozinha?

Kate o fitou incrédula. Será que aquele homem não era capaz de parar de discutir até em uma situação de perigo iminente?

— Tive de fazê-lo — respondeu, segurando as tinas como a própria vida.

— Vou estrangulá-la assim que tiver oportunidade — prometeu Peter por entre os dentes.

— Você... poderia... me ajudar. Isso sim!

Sem parar e sentindo a parede de fogo a algumas centenas de metros atrás deles, O'Rourke arrancou uma das tinas da mão de Kate. Continuaram correndo. As pernas e o coração acelerados, os narizes e gargantas ardendo em virtude da fumaça acre.

Al dirigia a carroça feito um louco, esperando escapar do fogo do inferno. Parecia querer guiar os cavalos para dentro do maldito lago!

Peter e Kate teriam de fazer o caminho a pé. Tinha esperança de ainda assim serem capazes de escapar do incêndio... se ao menos não tivessem perdido tanto tempo!

Chamas vermelhas ascendiam ao céu, transformando árvores em tochas gigantescas. Inexorável, o fogo lambia o mato e o arvoredo, descendo a colina a uma velocidade impressionante.

Descer o trilho de madeira os levaria direto ao lago, mas conseguiriam transpor o atalho? Ao menos o caminho não era plantado com vegetação rasteira, o que os podia incinerar em segundos. Peter alternava o olhar entre o fogo e o lago, sabendo que as chamas se encontravam cada vez mais próximo. Com os pulmões prestes a explodir, ambos continuavam correndo, lançando mão das últimas reservas de energia.

O trilho de madeira fora construído em um terreno desmatado, onde haviam assentado toras de madeira para cobrir o piso irregular. Por fim, a superfície tinha sido coberta com uma camada de terra batida. Kate diminuiu o passo, arqueando o corpo para frente ao sentir a cãibra que lhe atingia o flanco.

— Continue sem mim, Peter! — ofegou, por demais exausta para perceber a aproximação das chamas.

— Danação, Kate! — praguejou ele. — Pouse essa tina. Eu a carregarei. — Largou o recipiente que trazia na mão e fez menção de erguê-la.

— Não! — gritou Kate, recuando, irritada. — Tive muito trabalho para fazer esta sopa, não a deixarei para trás!

— Sopa?! Está disposta a arriscar sua vida por causa de uma refeição? — gritou Peter, atônito ante a revelação.

Kate anuiu.

— Temos de comer, não acha?

— Pessoas mortas não se alimentam! — Soltando uma imprecação, ele tirou os recipientes das mãos de Kate e os esvaziou no chão. Depois, ergueu-a, pendurando-a sobre o ombro. Em seguida, desceu a barragem em direção ao córrego. Embora o lago estivesse próximo, cortar o caminho pela floresta poderia ser fatal se o fogo chegasse ao mesmo tempo em que eles. Mas os minutos estavam se esvaindo. Não poderia arriscar seguir pelo trilho de madeira naquele ponto.

A uns vinte e cinco metros acima do lago, Peter tropeçou em uma pedra. Cambaleou, caiu de joelhos e sentiu Kate deslizar por suas costas. Ergueu o olhar para ver a gigantesca parede de fogo a menos de cem metros e se aproximando rapidamente.

— Oh, Cristo! — exclamou, conseguindo se pôr de pé com dificuldade. Engatinhando, Kate levantou a cabeça, um tanto zonza, porém ilesa. Juntos, observaram a bola de fogo descendo em velocidade vertiginosa como um exército de demônios.

Peter a segurou, imaginando se o fogo não fizera os cabelos ruivos revoltos ainda mais vermelhos.

— Faça uma prece, querida!

Descendo pelo leito do córrego, Peter avistou uma pequena gruta que se abria no declive da barragem. Por certo o covil de algum animal, parcialmente oculto pela vegetação rasteira. Ambos se encontravam molhados até a alma com a água do córrego. Arrastando Kate consigo, O'Rourke deslizou para dentro do buraco, levantando lama e espalhando pedras.

Não havia um segundo a perder! Desesperado, empurrou pedras e areia para a abertura da gruta a fim de bloquear a entrada ao fogo. Retirou o vestido de lã de Kate, arrebatando os botões, apesar dos veementes protestos dela. O traje, encharcado pela água do córrego, talvez provesse um escudo ou filtrasse o ar. Comprimiu-o contra o buraco que restara da entrada bloqueada pelas pedras e areia.

Elevando uma prece aos céus para que o artifício funcionasse, Peter afastou Kate da entrada da gruta e aguardou. Embora o orifício da entrada fosse pequeno, a caverna se estendia ampla para o interior. Quanto mais se embrenhavam nela, maior ficava.

No inverno, por certo grandes ursos hibernavam naquele local. No entanto O'Rourke não se deu ao trabalho de especular se a gruta estaria ocupada por algum deles no momento. Seria suficiente escapar da abrasadora destruição que varria inexorável, a superfície acima.

Durante intermináveis minutos, ambos se aconchegaram no escuro.

Ouviram o silvo do vapor e o bramido ensurdecido do fogo que se alastrava por sobre suas cabeças.

Muito tempo se passou dentro da gruta. O ar se tornou esfumaçado, impregnado do aroma de terra queimada e de brasas incandescentes. Sentindo dificuldade de respirar, Kate enterrou a face na jaqueta de Peter. Embora a calça molhada produzisse um contato gélido contra o corpo feminino escassamente vestido, ela o abraçava apertado como um animal à procura de segurança no outro.

Peter permanecia imóvel, economizando energia. Respirava através do tecido chamuscado da manga da própria camisa, ainda úmida pelo suor e água. Não era uma combinação muito agradável, porém uma opção mais atraente do que a asfixia.

Por fim, quando tudo imergiu no silêncio, Kate se mexeu, sussurrando contra a jaqueta de O'Rourke:

— Você salvou a minha vida, Peter.

— Ainda não saímos da floresta — lembrou ele com a voz rouca. Deus! Aquela era a maior estupidez que já proferira! Claro que não haviam escapado da floresta. Concluindo que ainda levaria um tempo até que a terra esfriasse, imaginou quando seria seguro sair da gruta.

Kate, por seu turno, tinha a mente focada nos atos heróicos do marido. Sua opinião a respeito daquele homem crescera consideravelmente. Encontrava-se até mesmo disposta a perdoar o fato de ele ter entornado a deliciosa canja. Estava orgulhosa da sopa que fizera, pois a tinha cozinhado com um mínimo de suprimentos que o sr. Al lhe fornecera. Entristecia-a o fato de que ninguém provasse o sabor da primeira refeição que ela havia feito na vida.

Ainda assim, O'Rourke agira com admirável coragem e rapidez. Comparadas a seus modestos dotes culinários, as ações do marido em salvar a vida de ambos contavam muito mais pontos a favor dele.

— Eu o perdôo, Peter — murmurou Kate, magnânima. Em seguida, se aconchegou ainda mais ao corpo másculo. Não à procura de calor, já que o interior da gruta se encontrava com a temperatura bastante elevada. Sentindo-se estranhamente segura, não demorou a adormecer.

Peter se recostou na desconfortável terra aquecida. Até então, testemunhara Diabolo Camp ser consumido pelas labaredas. Só Deus sabia onde estavam os madeireiros, e McGillacutty por certo encontraria uma forma de culpá-lo pelo prejuízo de dezenas de milhares de dólares causado pela destruição de área florestal e a perda do equipamento.

Por outro lado, a filha de Homer estava disposta a perdoá-lo, embora Peter não tivesse a menor idéia do motivo. E havia sobrevivido.

Qualquer ser pensante poderia perceber como as coisas estavam se encaminhando: a sorte do irlandês, ao menos a daquele irlandês de Wexford, acabara.

Bem, conjecturou Peter, a situação não podia piorar. Acomodou Kate em seu ombro largo e, suspirando profundamente, cerrou as pálpebras.

No sonho, Peter sempre estava correndo. Dessa vez em direção ao lago com Kate. As labaredas se espalhavam pela água, envolvendo-os em um lago de fogo virtual. Ele e a esposa dançavam, sorriam e se beijavam, enquanto as chamas lambiam-lhes os pés.

Em outro sonho, estava carregando Kate para as profundezas da terra até chagarem a um belo e gélido córrego. Encontravam-se nas montanhas verdes da Irlanda. Riachos prateados cortavam a região campestre, sussurrando-lhe nos ouvidos como o sorriso radiante de uma criança. Transbordando de felicidade, Peter erguia a esposa nos braços, beijava-lhe os lábios, o pescoço esguio e os lindos olhos. Sim, era a sua Kate que ele beijava.

Sorrindo, ela deitou-se sob seu corpo no córrego. Os cabelos vermelhos espalhados ao redor, enquanto a água lhe banhava as coxas desnudas e as aves emitiam um canto suave num salgueiro próximo. Kate o envolveu em um abraço úmido e quente, e, juntos,

imersam na água fria, os membros entrelaçados como algas marinhas.

— Oh, Kate! — Peter roçou a face no pescoço delicado. — Dê-me sua mão, meu amor.

Ela pousou a mão na dele e Peter a guiou à parte de seu corpo que mais a desejava.

— Seu canalha!

Ele sentiu o soco certo que Kate lhe desferiu no queixo. Ainda zozzo e desorientado, tentou emergir do sonho, para se encontrar engolfado na mais escura noite. O que acontecera? Havia sido arremessado do paraíso para o lugar onde havia choro e ranger de dentes?

Não demorou a reconhecer o inconfundível ranger de dentes. O barulho se restringia apenas à rabugenta criatura que o segurava pelo colarinho.

No passado, em situação mais aprazível, recordava que aqueles dentes eram brancos e bonitos como pérolas. E o que causara a transformação do tom de voz mavioso em um rosnar rabugento? Aquela era a sua Kate proferindo palavras rudes que só a mulher de um peixeiro seria capaz de verbalizar?

— Kate, minha doce companheira — murmurou Peter, sonolento, os lábios roçando a orelha da esposa. — Não me negue mais.

De pronto sentiu uma pancada na cabeça.

— Não sou sua. Tampouco doce — esclareceu a mesma voz irada.

Não obstante, Peter percebeu um discreto tremor que traía a indecisão da oponente. Optou por explorar-lhe o ponto fraco. Sentou-se e, tateando no escuro, descobriu a elevação macia e curvilínea de uma coxa.

— Sim, eu sabia que era você, minha bela e graciosa Kate — sussurrou com eloquência.

Sentiu o coração disparar quando, deslizando a mão um pouco mais para cima, atingiu os pêlos macios no ponto onde as pernas bem torneadas se juntavam. Percebendo a resposta instantânea sob sua mão, introduziu dois dedos na fenda macia e sentiu-a estremecer.

A atmosfera na gruta pareceu congelar naquele instante.

Kate prendeu a respiração, esperando.

O'Rourke a acariciou, tentando decidir se ela era real. Quando percebeu a intumescência úmida sob a própria mão, descobriu que não estava sonhando.

Tinha a verdadeira Kate ao seu alcance. Finalmente! pensou, sorrindo.

Tendo segurado a respiração o máximo que pudera, Kate deixou escapar um longo e arfante suspiro.

— Acorde, por favor, Peter — suplicou, umedecendo os lábios.

Ele riu.

— Estou bem desperto — disse, beijando o pescoço de Kate, que encostou o rosto no ombro largo do marido. — Meu sonho era inebriante, mas não tão promissor quanto isto.

— Deveríamos estar pensando em uma forma de sair daqui. — A voz de Kate soou alta e nervosa.

— Por que tanta pressa? — indagou Peter. — Ainda está escuro.

— Não estaria se você não tivesse bloqueado a entrada da gruta com tantas pedras e o meu vestido!

— Será que não mereço algum crédito por ter lhe salvado a vida?

— Claro. Muito obrigada — agradeceu Kate em tom afetado, fingindo não perceber o que ele estava fazendo.

Peter lhe tomou os lábios num beijo profundo e possessivo, tornando-a cativa sob seu corpo.

As pernas de Kate se apartaram num gesto instintivo e o suave gemido de paixão que se formou em sua garganta pontuou a doce entrega.

A mão esquerda de O'Rourke abandonou o ritmo suave, substituindo-o por uma fricção mais forte, enquanto a direita deslizou para os seios fartos. O polegar, traçando de maneira gentil o contorno dos mamilos intumescidos. Em seguida, tomou-os com os lábios. A língua macia e quente provocando em Kate sensações indescritíveis. Peter os sugava com suavidade, ouvindo-a ofegar e gemer de prazer.

As mãos delicadas escorregaram sob a camisa de Peter, enquanto os quadris curvilíneos se arqueavam de encontro ao calor das carícias ousadas. Todo o corpo de Kate parecia consumido por labaredas de fogo.

No exterior da gruta, o incêndio continuava incontrolado. Porém, no interior, a salvo da fúria da natureza, ambos não se sentiam inclinados a escapar da combustão da paixão havia muito reprimida.

— Está me levando à loucura... — murmurou Kate, movimentando-se no ritmo que a mão experiente imprimia.

— Então vamos enlouquecer juntos — sussurrou Peter, com voz incrivelmente sexy.

Mas, de repente, as mãos ávidas interromperam a mágica, deixando-a desolada. Uma onda de revolta a assolou pelo fato de Peter havê-la conduzido àquele grau de excitação e a abandonado a seguir.

— Peter... onde você está? — perguntou Kate, erguendo o corpo e sustentando-o nos cotovelos.

— Bem do seu lado, meu amor. — O'Rourke rastejou como um felino selvagem, curvando-se sobre ela, sem deixar que seus corpos se tocassem. Kate estendeu a mão e acariciou os pêlos macios do peito masculino desnudo. Deslizou ambos os braços em torno do tórax viril e, como uma gata manhosa, roçou os seios contra a parede sólida do peito musculoso. Os mamilos se enrijeceram de imediato e a excitação aumentou à medida que Peter lhe arrebatava os lábios num beijo provocante e sedutor, saboreando a doçura suave da boca macia. Escutando o gemido rouco que escapou da garganta do marido, ela sorriu na escuridão e correspondeu ao beijo com igual intensidade.

Traçando uma trilha de beijos úmidos e quentes por todo o corpo curvilíneo, Peter degustou cada centímetro da pele macia e se extasiou com a reação primitiva da esposa.

— Quem precisa de comida com um banquete como este? — indagou O'Rourke, sugando-lhe os mamilos até que todo o corpo esguio e sedoso ansiasse por ele.

Kate se arqueava sob os músculos rijos numa tácita súplica para que Peter lhe saciasse o apetite, mas ele continuou a exercer aquela doce tortura até que a percebesse louca de desejo.

— Gostaria de poder enxergá-la — murmurou Peter com voz rouca. Porém Kate sentia-se agradecida pela total escuridão. Do contrário, seria capaz de morrer de vergonha. Daquela forma ao menos tudo parecia um delicioso sonho, no qual podia induzir suas fantasias sem correr o risco de o marido caçoar dela.

Tomada de uma incontrolável excitação, inclinou a cabeça para frente e beijou os ombros largos, cuja pele guardava o odor da fumaça. Enquanto isso, Peter descobria os hematomas nas coxas bem torneadas e beijava-os um a um.

Kate estava estupefata, seus dedos mergulhados na massa de cabelos loiros do marido, sem acreditar no que ele estava fazendo. Arrepios de prazer percorreram todo o seu corpo quando sentiu os lábios e a língua experientes explorando-lhe a intimidade. Sem controle das próprias emoções, ela ofegou, gritando o nome de Peter.

Estimulado pelos sons sensuais que Kate emitia, ele se deitou sobre a esposa, abrindo caminho entre as coxas apartadas.

Ela prendeu a respiração, quase desmaiando.

O'Rourke estava completamente nu!

Não havia barreiras entre eles. Nenhuma anágua, camisola ou roupa íntima.

Peter tomou-lhe a face nas mãos e a beijou com extrema ternura, enquanto afundava os quadris, abrindo caminho em direção à cálida e úmida intimidade.

As mãos delicadas abandonaram os ombros largos e puseram-se a explorar a barreira sólida do peito desnudo, os quadris retos e firmes, e, em seguida, deslizaram para o baixo-ventre.

Peter ofegou quando Kate tocou a masculinidade excitada. Sorrindo, ela escutou a respiração acelerada do marido e percebeu que ele estava a ponto de perder o controle. Por fim, Peter inclinou a cabeça, beijou-lhe o lóbulo da orelha e, impaciente, pressionou com mais força os quadris contra os da esposa.

Kate enterrou a cabeça no pescoço largo, agarrando-se ao corpo viril como à própria vida. Aquele homem exalava masculinidade por todos os poros e a estava levando à loucura.

— Por favor... — ela suplicou cada segundo parecendo-lhe uma eternidade. O que Peter estaria esperando? Incapaz de conter a excitação, Kate arqueou os quadris de encontro ao membro rijo.

Aquele era o sinal que O'Rourke estava esperando.

Tomando-lhe os lábios num beijo possessivo, investiu contra a barreira tênue, penetrando-a com um movimento lento e preciso.

O desconforto inicial foi logo substituído pela sensação de completo preenchimento. Peter estava dentro dela, ocupando-lhe os espaços e fazendo-a desejá-lo como nunca. As mãos firmes ergueram-lhe os quadris para que Kate o acomodasse. Para prolongar o prazer e fazê-la ansiar ainda mais, ele recuava e a penetrava com movimentos deliberadamente lentos e extensos. Kate estremeceu de excitação e começou a seguir o ritmo, que aumentava de maneira gradual até espasmos de prazer lhe sacudirem o corpo e um grito rouco sair de sua garganta ante a sensação de ser catapultada a uma altura

vertiginosa e atirada de volta ao chão. Ela se agarrou a Peter, beijando-o com paixão.

— Não me abandone, Peter. Nunca me abandone — suplicou com um fio de voz.

O'Rourke enterrou o rosto na massa de cabelos macios, inspirando a fragrância daquela mulher extraordinária como um ser asfixiado à procura de oxigênio. Uma miríade de emoções raras e desconhecidas agitavam-lhe o peito, assustando-o. Uma indescritível alegria o invadiu, crescendo dentro dele como as labaredas de fogo que vira subir ao céu. Era como se Kate fosse o sol e até seus mais negros pecados não a pudessem ofuscar. Aquela mulher era vida e esperança. E toda sua!

Naquele momento de revelação, Peter não encontrou palavras para expressar o que estava sentindo. Se entreabrisse os lábios, a verdade poderia escapar inexorável. Uma confissão que nunca fizera a mulher alguma, com exceção de sua mãe.

Mas no íntimo sabia que não adiantaria negar.

Katie O'Rourke, eu... te... amo! confessou para si mesmo. E então, entregando-se ao clímax iminente, abandonou-se nos braços da mulher amada.

No interior da terra, instinto e desejo haviam transportado o casal para o reino da intensa intimidade. Durante as horas que se seguiram, Peter e Kate fizeram amor outras vezes, em meio ao escuro e ao silêncio que os rodeava.

Durante o idílio, cada qual criava imagens do outro em sua mente. Kate pôs-se a pensar nos votos que ambos haviam feito no dia do casamento. Peter se parecia com um cavaleiro protetor parado no altar a esperá-la.

O'Rourke também fora contagiado pela forte emoção. O desejo que sentia pela esposa, cuja beleza o fizera abrir mão de uma vida de relações passageiras, era insaciável. Em sua mente, reescreveu Romeu e Julieta e lhe deu um final feliz.

Mas no auge da extraordinária descoberta um do outro, o pêndulo da realidade adversa começou a mudar o curso dos fatos. Tinham de encarar um sério problema: a sobrevivência.

Quando a terra acima deles esfriou, o interior da caverna deixou de ser o abrigo ideal que os impedira de morrer incinerados. E o ardor também se apagou após uma noite fria, sem roupas adequadas para se aquecerem.

Tremendo de frio, Kate acusou o marido de ser o único culpado por ela não possuir nada para vestir.

— Tão logo sairmos daqui, pedirei a anulação da nossa união.

— Em que termos? — indagou Peter, rindo com deboche. — O casamento foi consumado.

— Então pedirei o divórcio — argumentou ela, agradecendo o fato de o marido não poder ver as lágrimas que lhe banhavam o rosto.

Pare com isso! admoestou a si mesma. Por que sempre diz coisas que não está sentindo?

—Venha cá, Kate. — Ela sentiu o braço musculoso deslizar por sua cintura e puxá-la para o marido.

— Fique longe de mim, Peter. Você só me traz problemas. — Kate sabia que devia lutar para se desvencilhar, mas sentia-se fria e desamparada.

— Não seja ridícula — murmurou O'Rourke contra a orelha delgada, cobrindo o trêmulo corpo feminino com o dele.

— Pode acabar pegando uma pneumonia. Prometi a seu pai que cuidaria de você. — E a Deus também, pensou.

— Eu te odeio Peter O'Rourke. Nunca o perdorei.

— O ódio despende muito esforço. Precisa guardar sua energia — afirmou ele, mordiscando-lhe o lóbulo da orelha.

Por fim, Kate concordou em dividir o calor de seus corpos.

— Tudo bem. Apenas para que sobrevivamos. Mas espero que se comporte, lembre-se disso.

— Claro — concordou Peter, rindo.

Para o alívio de Kate, ele adormeceu quase de imediato.

Mas durante a noite, a temperatura caiu ainda mais. Ambos descobriram que o sexo vigoroso mantinha o sangue em movimento constante e reduzia a possibilidade de congelarem.

— Estaremos provavelmente salvando a vida um do outro — argumentou Peter, quando sugeriu a solução prática.

E assim seguiram pela noite, discutindo e fazendo amor. Uma correlação distinta entre paixão e ânimos alterados. Ainda assim, em nome da sobrevivência, decidiram por uma trégua.

— Deixe que o futuro fale por si — disse Kate.

— Concordo. E agora, o que teremos de fazer para esquecer a fome? — indagou Peter.

Fizeram amor com o estômago vazio e descobriram que a opção era uma eficaz distração.

Por fim, concordaram que talvez fosse seguro se aventurar a sair da caverna, e ambos estavam convencidos de que seria impossível um viver ao lado do outro.

Sendo assim, na terceira manhã após o incêndio, partiram da gruta. A desilusão final veio quando os dois viram o objeto de seu desejo em plena luz do dia.

Kate pressionou contra os seios o que restara do vestido que tampara a entrada da caverna.

— Oh, Deus! Pareço tão horrível quanto você?

Peter piscou várias vezes. Kate não parecia tão mal assim, considerando o que haviam passado. Lama e folhas soltas se aderiam a todas as partes do corpo feminino. Os cabelos, um emaranhado disforme. Tinha uma mancha escura no nariz e um ferimento na mandíbula por terem batido com a cabeça uma na outra durante uma sessão de sexo primitivo. Mesmo assim, Peter a considerava bastante encantadora. Talvez não estivesse raciocinando de forma coerente, mas apenas o fato de vê-la viva e sadia já eram suficientes.

— Sem dúvida está com melhor aparência do que eu — afirmou ele, coçando a orelha.

— Bem, isso é um alívio! — declarou Kate, sacudindo a fuligem da roupa.

Encontravam-se no leito do córrego. Toda a água havia secado com o fogo. Algumas porções de terra queimada e troncos de árvores incinerados fora tudo que restara da floresta.

— Acha que somos os únicos sobreviventes? — perguntou Kate olhando em volta.

— Claro que não. — Peter tomou-lhe a mão e começou a descer o riacho. As poças de água refletiam o céu cinzento acima. Com cuidado, abriram caminho no meio dos escombros chamuscados, evitando os pontos incandescentes.

— Preste atenção, Kate. Estas pedras ainda estão muito quentes — avisou Peter, ajudando-a em seguida a saltar por sobre os destroços de duas árvores caídas.

— Teríamos um destino semelhante se não fosse por você — observou ela.

O'Rourke sorriu para a esposa.

— Você e a sua maldita sopa.

— Vamos voltar a essa discussão? — questionou Kate em atitude defensiva. — Garanto-lhe que nunca mais farei outra canja.

— Não precisa ser tão melodramática — declarou Peter, lançando-lhe um olhar que fazia muitas regiões de seu corpo entrar em combustão.

Depois de tudo que haviam passado na gruta, Kate não acreditava que fosse capaz de corar outra vez, mas aconteceu. Peter percebeu e sorriu, depositando-lhe um beijo suave na face rubra que a fez ferver ainda mais.

Melancólicos, atravessaram o pátio onde ficavam as toras das árvores derrubadas. Não restara nem sequer um graveto de material aproveitável. Os equipamentos pareciam totalmente avariados.

Um pouco acima na colina, avistaram Diablo Camp, que fora destruído por completo.

Relutantes, percorreram os últimos metros da beirada do lago. Apesar do limo e das cinzas, a água refletia a imagem de ambos. Nada poderia ser mais sombrio.

Odiaram o que viram.

Meu Deus! exclamou Kate para si mesma. Estou em frangalhos. Peter jamais poderá me amar vendo-me desta forma.

Diabos! disse ele em seu íntimo. Estou mal o suficiente para interpretar o papel do pai do rei Lear. Kate não pode me amar mais do que a um mendigo!

Trocaram olhares furtivos e logo desviaram os rostos.

O'Rourke esquadrinhou o perímetro em volta do lago. Tudo que encontrou foram várias pedras gigantes que lhe obstruíam a visão.

Adentrou o lago alguns passos e de lá retirou uma garrafa de cerveja vazia flutuante. Limpou-a da sujeira, encheu-a de água e saciou a própria sede. Em seguida, entregou-a a Kate para que bebesse.

— Precisamos encontrar os outros.

Ela anuiu, ainda sorvendo o líquido restaurador.

— Quanto antes formos resgatados, melhor. Estou faminta — declarou, observando, desolada, os peixes mortos que flutuavam na superfície da água.

— Não coma nada que não esteja vivo — aconselhou Peter, percebendo-lhe o olhar.

— Venha, vamos tentar achar Blackie, Al e Raimey. — Decidiu seguir a curva à direita. O terreno estava tão alterado que podia apenas arriscar um palpite onde a estrada de madeira estivera antes.

— Aloooooô! — gritou na esperança que alguém escutasse. O eco da voz reverberou pelo vale.

Kate o seguia de perto, cambaleante de fome.

Peter estacou para observar os sulcos deixados na terra pelas rodas de uma carroça antes de desaparecerem na água. Dirigiu um olhar perplexo à esposa.

— Onde diabo acha que eles se meteram? Tremendo de frio dentro do vestido rasgado, ela olhou para desoladora paisagem. Do outro lado do lago havia uma pequena ilha com árvores crescendo, intocadas pelo fogo.

— Talvez tenham nadado até a ilha — sugeriu Kate. Como a confirmar suas suspeitas, ouviram o relinchar de um cavalo vindo daquela direção.

— Aloooooooooô! — repetiu Peter, utilizando toda a força dos pulmões.

Um segundo mais tarde, um tiro de rifle foi a resposta que eles ansiavam por ouvir.

Os olhos verdes de Kate brilharam de satisfação ao fitar o marido.

— Não estamos mais sozinhos!

Peter entrou no lago mais uma vez e encheu a garrafa de água.

— Espero que tenham alguma comida com eles. Acho que merecemos uma refeição aquecida.

— O'Rourke! É você? — Um grito se fez ouvir da ilha.

— Sim. Sou eu — respondeu Peter, tentando reconhecer a voz. — Jigger?

— Sim! Fiquem aí. Mandarei um barco.

Logo em seguida, dois homens arrastaram um barco de trás de uma moita. Um entrou nele e se pôs a remar.

— É Bobbie White Feather! — exclamou Kate, agarrando-se ao braço do marido.

Peter inclinou a cabeça para discernir os sentimentos que perpassavam o semblante feminino. Ela chorava e ria ao mesmo tempo. Quando se deu conta do olhar sério de O'Rourke, Kate comprimiu o rosto contra o braço musculoso, limpando as lágrimas na manga da camisa que o cobria.

— Desculpe-me — disse, constrangida.

— Quem não ficaria feliz por ser resgatado? — retrucou Peter, retirando a jaqueta e colocando-a sobre os ombros da esposa. — Use isto.

Ela o fitou, estupefata.

— Mas você vai precisar do agasalho. O vento...

— Cubra-se, Kate — ordenou ele. — Ou quer agradar aos olhos dos madeireiros? — continuou, pousando o olhar no corpete rasgado do vestido de Kate, que corou de vergonha, enquanto o marido abotoava a confortável jaqueta em torno de seus ombros. — Devo-lhe muito, inclusive a minha vida — declarou Peter. — Acho que isso empata o placar.

— O que quer dizer? — indagou ela, seguindo-o pela margem do lago.

Peter não se voltou para encará-la.

— Não honrei o nosso acordo. Desculpe-me — ele disse. — Mas não se preocupe. Vou lhe pagar cada moeda que lhe devo.

As palavras a atingiram como um soco no estômago. Oh, Deus! estava certa. Não significava nada para ele. Porém não esperava que a verdade doesse tanto.

O'Rourke acenava de forma vigorosa para o sorridente índio, quando o barco se aproximou da margem.

— Aqui, Bobbie!

Em seguida, ambos entraram no lago e ajudaram White Feather a levar o barco para a outra margem.

Capítulo V

A medida que o barco avançava pela água poluída, tentando não estacar no espesso limo, Kate lutava contra o tremor que a agitava por dentro. Temia o que estava por vir. Por que mencionara o divórcio? O que a fizera dizer aquelas coisas? Odiava-se por cada palavra que havia atirado no rosto de Peter. Não quisera dizer tudo aquilo. Tinha sido apenas uma forma de salvar o próprio orgulho.

— Kate? — A voz do marido a arrancou dos devaneios. - Atracamos. Dê-me a sua mão.

Ao erguer os olhos marejados, ela observou os lábios de 'Rourke se contraírem de impaciência por sua inércia. Para evitar que ele lhe chamasse a atenção, Kate se levantou cambaleante e quase tropeçou na borda do barco, não fosse o braço musculoso a segurá-la pela cintura num movimento rápido e firme.

— Não, Peter — disse ela em tom suave, evitando o olhar inquisitivo do marido. Afastou-se apressada, não suportando estar nos braços do homem que não a amava.

Tentando dispersar a frustração, encaminhou-se na direção do grupo de homens esfarrapados que esperavam para cumprimentá-los.

— Que alívio vê-los todos bem — afirmou Kate, sorrindo e apertando-lhes as mãos.

— Todos menos Joe Burns e Mickey Bannon, madame — informou Jansen, lançando um olhar desolado a Peter.

Quando chegaram ao local onde os homens haviam montado acampamento, Kate sentiu-se aliviada ao constatar que o cenário era melhor do que previra. Os madeireiros haviam cortado árvores e providenciado abrigos temporários.

Peter afastara-se para acocorar-se ao lado de Jeffers, que fora gravemente ferido por um tronco que a equipe que estava cortando árvores havia deixado cair sobre ele quando pressentiram o incêndio.

Após se inteirar do que acontecera com o madeireiro, deixou-o aos cuidados dos amigos Bobbie e Hoss e se encaminhou ao local onde Raimey estava sentado com Moriah, a gata de Kate, no colo.

— Como vai a perna? — perguntou Peter.

— Sarando lentamente. E o inverno está no ar. Posso senti-lo.

— Fique tranquilo, tiraremos você daqui antes que caia a neve. — E apontando para a gata: — Importa-se de me emprestá-la por um tempo?

— Claro que não.

Quando O'Rourke colocou a gata sobre o colo de Kate, os olhos verdes brilharam de alegria.

— Oh, Peter! Você a achou! — Num impulso, ela se ergueu na ponta dos pés e o beijou.

— Achei que uma caçadora de camundongos seria de grande valia — disse ele, afastando-se em seguida.

Naquela noite, sentado próximo ao fogo, Peter pôs-se a conversar com os madeireiros. O assunto girava inevitavelmente em torno da preocupação dos homens com suas famílias.

Escutando-os atento, percebeu que muito da tensão que os assolava poderia ser eliminada.

— Tão logo encontremos a locação ideal para uma serraria, talvez possamos construir algumas casas em vez de barracos, e assim acomodar suas esposas. O que acham?

A pergunta suscitou uma discussão acalorada entre solteiros e casados. Jigger, o capataz, tentou apaziguar os ânimos. Temia alimentar a esperança daqueles homens e, depois, McGillacutty não liberar a verba necessária ao projeto.

Quando os madeireiros se dispersaram, Jigger pediu para conversar a sós com Peter.

— Ouça com atenção — começou o capataz. — Ouvi dizer que Charlie Crocker tem enviado equipes de inspeção a Donner's Pass desde julho passado para mapearem uma rota através das montanhas — confidenciou em tom baixo. — Um grupo de investidores de Sacramento quer construir uma via férrea cruzando as montanhas. Se o projeto for adiante, poderemos ficar ricos.

Peter se empertigou, cada vez mais interessado. Vender vigas para a construção de via férrea poderia ser muito mais lucrativo do que as minas.

— Alguma sugestão sobre o local para o qual poderíamos nos transferir?

— Sim. As serrarias da Califórnia possuem aparelhamento obsoleto. Se construirmos uma roda hidráulica, bateremos a concorrência — afirmou o capataz.

— Mas poderíamos converter para vapor quando a máquina que encomendei de Topeka chegar? — inquiriu O'Rourke.

— Claro. Podemos fazer a reversão em um dia — garantiu Jigger.

Peter deu uma forte palmada no ombro do capataz.

— Você conhece o território. Encontre o melhor local para uma serraria e comece a construir. Enquanto isso, eu volto a Virgínia City para buscar mais homens, dinheiro, carroças e suprimentos.

— Acha mesmo que McGillacutty vai reaparelhar esta equipe?

— O velho pode ser avarento, mas não tolo. — Jigger anuiu.

— É melhor levar consigo Griswold e Jeffers. Eles não têm valia alguma no estado em que se encontram.

Exaustos, Kate e Peter desciam a montanha montados nos cavalos que arrastavam Griswold e Jeffers em macas improvisadas.

Ela nunca vira O'Rourke tão determinado. Quanto mais tortuoso se tornava o caminho, mais ele insistia para que continuassem seguindo em frente.

Por fim, avistaram o povoado de Genoa à distância, exatamente como Jansen o havia descrito.

— Oh, graças a Deus! — Trêmula de exaustão, Kate estacou, observando a paisagem.

— Vamos, Kate — apressou-a Peter. — Temos de levar Jeffers ao médico que Jigger recomendou.

O Dr. Reeves se revelou um legítimo médico de fronteira. Simpático e falastrão examinou o doente meneando a cabeça.

— É melhor deixarem este homem comigo. Ele tem várias lesões internas.

Depois de se despedirem do madeireiro, rumaram, com Griswold na maca atrelada ao cavalo de Kate, em direção a Sun Mountain. Cavalgando um pouco mais atrás de O'Rourke, Kate observava-lhe a imponência. Os cabelos compridos necessitavam de um corte urgente. Os trajés já haviam conhecido dias melhores.

Ele trotava à frente sem nunca vacilar. Para um homem sempre tão falante, estava extremamente taciturno. Peter alegava ser um perdulário convertido, mas nunca mencionava a família ou como vivia antes de o pai dela o contratar. O que sabia sobre aquele homem? Apenas que era bonito, alto, corajoso, que possuía um gênio irlandês irascível e um grande senso de humor.

Cavalgava com a elegância de um homem nascido para a montaria. A despeito do passado que pudesse ter tido, era um amante perfeito, concluiu Kate. Aliás, tudo em Peter a fascinava: o modo como acendia um cigarro, o riso oculto no tom de voz... Até mesmo um olhar fugaz que ele lhe lançava era capaz de suscitar nela as mais primitivas sensações.

De repente, uma pontada de medo lhe perpassou o coração como uma fina adaga. Em breve Peter se encontraria com seu pai. Iria revelar que haviam consumado o casamento? Kate apertou as rédeas do cavalo, quase desistindo de seguir em frente. Insistiria o pai em casá-la com seu capataz? Em se tratando do barão McGillacutty, nada a surpreenderia.

Não se arrependia de haver mentido e tentado enganar o pai, mas se importava com o péssimo tratamento que dispensara a Peter. Nunca deveria tê-lo arrastado para aquela situação. O'Rourke tinha razão em não amá-la. Ela não passava de um fardo na vida dele. E, para sua desdita ser completa, amava-o de todo o coração.

Kate não tinha noção de quanto tempo passara perdida em reflexões, mas quando se deu conta, percebeu que se encontravam nas cercanias de Virgínia City, em frente à modesta cabana de Griswold.

Peter conversava com a esposa do madeireiro, que lhe agradecia com veemência.

Após expor o plano de levar as famílias dos trabalhadores para o novo acampamento que construiriam O'Rourke se despediu com a promessa de retornar antes

de partir da cidade.

Ao deixarem a residência de Griswold, Kate montou no cavalo, fitando com desdém o marido, que a ajudava.

— Que linda cena, não? Suponho que pretende proporcionar a esse casal as maravilhas da vida em uma cabana precária. A Sra. Griswold achará que reside em um palácio, quando deparar com o barraco em que tive de morar!

— Diminua o tom de voz, Kate — ordenou ele. — Não tenho intenção de mandar essa mulher para uma vida de miséria.

— Oh, mas não se importou de fazer isso comigo! — esbravejou ela, fustigando o animal e deixando Peter para trás, envolto em uma nuvem de poeira.

Ao alcançarem a cavernosa entrada do estabelecimento de aluguel de cavalos de Ferguson, Kate puxou as rédeas e desmontou sem ajuda. Sentia o corpo todo dolorido pela longa viagem. Com o queixo erguido, passou pelo marido, que conversava com o empregado do estabelecimento.

Porém O'Rourke lhe segurou o braço com força, obrigando-a a parar.

— Espere. Temos de conversar.

Depois de pagar pelos cuidados com os dois animais, Peter a arrastou pela C Street, ignorando-lhe as tentativas de se desvencilhar.

— Para onde está me levando?

Ele estacou em frente ao Hotel Internacional.

— Que tal suco de frutas? Ou está crescida o suficiente para tomar uma taça de vinho?

— Não estou trajada para ser vista em público.

Sua vida estava desmoronando e o marido querendo conversar! Talvez aquela fosse a forma como um homem descartava uma amante, mas, no caso deles, teriam de acertar algumas formalidades antes de acabar com aquele casamento.

O'Rourke exibiu um sorriso cínico.

— Se lhe serve de consolo, não estou melhor.

— A resposta é "não". Não me apetece nenhuma bebida — declarou Kate. — Foi isso que me fez embarcar nessa situação absurda da primeira vez.

Naquele instante, uma elegante morena, trajando um sofisticado vestido de veludo marrom, transpôs a porta do hotel. Kate mordeu o lábio de inveja. Aquela roupa era tudo que desejava naquele momento.

Como se lesse os pensamentos da esposa, o olhar de O'Rourke se voltou para a elegante dama. Kate pareceu congelar ao observar o caloroso reconhecimento nos olhos de ambos.

— Peter, querido! — saudou a mulher com tamanha carga de emoção na voz que fez algumas pessoas voltarem a atenção para ela.

O semblante de O'Rourke se iluminou.

— Nina? Oh, Deus, Nina! O que está fazendo aqui?

Sentindo o estômago revirar, Kate cambaleou até a parede de tijolos, assistindo,

horrorizada, à elegante morena se atirar nos braços de Peter. Teve de cravar as unhas nas palmas das próprias mãos para não arrancar os olhos daquela mulher. Aquilo era tão injusto! Nunca poderia competir pela afeição do marido com aquela dama sofisticada. Enquanto O'Rourke inclinava a cabeça para beijar a audaciosa morena, Kate virou o rosto para a parede, escondendo as lágrimas.

Nina Lamborghetti sorriu para seu ex-par romântico dos palcos.

— Henri e eu estamos aqui para cumprir uma temporada de uma semana. Estrearemos hoje.

— Estarei lá! — afirmou Peter com um largo sorriso, apertando-lhe a mão de leve. — Deixe-me apresentá-la a uma pessoa muito especial. — Ao virar-se para introduzir Kate na conversa, descobriu que a esposa não estava mais a seu lado. Surpreso, olhou para a atriz com quem trabalhara no Leste. — Ela estava aqui há um minuto.

Compreensiva, Nina sorriu.

— A ruiva alta em trajes... bem... informais? Notei que ela nos observava. Vejo que você ainda gosta de aventuras.

Peter sorriu, divertido.

— Temo que essa seja mais aventura do que eu posso suportar. Casei-me com ela num momento de insanidade.

A amiga lhe lançou um olhar especulativo, retirando uma palha grudada na jaqueta de Peter.

— Vocês estiveram rolando no feno? Nunca o vi tão mal vestido... tampouco tão... saudável.

— Quer dizer sóbrio? É uma longa história, mas agora sou um homem mudado. Vida regrada, trabalho árduo...

— E perdidamente apaixonado? — Os lábios de Nina se curvaram em um sorriso malicioso. — Não o preveni de que um dia isso iria acontecer? Diga-me, casar por amor não é a melhor coisa do mundo?

O'Rourke deu de ombros, reservado.

— Sou recém-casado. Pergunte-me daqui a um ano ou dois, quando eu estiver acomodado na rotina do casamento.

— Quem disse que terá de capitular à monotonia, seu tolo? Veja eu e Henri. Somos casados há doze anos e não nos arrependemos.

— Ambos serão minha fonte de inspiração — declarou Peter, fazendo uma mesura segurando a mão da amiga.

— Peter... — Nina hesitou, decidindo em seguida fazer-lhe a confiança. — Pode me fazer um grande favor?

A despeito da beleza imaculada do rosto da amiga, O'Rourke percebeu traços de preocupação lhe perpassar a fisionomia.

— Claro. Posso me encontrar com minha esposa mais tarde. Disse-lhe que ela se chama Mary Katherine?

Nina sorriu para o jovem amigo. Que mudança impressionante se operara naquele homem! O olhar brilhava com a excitação própria dos apaixonados. Seus instintos sempre

lhe disseram que Peter era um rapaz mais perdido do que mau, apesar das noites que gastava em libertinagens e bebedeiras.

— Adoraria conhecer a sua Mary Katherine — assegurou ela. — Mas, por hora, por que não tomamos um café, enquanto eu lhe conto o que está acontecendo?

Mais uma vez Peter observou uma sombra de temor escurecer os lindos olhos da amiga.

Após pedirem o café, Nina se inclinou para frente, fitando-o com olhar consternado.

— Henri está no quarto, muito doente. Estou tão preocupada! Ele sempre teve um coração fraco devido à febre reumática que contraiu quando criança. O Dr. Vintner acha que a piora em seu quadro se deve à altitude de Virginia City.

Peter estendeu a mão e tocou a da amiga.

— E o que aconteceu?

— Estávamos ensaiando esta tarde, quando Henri começou a esquecer suas falas e depois sentiu falta de ar. Foi então que chamei o médico.

— Oh, Deus, Nina! Ele há de ficar bom — afirmou Peter, desejando poder oferecer mais do que palavras de consolo.

— Sim, mas por hora nada pode ser feito. Ele está confinado em uma cama, e eu, perdida.

— O show tem que continuar, lembra?

— Claro — concordou Nina, lançando-lhe um olhar esperançoso. — Você interpretou Paolo em Francesca da Rimini, não?

— Substituí o ator principal durante toda a temporada em Filadélfia.

— Então será capaz de me ajudar! — exclamou a amiga, exultante.

— Não sou mais um ator. Estou no ramo de serralaria agora.

Os olhos de Nina se dilataram incrédulos.

— Não pode estar falando sério.

— As pessoas comprem mais madeira do que ingressos de teatro — declarou Peter, com um sorriso divertido. — Acho que gosto mais de dinheiro do que de atuar.

Nina lhe voltou um de seus sorrisos vitoriosos.

— Pode-se tirar um ator do teatro, mas nunca o teatro de um ator. Desafio-o a negar isso!

— Talvez, mas não interpreto essa peça há mais de um ano.

— Eu não tenho a quem recorrer.

Peter pensou por alguns instantes, fitando o semblante desesperado da amiga.

— Está bem. Mas não espere uma interpretação digna de Henri.

— Oh, obrigada, Peter! — Nina envolveu-lhe o pescoço com as mãos e beijou-o nos lábios.

Desvencilhando-se de maneira suave, O'Rourke afastou a cadeira e pôs-se de pé.

— Antes, terei de tomar um banho e ler o roteiro — disse, analisando a própria

aparência. — Desculpe-me. Acabei de chegar à cidade.

Nina vasculhou na bolsa e retirou um calhamaço de papéis.

— Aqui está o roteiro, querido. Será como nos velhos tempos — afirmou ela, exibindo um sorriso luminoso.

Em seguida despediram-se com um abraço carinhoso, combinando de se encontrarem às dezenove horas no teatro.

Com o olhar fixo nas páginas do roteiro, Peter transpôs a porta do hotel para colidir com Kate. Tentando recobrar o equilíbrio, ela o fitou furiosa.

— O que significa aquilo? — inquiriu, irada.

— Parece que sou a solução dos problemas dela — retrucou Peter em tom calmo.

— Isso é ultrajante! Vi tudo o que se passou no restaurante. Como consegue suportar uma mulher como aquela, se desfazendo em rapapés e beijando-o daquela forma? É uma desavergonhada!

O'Rourke tomou o caminho da casa de McGillacutty na B Street, decidindo provocar a esposa.

— Uma mulher como aquela? Nina poderia lhe dar umas boas dicas de como ser uma esposa adequada. Deus sabe o quanto você está precisando.

Sentindo-se profundamente ofendida pelo comentário, Kate estacou. Mas apenas por alguns segundos, pois logo o seguiu apressada.

— Como se atreve a sugerir que eu me aconselhe com a sua amante? — inquiriu, indignada, parando na frente do marido. — Sou sua esposa, se já esqueceu, e me recuso a ser objeto de piedade em público.

— Nina é uma velha amiga, não minha amante — explicou Peter, dando um passo atrás e abandonando a calçada de madeira.

— Espera que eu acredite nisso? — indagou Kate, começando a chorar. A violência dos próprios sentimentos a tomou de assalto. Estava perdendo Peter e não sabia o que fazer.

— Katie O'Rourke, você é sem dúvida a mulher mais cega e embotada que jamais conheci! — Os olhos verdes a fitavam com a intensidade de uma broca tentando penetrar em granito maciço. — Do contrário, não tiraria conclusões precipitadas sobre uma amizade inofensiva. Agora vá para casa. Conversaremos mais tarde — dito isso, Peter virou-se e tomou a direção do hotel.

— Para onde está indo? — gritou Kate, com as mãos na cintura.

— Para onde eu possa ter um pouco de paz.

Ela correu atrás do marido.

— Não quero que encontre aquela mulher outra vez.

— Aquela mulher se chama Nina Lamborghetti. É feliz no casamento e sempre se comportou como uma perfeita dama. O mesmo não posso dizer de certa ruiva que eu conheço!

— Se ela é uma dama, jamais desejarei ser uma!

— Chega! — bradou Peter, inclinando-se e erguendo a esposa num gesto rápido e

preciso. Antes que Kate pudesse dar conta do que estava acontecendo, viu-se pendurada por sobre o ombro dele e guiada em direção à casa do pai.

— Seu bruto! Ponha-me no chão! — ela gritou ofegante.

— Com todo o prazer, madame — retrucou o marido, depositando-a sobre o balanço da varanda da mansão de McGillacutty. Em seguida, com a fisionomia contorcida pela ira, apontou o dedo para a face delicada.

— Não saia desta casa até eu voltar! — Kate fitou-o, incrédula.

— Não pense que por sermos casados...

— Ah, sim! — Peter a interrompeu. — Pode mencionar aquele pequeno contrato com o qual adora me punir! — esbravejou, inclinando-se para frente e segurando as cordas do balanço. — Até que a morte nos separe, não é assim? Pois então, não me tente!

Kate inclinou a cabeça para trás.

— Não pode me intimidar dessa forma. Sabe que fizemos um acordo.

Um brilho perigoso perpassou os olhos de O'Rourke.

— Não vou me desculpar pelo fato de ter esquecido de mim mesmo e agido como marido. Foi tanto minha culpa quanto sua. Não, Kate, já é tempo de decidir se os votos que fizemos diante de Deus significam alguma coisa para você. — Peter se empertigou, com o roteiro enfiado debaixo do braço. — Vamos deixar para conversar sobre isso quando tivermos pensado melhor no assunto — sugeriu ele em tom mais ameno.

— Vai voltar para aquela mulher, não? — Kate abaixou a cabeça, convencida de que seu casamento acabara. Grossas lágrimas lhe rolavam pela face.

— Prometi ajudar Nina no teatro hoje à noite.

— Que tipo de ajuda?

— Trabalho de bastidores — informou Peter, evasivo. Aquele não era o momento certo para usar de sinceridade. — O marido dela está doente e eu concordei em substituí-lo.

— Divirta-se — disparou Kate em tom sarcástico. O'Rourke revirou os olhos.

— Não acredita em mim? Pois acredite ou não, estarei lá esta noite, suando mais do que no trabalho da serralha! — após dizer isso, desceu os degraus apressado. Mas estacou alguns passos adiante e a olhou por sobre o ombro. — Eu não quero o divórcio. — Como Kate o fitasse através de duas poças de lágrimas, Peter prosseguiu: — Não faça essa expressão de desamparada. Se você ou seu pai precisarem de alguma coisa, estarei no hotel. Vejo-a amanhã.

Sem esperar por resposta, correu em direção ao hotel. Lá chegando, alugou um quarto. Após um banho relaxante, pôs-se a ler o roteiro, decorando suas falas. Pouco depois, deixou o hotel em direção à barbearia, onde cortou os cabelos, barbeou-se e cortou as unhas.

Durante o jantar, Peter meditou a respeito dos acontecimentos dos últimos dias. Precisava pôr McGillacutty a par dos acontecimentos na floresta e chegar a um entendimento com Kate. Exasperado, suspirou profundamente. Tinha de tirar aquela mulher da mente pelo menos por um tempo, se quisesse interpretar um Paolo decente.

Com um lenço protegendo os cachos de cabelos negros e um espanador nas mãos, Madeleine McGillacutty vagueava pelo escritório do marido, cantarolando.

Esperava que Homer chegasse em casa a qualquer momento e pretendia surpreendê-lo. Havia retirado toda a poeira dos móveis, polido a ampla mesa com óleo de peroba e ajeitado o diploma pendurado na parede. Sabia que o marido ficaria satisfeito de encontrar seus cigarros favoritos na caixa em que os guardava, em cima da mesa.

Deslizou o olhar pelo aposento, satisfeita com o resultado, e retirou o lenço da cabeça, deixando cair os cachos negros em cascata por sobre os ombros. Não se sentia feliz daquela forma desde o tempo de recém-casada.

Desde que a filha partira para Diablo Camp com o sr. O'Rourke, sua vida havia tomado um rumo totalmente novo. Pela primeira vez em anos sentia-se renovada. Ser mimada e amada surtira um efeito em Madeleine que as roupas sofisticadas e a agitada vida social jamais conseguiram produzir.

Adorava a mudança que se operara em sua vida. Ela era tudo o que o marido desejava. Estavam reconciliados e perdidamente apaixonados!

Homer nunca se sentira tão completo como homem. O dinheiro, poder, sucesso e a bela amante não haviam sido capazes de preencher o vazio que Madeleine deixara quando haviam se separado.

Homer a arrebatara numa paixão avassaladora outra vez! A noite de segundas núpcias no Hotel Internacional servira para provar a ambos o quanto ainda amavam um ao outro.

Consultando o relógio de parede no escritório do marido, Madeleine apressou-se pelo corredor em direção à cozinha. Estava preparando mais um romântico jantar à luz de velas. Com a casa só para eles, os McGillacutty, como duas crianças levadas, estavam compensando o tempo perdido.

Juntando a mais fina porcelana e prataria, ela adentrou a sala de jantar e começou a pôr a mesa. Ao passar pela janela da frente, pensou ouvir um choro baixo e convulsivo. Curiosa, olhou pela vizinhança, mas não avistou nenhuma criança. Porém o som continuava no mesmo ritmo. Havia apenas uma pessoa, além de si mesma, que era capaz de produzir aquele deplorável som.

Caminhou até o vestibulo e abriu a porta.

Kate despencou da soleira para os braços da mãe. Molhando o tecido da blusa de Madeleine de lágrimas, apertou-se contra o colo da mulher que lhe dera a vida.

— Oh, mamãe... o que... farei? — balbuciou Kate. Madeleine amava a filha com toda a força de seu ser, mas não poderia imaginar hora mais inapropriada para a chegada de Kate. Com a típica clarividência materna no que diz respeito aos filhos, pressentia que a noite romântica que planejava desfrutar com o marido estava arruinada.

— Não sei querida — respondeu com um suspiro resignado. — Depende do que a fez ficar neste estado.

Kate inclinou a cabeça para trás de modo que pudesse fitar a mãe nos olhos.

— Claro. Como poderia saber? Madeleine sorriu tolerante.

— Sei mais do que possa imaginar. E conheço minha filha. Pode me dizer o que aconteceu? — indagou, guiando Kate até o sofá da sala de visitas. — Posso lhe oferecer um chá?

Só então a filha se deu conta do sorriso polido de Madeleine.

— Não está feliz em me ver? — indagou, limpando as lágrimas com as costas da mão.

— Sim e não — respondeu a mãe, usando de sinceridade. — Se fosse uma visita casual de minha filha, eu estaria encantada. Mas a julgar pelas suas lágrimas, deve estar planejando ficar por muito tempo.

Kate ergueu os olhos para a mãe.

— Oh, cheguei em hora imprópria? Como está papai?

— Nunca estive tão bem. — Madeleine sorriu com ternura, deixando escapar um suspiro sonhador. — Estávamos planejando um jantar íntimo. Suponho que queira nos fazer companhia...

Kate não estava acostumada a ser tratada como visita. Ela e a mãe sempre haviam sido muito unidas. Era natural que recorresse ao colo materno nos momentos difíceis. Agora, porém, não estava tão certa disso.

— Passei por muita coisa desde que parti — começou Kate, imaginando o melhor modo de pôr a mãe a par dos últimos acontecimentos.

Madeleine pôs-se a observar a filha. O vestido rasgado, os cabelos emaranhados, as unhas quebradas e a face suja. Sem mencionar as botas enlameadas.

— Negligenciou sua aparência desde que partiu.

Kate revirou os olhos, deixando escapar um som gutural da garganta.

— Sobrevivi a um incêndio florestal. Todas as minhas roupas foram queimadas. Além disso, trabalhei como uma escrava no acampamento. Eu era ajudante de cozinheiro.

— Deve ter sido um grande desafio — afirmou a mãe, pensando nas próprias tarefas domésticas.

— Uma grande parte da minha desdita é culpa de papai! — disparou Kate, erguendo-se e caminhando pela sala com as mãos para trás.

— Sim, eu sei — concordou Madeleine, condoendo-se pelo sofrimento da bela filha. — Seu pai foi um tanto rude, mas... — Gesticulou com eloquência em direção a Kate. — Ao que parece, conseguiu sobreviver de maneira esplêndida. — E curvando os lábios num sorriso divertido, concluiu: — Com exceção de seus trajes, óbvio.

— Eu me casei com Peter O'Rourke para escapar do jugo de papai, e não por amor — Kate revelou, baixando a cabeça e imaginando o quanto aquilo decepcionaria a mãe. Madeleine suspirou, exasperada.

— Oh, minha querida criança! Se eu soubesse disso, nunca teria permitido que se casasse. Seu pai me assegurou que vocês estavam tão apaixonados um pelo outro quanto nós vinte anos atrás.

— Isso não é verdade — confessou Kate, ajoelhando-se em frente à mãe. — Peter tinha ciência de que eu planejava pedir a anulação do casamento tão logo chegasse a San Francisco. Recebeu mil dólares para se casar comigo — concluiu, enterrando a cabeça no colo de Madeleine.

A mãe lhe ergueu o queixo e fitou a face delicada de traços perfeitos.

— Não quero parecer moralista ao extremo, mas, sinceramente, Kate! Suborno?

Pensei que tivesse um pouco mais de bom senso. Tenho certeza de que o nosso estimado Peter se casaria com você de qualquer jeito.

Kate dirigiu-lhe um olhar desanimado.

— Não tem idéia de quanto ele hesitou em concordar. — Madeleine afastou uma mecha dos cabelos emaranhados da testa da filha.

— Seu pai ficou feliz com a sua escolha.

— Oh, o que ele pode saber? — fungou Kate.

A mãe se ergueu e acendeu a lamparina do móvel próximo.

— Não subestime seu pai — aconselhou, sorrindo com ternura. — Querida, ele esteve sempre um passo à sua frente nessa história.

— Não acredito no que está dizendo! — gritou Kate, seguindo a mãe pelo corredor até a cozinha.

— Seu pai sabe como a sua mente funciona querida. O que ele não escutou através daquele buraco que liga o escritório à lavanderia ou soube por intermédio de Peter, concluiu por si mesmo. — Madeleine retirou a chaleira do fogo e encheu um bule de porcelana fina com a água fervente. Em seguida, pôs-se a arrumar a bandeja de chá. — Você é tão parecida com seu pai... Não só na cor dos cabelos, mas também no temperamento.

— E, ainda assim, ele deixou que eu embarcasse nesse maldito casamento? — Que humilhação! pensou Kate. Todos os esforços que empregara para enganar o pai haviam sido em vão!

— Foi traída pela sua própria impetuosidade — afirmou a mãe em tom suave, enquanto derramava o líquido nas xícaras.

— Suponho que isso me poupe de ter de explicar o que aconteceu — disse Kate.

— Oh, mas estou bastante curiosa! O que vocês têm feito desde que se despediram de nós no Hotel Internacional? — indagou Madeleine, voltando à sala de visitas com a bandeja nas mãos.

Kate deixou-se afundar no sofá em frente à mãe e discorreu sobre todos os acontecimentos que se sucederam desde sua partida. Porém, durante o relato, concluiu que a estadia no acampamento não havia sido tão ultrajante. Afinal, aprendera a cozinhar. E, por fim, acabou descrevendo, animada, como os madeireiros apreciaram seu assado de carneiro.

Consultando o relógio da sala, Madeleine ergueu-se em um impulso. Caminhou apressada até a cozinha e retirou a carne assada do forno. Quando retornou, acomodou-se ao lado da filha.

— Pelo que posso perceber você se adaptou muito bem à nova situação. Seu pai ficará orgulhoso — declarou a mãe. — Mas quase não mencionou sua vida com Peter.

Chegara o momento da verdade, pensou Kate, dando de ombros.

— Ele salvou a minha vida no incêndio, claro... Depois me arrastou para a caverna e fizemos amor por dois dias. Findos os quais eu pedi o divórcio e...

— Espere! — Madeleine ergueu a mão repleta de jóias para interrompê-la. — Fizeram amor? Presumo, pelo que me contou até agora, que foi a primeira vez.

Kate anuiu, corando intensamente ante a lembrança do que experimentara na caverna.

— Sim, mas repetimos várias vezes.

Madeleine observou as folhas do chá em sua xícara com um sorriso misterioso.

— E você gostou?

— Mamãe!

— Ah, confesse que gostou! — A mãe riu ante a expressão escandalizada de Kate.
— É natural, querida. Eu entendo desse assunto.

Só então Kate percebeu quão renovada e feliz estava Madeleine.

— Peter é muito experiente e mundano.

— Assim como seu pai quando nos casamos — recordou a mãe, sonhadora. Em seguida, endereçou um olhar inquisitivo à filha. — Há algo que não entendi. Você e o seu homem das cavernas — começou, rindo. — Fizeram amor, o que parece ter-lhe agradado bastante. Então, por que pediu o divórcio?

— Não se faça de desentendida, mamãe — disparou Kate, exasperada. — Peter e eu temos um acordo. O casamento não deveria ter sido consumado.

Madeleine deixou escapar um longo suspiro.

— Não vejo como poderá conseguir o divórcio. Por que não aceita o fato de que a natureza seguiu seu curso e que está casada com um homem encantador?

— Nunca pensei que minha própria mãe iria se virar contra mim! — exclamou Kate, indignada. — Eu disse a Peter que... bem, já que é tarde para pedir a anulação, insisto no divórcio.

Um silêncio pesado pairou entre ambas. Madeleine pousou a xícara e estudou a bela filha. Pela primeira vez se deu conta de que havia cometido um erro em criar Kate sem o pulso firme do pai.

— Acho que tudo que tem a fazer é pedir desculpas a seu marido.

— O quê? Rastejar? — Os lábios de Kate se comprimiram em uma linha fina.

— De joelhos, se necessário, mocinha — declarou a mãe com o olhar repleto de dignidade. — Seu pai e eu passamos por momentos difíceis, até mesmo pecamos um contra o outro, mas nunca mencionamos o divórcio!

Kate pareceu congelar perplexa diante da reprimenda.

— Sei que papai se encontrava com outra mulher, mas a senhora...

Madeleine meneou a cabeça em negativa.

— Nunca permiti que outro homem se interpusesse no meu casamento, porém não sou uma santa. — Foi a vez de a mãe comprimir os lábios. — Uma mulher se sente sozinha depois de alguns anos. Mas, graças a Deus, caímos em nós a tempo! — O relógio na cornija da lareira badalou, alertando Madeleine para a chegada iminente do marido. — Kate, não quero vê-la jogar pela janela sua chance de ser feliz.

Kate envolveu os joelhos com as mãos, balançando para frente e para trás no sofá.

— É tarde demais. Neste exato momento, Peter está com a amante no hotel.

— Como sabe disso?

— Vi-os se beijando na frente de todo o mundo da cidade — revelou Kate com a voz embargada.

— Talvez tenha interpretado a situação de modo errado — ponderou a mãe.

— Oh, ele quer que eu pense que aquela mulher ousada é apenas uma velha amiga — declarou Kate. — É uma mulher casada, mamãe, e me tomou o marido em um passe de mágica.

Deus! Aquilo não podia ser verdade, pensou Madeleine, pressionando os lábios contra a testa da filha. Precisava saber o que Kate sentia por aquele homem. Ela sempre fora uma moça sensata. Para se encontrar naquele estado deplorável, sentimentos profundos deviam estar envolvidos.

— Como se sentiu quando os viu juntos?

— Tive vontade de arrancar os olhos daquela sirigaita! — vociferou Kate, com os olhos brilhando de indignação. — Oh, ela é tão bonita e sofisticada! Eu queria morrer naquela hora.

— O que sente por Peter? — insistiu a mãe.

— E o ódio! Ele fez amor comigo e eu... — Kate ergueu os belos olhos verdes repletos de lágrimas. — Tive esperança de... — Enterrou a face no ombro de Madeleine e deu vazão ao pranto.

— Oh, você o ama! — exclamou a mãe, compreensiva. Em seguida, tomou a filha nos braços, acariciando-lhe os cabelos. — Teve um acesso de ciúme, querida. E ninguém nutre tal sentimento por alguém que lhe é indiferente. —

Erguendo o queixo da filha, fitou-a nos olhos. — Você ama seu marido.

— O que farei? — indagou Kate, ainda soluçando.

— Meu Deus! Foi essa a primeira pergunta que fez quando abri a porta — lembrou Madeleine sorrindo, indulgente e entregando um lenço à filha.

— Mesmo que eu o ame, ele está com aquela tal de Nina Lambor... Oh, sei lá o quê! É uma atriz, e Peter inventou uma desculpa que iria ajudá-la nos serviços de bastidores.

Os olhos de Madeleine se dilataram de surpresa.

— Nina Lamborghetti? Oh, minha querida, tem uma poderosa oponente! Ela estará se apresentando no Maguire's Opera House esta noite. — Madeleine se inclinou para pegar a bandeja. — Venha até a cozinha. Conversaremos enquanto ou acabo de preparar o jantar.

Envolta no robe de seda da Madeleine, Kate observava as chamas crepitarem na lareira. Ambas haviam queimado o vestido de lã rasgado e também tinham brindado ao plano da mãe. Em seguida, cada uma tomou seu rumo.

A Sra. McGillacutty voltou à atenção aos últimos preparos do jantar, e Kate afundou na banheira de água tépida, desfrutando as delícias de um banho de espuma no aposento contíguo à cozinha.

Enquanto esperava para que Madeleine a ajudasse a lavar os cabelos, sorveu o segundo cálice de vinho do Porto da adega do pai. A bebida lhe dava coragem para seguir os planos da mãe para aquela noite.

Momentos mais tarde, o pai chegou em casa, caminhando apressado pelo hall e chamando o nome da esposa em tom lânguido. Em seguida, ouviu Madeleine se precipitar em direção ao marido para cumprimentá-lo com um beijo longo e apaixonado. Era estranho, depois de tantos anos, ouvir a risada cúmplice em vez do silêncio constrangedor entre os dois.

Recostando a cabeça na beirada da banheira, Kate percebeu os olhos se encherem de lágrimas. Sentia-se feliz pelos pais, mas por que haviam demorado tanto para agir daquela maneira?

— Homer, psiu! Kate está aqui — ela ouviu a mãe dizer. — Ela vai nos ouvir.

— Kate? O que ela está fazendo aqui — a voz máscula reverberou pelos aposentos da casa. — Deveria estar com o marido.

— Peter também se encontra na cidade. Tenho certeza de que o marido de nossa filha tem muito a conversar com você.

O barulho de talheres e louça indicava que Madeleine devia estar pondo a mesa. Ainda assim, beijos estalados e risadas se faziam ouvir. A felicidade de ambos era tão evidente que causava uma pontada de inveja na filha.

— Mãe! — gritou Kate. — Venha me ajudar a lavar o cabelo. A água está esfriando.

— Em um minuto, querida. — Pouco depois, Madeleine adentrou o aposento com uma bacia com água. — Seu pai chegou — informou, ofegante.

— Sim, eu ouvi.

A face da mãe, corou de imediato.

— Tem muito cabelo, Kate. Vou buscar mais água. Voltarei já.

Minutos mais tarde os cabelos de Kate estavam limpos e perfumados. Ela deslizou para fora da banheira, enquanto os enxugava com uma toalha felpuda, imaginando o que iria vestir naquela noite.

— Enviei seu pai em uma missão — a voz de Madeleine arrancou-a de seus devaneios. — Vamos ao teatro esta noite!

Excitada com a perspectiva, Kate rumou, apressada, para seu quarto. Enquanto esperava pela mãe, pôs-se a analisar o armário. O único traje pendurado era seu vestido de noiva, coberto por um lençol de musselina. Levava todas as suas roupas para o acampamento, e o fogo as havia destruído.

Meia hora depois, Madeleine entrou no quarto com uma bandeja de comida.

— Coma. Vai precisar das suas forças. — Observando o estado de agitação da filha, foi postar-se ao seu lado. — Será uma longa noite.

— Não estou com fome — declarou Kate, revirando os olhos.

Ignorando-lhe os protestos, Madeleine amarrou um guardanapo de linho em volta do pescoço da filha.

— Ninguém deve entrar em uma batalha com o estômago vazio. — Colocou a bandeja sobre o colo de Kate e afastou-se, observando-a como um general.

— Está bem! — Rendeu-se a filha. Engoliu como pôde a carne assada e as cenouras e comeu todo o pão. — Satisfeita?

— Tome o leite.

— Deus! Está me tratando como uma criança! — esbravejou Kate, mas logo se conteve. — Desculpe-me. Acho que fiquei afastada das boas maneiras por muito tempo.

— Está perdoada — declarou a mãe em tom amável.

— Isso não vai dar certo — começou Kate, insegura. Tomou um gole de leite e limpou o bigode branco que se formou em torno dos lábios. — A comida estava uma delícia.

— Obrigada, querida — agradeceu Madeleine fitando a filha nos olhos. — E sim. Isso vai dar certo.

— Não tenho nenhum traje para vestir. Não posso ir ao teatro nua. — Olhou para o guarda-roupa vazio.

Os olhos azuis acompanharam os da filha. Em seguida, Madeleine retirou de lá o vestido de noiva e deslizou os dedos pelo cetim branco.

— Se removermos a cauda e o boá, ninguém dirá que é o seu vestido de casamento.

— Mas é branco — objetou Kate, comendo o restante das batatas, já que a sobremesa acabara e ainda se sentia faminta. — Essa cor é para virgens, o, que definitivamente, não sou.

A mãe ergueu o queixo em desafio.

— Eu visto branco com muita freqüência. Com a minha tiara e os brincos de pérola, você parecerá uma rainha — sussurrou para provocar um efeito dramático.

Kate estacou antes de levar uma garfada de batatas à boca. Pousou o talher, limpou os lábios com o guardanapo e o colocou sobre a bandeja.

— Deixe-me ver esse vestido.

Juntas, estenderam o fino traje sobre a cama e analisaram os ajustes que poderiam ser feitos. Instantes depois, Madeleine indagou:

— Está preparada para se transformar na mulher mais sedutora do mundo?

Um tremor tomou o corpo de Kate, indo se alojar no baixo-ventre. Passou o braço em volta do pescoço da mãe e a puxou para si.

— Como diria Peter: Diabos, sim! — exclamou, animada. — Independentemente do que possa acontecer, eu lhe agradeço mãe.

— Só lhe peço para que não fale em divórcio quando ele a estiver carregando para a cama — brincou Madeleine, dando-lhe uma piscadela.

A face de Kate se tornou rubra.

— Não cometerei esse erro outra vez.

Madeleine sentou a filha na cama e deu início ao processo de transformação que, esperava, fosse deixar O'Rourke sem ar.

— Dispomos de menos de uma hora antes que as cortinas do Maguire's Opera House se abram. Deixe-me ver o que posso fazer com os seus cabelos. — Com movimentos precisos, escovou-os e penteou com esmero os cachos soltos, compondo um elegante penteado.

De repente, Kate percebeu que até então fora egoísta. Seus olhos encontraram os

da mãe no espelho.

— Você e papai nem sequer jantaram.

Madeleine sorriu.

— Seu pai será alimentado, não se preocupe.

— Vou encontrar Peter sozinha? — ofegou Kate, segurando-se na quina da penteadeira, enquanto a mãe a apertava em um de seus espartilhos. — O que papai está fazendo?

— Convidando o capataz dele, o Sr. Simpson, a acompanhá-la. Os dois irão conosco na estréia da peça. — anunciou Madeleine, empunhando a tesoura de bolso para proceder às alterações no vestido de noiva.

— O Sr. Simpson? — indagou Kate, desconfiada. — Não era com esse homem que papai queria me casar?

— E que diferença isso faz? Está casada com Peter agora.

Após as mágicas mudanças operadas pela mãe no traje Kate o experimentou, extasiada. Ninguém seria capaz de dizer que aquele fora seu vestido de noiva. Madeleine ajustou a tiara aos cachos ruivos. Em seguida, foi a vez das jóias que pertenciam à família St. Yves havia gerações.

— Se isso não deixar seu marido deslumbrado, não sei o que deixará — declarou a mãe, fitando a obra de arte à sua frente.

Kate admirou, extasiada, a maravilhosa figura que a observava através do espelho.

— Pareço uma... uma... — Baixou o olhar, incapaz de pronunciar a palavra "cortesã", embora fosse o termo que lhe viera à mente. — Acha que Peter vai gostar de me ver assim? — perguntou insegura.

— Se O'Rourke é um mundano, como poderá resistir? — Os olhos azuis brilhavam de admiração. — Quanto à sua rival — começou Madeleine, dando de ombros com desdém. — Lembre-se: ela é bem mais velha que você.

— E bem mais experiente — completou Kate, mordendo o lábio. Nervosa, virava para um lado e para outro, examinando o próprio reflexo no espelho.

— Acredite-me, querida. Peter irá à loucura quando a vir neste vestido. — Em seguida, Madeleine rumou apressada ao próprio quarto a fim de se arrumar para a grande noite.

Kate desceu a escada, decidida a aguardar na sala de estar o retorno do pai. Durante o trajeto, dava risadinhas, imaginando a reação de Peter quando a encontrasse no teatro. Se ele estivesse de fato nos bastidores, teria de visitar o elenco nos camarins após o espetáculo. Faria com que O'Rourke se arrependesse do momento em que voltara suas atenções a Nina qualquer que fosse seu sobrenome, pensou.

Naquele instante, a porta da frente se abriu e McGillacutty entrou apressado.

— Papai! O senhor voltou! — Kate adiantou-se de pronto para cumprimentar o pai e o convidado.

— Kate, apresento-lhe meu capataz, Lewis Simpson.

Kate fitou o par de estonteantes olhos castanhos. Lewis não era tão alto quanto Peter, mas não menos bonito. A boca carnuda e sensual se abriu em um sorriso

encantador ao vê-la no elegante traje. Seus cabelos eram negros e elegantemente penteados.

Kate sentiu-se zozza. Seria forçada a escolher entre esse homem e o marido? Baseando-se apenas nos atrativos físicos, seria uma escolha difícil. Por um instante se questionou se não embarcara em toda aquela confusão à toa. Afinal, a escolha do pai não tinha sido nada má!

— Finalmente nos conhecemos — manifestou-se Simpson, exibindo os dentes perfeitos. Não possuía as covinhas no rosto nem o buraco no queixo de Peter, mas não havia como negar o charme irlandês do capataz.

— Onde está sua mãe? — quis saber Homer, enquanto se encaminhava ao pé da escada. — Maddy! Aprese-se ou perderemos o primeiro ato! — gritou para o andar superior.

— Estarei aí em um minuto! — respondeu a esposa. Pouco tempo depois, encaminhavam-se à carruagem com Homer ladeado por Madeleine e Kate.

Após ajudar as damas a subirem no veículo, o pai se sentou no lugar do condutor e Simpson juntou-se a elas.

— Uma noite adorável, não acha? — comentou Madeleine com o capataz.

— Sem dúvida, madame. — O olhar de Simpson pousou na bela ruiva sentada de frente para ele. Não conseguia pensar em nenhuma palavra que pudesse dizer. Então, aquela era a filha do patrão, pensou, engolindo em seco. Sabia que ela havia se casado com O'Rourke, o homem que McGillacutty designara para cuidar de suas madeiras. Tudo acontecera de maneira repentina, antes que tivesse a chance de conhecê-la. O que era normal naquela terra em que o número de homens excedia o de mulheres na proporção de trinta para Um.

— Quase não consegui encontrar ingressos — manifestou-se Homer, soltando uma baforada do charuto e lamentando não ter podido jantar. Não lhe agradava ser arrastado para o plano mirabolante da esposa. Tampouco levar o pobre Simpson consigo, visto que Kate nem sequer quisera conhecê-lo antes de se casar. Pelo que havia entendido do que Madeleine lhe dissera, o genro estava envolvido com algum rabo-de-saia.

— Fiquei feliz que os tenha conseguido querido — declarou a esposa, como se não tivesse nada em mente a não ser o inocente entretenimento daquela noite.

— Que gentil de sua parte aceitar o convite de última hora — disse Kate, sorrindo para o acompanhante.

— Só estive no teatro uma vez nos últimos quatro anos — confessou Simpson.

Madeleine o fitou pensativa.

— Suponho que o trabalho o mantém por demais ocupado para se dedicar ao divertimento. O que faz nas suas horas de folga?

Lew corou, sabendo que não podia revelar como gostava de aproveitar o tempo ocioso. Por certo as damas se chocariam se mencionasse o Julia's Palace, a casa de prostituição da D Street.

— Jogo cartas, tomo um bom uísque. Esse tipo de coisa.

— Aposto que o Sr. Simpson passa a maioria do tempo trabalhando — disse Madeleine à filha. — Estou certa?

Naquele instante, a carruagem parou com um solavanco em frente ao Maguire's Opera House. Após retirar os quatro ingressos do bolso interno do sobretudo, McGillacutty tomou o braço da esposa e adentrou a casa de espetáculos lotada, tendo o casal de jovens atrás de si. Agradeceu o fato de ter conseguido um camarote. Não gostaria de submeter a família ao desconforto da platéia.

— Vamos procurar nossos lugares.

As luzes das lamparinas a gás piscaram, indicando que a peça teria início em breve.

Os dois homens abriram caminho através da multidão, permitindo às damas a passagem segura até o camarote lateral. Uma vez lá, Kate descobriu-se comprimida entre os pais e Simpson.

— Tenho minhas dúvidas de que conseguirei ver ao menos um ato da peça — sussurrou Lew no ouvido de Kate. — Não consigo desviar os olhos da senhora.

Ao ouvir o comentário do capataz, Madeleine estendeu um leque marfim para a filha.

— Para lhe dar sorte — murmurou.

— Obrigada, mamãe. Vou precisar — agradeceu Kate, lançando um olhar nervoso ao irlandês de cabelos negros sentado ao seu lado.

As luzes se apagaram, fazendo o teatro imergir na mais completa escuridão, enquanto o proprietário surgia através da cortina de veludo e conclamava a platéia ao silêncio.

— Senhoras e senhores, sua atenção, por favor! — Um Burburinho excitado perpassou a multidão. — Por motivo de doença, anunciamos uma alteração no programa desta noite. No papel de Paolo temos o privilégio de apresentar um ator que surgiu recentemente no nosso teatro. Irão se lembrar dele da produção irlandesa de Camille. Peço seus aplausos para o grande protagonista, o Sr. Peter O'Rourke!

As cortinas se abriram para revelar um palco iluminado por uma artificial luz solar. No centro, trajado à italiana, Peter O'Rourke proferiu as primeiras falas do texto.

Ainda incrédulos pela revelação, os três membros da família McGillacutty inclinaram-se para frente nos assentos.

A mandíbula de Homer se contraía de maneira convulsiva.

— Um ator! — exclamou ele, segurando com a mão rechonchuda a balaustrada do camarote. — Maddy! Oh, Maddy! — gemeu. — Como isso pôde acontecer? Fui ludibriado por meu próprio genro!

Abafados pelos aplausos, os comentários de Homer só foram ouvidos pela esposa e filha.

Exausto após um dia cansativo de trabalho na mina, Simpson esticou as pernas, bocejou e fechou os olhos, cochilando em segundos.

Para os McGillacutty, a revelação da profissão de O'Rourke não era confortadora.

Homer ressentia-se pela traição. Havia tirado Peter da sarjeta! Acolhera-o em sua própria casa e o aprovara como genro!

Madeleine também estava chocada, mas o que a preocupava eram as duas pessoas que mais amava na vida. O que Peter O'Rourke fazia para ganhar a vida não era tão importante quanto a felicidade da filha. Considerando o estado em que se encontrava o

marido naquele momento, temia que algo lhe acontecesse.

— Dê-me isso! — Kate arrancou o binóculo das mãos da mãe e focou o homem que interpretava o papel do conde italiano. Era mesmo Peter! Estonteantemente bonito, como sempre. Másculo, alto e esbelto, era a pessoa perfeita para interpretar Paolo. Dentro ou fora do palco, aquele homem nascera para seduzir qualquer alma feminina.

À medida que a trágica história de amor se desenrolava, uma onda de romantismo tomava conta da platéia. Por todo o teatro; os espectadores se inclinavam para frente em seus acentos, hipnotizados pelas palavras declamadas por Peter.

Naquele camarote em particular, três pessoas prendiam a respiração. Não porque se importassem com o destino de Francesca da Rimini e seu amante, mas devido a quem estava interpretando o protagonista.

Não me admira o fato de ele me levar à loucura recitando poesias! pensou Kate, perplexa. Como Peter devia ter se divertido... Sem dúvida, fazia aquilo para pôr em prática seus dotes de ator, sem se importar com os sentimentos da esposa. Oh! E pensar que ela acreditara em cada frase!

Foi a vez de McGillacutty arrancar o binóculo das mãos da filha e focá-lo no genro. Trincou os dentes, certo de que fora vítima do maior trapaceiro da história da humanidade. Quem poderia supor? Um ator iniciante fazendo a todos de bobos! Se tivesse atingido apenas a ele, poderia esquecer o incidente e creditá-lo à experiência de O'Rourke, mas não poderia perdoar o que o sujeito fizera a Kate.

Kate fitava o marido, fascinada. O farsante representava de maneira esplêndida! Até mesmo ela estava inclinada a acreditar na sinceridade de Paolo.

Canalha! pensou, recordando a loquacidade de Peter com ela. Havia se apaixonado por um homem cujas palavras por certo eram oriundas de um texto.

Por todo o teatro, homens e mulheres mantinham-se fascinados pela atuação de O'Rourke.

Com extrema competência, os atores levaram ao fim o primeiro ato, sendo aplaudidos efusivamente. Era o momento do primeiro intervalo.

Lew Simpson ergueu-se, revigorado pelo cochilo, e sorriu.

— Boa peça, não? — comentou com entusiasmo.

— Extraordinária — concordou Madeleine, tomando a mão do marido.

— Ele é muito bom ator, não acha, papai? Fiquei surpresa também, mas...

— É um ator revoltante, Kate! — esbravejou Homer, com a face rubra de raiva. — Espere até eu botar as mãos nele!

— Acalme-se Homer. Por que nós dois não vamos para casa? — sugeriu a esposa. — Vai se sentir melhor depois de um lauto jantar. Se quiser, posso lhe fazer uma massagem relaxante — acrescentou ela, com um sorriso promissor.

— Não tente me manipular, Madeleine! — McGillacutty bateu com o punho na balaustrada. — Confiei minha filha àquele rapaz e... — Calou-se, incapaz de continuar, tão chocado se encontrava. Ergueu-se e caminhou em direção à porta, abrindo caminho entre a multidão.

— O que pretende fazer, papai? — indagou Kate, ansiosa.

— Não é apenas pelo fato de O'Rourke ser ator — disse Homer, esclarecendo seu ponto de vista. — Tudo que eu desejava era que você se casasse com um homem forte e trabalhador, para que me dessem netos de bom senso. Isso é pedir muito? — perguntou, olhando para a filha. — Suponho que já esteja gerando um pequeno ator em seu ventre!

— Que coisa grosseira para dizer, Homer! — protestou a esposa.

McGillacutty passou a mão sardenta pelos cabelos.

— O que fiz para merecer tal destino? Como posso recompensá-la? — indagou a Kate.

— Oh, papai! Trata-se da minha vida, não da sua ou da mamãe. Sou eu que terei de viver com Peter, não vocês — retrucou, rindo. — E pare de mencionar netos hipotéticos.

— Querido, você tem passado momentos de grande tensão nos últimos dias com a inundação da mina — começou Madeleine, ajeitando a gravata do marido. — Não deve se aborrecer tanto.

— Vou falar com o meu advogado na primeira hora da manhã — ameaçou McGillacutty.

— Acho que haverá uma explicação lógica para que o Sr. O'Rourke não revelasse sua profissão — argumentou a esposa, seguindo-o em direção à saída do teatro.

— Alguém poderia me dizer o que está acontecendo? — manifestou-se Simpson. Ainda não havia ligado Peter à imagem do ator no palco.

— Meu marido é um ator — explicou Kate, aconchegando-se à capa de veludo preto da mãe. A brisa gelada que soprava das montanhas cobertas de neve a fazia tremer por dentro. Nunca vira o pai mais irado. Nem mesmo quando ela se recusara a casar com o homem em pé a seu lado.

Naquele instante, um funcionário do teatro passou por eles, anunciando o início do segundo ato.

— Está me dizendo que seu marido é um dos atores no palco? Bem que achei que o personagem Paolo me parecia familiar.

— Sua mãe e eu vamos para casa — informou Homer, esperando que a filha aproveitasse a deixa e os acompanhasse.

Sem intenção de passar o resto da noite suportando as queixas do pai, Kate estava determinada a ficar até o fim da peça. Pensando assim, dirigiu o seu mais belo sorriso a Simpson.

— É uma bela peça, não concorda? A despeito do fato de meu marido estar nela, desejo ver o final. Importa-se de me acompanhar, Sr. Simpson?

— Eu me sentirei honrado — respondeu o capataz com uma leve mesura. — Fique tranqüilo, Sr. McGillacutty. Leva rei sua filha para casa em segurança.

— Obrigado, Simpson — murmurou Homer. — Deixarei a carruagem à disposição dos dois. Sinto-me um tanto agitado. Uma caminhada será revigorante.

Kate pousou a mão enluvada sobre o braço do capataz e ambos dirigiram-se ao camarote.

— Vamos logo, Sr. Simpson. As cortinas vão abrir a qualquer momento.

Os dois adentraram o camarote vazio com a cena já em andamento. Simpson

ajudou Kate a retirar o agasalho e sentar-se.

De repente, a platéia se desfez em aplausos quando a atriz principal fez sua primeira aparição. Enciumada, Kate voltou a atenção à magnífica mulher que se movimentava, altiva, pelo palco.

Pelo binóculo, esquadrinhou Nina Lamborghetti à procura de defeitos. A maquiagem bem aplicada apenas realçava os traços perfeitos da atriz. Arriscando um olhar ao lado, Kate observou seu acompanhante, que se inclinara para frente no assento, inebriado com a beleza da protagonista. Para ele e todos os homens presentes no teatro, ela era como uma deusa inalcançável.

Era clara a diferença entre o homem escolhido por seu pai, sentado a seu lado, quase babando por causa da magnífica atriz, e Paolo, o amor de Francesca, concluiu Kate, fixando o olhar no marido e comparando as ações de Peter dentro e fora do palco.

Como as centenas de espectadores presentes, Kate se encontrava imóvel no assento, a atenção toda voltada ao palco, enquanto as cenas se seguiam conduzindo o drama. Com os olhos rasos d'água, ela roia as unhas. O próprio casamento parecia tão sem esperança quanto o romance dos protagonistas.

O olhar angustiado de Peter desviou-se da delicada morena e vagou pela platéia. Kate sentiu o corpo tencionar na cadeira. As palavras que o marido pronunciava lhe atingiam direto o coração.

Como ele poderia proferi-las sem que nada significassem? Voltou a concentrar a atenção no casal de jovens amantes sofredores. Pareciam tão angustiados com a possibilidade de perder um ao outro! Quando os lábios do casal de atores se uniram num beijo profundo, Kate mordeu o dela até sentir o gosto de sangue. O homem a quem amava fazia uma cena de amor com outra mulher na frente de todo o mundo! Que tipo de marido permitiria uma coisa daquelas? Talvez Nina não fosse casada e Peter tivesse mentido a respeito do estado civil da atriz.

Durante as tórridas cenas de amor no quinto ato, Kate estremecia de angústia e êxtase. As declarações calorosas dos personagens aqueciam-lhe o sangue e a enchiam de desejo e raiva ao mesmo tempo.

A cena romântica perpetuou-se por cinco longos minutos. Uma mulher no camarote contíguo soltou um grito e desmaiou, obrigando o marido a levá-la para fora. Porém Kate não desgrudou o olhar do casal.

Espere até que eu ponha minhas mãos em você! disse a si mesma, ansiando por vingança.

Por fim, a cortina se fechou após o último ato, sob uma chuva de aplausos e ovações. O casal de amantes acabou morrendo um nos braços do outro.

Quando a cortina voltou a se abrir, Kate descansou o queixo sobre a balaustrada, observando Nina e Peter caminharem para frente de mãos dadas, curvando-se aos aplausos Entusiasmados.

Depois foi a vez do Sr. Maguire surgir com um buque de rosas para a atriz principal, que o aceitou com a graça de uma rainha.

Kate vira aquele buque em uma das salas dos bastidores. Peter lhe dissera que eram falsas.

Como aquela mulher sabia fingir! pensou ela.

Depois de vários agradecimentos, a cortina se fechou pela última vez e as luzes se apagaram. Era hora de voltar para casa.

Alheia à movimentação externa, Kate permaneceu sentada, observando a cortina fechada até que Simpson lhe tocou o ombro.

— Acho que devemos ir agora.

Ela se ergueu, observando as próprias vestes, que a fariam irresistível naquela noite, segundo os planos da mãe. O objetivo de tão requintada produção era fazer com que Peter percebesse que Nina não lhe chegava aos pés. Se Kate não aparecesse nos camarins, a noite seria um fracasso total.

— Sr. Simpson, acompanha-me até o camarim? — indagou, dirigindo um doce sorriso ao acompanhante. — Quero dizer a meu marido o que penso da sua atuação.

O capataz franziu o cenho, parecendo preocupado.

— Desde que não nos demoremos. Tenho de estar no trabalho às cinco horas da manhã.

— Oh, levará apenas um minuto.

Quando se aproximaram dos camarins dos atores, depararam com uma multidão de fãs exaltadas em torno de Peter. A camisa dele estava aberta e Kate percebeu as gotículas de suor que se formavam no peito musculoso. Peter limpou o rosto com a toalha que trazia sobre os ombros, removendo a maquiagem e o suor.

Kate estremeceu quando uma bela loira pressionou o corpo contra o dele.

— Oh, é tão convincente, Sr. O'Rourke! — ela o elogiou em tom lânguido.

Peter bateu de leve no ombro da jovem, de maneira amigável.

— É muito gentil, senhorita — agradeceu indiferente. Em seguida, entregou a toalha ao assistente de palco, que lhe estendeu um cigarro. — Obrigado, Nelson. — E, voltando-se para o grupo de fãs: — Detesto estragar o divertimento das senhoritas, mas agora sou um homem casado.

As faces femininas se contraíram como se a notícia de uma tragédia tivesse sido arremessada contra elas.

— Não pode estar falando sério! — uma das fãs deu voz à revolta.

— Sim, estou — Peter retrucou sorrindo e piscou um olho em direção ao grupo. E, olhando para Kate, disse: — Aqui está a luz da minha vida, sem dúvida para me resgatar.

Tentando manter o domínio dos próprios atos, Kate lançou um olhar às oponentes.

— Espero que não o esteja atrapalhando — murmurou maliciosa.

Peter voltou-se para o grupo de mulheres.

— Se me dão licença, senhoritas. — Em seguida, curvou-se em uma mesura e, puxando Kate pelo braço, entrou no camarim. Porém estacou ao perceber Simpson logo atrás deles.

— Talvez seja eu a atrapalhá-la?

Ela sacudiu a cabeça, desejando que o marido não fosse tão atraente. Seria fácil esquecer sua atuação no palco. Temia que, com apenas um beijo, ele a fizesse cair em seus braços, chorando como Francesca.

Mas antes que aquilo pudesse acontecer, Kate deu um passo atrás.

— É necessário se pavonear em público? Peter exibiu um sorriso cínico.

— Minhas fãs parecem gostar.

— Bem, por certo se excedeu esta noite.

O'Rourke apertou o cigarro entre os dentes, fitando-a de cima a baixo.

— Parece estar se exibindo também esta noite.

Kate corou. Os olhos verdes pareciam transpassar-lhe as vestes.

— Não tão convincente quanto o show que você e Nina deram no palco.

— Oh, muito obrigado — agradeceu Peter, colocando uma das mãos sobre o peito e curvando-se.

— Não há a menor possibilidade de vocês serem apenas amigos — disparou Kate. Esquecendo a imagem que se esforçara em produzir para impressioná-lo, precipitou-se em direção ao marido com os punhos em riste, pronta para atingi-lo. — Uma atuação como aquela é motivo suficiente para um divórcio!

O'Rourke lhe segurou os pulsos e a puxou para si.

— Ameaçando-me de novo, Kate?

— Solte-me, seu sedutor barato!

— Assim farei quando se acalmar.

— Como posso ficar calma? Não espere que eu suporte passiva, enquanto você beija outras mulheres em público!

Os lábios de Peter se curvaram em um sorriso.

— Não considero o que fiz no palco um ato de adultério.

— E que nome dá a isso?

— Quando estou atuando, imagino uma parede de vidro entre mim e a platéia. As pessoas pagam para ver um bom espetáculo. Tento fazer parecer o mais real possível.

— E em que pensa enquanto faz amor com uma mulher casada? — indagou Kate, orgulhosa por guiá-lo para uma armadilha.

— Quer mesmo saber? Penso em uma ruiva com a qual fiz amor em uma caverna não muito tempo atrás — sussurrou-lhe no ouvido, tocando um cacho de cabelos que caía displicente sobre o colo alvo.

— Mentiroso!

— Você é que é mentirosa — revidou O'Rourke, dirigindo o olhar a Simpson, que se mantinha a uma distância discreta. — Está procurando uma desculpa para adicionar mais um coração à sua coleção? — indagou, fitando-a como um deus da beleza enfurecido.

— Não, não estou! — vociferou Kate, lutando contra a onda de medo que lhe invadiu o coração. Temia perder o amor de sua vida.

Peter a empurrou contra a parede, prendendo-a entre ela e o próprio corpo. O aroma acre de cigarro invadiu as narinas de Kate.

— Seu pai não perdeu tempo, não é? Apresentou-a Simpson assim que você voltou

para casa. — Descontrolado pelo ciúme, largou-a com um empurrão.

— Isso não é verdade! — esbravejou Kate, ajustando o agasalho ao corpo por causa do frio repentino que a engolfou. — Meu pai está aborrecido por ter descoberto que você é um ator, mas... Oh, Peter, por que não me contou?

O'Rourke soltou uma imprecisão.

— Para quê? Eu estava sem dinheiro. Precisava de um emprego. Lembra-se? Sabia muito bem que seu pai não contrataria um ator para trabalhar nas suas madeiras. — Em seguida, soltou uma gargalhada, gesticulando em direção ao belo capataz que aguardava a distância. — Talvez você esteja com segundas intenções. Pretende casar com Simpson?

Meneando a cabeça vigorosamente, Kate piscou para dispersar as lágrimas que ameaçavam lhe rolar pela face.

— Eu... eu teria casado com você de qualquer maneira.

— Claro! — O'Rourke se aproximou, fazendo-a prender a respiração. — Qualquer um teria servido aos seus propósitos. Tudo o que queria era fugir para San Francisco.

— Não qualquer um — protestou Kate em tom suave, sentindo o estômago revirar.

— Sim, é verdade. Talvez esteja considerando a escolha de seu pai. Vá em frente, se é isso que deseja — sugeriu Peter em tom áspero. — Não vou ficar no seu caminho.

— Quer se livrar de mim, não é? — gritou Kate, quase paralisada diante da possibilidade de perder o marido.

— Eu não disse isso — argumentou O'Rourke. Um brilho de emoção lhe perpassou o olhar, mas se apagou antes que ela a definisse.

Kate ergueu o queixo, desafiadora.

— Conheço meus direitos. Não pode me atirar à porta de meus pais enquanto se relaciona com mulheres livres.

A boca sensual curvou-se em um sorriso.

— Aquelas mulheres são apenas fãs. A única que eu desejo é você. Será que isso não entra na sua cabeça?

— Não fui eu a beijar Nina Lamborghetti esta noite!

— Ainda bem que não! — Uma voz melódica e baixa soou atrás deles. — Então, esta é sua bela esposa, querido Peter? — indagou Nina em tom caloroso.

—Deixe-me apresentar-lhe minha esposa, Mary Katherine. Kate, meu amor, está é a mulher cuja beleza você invejou a noite toda.

Ignorando o comentário grosseiro do marido que lhe traduzia de maneira acurada os sentimentos, Kate voltou o olhar para a atriz.

— Como vai, Sra. Lamborghetti? — disse tensa.

Os olhos acinzentados da diva piscaram maliciosos, para Peter.

— Não me admira o fato das suas cenas de amor carecerem do fogo habitual. Ansiava por outra pessoa, não? — dizendo isso, a atriz soltou uma gargalhada, a voz suave e treinada vibrando de divertimento: — É muito prazeroso provocá-lo — acrescentou entusiasmada. — Agora se apresse e não se esqueça de levar sua mulher à

festa. Fará todos se morderem de inveja!

Em seguida, a atriz saiu de forma teatral, indo ao encontro de um paciente grupo de fãs que esperava à porta. Kate fitou a rival, surpresa.

— Ao que ela estava se referindo? O'Rourke deu de ombros.

— Haverá uma festa para o elenco no salão do hotel. Quer ir?

— É melhor não. — Hesitou Kate. — Já detive o Sr. Simpson tempo demais. Ele foi gentil em ficar e se prontificar a me levar para casa. Além disso, papai está esperando por mim.

Num gesto impulsivo, Peter se inclinou e roubou-lhe um beijo.

— Fique comigo esta noite, querida — pediu. Porém os olhos verdes lhe rogavam para que ficasse com ele para sempre.

Kate fitou-o. Como poderia confiar num homem que possuía a habilidade de lhe manipular o coração apenas com palavras?

— Tenho de ir. Meus pais ficarão preocupados se eu não chegar em casa.

Capítulo VI

Homer McGillacutty saiu pisando fundo do elevador da mina, com Simpson atrás de si. As botas, cobertas de lama. Estivera visitando os vários poços da mina desde as cinco horas da manhã e constataria que todas estavam inundadas. Havia demitido uma das equipes no dia anterior e, ao que tudo indicava, teria de fechar outro poço.

Eram apenas oito horas da manhã e Homer já sentia o fardo do desânimo. Não conseguia atinar em uma solução para o problema.

Tudo por causa das infiltrações. As bombas de sucção funcionavam a todo o vapor durante 24 horas, mas, ainda assim, estava perdendo terreno a cada dia. Não lhe servia de consolo saber que não era o único proprietário de minas prejudicado pela inundação. A maioria existente em Comstock Lode enfrentava o mesmo problema. O valor das ações daquele segmento caíra de maneira vertiginosa nos últimos dias.

McGillacutty sofria o impacto na própria pele. Nas últimas três semanas não

conseguira arrecadar um níquel para cobrir os prejuízos. E, para piorar, a bomba do poço sete havia quebrado. Precisaria de mais um empréstimo do banco.

Ergueu o olhar para o céu cinzento.

— Com a sorte que estou, acho que teremos uma nova enchente.

Depois de ordenar a Simpson que solicitasse a Bill Sharon, o gerente do banco, que fosse à sua casa ainda naquela manhã, recolheu os livros de contabilidade e rumou para a sua residência.

Em Virginia City, quando chovia, caía um dilúvio que inundava as ruas de lama cinza. O'Rourke havia se recolhido por volta das quatro horas da manhã, após uma rápida visita a Henri Lyons, quando retornara da festa do elenco da peça. Mesmo assim, tinha se levantado antes das dez horas da manhã, se barbeado e vestido a única roupa que salvara do incêndio.

Demorava-se tomando o desjejum, pois não se encontrava disposto a enfrentar McGillacutty.

Não lhe agradava o fato de ser portador de más notícias e, depois da noite anterior, o sogro por certo não o receberia com muito entusiasmo. Sendo assim, serviu-se de mais uma xícara de café, avaliando suas opções.

Poderia partir dali. Dar adeus a Virginia City e ao casamento e seguir com Nina e Henri no final de semana. Uma solução prática para os problemas prementes. A vantagem teria não ter de se atritar com McGillacutty.

Porém rejeitou a possibilidade com a mesma rapidez com que lhe viera à mente. Havia perdido a capacidade de tratar a vida como um jogo.

Seria fácil se outras pessoas não estivessem contando com ele.

Amar Kate virara sua vida de ponta-cabeça. Apesar de a esposa ser a mulher mais insolente e obstinada que ele jamais conhecera, amava-a com toda a força de seu ser. Tinha ciência de que estava brincando com fogo, mas a ruiva indomável de olhos cor de esmeralda entrara em sua existência e reacendera a chama que havia se apagado dentro dele. Necessitava dela como de ar, fogo e água.

Como se aquilo não fosse suficiente, havia prometido aos madeireiros reconstruir suas vidas. Mesmo que o sogro o demitisse, teria de encontrar uma forma de manter a palavra empenhada.

Pensando assim, pegou a capa de chuva e aventurou-se em uma charrete para a casa de McGillacutty.

Sacudiu as botas enlameadas antes de subir os degraus da varanda e bateu na porta.

Madeleine atendeu sorrindo e, em seguida, segurou a mão fria e molhada que o genro lhe estendia.

— Entre, Sr. O'Rourke — convidou a mãe de Kate, erguendo-se na ponta dos pés e depositando-lhe um beijo terno na face. — Meu marido encontra-se no escritório em uma reunião com o Sr. Sharon, mas assim que terminarem, eu o informarei da sua presença.

— Obrigado, Sra. McGillacutty. Vim resolver um assunto urgente. Por certo Kate lhes contou do incêndio — disse Peter, pendurando a capa e o chapéu no cabideiro do corredor, aliviado por adentrar no ambiente aquecido pelo fogo da lareira.

— Oh, graças a Deus que se salvaram! Tomei conhecimento do seu ato heróico para salvar a vida de minha filha — disse Madeleine, com os olhos brilhando de emoção. — Posso lhe oferecer uma xícara de café enquanto aguarda?

— Não, obrigado.

— Talvez prefira canja de galinha? — A voz aveludada familiar soou por detrás do painel que dividia a sala de visitas da de jantar.

— Kate! — exclamou Peter, afastando o painel para descobrir a esposa vestida com um robe de lã e beliscando os petit fours que se encontravam sobre a mesa. — Está ainda mais encantadora do que ontem à noite — elogiou, caminhando, entusiasmado, em direção à esposa.

A face delicada corou intensamente.

— Kate está vestindo meu robe até que possamos repor o que perdeu no incêndio — explicou Madeleine, solícita.

Peter estendeu a mão para acariciar os cachos ruivos que caíam em cascata por sobre o colo alvo.

— Não há deusa da beleza que possa se comparar com a que está na minha frente neste momento — afirmou ele com voz rouca.

O painel mais uma vez se fechou, deixando-os em total privacidade. No instante seguinte, ambos se encontravam um nos braços do outro.

— Oh, Peter, você veio! — Kate exclamou, puxando o rosto másculo para beijar os lábios sensuais.

— Cuidado! Estou encharcado — ele conseguiu dizer, lutando por ar quando interrompeu o beijo impetuoso. — Senti sua falta, querida Kate. Mais do que sou capaz de colocar em palavras.

— Estava maravilhoso ontem à noite — elogiou Kate, ofegante. — Desculpe-me pelo descontrole.

— Estávamos ambos alterados em virtude dos acontecimentos dos últimos dias, mas o que importa é que estamos juntos...

Girando em torno do marido, solícita, Kate começou a tocá-lo em várias partes e, por fim, retirou-lhe a gravata e a camisa.

— Vou buscar uma das camisas de meu pai, enquanto a sua seca.

— Pare Kate! — Peter soltou uma gargalhada divertida. — Preciso encontrar seu pai primeiro — informou, retirando a camisa das mãos da esposa.

Naquele instante um forte estrondo estremeceu o painel, fazendo Kate enterrar a cabeça no ombro do marido. Relutantes, ambos se viraram para descobrir Homer fitando-os, enfurecido, com a esposa atrás dele.

— O'Rourke, o que significa isso? — rosnou McGillacutty, avançando com os punhos cerrados em direção ao casal. As veias da face rubra pareciam que iriam estourar. — Não possui senso de decência? Está fazendo amor com minha filha em plena luz do dia e no meio da minha sala de estar?

Os olhos de Peter se dilataram, denotando inocência.

— Foi apenas um beijo inocente, senhor.

— Está seminu!

— A culpa foi minha, papai — acudiu Kate.

— Ela causa esse estranho efeito em mim — afirmou Peter com um sorriso contagiante. — Peço desculpas se o assustamos.

— Eu estava no meio de uma importante reunião. E se o gerente do banco tivesse vindo até aqui?

— Querido — aparteu Madeleine. — O que conta é que isso não aconteceu. — E lançou um olhar de admiração ao casal. — Olhe pare eles. Tão jovens e apaixonados! Por certo não esqueceu como é ser arrebatado pela paixão.

A face rechonchuda do marido se tornou rubra de indignação.

— Madeleine, deixe esses dois por minha conta. — E voltando o olhar para a filha: — Kate suba para o seu quarto. O'Rourke e eu precisamos ter uma conversa séria.

— Sim, precisamos — concordou Peter. Em seguida, relutante, se afastou da esposa e acompanhou o sogro até o escritório.

— Vamos subir — sugeriu a mãe. — Eles ficarão trancados por um bom tempo. Talvez depois Peter possa levá-la para fazer compras.

Kate, porém, se recusou a subir e se deteve ao pé da escada, de onde era possível escutar o que os dois homens conversavam. Depois que Homer absorveu o impacto inicial da notícia do incêndio, o murmurar das vozes masculinas por detrás da porta fechada soava como um conselho de guerra.

O tom de Peter era calmo e racional, enquanto o pai respondia com monossílabos.

— Não, não e não! — bradou McGillacutty de repente.

— Não vou aceitar uma resposta negativa, senhor!

O som seco da batida de um punho sobre a mesa se fez ouvir. Um barulho com o qual Kate estava bastante familiarizada.

— Não pode virar as costas àqueles homens. Eles e suas respectivas famílias estão contando com o senhor.

— Não vou gastar nem mais um níquel naquela terra queimada!

— Há muita madeira intocada para retirar — argumentou O'Rourke.

— Não me ouviu? Gastei todas as minhas reservas nas minas. Nada me restou.

Um silêncio pesado se abateu no aposento por intermináveis segundos. Kate e a mãe trocaram olhares nervosos, esperando que os respectivos maridos não estivessem na iminência de uma luta corporal.

— Dei-lhes minha palavra — insistiu Peter, para em seguida discorrer sobre a necessidade de uma serraria às margens do rio Truckee. Relatou como os homens já estavam empenhados no trabalho de cortar árvores e preparar as moradias para receberem as famílias.

— Muito cômodo fazer planos com o meu dinheiro, não acha, O'Rourke? — vociferou Homer.

— Eu tinha de escolher entre deixá-los partir e perdê-los, talvez por uma temporada de trabalho, ou mantê-los ocupados. Precisa deles tanto quanto seus empregados

necessitam do senhor.

— Pois está enganado! A mina está me levando à ruína. Não precisarei de madeireiros para reforçar os túneis.

— Com o devido respeito, senhor, mesmo que a mina feche, ainda pode continuar fazendo fortuna vendendo madeira para a via férrea e para os posseiros ao longo do Donner Trail.

— Este não é meu ponto de vista! — bradou o irascível ruivo. — Fiz fortuna com a mina e é onde estou investindo o que resta das minhas economias.

— Abandonará aqueles homens sem eles saberem como sustentar as próprias famílias?

— Quer ser o paladino da justiça? Então, vá arranjar dinheiro. Eu tenho meus próprios problemas!

— Quisera eu ter o dinheiro para ajudá-los!

Os olhos de Kate se arregalaram ao escutar o marido condenar o pai por seu desinteresse pelo destino dos madeireiros. O linguajar que utilizava era forte o suficiente para esfolar o verniz da mesa de Homer.

Madeleine temia que os dois partissem para a agressão física. Suspendendo a volumosa saia, pôs-se de pé e bateu na porta do escritório, com o intuito de interromper a contenda.

— Homer? Você está bem?

McGillacutty escancarou a porta quase tropeçando na esposa.

— O'Rourke, está demitido! — esbravejou descontrolado. — Não gosto do modo como faz negócios. E agora saía da minha casa!

Peter passou como uma flecha pelo sogro. A face, uma máscara de fúria.

— Peço a Deus que eu nunca tenha de passar por cima das outras pessoas para fazer fortuna. — E voltando-se para Kate: — Talvez você seja capaz de incutir algum bom senso na cabeça de seu pai. Eu não consegui.

Kate se ergueu com os pés fincados no degrau da escada.

— Peter...

— Tenha um bom dia, Sra. McGillacutty — despediu-se O'Rourke com o queixo erguido de maneira obstinada, enquanto recolhia a capa e o chapéu.

— Bons ventos o levem! — gritou o sogro, sentindo-se ultrajado.

Depois que o marido fechou a porta atrás de si, Kate virou-se para o pai com os olhos brilhando de fúria:

— Deveria ter ouvido Peter. Oh, eu o odeio, papai, por arruinar a minha vida!

Homer tocou o ombro da filha.

— Não se preocupe. Eu lhe arranjarei outro marido.

— Não quero mais ninguém! — gritou Kate, limpando com o dorso da mão as lágrimas que lhe rolavam pela face. — Não lhe ocorreu que posso amar Peter? Mas, pelo que acabou de fazer, percebo que nada disso importa ao senhor.

McGillacutty fitou a esposa.

— Não vou permitir que nossa filha se refira a mim nesses termos.

— Suba Kate — sugeriu a mãe. — Deixe-me lidar com seu pai sozinha.

— Com prazer! — bradou Kate e disparou pela escada. Madeleine se voltou para o homem a quem amava, mas que não conseguia agir de maneira civilizada.

— Querido, você não pode se descontrolar dessa forma porque as coisas não saíram como planejamos.

Resignado, Homer se encaminhou para o escritório, com a esposa abraçando-o pela cintura.

— Sabe que o motivo da sua ira é o fato de O'Rourke ser tão cabeçudo e obstinado quanto você. — Retirou o cigarro dos lábios do marido e depositou-lhe um beijo suave. — Ele é o homem ideal para a nossa Kate.

— Só se for por cima do meu cadáver — resmungou McGillacutty, fechando a porta do escritório. — Prefiro Simpson para marido de minha filha. O'Rourke não é adequado para uma menina doce e delicada como Kate. Vou consultar meus advogados esta tarde.

— Não faça isso — argumentou Madeleine. — Deixe que a natureza siga seu curso.

— Que tal preparar-me algo para comer?

— Está bem — concordou a esposa, deixando escapar um suspiro resignado, já que todos os esforços que empregara para trazer o marido à razão foram infrutíferos. — Não saia daqui, sim? Retornarei dentro de alguns instantes com um apetitoso sanduíche de rosbife e café.

Tão logo Madeleine desapareceu no corredor, Homer levantou-se da cadeira, vestiu a capa e juntou uma pilha de papéis que se encontrava sobre a mesa, enquanto resmungava, jurando vingança.

Ele tinha partido havia muito quando a esposa retornou com a bandeja do almoço.

Madeleine meneou a cabeça, pensativa. Aquela era uma batalha que o marido, a despeito de quanto ele se esforçasse, jamais venceria.

Peter estremeceu de frio a caminho do hotel. O vento proveniente das montanhas e a chuva fria o fustigavam por todo o trajeto. Era em seu interior, porém, que O'Rourke congelava. Como poderia ajudar aqueles homens se McGillacutty não dispensara nem sequer uma segunda consideração à proposta que lhe fizera? Sentia-se como um embusteiro, oferecendo aos madeireiros um futuro que não podia lhes dar.

A imagem de Kate, com os olhos vermelhos pelo pranto e observando-o partir da janela de seu quarto, servia apenas para lhe adicionar mais sofrimento ao coração já abalado.

Entrou no hotel carregando a tempestade dentro dele. Fez uma breve pausa para cumprimentar Davenport, o ator que representava o papel de Lanciotto, e o diretor da peça, Enoch Laskey. Prometeu-lhes comparecer ao ensaio daquela tarde e já estava se despedindo, quando Nina Lamborghetti se aproximou do grupo.

— Está ensopado, Peter, querido! Suba já para o seu quarto e tome uma boa dose de chá com limão e mel, além de um banho quente.

— Sim, mamãe — brincou O'Rourke.

Enquanto ele aguardava a chave do quarto no balcão da recepção, um dos funcionários se aproximou com expressão embaraçada e um grosso envelope nas mãos.

— Sr. O'Rourke, peço-lhe desculpas por não ter lhe entregado isto ontem. Esqueci-me por completo desta correspondência.

Peter arqueou as sobrancelhas, surpreso.

— Para mim?

— Chegaram algumas semanas atrás, quando a companhia de teatro irlandesa esteve na cidade. O senhor se encontrava em outro lugar e a Srta Dooley disse-me que lhe diria que a correspondência estava aqui.

Peter arregalou os olhos, fitando o volumoso envelope que datava de outubro.

— Deus! Foi postado há quatro meses!

A face do recepcionista se encrespou de preocupação.

— Peço-lhe perdão, senhor. Quando se hospedou ontem, lembrei-me da correspondência, mas apenas esta manhã me foi possível procurá-la no escritório do gerente.

— Obrigado — agradeceu Peter, avaliando o peso do envelope. A letra do remetente era ilegível.

Tão logo chegou ao quarto, rasgou o envelope, impaciente. Várias folhas de papel timbrado com nome da firma McDermott, Smythe Glover se encontravam enroladas em um cheque no valor de...

— Duas mil libras esterlinas!

Que significava aquilo? Nunca havia recebido mais do que algumas centenas de libras do pai. Devia haver algum engano. O conde era por demais avarento para lhe enviar tal soma. Peter colocou o cheque na cama e desenrolou as folhas. Um calafrio de apreensão lhe perpassou a espinha quando começou a ler a descrição detalhada do advogado. Em segundos foi tomado por um choque violento. Junto à carta encontrava-se uma cópia do testamento do conde de Wickstead. Oh, não! Seu pai não podia estar morto! Não agora que ele estava se transformando em um novo homem.

A última vez em que o vira gozava de excelente saúde e ninguém em sua família morria antes dos oitenta ou noventa anos.

Sentou-se à pequena mesa no canto do aposento, acendeu a lamparina para decifrar melhor a caligrafia e pôs-se a ler o relato de um senhor chamado Gerald MacDonald.

“Lorde O'Rourke,

Venho por meio desta lhe informar a mudança que ocorreu no patrimônio de sua família. Em 29 de maio de 1864, seu pai e Sean, o filho primogênito, faleceram em um acidente com o navio em que viajavam. Por volta das duas horas da manhã, uma barcaça abalroou a embarcação, que afundou em alto-mar.

Lorde Sean deixa esposa e três filhos, todos beneficiados por uma custódia estabelecida por seu pai há dois anos.

O título e terras do patrimônio do conde de Wickstead passam automaticamente

para o seu nome, como o único herdeiro homem maior de idade...

Peter pulou duas páginas que explicitavam os bens do pai e, ao terminar de ler a quarta folha, rendeu-se ao desespero e deu vazão ao pranto.

É necessário dizer que sua mãe encontra-se profundamente abalada pelos nefastos acontecimentos. É seu desejo mais profundo que o senhor retorne o mais cedo possível a Wexford, pois isso traria a ela grande alento e segurança.

No aguardo de suas decisões a respeito dos assuntos tratados nesta missiva.

Subscribo-me,

Gerald MacDonald”

O'Rourke fechou os olhos e engoliu em seco, tremendo na roupa ainda encharcada.

Como aquilo pudera acontecer com Sean?

Ele deveria ser o próximo conde de Wickstead. Peter e o irmão haviam crescido felizes e costumavam farrear desde a adolescência, até que o pai decidira enviar Sean a um colégio na Inglaterra a fim de adquirir os requisitos para se tornar um nobre rural.

Embora Peter tivesse escapado da punição que o pai impusera ao primogênito, tivera de se submeter à rígida disciplina que o conde havia estabelecido desde a partida de Sean. Certa feita, O'Rourke fora visitar o irmão no colégio e nunca mais tinha retornado. Mais tarde, o primogênito voltara a Wexford para assumir suas obrigações, e Peter havia continuado a perambular pelo mundo.

Ainda permanecia sentado com a cabeça enterrada nas mãos quando ouviu uma batida na porta.

— Entre — disse, supondo tratar-se do mensageiro do hotel que prometera lhe trazer cigarros, uísque e o chá que Nina o havia obrigado a pedir. Sem se virar, ordenou: — Deixe a bandeja e saia.

A pessoa que havia entrado clareou a garganta.

— Sr. O'Rourke, eu sou oficial de Justiça e vim lhe entregar uma ordem de restrição do juiz Turner. — Em seguida, estendeu um papel enrolado a Peter e saiu.

— O que significa isso? — gritou O'Rourke para o vazio. Com um movimento rápido, desenrolou o papel para ler o conteúdo. Viu o próprio nome escrito no topo da página como réu e, abaixo, o de Homer McGillacutty como queixoso. Aquele não era seu dia de sorte!

O pai de Kate o estaria processando? Seus olhos percorreram o primeiro parágrafo. Estava sendo proibido de se aproximar da residência dos McGillacutty e de fazer qualquer tentativa de contatar Kate.

Peter rasgou o papel em vários pedaços e os atirou na cesta de lixo. Atravessou o aposento e deitou-se sobre a colcha ainda com as roupas encharcadas. Passou a mão pelos cabelos úmidos, refletindo a respeito do que acabara de ler.

Estaria Kate considerando aquilo uma separação definitiva ou se tratava de mais uma tentativa de McGillacutty para separá-los?

Diabo! O que deveria um homem fazer com tantas más notícias em tão curto espaço de tempo? Rejeitou de pronto a primeira alternativa que lhe veio à mente. Uma bebedeira

apenas o faria sentir-se pior quando ficasse sóbrio. Além disso, tinha obrigações para com Nina e Henri.

Houve outra batida na porta. Todo o corpo de Peter tencionou, antecipando outra má notícia. Deslizou as pernas para fora da cama e escancarou a porta; ali estavam o mensageiro do hotel acompanhado de outro funcionário, ambos segurando tinas de água quente.

— Seu banho, senhor.

Aliviado pelo fato de os rapazes não serem portadores de mais alguma surpresa desagradável, convidou-os a entrar e os guiou até o toalete.

Depois que os dois saíram, Peter despiu-se e imergiu na banheira de água quente. Não tardou para que os fantasmas do passado voltassem a atormentá-lo. Os anos em que vivera distante da família desfilaram em sua mente conturbada. Tantas decisões erradas! Tantas questões mal resolvidas entre ele, Sean e o pai.

Sua vida estava repleta de arrependimentos. O último tinha a ver com o fato de ser obrigado a dar a má notícia a Jigger e à equipe de Diablo Camp.

E Kate? Até onde sabia, sua esposa havia lhe virado as costas também. Mas perdê-la seria como uma vida privada de sol. Aquela mulher fluía como líquido por suas veias.

Teria de tomar uma decisão a respeito do que faria a seguir. Deveria navegar para a Irlanda de imediato? Dirigir o patrimônio do pai nunca lhe fora atraente. E, no momento, menos ainda.

Em seu íntimo, Peter sabia que seu desassossegado coração só encontraria paz naquele país longínquo, e não na terra onde nascera. Não escaparia dos problemas prementes se ficasse, mas não podia se imaginar sem Kate.

Sendo assim, tomou a decisão de não se deixar dominar pelo sentimento de culpa. Esfregou-se com vigor, como se quisesse limpar mais do que a lama da chuva, enquanto vislumbra um novo recomeço. Se quisesse viver sem arrependimentos dali a dez ou vinte anos, teria de seguir seus instintos naquele momento.

Barbeou-se outra vez, já que não teria tempo entre o ensaio e a apresentação noturna. Enquanto o fazia, tentava atinar em como teriam sido os últimos meses para a mãe e a viúva do irmão, Patsy. Iria escrever-lhes naquela noite, explicando a situação em que se encontrava. Sua mãe sempre fora uma mulher sábia. Ele mesmo havia herdado dela o gosto pela independência. Por certo a cunhada e os sobrinhos é que estariam precisando de maior suporte. Se bem conhecia a mãe, àquela altura a família de Sean já estava morando com ela. Talvez pudesse atender às necessidades mais prementes da mãe, delegando-lhe o usufruto da herança que lhe fora legada, enquanto, como curador, assegurava o patrimônio para que os filhos de Sean o herdassem na maioridade.

Daria à mãe total controle de seus assuntos na Irlanda. Assim, a manteria ocupada e sem tempo para lamentações. Era compreensível que quisesse vê-lo e, sem dúvida, iria visitá-la tão logo tivesse resolvido seus problemas em Virginia City. No momento, no entanto, seu futuro estava intrinsecamente ligado ao Oeste americano.

Peter desceu a escada do hotel, renovado física e mentalmente, não obstante as funestas notícias. Comprou um guarda-chuva na chapelaria do hotel e seguiu pela C Street, rumo ao empório localizado no último quarteirão, com a intenção de repor o guarda-roupa.

Utilizando o dinheiro que McGillacutty lhe dera quando o havia demitido, comprou

dois pares de chicotes, um macacão de lona, três camisas, meias, ceroulas, um par de luvas de pele de ovelha e um cachecol.

De repente, um brilho estranho lhe perpassou o olhar. Estava na hora de fazer Kate ciente de que ela era responsabilidade exclusiva dele. Então, encaminhou-se à ala feminina da loja. Explorando as prateleiras daquela seção, selecionou meia dúzia de blusas de seda, escolhendo as mais provocativas do estoque. Não iria presentear aquela irascível com nada puro ou casto. Tudo que lhe tocasse a pele alva e macia devia conter uma mensagem clara e precisa: seu desejo por ela. Separou também doze pares de meias de seda, incluindo algumas pretas e ornamentadas com bagueges, e colocou-as sobre o balcão. Em seguida, pôs-se a arrematar ousados modelos de lingerie, fitas e vestidos.

Pretendia enviar uma mensagem a McGillacutty: que Kate não era mais a garotinha dele. Havia se tornado uma mulher com todos os desejos e necessidades de uma ousada e saudável fêmea!

Quando estava se dirigindo ao balcão para pagar, deparou com um livro de receitas e, mais adiante, com um kit de costura. Adicionou ambos às mercadorias com um sorriso triunfante.

Em seguida, perguntou à vendedora se ela possuía um exemplar do livro O Companheiro Íntimo dos Recém-Casados, do Dr. Knowlton. A atendente corou ligeiramente, olhando em volta para se certificar de que ninguém os ouvia. Sem dizer uma palavra, puxou a brochura, envolta em papel marrom, de uma prateleira abaixo do balcão.

Concluída a compra, Peter pediu para que tudo que havia comprado para a esposa fosse enviado à residência dos McGillacutty. Aquele tinha sido o dinheiro mais bem empregado em toda a sua vida.

Antes de sair, pediu à balconista que lhe emprestasse uma pena para escrever uma dedicatória no livro de receitas:

“Para a mulher com quem quero partilhar a mesa do café da manhã para o resto de minha vida, um presente de casamento atrasado.

Com amor, Peter.”

Juntou os trajes que comprara para si e se encaminhou ao banco Wells Fargo, onde foi falar diretamente com o gerente.

Após se apresentar, pousou na mesa deste o cheque que o advogado lhe enviara. O ar enfadado do homem logo se transformou em solícita cooperação.

— Levará alguns dias até que se verifique o câmbio atual da libra esterlina para o dólar, Sr. O'Rourke.

— Tenho urgência nisso — explicou Peter. — Quero fazer um investimento de monta e estou certo de que pode me fornecer um adiantamento de alguns milhares de dólares.

— Claro que sim — concordou o gerente, solícito. — Qual a quantia que o senhor deseja?

— De imediato, mil e oitocentos dólares. E mil adicionais em espécie amanhã pela manhã. E um título do banco no valor de... deixe-me ver... cinquenta mil amanhã à tarde. Planejo fazer uma oferta por algumas terras — esclareceu Peter, enquanto um plano se esboçava em sua mente a cada palavra que proferia.

— Com o maior prazer — declarou o gerente. Sua expressão demonstrava

claramente que o pedido de O'Rourke não constituía nenhum absurdo. — Posso ajudá-lo em mais alguma coisa?

— Pretendo requerer os serviços de um advogado — informou Peter. — Um profissional capaz de se incumbir dos negócios de um cliente com extrema confiabilidade.

— Nosso banco trabalha com um advogado altamente competente e probo — afirmou o gerente, feliz por fazer a indicação. — Trata-se do Dr. Daly. Seu escritório fica ao lado da nossa agência.

Peter se ergueu e estendeu-lhe a mão.

— Se puder preencher o recibo de mil e oitocentos dólares, Eu lhe agradeceria, pois tenho assuntos urgentes a tratar.

— Certamente, Sr. O'Rourke. — Com a rapidez de um raio, o gerente providenciou o dinheiro, o título bancário e o recibo. — A que horas virá buscar os mil dólares amanhã cedo?

— O banco abre às nove horas, certo? Então, estarei aqui as nove e quinze — informou Peter, sorrindo. Em seguida, caminhou em direção à porta que separava o escritório do gerente da área pública. Lá, estacou e voltou-se para o solícito funcionário. —A propósito, quero os mil dólares em moedas.

— Entre, Dr. Daly — convidou a Sra. McGillacutty, cumprimentando o advogado e guiando-o, apressada, pela porta para evitar a lufada de vento polar. — Meu marido está com o Sr. Sharon, mas dentro de instantes irá recebê-lo.

Seguro de si, o Dr. Daly a seguiu até a sala de visitas. Madeleine lhe dirigiu um gracioso sorriso.

— Acho que uma xícara de chá lhe cairia bem — ofereceu a dona da casa, notando que o advogado tremia de frio.

— Oh, sim, madame. A temperatura lá fora está muito baixa.

— Levará apenas um minuto — disse Madeleine, afastando-se apressada.

Enquanto o Dr. Daly aguardava para ser recebido, outra batida na porta da frente se fez ouvir.

— Eu atendo, mamãe! — A voz jovial e suave ecoou na escada. Kate desceu correndo os degraus com os cachos ruivos caindo em cascata por sobre os ombros e os olhos verdes faiscantes. Dando-se conta de que havia um visitante na sala, Kate estacou de modo abrupto.

— Oh, olá. Sou Kate O'Rourke. Espero que minha mãe o tenha deixado confortável.

O homem se curvou em uma profunda reverência.

— Sim, obrigado, madame. Sou Tom Daly, advogado. Mas não se atrase em atender a porta por minha causa.

— Oh, claro. Com licença. Quem quer que esteja batendo, é deveras persistente — dizendo isso, deu alguns passos à frente e escancarou a porta para encontrar dois entregadores parados ao lado de pilhas de caixas e pacotes.

— Entrega especial para a Sra. O'Rourke — anunciaram quase em uníssono.

Os olhos verdes se dilataram de espanto.

— Mamãe, venha até aqui. Rápido! — gritou Kate para o interior da casa.

— Pelo amor de Deus, Kate! Feche a porta! — suplicou Madeleine, secando as mãos no avental ao sentir o vento gélido canalizado pelos corredores da residência.

Sem dizer uma palavra, a filha apontou para a miscelânea de embalagens à porta.

— A senhora e papai compraram tudo isso? — Madeleine parou, aturdida, encarando os rapazes, que mais pareciam dois anacrônicos elfos de Natal.

— Somos do empório, madame.

Os olhos da Sra. McGillacutty se voltaram para a filha, que fitava, paralisada, os pacotes com seu nome escrito em cada um deles.

— Não fiquem parados aí — Madeleine quebrou o silêncio. — Tragam tudo para dentro.

As duas damas se afastaram para dar passagem aos entregadores que, com extrema agilidade, transferiram os embrulhos das mais variadas formas e tamanhos para o interior da casa.

Quando acabaram, o mais alto retirou uma fatura do bolso do sobretudo de lã.

— Basta assinar aqui, Sra. O'Rourke — instruiu o rapaz, estendendo o papel em direção a Madeleine.

Kate deu um passo à frente.

— Eu sou a sra. O'Rourke. — Tomou o documento das mãos do entregador e sentiu os joelhos cederem quando tomou conhecimento do valor da nota fiscal.

Um dos rapazes deslizou a mão por baixo da capa, de onde retirou dois livros e os entregou a Kate.

— Recebi ordens para entregá-los em suas mãos.

Depois que os rapazes se retiraram, os olhos de Kate se voltaram aos volumes que segurava. Um estava embrulhado em papel marrom, e o outro era de receitas culinárias. Em seguida, ergueu o olhar para a mãe.

— Quem teria enviado?

Madeleine meneou a cabeça com vigor.

— Não faço a menor idéia. A tempestade nos obrigou a ficarmos confinados aqui desde ontem. E seu pai esteve ocupado, tentando levantar um empréstimo.

Kate contornou o amontoado de caixas com o cenho franzido.

— Detestaria abri-las se for um engano.

A mãe lhe voltou um sorriso terno.

— Como vai descobrir se não as abrir?

Com uma risada nervosa, Kate pegou uma das caixas e desfez o laço amarelo e violeta que a atava para descobrir um elegante chapéu de palha.

— Oh, é lindo! — exclamou, correndo até o espelho em cima da lareira para examinar o efeito, sob o olhar de aprovação do Dr. Daly e da mãe.

Animada, Kate fuçou entre as embalagens, ousando abrir outro pacote. Dessa vez encontrou um conjunto de penhoar e camisola de seda violeta. Corando violentamente,

ela se voltou para Madeleine, que sorria inebriada.

— Talvez sejam presentes do seu marido — sugeriu a Sra. McGillacutty.

— Oh, francamente, mamãe! Peter não poderia pagar por tudo isso. — Após recolocar o conjunto na caixa, Kate deixou-se afundar na poltrona circundada de pacotes e caixas.

— Teremos de esperar papai e perguntar.

Naquele instante, Madeleine se lembrou das obrigações de anfitriã.

— Oh, Dr. Daly, esqueci o seu chá! — exclamou, apressando-se em direção à cozinha.

Kate avaliou as embalagens a seu redor. Quem poderia ter lhe enviado presentes tão diversos e até mesmo impróprios? Uma dama não deveria aceitar prendas de um estranho. Impaciente, pegou o livro de receitas e começou a folheá-lo.

Madeleine, que acabara de adentrar a sala trazendo a bandeja com o chá, foi se juntar a ela.

Lançando um olhar especulativo ao livro, apontou uma das receitas do índice.

— Esta eu recomendo — afirmou sorrindo, divertida. Kate virou a página e prendeu a respiração.

— Oh, veja! — exclamou, observando a folha em que Peter escrevera a dedicatória. — É do meu marido! — Em silêncio, leu a saudação. De pronto, os olhos verdes se encheram de lágrimas. Um aperto na garganta quase a fez sufocar com as últimas palavras: Com amor, Peter.

— Com licença — desculpou-se em tom baixo, ergueu-se da poltrona e dirigiu-se à mãe: — Vou para o meu quarto. — Levando consigo o livro de receitas e o que se encontrava envolto em papel marrom, cruzou o corredor e subiu a escada apressada. Não podia imaginar o que dera em Peter. Ele havia comprado praticamente todo o empório! Onde teria arranjado dinheiro? Em uma noite de pôquer? Ao que sabia um ator não era tão bem remunerado para fazer uma extravagância como aquela.

Devia existir uma explicação lógica. Oh, como não pensara nisso antes? Por certo havia usado o dinheiro com o qual ela o subornara para desposá-la. Ainda assim, tinha sido um gesto amável e generoso.

Mas aquilo ainda não explicava por que o marido lhe enviara um livro com receitas exóticas.

Segurando os livros contra o peito, Kate se deitou na cama. Do que trataria o volume que estava embrulhado? Provavelmente um manual de dona de casa.

Decidida a desvendar o mistério, rasgou o papel e leu o título: O Companheiro íntimo dos Recém-Casados; o autor era o Dr. Charles Knowlton. Na capa, embaixo do título, havia a foto de um casal se beijando.

— Oh, Deus! — exclamou Kate, observando as folhas ainda não cortadas do livro. Ergueu-se de pronto e em instantes uma tesoura lhe abria caminho ao conhecimento da natureza humana. Sentindo-se como uma criança que fazia uma terrível travessura, olhou para a porta. O que aconteceria se os pais a surpreendessem lendo aquele tipo de livro?

Na obra, havia capítulos sobre controle da natalidade, fertilidade, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e outras "inconveniências" das relações maritais.

Oh, Santo Deus! pensou Kate, engolindo em seco. À medida que prosseguia com a leitura, sentia-se cada vez mais quente. Sem a tocar, Peter fora capaz de lhe transmitir uma onda de desejos eróticos.

— Kate! Desça neste instante! Era a voz do pai ao pé da escada.

Ela fechou o livro, imaginando onde escondê-lo. Ao ouvir os passos de McGillacutty subindo a escada, ocultou o volume embaixo do colchão. Se ao menos tivesse o talento de ator de Peter, pensou, avaliando rapidamente a própria face no espelho. Estava afogueada e sentia-se culpada como uma pecadora. Seu pai perceberia o que andara fazendo no momento em que pousasse os olhos nela.

A porta do quarto se escancarou para revelar Homer olhando-a, impaciente.

— Filha. Pode parar de se lastimar. Nossos problemas financeiros estão resolvidos!

Kate o fitou incrédula. Então, o pai não viera até ali para repreendê-la?

— Vamos descer querida. Quero que se junte a nós num brinde.

Agradecida pela boa notícia, Kate seguiu Homer até chegar à sala de visitas, onde se encontravam o advogado de McGillacutty, Dr. Jacob Morrell, o Dr. Daly e Madeleine, esta segurando uma bandeja com uma garrafa de vinho e várias taças.

— Deixe-me apresentar-lhes minha filha, Mary Katherine— anunciou o pai, orgulhoso.

Após trocar cumprimentos com ambos os homens, Kate se encaminhou em direção à mãe para ajudá-la a servir o vinho.

— Oh, querida. Seu pai lhe contou? O Dr. Daly fez uma oferta que manterá a mina funcionando.

— Isso é maravilhoso — afirmou Kate, tentando sorrir.

— Mas do que se trata?

— O Dr. Daly representa um magnata... naturalista, acredito eu — informou Homer, exultante.

— O conde de Wickstead — esclareceu o advogado, sorrindo. — Um homem de muitos interesses e talentos. Ao que parece se apaixonou por High Sierra, durante uma viagem de caça, e decidiu se estabelecer por lá para sempre.

— De onde é seu cliente? — indagou Madeleine em tom formal.

— Da Irlanda,

— Interessante... — comentou Kate. Para todo lugar que se virasse nos últimos tempos, encontrava um irlandês. — E o que o senhor fez papai? Vendeu para esse opulento, porém excêntrico cavalheiro, sua área florestal queimada?

McGillacutty dirigiu um olhar de repreensão à filha.

— Ao que parece, o conde faz gosto em possuir duzentos e quarenta acres de terra ao longo do rio Truckee e me ofereceu a soma de quarenta dólares o acre.

— Um preço alto para construir uma estação de caça — disse Kate.

— Uma bagatela aos olhos de um estrangeiro como o meu cliente — declarou o Dr. Daly.

— Proponho um brinde — sugeriu Homer, erguendo a própria taça e piscando para a

esposa. — Ao conde de Wickstead!

Todos se juntaram ao brinde, efusivos.

Kate tomou um gole do próprio vinho, alheia à conversa do pai com os dois advogados sobre o futuro da mina. Embora estivesse feliz com a boa sorte de Homer, ansiava por subir para o seu quarto e desembulhar os presentes que o marido lhe enviara.

Pouco mais tarde, o Dr. Daly se despediu e Kate percebeu que o pai e o Dr. Morrell esperavam para falar com ela.

— É uma lástima que o conde de Wickstead seja casado. Do contrário, eu ficaria tentado a uni-la a ele.

Kate lhe endereçou um olhar de reprovação.

— Já sou casada, caso tenha esquecido.

— Apenas até que o Dr. Morrell consiga a anulação — disse Homer.

— Acho que eu deveria ser ouvida antes — retrucou ela enrubescendo de raiva.

Jacob Morrell clareou a garganta.

— Anulações requerem tempo. Às vezes anos para convencer a Igreja a anular os votos.

Kate exibiu um sorriso triunfante.

— Anulação sob que pretexto? Não-consumação? Ora, papai! Por certo sabe que isso seria uma grande perda de tempo!

— Talvez possamos alegar fraude — aparteou o advogado, prestativo.

— Se houve fraude, foi minha e de meu pai — afirmou Kate. — Já que meu marido foi a parte lesada, talvez ele procure os seus serviços.

— Deus do céu! — exclamou Homer, pousando a taça de vinho na bandeja com mais força do que o necessário. — O'Rourke mentiu quando o contratei para supervisionar a serraria. Se isso não é fraude, não posso imaginar o que seja.

— Então o processe! — disparou Kate. — O problema é que tanto eu quanto o senhor estávamos tão ocupados, tentando enredar Peter em um casamento de conveniência, que nos esquecemos de nos questionar por que um homem inteligente como ele se deixaria envolver em um esquema sórdido como esse.

— Kate. Este não é o momento nem o lugar para uma discussão familiar — repreendeu-a Homer, com as veias do pescoço saltadas.

Madeleine se interpôs com elegância entre os dois ruivos irascíveis e entregou a capa e o chapéu ao Dr. Morrell.

— Muito obrigada por sua preciosa assistência. Estou certa de que se Kate precisar dos seus serviços, ela, e não meu marido, não hesitará em procurá-lo.

O advogado pareceu aliviado. Fez uma mesura e se retirou, desejando um bom dia a todos.

Porém pai e filha mal notaram a partida de Morrell. Kate começou a juntar os pacotes.

— Estes presentes são de meu marido — informou a Homer. — Peter não tinha

obrigação de enviá-los, considerando o modo como o senhor o tratou, mas o fez.

— Não aceito um ator como genro! — McGillacutty vociferou. — Você vai devolver todas essas bugigangas!

— Não devolverei! — disparou Kate, adicionando mais um embrulho à pilha que trazia nas mãos. — Eu amo Peter O'Rourke! E não permitirei que o senhor interfira no meu casamento. Não consigo atinar por que ele ainda me quer depois do modo como todos nós nos comportamos, mas o futuro da nossa relação é um assunto nosso, e não seu!

Madeleine entrou na sala de visitas a tempo de ouvir as declarações da filha. Era a primeira vez que via Kate tão decidida. A filha não estava agindo sob um acesso de fúria, mas sim com serenidade.

— Homer, acho que nossa filha já está na idade de tomar suas próprias decisões — interveio, pousando a mão de modo gentil no ombro do marido.

— Acho que sou capaz de escolher o que é melhor para Kate — retrucou McGillacutty, acendendo um charuto. — De qualquer forma, duvido que aquele inútil do seu marido ande pela cidade por muito tempo.

Kate estacou e voltou-se para o pai com olhar inquisitivo.

— Pode me dizer por quê?

— Mandeí Morrell lhe entregar uma ordem de restrição. Caso ele se aproxime da nossa residência ou tente contatá-la, será preso.

— Então serei eu a procurá-lo! — exclamou Kate. — Ou pretende colocar sua própria filha na cadeia?

— Desista, Kate. Esse homem não serve para você. — Kate entregou os presentes que segurava para a mãe e caminhou decidida em direção a Homer.

— Se colocar Peter na cadeia, vou me juntar a ele na prisão. E serei capaz de jurar sobre uma pilha de bíblias em frente ao juiz que o senhor colocou um inocente na cadeia. Será motivo de escárnio em toda a cidade!

— Acha que trabalhei duro durante toda a minha vida para que você jogue a sua no lixo com um ator inútil? — McGillacutty se aproximou e tocou os cabelos da filha. — Seja razoável, Kate. Como esposa de um ator, não terá nem sequer um teto sobre a cabeça. Não estará segura. Morará em quartos de hotéis baratos e se imiscuirá com pessoas imorais. Que tipo de vida é essa?

— Trata-se da minha vida, papai — ela sussurrou. — Não consegue compreender isso?

Os lindos olhos azuis de Madeleine se alternavam entre seus dois entes queridos.

— Por favor, parem de discutir!

— Prefiro penar cem anos no purgatório a ver Kate arruinar a própria vida com O'Rourke! — continuou Homer, enfurecido. — Não descansarei enquanto não expulsar esse homem das nossas vidas — concluiu, consultando o relógio, ansioso por escapar daquela discussão.

— Espere! — gritou Kate com a face pálida. — Deixe-me ao menos falar com Peter e ouvir o que ele diz. Se meu marido quiser a anulação do casamento, não me oporei.

— Proíbo-a de vê-lo! Não sairá desta casa sem a minha permissão!

— Se terminou — interveio Madeleine —, eu gostaria de arrumar a sala. — E voltando-se para a filha: — Kate poderia me ajudar com estes pacotes?

Homer atirou a guimba do charuto na lareira.

— Não almoçarei em casa — sibilou por entre os dentes. — Mas não pense que Kate poderá sair durante a minha ausência.

Pela janela, Kate observou o pai se afastar.

— Ele se recusa a ouvir — declarou pesarosa. Madeleine aproximou-se da filha e colocou a mão confortadora em seu ombro.

— Seu pai tem boas intenções, mas age de forma errada.

Kate deu vazão ao pranto.

— Papai está arruinando a minha vida!

Um sorriso cúmplice curvou os lábios da mãe.

— Vamos abrir todos estes presentes e depois chamaremos o entregador para levar de volta uma das caixas.

— Recuso-me a devolver qualquer coisa. Talvez seja tudo que me restará para lembrar meu marido.

Madeleine sorriu compreensiva.

— Claro que ficará com tudo. Mas esta caixa vazia — apontou para a embalagem maior — terá de ser devolvida.

— Vazia? — indagou Kate, confusa.

— Óbvio. Do contrário, você não poderia entrar nela. Uma vez dentro do empório, poderá escapar e ir à procura de Peter.

Kate se jogou nos braços da mãe e depositou-lhe beijos calorosos por toda a face.

— A senhora é um gênio! Amo-a tanto! Prometo que não a desonrarei, nem ao papai.

— Eu sei querida — disse Madeleine tocando a face da filha com ternura. — Siga seu coração. E deixe seu pai comigo. Agora se apresse, antes que ele retorne. — Em seguida, disparou sorrindo em direção à cozinha para ir buscar uma tesoura.

Aquele não era o dia de Willard Ellis. O frio cortante o fazia sofrer de frieiras nas mãos e nos pés. E para piorar seu infortúnio, a impiedosa dama da sociedade resolvera devolver alguns vestidos ao empório em um dos dias mais gelados do ano.

A irritação de Ellis se agravou quando se viu arrastando o que avaliava em mais de cinquenta quilos de roupas pelo caminho coberto de neve até a carroça.

— Tenha cuidado, Sr. Ellis — recomendou Madeleine, seguindo-o até a varanda. Essa mercadoria deve ser devolvida dentro da próxima meia hora.

— Esta não é a primeira carga que entrego — retrucou Willard, sarcástico.

Praguejando contra todas as damas da sociedade, o velho Ellis jogou a caixa na carroça e, fustigando os cavalos com toda a força, disparou a caminho do bar de Gallagher, localizado no final da D Street. Seriam necessários alguns cálices de conhaque

para lhe aquecer o sangue em um dia difícil como aquele.

Quarenta e cinco minutos mais tarde, o condutor da carroça deixou o bar para constatar que a carga que transportava havia desaparecido.

Coçou a cabeça, transtornado, amaldiçoando aquele dia, e retornou ao aconchego do bar.

Não levou muito tempo para Kate perceber que o plano da mãe não estava dando certo. Depois de escutar por dez minutos as risadas e o tilintar de copos vindos do interior do bar, convenceu-se de que não deveria esperar até congelar naquela carroça, enquanto o mal-humorado condutor se embebedava.

Por sorte escolhera uma roupa apropriada para o frio que fazia. Do contrário, não conseguiria percorrer o caminho até o hotel.

Durante o trajeto, homens lhe jogavam beijos e proferiam galanteios. À medida que Kate se aproximava da cidade, o céu ia se tornando cada vez mais escuro, prenunciando nova tempestade.

Apressou o passo e atravessou a rua com a cabeça baixa, para evitar que o vento cortante lhe fustigasse o rosto. Tudo que desejava era escapar dos arredores sórdidos e encontrar o marido.

Foi então que percebeu um par de braços fortes, oculto por uma jaqueta de tecido grosso e ordinário, cingi-la pela cintura com tanta força que lhe roubou o ar dos pulmões. Kate ofegou e abaixou o capuz do sobretudo.

— Ponha-me no chão neste instante! — gritou para o estranho, tentando desviar a face do contato com a barba por fazer.

Porém, para seu pavor, o homem ergueu-a e roçou os lábios, que cheiravam a uísque e cigarro, nos dela. Zonza pelo odor acre pensou que iria vomitar. O que seria bastante oportuno para espantar o sujeito.

— Seu atrevido! Solte-me imediatamente! — ordenou, chutando-o com toda a força com a ponta da bota nova.

Gritando de dor, o homem a largou.

— Oh, doçura, eu estava apenas me divertindo.

— Pois fique longe de mim!

Naquele instante, mais alguns homens se aproximaram para assistir à discussão. Kate percebeu o olhar de cobiça que todos lhe lançavam. Decidida a não demonstrar fragilidade, pegou a bolsa, que havia caído no chão, e marchou, decidida, em direção ao seu destino.

— Sra. O'Rourke? — indagou uma voz masculina baixa e modulada, cheia de surpresa.

Kate virou-se para encontrar o padre Manogue.

— Oh, padre! — exclamou, aliviada. — O que faz aqui? O pároco sorriu.

— Outra ovelha perdida — esclareceu, dando o braço a Kate. — Eu encontro o meu rebanho espalhado pelos mais estranhos lugares.

Ela corou, abaixando o olhar.

— Nunca me senti tão feliz em encontrar alguém.

— Para onde está indo neste frio e nesta escuridão? — perguntou o padre. — Posso acompanhá-la até a sua casa?

— Não, por favor, padre. Meu pai me esfolaria viva se soubesse para onde estou indo.

O pároco apressou o passo, guiando-a pelo centro da cidade.

— Preciso levá-la a algum lugar.

— Eu estava indo encontrar meu marido — informou Kate. — Mas tomei o caminho errado.

— Compreendo — declarou o padre, anuindo com um gesto de cabeça. — Um homem interessante seu marido. Encontrei-o há dois dias.

Kate se surpreendeu.

— Verdade?

— Eu estou bastante preocupado com o casamento de vocês. Se houver uma forma de ajudá-los...

— Talvez haja — concordou Kate. — Podemos conversar? Sem consultá-la, o religioso adentrou o saguão do Hotel Internacional e a levou até o restaurante.

— Acompanha-me em uma xícara de café?

— Oh, padre, acho que cometi um terrível erro.

— Nada que não possa ser consertado — confortou-a o pároco.

Após abrir o coração ao padre Manogue, Kate sentiu como se um fardo tivesse sido retirado de suas costas. Estava disposta a deixar para trás todo o remorso pelos votos que fizera sem amor. O religioso também lhe garantiu que Peter queria salvar aquele casamento tanto quanto ela.

No balcão da recepção do hotel, Kate se apresentou e perguntou pelo paradeiro de O'Rourke. O recepcionista lhe informou que o marido havia entrado e saído durante todo o dia. E ofereceu-lhe a chave extra do quarto de Peter para que ela o aguardasse lá.

Kate adorou a idéia. Seria uma oportunidade de surpreendê-lo. Após solicitar que enviassem ao quarto jantar para dois e o melhor vinho que possuíam, subiu exultante para o segundo andar, planejando uma noite inesquecível. Seu coração batia descompassado de excitação à medida que caminhava pelo corredor.

O quarto não era o mesmo em que passara a noite de núpcias, jogando pôquer, mas ficaria marcado para sempre como o lugar onde se doara de corpo, mente e espírito ao seu amado.

Foi então que ouviu vozes vindas da escada. Dois homens subiam os degraus como se estivessem carregando uma bagagem pesada. Escondendo-se na curva que o corredor fazia depois do quarto de Peter, Kate avistou o marido, acompanhado de outro homem carregando um pequeno baú e várias bolsas.

— Obrigado, Merrick — ouviu O'Rourke dizer.

Ambos trajavam grandes jaquetas de lenhador e chapéus de aba larga que lhes ocultavam os olhos. Ela não conseguiu uma boa visão do homem que acompanhava o marido.

Ambos pareciam extenuados à medida que arrastavam a carga até a porta do

quarto. Peter encostou dois rifles na parede do corredor e enfiou a mão no bolso à procura da chave.

— Fique atento — recomendou O'Rourke, jogando duas bolsas por sobre o ombro.

O homem chamado Merrick lançou um olhar furtivo ao longo do corredor, e Kate percebeu que ele mantinha uma das mãos na arma que trazia na cintura.

O que significava tudo aquilo? ela se perguntou, enquanto escutava os homens levarem a carga para dentro do quarto.

— Isso é o suficiente — declarou Peter com um tom de satisfação na voz. — Amanhã começaremos cedo.

— Terei a carroça pronta para partirmos assim que amanhecer.

Kate decidiu permanecer oculta. Talvez o marido estivesse envolvido em algo que ela não deveria saber.

Alguns minutos depois a porta do quarto de Peter se abriu e voltou a fechar, e passos apressados se afastaram em direção à escada.

Quando se certificou de que os homens haviam partido, Kate se esgueirou pelo corredor e, utilizando a chave que o recepcionista lhe dera, entrou no aposento de O'Rourke.

A luz tênue da lamparina a gás sobre a mesa lançava luzes sinistras sobre o assoalho. Um par de lonas, dois agasalhos para cavalo e uma rédea haviam sido jogados num canto do cômodo. Dois rifles se encontravam encostados à parede junto a várias caixas de cartuchos, machados e uma grande caixa de ferramentas. Duas longas facas fizeram Kate tremer por dentro. Aqueles objetos pareciam mais com apetrechos de um homem das montanhas do que de um ator ou até mesmo um madeireiro.

Com exceção de duas caixas de livros, não havia sinais de um homem civilizado. Tudo indicava um criminoso em fuga! Algo terrível devia ter acontecido. Por que outro motivo Peter teria se equipado com utensílios tão estranhos?

Kate sacudiu a cabeça como para afastar aqueles pensamentos. Estava ali para dizer ao marido que queria fazer parte de sua vida. Confessar o amor e a lealdade que lhe devotava. Que seu desejo era passar o resto de sua existência ao lado dele dar-lhe filhos e acompanhá-lo até o fim do mundo se preciso fosse.

E, acima de tudo, queria que Peter a tomasse nos braços e lhe garantisse que aquele estranho equipamento não seria parte de suas vidas.

Devia haver uma explicação lógica que justificasse aqueles objetos, disse a si mesma. Não havia razão para tirar conclusões precipitadas. Teria de... confiar em Peter, concluiu.

Decidida, levou a sacola ao toalete. Retirou de lá o conjunto de penhoar e camisola e uma escova de cabelo. Começou a se preparar para receber o amor de sua vida. Tudo devia estar perfeito, pensou, avaliando a própria imagem no espelho.

Para que os estranhos apetrechos espalhados pelo quarto não lhe distraíssem a mente, apagou a luz da lamparina e adicionou mais uma acha à lareira para aquecer o aposento. O jantar e o vinho que havia solicitado chegaram às vinte horas, e ainda nenhum sinal de Peter.

Por fim, cansada de imaginar onde estaria o marido, devorou todo o jantar que

pedira para duas pessoas.

Outra hora se passou sem que O'Rourke retornasse. Kate começou a vagar pelo quarto. Talvez não devesse ter vindo sem avisá-lo.

O que poderia estar atrasando-o?

Sabia que o teatro estava fechado em razão da tempestade. O padre Manogue lhe havia dito que a última apresentação da companhia havia sido realizada no auditório do hotel e que os atores partiram naquela manhã.

Inquieta, Kate entrou no toalete e colocou a camisola. O simples contato da seda macia contra a pele a fez tremer em antecipação. Aquela noite... ela e Peter celebrariam o amor de ambos para sempre.

Porém outra enxurrada de dúvidas lhe assaltou a mente, enquanto outra hora se passava sem a presença do marido. Estava a ponto de desistir de esperá-lo e dormir quando ouviu o barulho da chave na fechadura.

Kate sorriu no escuro, quase incapaz de conter a excitação.

Inebriada, observou-o entrar, trancar a porta e, em seguida, atirar o chapéu e a chave sobre a mesa.

Peter cruzou o quarto sem tirar a jaqueta e adicionou mais duas achas ao fogo.

Kate fez menção de sair do esconderijo, quando o marido se virou de repente, com o cenho franzido e a mão no revólver que trazia na cintura.

Prendendo a respiração, ela o observou abrir o armário. Ao constatar que não havia perigo, Peter relaxou, embora sempre em atitude de guarda.

Kate engoliu em seco. Se Peter suspeitasse que havia um ladrão ali dentro, poderia atirar em qualquer coisa no escuro. Inclusive nela. Um medo repentino se apossou de Kate. A atitude do marido parecia tão estranha! Agachou-se, ouvindo as batidas descompassadas do próprio coração.

Escutou-o esquadrinhar os equipamentos no canto oposto do quarto. E percebeu o barulho inconfundível de moedas tilintando. Muitas delas, a julgar pelo som.

Havia dinheiro escondido no quarto! Na mente conturbada de Kate, um cenário sinistro começava a se delinear. Horas antes, o marido e seu comparsa tinham trazido uma grande soma em dinheiro para o quarto, e suas ações refletiam clandestinidade. Como se fossem... ladrões! Claro, por que outras razões estariam se preparando para se embrenhar no mato? De repente, tudo se tornou muito claro. O marido teria cometido um ato ilícito e agora planejava uma fuga!

Oh, se tivesse lhe confessado os sentimentos ou sido mais companheira! Lamentou-se Kate. Depois do que Peter fizera, a única oportunidade de serem felizes estava perdida para sempre.

Aquela havia sido a razão pela qual o marido a enchera de presentes. Pensara que lhe conquistaria o coração brindando-a com bens materiais.

Peter ouviu o soluço contido atrás dele e girou o corpo, detendo-se a tempo de empunhar a arma, quando percebeu a ninfa etérea envolta em seda se atirar em seus braços.

— Oh, querido! — gritou Kate, envolvendo-lhe o pescoço com ambas as mãos.

Tomado de assalto, O'Rourke franziu o cenho, fitando a beldade trêmula colada a ele.

— Kate! Como entrou aqui?

— Oh, Peter! Nunca me perdoarei — disse ela em prantos.

— Vejo que recebeu os presentes que lhe enviei. — Notou O'Rourke, deslizando os dedos pelo tecido diáfano que o separava da pele quente e macia.

Com um suspiro angustiado, Kate se afastou para fitá-lo nos olhos.

— Como pôde fazer isso? — inquiriu, caminhando em direção às duas lonas. — Poderia ao menos ter pensado em como isso me afetaria.

O'Rourke cruzou os braços sobre o peito com expressão inquisitiva.

— Eu pretendia ir ao seu encontro nas primeiras horas da manhã.

Kate o fitou com descrença e, agachando-se, abriu as sacolas de dinheiro e deslizou os dedos pelas moedas.

— Não minta para mim! Ouvi você e o seu comparsa planejando fugir ao amanhecer.

— Não antes de me despedir de você.

— Despedir? Como ousa? Eu vim aqui esta noite para dizer o quanto te amo e que o seguirei até o fim do mundo se necessário. — Revoltada, virou o conteúdo de uma das sacolas no chão e a atirou no rosto do marido.

— Wells Fargo Bank! — vociferou. — Você fez isso por mim?

— Pensei que fosse o que desejava — respondeu Peter em tom calmo.

— Não posso acreditar no que está me dizendo! — declarou Kate, desesperada. Seu mundo estava ruindo e Peter a fitava com uma máscara de indiferença. — Dinheiro não significa nada para mim. Ele não nos fará felizes. Se tivesse me dado a chance, eu teria feito com que você percebesse isso!

O'Rourke se deteve a observar a esposa. Apesar da experiência que possuía em relação ao sexo frágil, não estava conseguindo entender o motivo de tanta indignação. Parecia ainda mais bonita quando irada, mas não fazia sentido algum. De repente, deu-se conta de que Kate não fizera a conexão entre o dinheiro e a quantia que ela havia lhe pago para casar.

— Kate, juro que a procuraria pela manhã — garantiu ele. — Para lhe devolver até o último níquel que você está vendo.

— Roubou um banco e está tentando pôr a culpa em mim? — indagou Kate, indignada, atirando-se contra o marido com os punhos fechados.

Mas Peter foi mais rápido e lhe segurou os braços, puxando-a para si.

— Roubei um banco? Kate o fitou, angustiada.

— Querido, tem de devolver todo esse dinheiro antes que o banco dê falta dele!

— Não posso fazer isso.

Kate iria levá-lo à loucura. Em um minuto lhe confessava seu amor, e no outro o acusava de roubar um banco! Embora confuso, O'Rourke decidiu por deixá-la acreditar naquela suposição absurda. Que chance melhor teria de testar a profundidade dos sentimentos de Kate? Quão leal sua esposa seria se ele estivesse de fato em uma

enrascada?

— Sinto muito, querida. Mas peguei o dinheiro em plena luz do dia. O gerente por certo me reconheceria.

— Não! — Kate se atirou nos braços dele com os olhos dilatados de pavor.

— Precisamos dar um sumiço nele — continuou Peter, sorrindo, travesso, enquanto a esposa soluçava em seu ombro.

— Eu sei! — concordou Kate. — Pedirei a meu pai que nos ajude. Ele tem excelentes ligações. Conhece as pessoas certas. Devolverá o dinheiro de forma discreta sem que isso prejudique você — concluiu, tentando sorrir.

O'Rourke depositou um beijo suave na ponta do nariz arrebitado.

— Esperaria por mim se eu fosse preso?

— Claro que sim, querido — garantiu ela, tremendo ante o pensamento funesto.

— Mas eu não poderia permitir isso — insistiu Peter. — Você é jovem. Quero que seja feliz, que reconstrua a sua vida, tenha filhos e ame um marido que tome conta de você.

Revoltada, Kate bateu com os punhos no peito musculoso.

— Não, não e não! Como pode, sugerir uma coisa dessas? Eu nunca seria feliz com mais ninguém a não ser você!

— Diz isso agora. — Um brilho divertido perpassou os olhos verdes.

— Se está preocupado em ser preso, podemos deixar o dinheiro com minha mãe. De fato, é o que devemos fazer! Ela contatará o advogado de papai e ele resolverá a questão.

Peter deixou escapar um suspiro exasperado.

— Faz soar tão simples. E se estipularem um preço pela minha cabeça?

— Nos refugiaremos na floresta. Um dia terão de parar de procurar por você. — Kate começou a perambular pelo quarto, enquanto a mente procurava desesperada, por uma alternativa viável. — Ou poderíamos deixar o país. Ir para a Irlanda!

— Nunca pensei que fosse casado com uma mulher tão admirável — declarou Peter, tomando-a nos braços.

— Oh, querido. Em parte me sinto culpada pelo que fez. Se eu não tivesse sido tão fria e insensível...

Peter quase engasgou ante a afirmativa. Não havia nada de frio em Kate. Tossiu, tentando disfarçar o riso.

— Está resfriado. — Adiantou-se Kate, tirando-lhe a jaqueta. — Se precisa fugir de madrugada, terá de descansar — afirmou, toda eficiente. Retirou-lhe a camisa, deixando-o despido da cintura para cima, e o fez sentar na beirada da cama. — Deixe-me ajudá-lo a tirar as botas.

— Estou bem. Não estou cansado — ele argumentou, puxando-a para si.

— Não minta — retrucou Kate, desabotoando-lhe a calça. — Roubar bancos deve ser exaustivo. Prometa-me que nunca mais fará isso.

— Sim, prometo — afirmou O'Rourke, disfarçando uma risada.

Até aquele instante, Kate não se dera conta da magnífica visão do corpo masculino desnudo, tão ocupada estivera aplicando-lhe cuidados. Quando lhe retirou a calça, porém, prendeu a respiração, extasiada. Era a primeira vez que via o marido totalmente despido.

Por um segundo, pensou que poderia desmaiar com o calor que lhe lambia a pele em labaredas cortantes. Ele era magnífico! Da ponta dos cabelos loiros até o membro rijo, Peter era uma visão tentadora.

O'Rourke permaneceu deitado, fitando, inebriado, a reação da esposa.

Kate mal conseguia respirar, temendo que seu autocontrole a abandonasse à medida que o desejo pelo marido crescia.

— Oh, Peter... — sussurrou lânguida, semicerrando as pálpebras.

Os lábios dele se curvaram num sorriso sedutor.

— Kate — disse O'Rourke com voz rouca de desejo, enquanto levava as mãos aos seios firmes.

— Talvez nunca mais tenhamos uma noite como esta — lembrou Kate, abandonando-se ao toque provocativo.

Peter a puxou, acomodando-a sobre o próprio corpo.

— Então façamos com que seja inesquecível.

Enquanto lá fora o vento gélido soprava das montanhas, fazendo bater as janelas, no interior do quarto de hotel, Peter e Kate encontravam-se absortos um nos olhos do outro.

— Recite uma poesia para mim, querido — ela sussurrou, quebrando o silêncio.

— Seria inútil. Nem mesmo as palavras poéticas conseguiriam expressar a profundidade do meu sentimento por você.

Com um gemido lânguido, Kate se enroscou nos músculos rígidos do peito másculo como uma gata procurando abrigo aquecido. Seus corpos formavam duas metades de um todo perfeito.

Fascinados, permaneceram colados em um abraço terno, cada um ansiando pela plena consumação daquele amor, arrebatados pelo inebriante sentimento.

Fagulhas estalavam a medida que as achas queimavam na lareira. Peter ergueu a cabeça para observar o reflexo da luz bruxuleante nos cachos longos e vermelhos que caíam em cascata por sobre os ombros da esposa. Kate estremeceu de leve nos braços fortes. Os olhos verdes brilhavam de desejo. Os lábios macios ainda úmidos e túrgidos pelos beijos ousados. O'Rourke a puxou mais para si, enfeitiçado pela imagem tentadora.

— Estamos nos beijando há horas — observou ele por fim.

Kate parecia nadar em águas incandescentes. O fino tecido que a separava do corpo masculino quente e excitado havia sido esquecido. Num gesto instintivo, arqueou os seios para frente, roçando-os contra a pele em brasa do marido.

— Dispa-me, Peter—sussurrou. — Não quero nada entre nós.

Estimulado pelo convite sensual, a última barreira foi removida. Ambos estavam cientes de que cruzavam uma fronteira emocional que nada tinha a ver com a retirada da roupa. Eram almas gêmeas, desnudas e sem reservas uma para com a outra.

— Possua-me — murmurou Kate, abandonando-se numa entrega total.

O amor que Peter sentia pela esposa o levava a agir de forma quase primitiva. As mãos experientes deslizavam ágeis ao longo do corpo curvilíneo, enquanto uma trilha de beijos quentes percorria o caminho entre o pescoço delicado e o baixo-ventre que faziam a pele de Kate arrepiar de prazer.

— Oh, Peter... pare antes que eu desmaie — ofegou ela em protesto.

Mas O'Rourke não lhe deu ouvidos. Beijava e mordiscava os pontos mais sensíveis do corpo cativo sob o dele, ignorando-lhe as súplicas, até que Kate convulsionasse de prazer em respostas às carícias provocantes.

— Amo cada centímetro de você, Katie O'Rourke — declarou Peter, dando continuidade à exploração do corpo macio.

— E eu, cada milímetro do seu corpo — retrucou Kate, decidindo que poderia jogar de modo tão pecaminoso quanto o marido. Estendeu a mão, abrindo caminho por entre os corpos suados até encontrar a virilidade excitada que pulsava contra seu ventre. Os dedos longos e delicados se fecharam em torno da ereção.

— E meu — declarou com um sorriso malicioso. Antes que Peter pudesse esboçar uma reação, ela inclinou a cabeça sob o corpo másculo. — Todo meu — repetiu, levando os lábios ao membro rijo. O contato úmido da boca quente e macia e os gemidos excitados que se formavam na garganta de Kate quase o levaram à loucura.

— Kate! — Fantasias eróticas povoavam a mente em turbilhão de O'Rourke, enquanto segurava os cachos ruivos e massageava com os polegares a face afogueada da esposa. A carícia íntima lançava em um vórtice de emoções arrebatadoras. — Pare neste momento. Do contrário perderei o controle.

Kate exibiu um sorriso triunfante, interrompendo a carícia. Em seguida, deslizou pelo corpo viril, pressionando os seios contra o peito musculoso num claro desafio.

Peter afundou o rosto na curva do pescoço delgado, mordiscando e sugando o ponto sensível próximo à clavícula, inebriado com a fragrância feminina.

— Você é tão... maravilhosa! — murmurou ele. — Linda por fora e por dentro. De repente, as mãos ávidas pareciam estar em todos os pontos do corpo de Kate.

Um gemido rouco se formou na garganta da esposa, que nunca conhecera prazer igual. Num gesto instintivo, afastou as pernas em um convite tentador. O corpo trêmulo abrindo-se como as pétalas de uma rosa para acolhê-lo no centro de sua feminilidade.

Peter ergueu o corpo e com apenas um movimento, a penetrou, preenchendo-a por completo. Kate se entregou àquela união com tal intensidade que atingiu o clímax de imediato. Milhares de fagulhas lhe perpassavam o corpo, arremessando-a a um glorioso êxtase.

Estimulado pela reação quase instantânea de Kate, Peter a penetrou ainda mais fundo, com movimentos cadenciados até que uma nova onda de espasmos crescesse dentro dela. Com sua mente entorpecida, Kate podia ouvir o som gutural dos próprios gemidos misturados aos do marido, até ambos alcançarem o êxtase final.

— Lembre-me de agradecer a seus pais — murmurou O'Rourke, pouco depois, beijando-lhe as pálpebras.

Kate afastou uma mecha de cachos ruivos para detrás da orelha e fitou o marido com expressão inquisitiva.

— Meus pais? — indagou confusa.

— Sim. Por a terem trazido à vida. O que seria de mim sem você?

Kate aconchegou-se ao corpo másculo, adorando a forma como ambos se encaixavam, e sorriu enlevada, observando o perfil harmônico do marido contra a luz fraca da chama. Herdariam seus filhos os lábios carnudos e sensuais do pai, que naquele momento se curvavam em um sorriso contagioso? Os traços perfeitos e os olhos profundos de Peter?

— Quando a vi pela primeira vez no meio da C Street, pensei estar diante da mais bela ruiva que jamais tinha conhecido.

— Amor à primeira vista? — perguntou Kate, inebriada.

— Pensei que eu tivesse morrido e ido parar no céu.

— Está falando como um perfeito romântico — declarou ela, fechando os olhos e tomando-lhe os lábios num beijo profundo.

Em seguida, fizeram amor de forma lenta e terna, como navegando por águas calmas e nunca antes exploradas. O desejo do marido superava a mais primitiva fantasia de Kate. Mais uma vez a noite explodiu em uma chuva de meteoros, forjando um laço indissolúvel entre ambos.

Os gritos de prazer do casal não demoraram a ser ouvidos pelos vizinhos de quarto. Houve uma batida vigorosa na parede.

— Ei! Tem gente querendo dormir! Calem-se ou chamarei o segurança!

Assustada, Kate levou a mão aos lábios do marido, que, rindo, fazia menção de responder.

— Não ria Peter! — ela o admoestou, corando de vergonha. Se o segurança o levar preso, por certo o entregará ao xerife.

O'Rourke a fitou com expressão confusa.

— Xerife? — repetiu. — Oh, claro. Quase esqueci. — Em seguida, sentou-se na cama, decidido a revelar que não era o bandido que a esposa imaginava.

Porém Kate se agarrou ao pescoço largo, forçando-o a deitar-se outra vez.

— Temos de partir antes que o dia amanheça.

— Ouça querida...

Sem lhe dar tempo para explicações, ela deslizou para fora da cama com um movimento rápido e foi juntando as próprias roupas. A imagem do corpo de curvas perfeitas o inspirou a continuar com a farsa. Se Kate estava disposta a provar sua lealdade, quem era ele para impedi-la? Aquela mulher o amava e no momento era tudo que lhe interessava.

Solícito, Peter a ajudou a reunir as vestes e a guiou até o toalete para que ela se banhasse. Enquanto isso se vestiu apressado, juntou os documentos, os dois novos livros de contabilidade e o cofre repleto de dinheiro. Em minutos, organizou todo o equipamento que lhe permitiria desempenhar o papel de novo proprietário da serraria de Diablo Camp.

Kate, ainda julgando o marido um bandido em fuga, mostrava-se decidida a acompanhá-lo, o que lhe agradava imensamente. Para tanto, teria de providenciar roupas adequadas e um cavalo para a esposa. Pensando assim, decidiu mandar Merrick na frente com os suprimentos perecíveis e uma dúzia de homens recém-contratados. Isso

lhe daria tempo para resolver os detalhes prementes e fazer parecer convincente a fuga de ambos.

Peter dirigiu o olhar às sacolas do Wells Fargo Bank. O gerente do banco havia levado três dias para coletar mil dólares em moedas.

A intenção inicial de O'Rourke era devolver o maldito dinheiro que Kate havia lhe dado como pagamento por haver se casado com ela. Para deixar claro que queria aquela quantia fora do caminho de ambos, decidira jogar as moedas no colo de Kate.

Mas a idéia original tinha perdido o sentido ao constatar que o peso da quantia seria capaz de soterrá-la.

Então, Peter alterara o plano. Antes de partir da cidade, passaria na residência dos McGillacutty, deixaria as sacolas na porta e faria um apelo eloqüente para que Kate o acompanhasse naquela nova aventura. Queria que a esposa o amasse por aquilo que ele era, e não por ter herdado o título e a fortuna do conde de Wickstead.

Porém não fora necessário pôr em prática o plano mirabolante. Kate viera ao seu encontro por iniciativa própria.

As ações da esposa demonstravam que ela o amava a despeito de sua suposta pobreza.

— Devemos devolver o dinheiro antes de partir — a voz de Kate soou atrás de Peter. Ele virou-se para fitar os olhos preocupados da esposa.

— Vou me encarregar disso sozinho. Afinal, eu o retirei do banco.

— Não, querido! É muito arriscado!

— Um homem passará aqui dentro de uma hora — explicou Peter. — Ele pode entregar o dinheiro a seus pais, para que eles o devolvam ao banco.

— Não. Deixe que eu o faça — declarou Kate. — Preciso pegar minhas roupas de qualquer forma. — E dirigindo-lhe um olhar de repreensão: — Oh, se ao menos tivesse pensado um pouco antes de roubar um banco!

— São apenas alguns milhares de dólares — argumentou Peter em tom casual.

Kate levou o dedo indicador aos lábios do marido.

— Não fale mais nada e deixe-me passar para que eu possa ir até a casa de meus pais e lhes dizer onde está o dinheiro. Depois que partirmos, eles podem devolvê-lo.

— Não há necessidade de envolver seu pai nisso — insistiu O'Rourke. — Lembre-se da ordem de restrição que ele fez o juiz impetrar contra mim.

— E como pretende sair desta enrascada? — indagou Kate, indignada, levando as mãos à cintura. — Deixe de ser teimoso, Peter. Sou sua única esperança! Confie em mim. Logo estarei de volta com o melhor advogado do Estado — dizendo isso, virou-se e segurou a maçaneta da porta.

Peter a segurou.

— Não, querida. O dinheiro é seu. É verdade. Eu planejava devolvê-lo esta manhã.

— Não tenho nada a ver com... dinheiro roubado! — retrucou Kate, indignada. — Não serei sua cúmplice!

— Pensei que tivesse dito que me amava.

— E é verdade. Com toda a força do meu ser! — afirmou Kate, com os olhos rasos d'água. — Mas o dinheiro tem de ser devolvido ao banco e nada me fará mudar de idéia!

— Muito bem — sibilou Peter por entre os dentes. Nunca conhecera mulher tão teimosa. — Serei eu a devolvê-lo.

Com um movimento rápido, O'Rourke a ergueu nos braços e jogou-a sobre a cama. Em seguida, tirou a gravata e com ela atou-lhe as mãos à coluna da cama.

— O que está fazendo? — indagou Kate, debatendo-se. — Não pode me deixar amarrada aqui. Conseguirei um modo de me desamarrar.

— Não, não vai conseguir — replicou Peter, erguendo duas sacolas repletas de moedas e colocando-as sobre as pernas dela. Em instantes, Kate encontrava-se totalmente imobilizada.

— Vou gritar!

— Estou certo de que o segurança do hotel não aprovará um escândalo a esta hora. Acredite-me, estou fazendo isso pelo seu próprio bem. — Inclinou-se e depositou-lhe um beijo suave nos lábios. — Ainda me ama? — provocou-a.

— Eu... — Kate sentia-se tentada a dizer que o odiava. Desprezava-se por ser tão fraca. Uma noite de amor e se rendia por completo. O marido era um ladrão de bancos. Um infame patife, e ainda assim... o amava. — Se ao menos não o amasse tanto... — soluçou desesperada.

— Não irá se arrepender disso — garantiu O'Rourke, sorrindo, triunfante.

— Já me arrependi — protestou Kate, observando o marido partir. Não havia nada que pudesse fazer. Peter precisava dela. Não o abandonaria na hora em que mais necessitava. Iria dedicar cada dia de sua existência a reabilitá-lo, transformando-o num homem digno do amor que lhe dedicava.

— Corra querido. Eu o estarei esperando.

O'Rourke disparou em direção à porta, disfarçando um sorriso.

— Oh, Katie... Você é preciosa!

Rindo às escondidas, Peter trancou a porta e, antes de se encontrar com Merrick, seu contador, parou na estrebaria local e comprou um cavalo para a esposa. Em seguida, dirigiu-se à residência dos McGillacutty. Acordou Homer e explicou-lhe que estava partindo para ir trabalhar para o novo proprietário de Diablo Camp, e que Kate o acompanharia.

— Vai se complicar por ter ignorado a ordem de restrição, O'Rourke! — gritou o sogro, com o rosto mais vermelho do que o traje de lã que vestia. Ainda assim, escancarou a porta e deixou que o genro entrasse.

— Kate foi ao meu encontro, senhor.

— Vou arrumar os pertences dela — interveio Madeleine, bocejando enquanto subia os degraus da escada.

— Onde minha filha está? — indagou Homer, dirigindo-se apressado à cozinha.

Peter sorriu.

— Tomando conta do dinheiro com o qual insistiu em me pagar por me casar com ela. Eu esperava que sua filha o utilizasse de forma mais útil, mas Kate está decidida a

devolvê-lo ao banco. É bastante regrada com dinheiro. Deve ter herdado tal característica do pai.

McGillacutty ergueu o bule de café.

— Toma uma xícara comigo?

— Sim, obrigado — aceitou Peter. Puxou uma cadeira e sorveu um gole da bebida quente.

Homer clareou a garganta, estudando o genro com olhar preconceituoso.

— Então desistiu da carreira de ator?

— Sim. Com a responsabilidade de sustentar uma esposa, necessito de um salário fixo, que conseguirei no ramo da serraria. Tenho de lhe agradecer por haver me introduzido no ofício.

— Como conseguiu reaver seu emprego nos mesmos termos?

— Ouvi dizer que o novo proprietário estava contratando funcionários. Então, fui procurá-lo.

— Como é o conde de Wickstead? — indagou o sogro, curioso.

Peter deu de ombros.

— Um homem comum. Por coincidência, estudamos juntos.

Homer ficou surpreso.

— Mundo pequeno. Ele é da sua idade?

— Mais ou menos. E sempre foi rico — acrescentou Peter, sorrindo. Não podia evitar que McGillacutty tirasse suas próprias conclusões.

— Bem, boa sorte, O'Rourke. Espero que tudo dê certo para vocês.

— Obrigado, senhor — agradeceu Peter, imaginando qual seria a reação de Homer quando descobrisse que havia sido ele a tirar-lhe a serraria.

Minutos mais tarde, Madeleine os chamou para que carregassem a bagagem da filha. Juntos, os dois homens levaram os baús abarrotados com as roupas que Peter havia comprado para a esposa.

A sogra se ergueu na ponta dos pés e depositou um beijo terno na face de Peter.

— Mantenha contato.

— Assim farei. — E entregou a chave do quarto do hotel para McGillacutty. — Kate ficaria grata se depositasse seu dote no Wells Fargo Bank esta manhã, senhor. Deixe-o sobre a cama.

— Cuidarei disso — prometeu o sogro. — Cuide da minha menina.

— Pode contar com isso, senhor — garantiu O'Rourke, apertando a mão de Homer.

Apressado, Peter cobriu a distância entre a residência e a pesada carroça de madeira. Jogou a bagagem da esposa na parte traseira e sentou-se ao lado de Merrick, que se encontrava no comando das rédeas dos quatro cavalos que puxavam o veículo.

— Vejo-os na primavera! — gritou O'Rourke, acenando para os sogros.

Parado junto à porta, McGillacutty sentiu o braço delgado da esposa enlaçar-lhe a

cintura. Ele a puxou para si, pressionando a face rechonchuda aos cabelos negros.

— Em que situação meti a nossa Kate? — perguntou mais a si mesmo do que a Madeleine, observando a carroça que levava O'Rourke afastar-se.

— Se eu fosse você, não me preocuparia tanto com o destino de nossa filha — retrucou a esposa em tom calmo. — Ela é como o pai. Sobreviverá a qualquer adversidade.

Capítulo VII

Diablo Camp, rio Truckee, Começo de junho de 1865.

Kate emergiu da floresta. A face afogueada possuía um brilho ofuscante. Os olhos verdes cintilavam de tanta vitalidade. Caminhava carregando uma cesta de morangos silvestres. Deixou escapar um suspiro de pura satisfação com o rumo que tomara sua vida.

Inspirou o ar puro das montanhas, admirando a paisagem da primavera. A vida parecia brotar de todos os cantos: nas cascatas que caíam em torrentes de água gélida nas colinas e nas abelhas que rondavam as duas macieiras que Peter plantara ao lado da cabana.

Tinha sido ali que ela e o marido passaram os últimos sete meses em uma bênção idílica. Kate não podia acreditar na felicidade que encontrara naquele lugar primitivo.

A cada dia que passava ao lado de O'Rourke, sentia-se mais feliz, segura e esperançosa.

Quando haviam chegado a Truckee em pleno inverno, estavam congelados, sem dinheiro e com um futuro sombrio pela frente.

A vida, porém, tinha mudado desde então. O milagre da primavera alcançara High Sierra, descortinando um leque de oportunidades em suas vidas. Kate estava loucamente apaixonada pelo marido e pronta para pô-lo a par da boa nova.

Após atravessar o curto caminho de terra batida que cortava a horta, ela ajoelhou-se para arrancar uma erva daninha. Esquilos e micos trepavam nas árvores e metade da plantação havia sido devorada pelos veados, mas Kate nunca se sentira tão feliz.

Dirigindo-se à confortável cabana que lhes servia como ninho de amor, notou a

fumaça espessa que emanava da chaminé e sorriu satisfeita.

Aquela noite surpreenderia Peter com um guisado de coelho para o jantar. Pela manhã, o filho caçula de Raimsey Griswold havia lhe trazido a caça e, graças ao exótico livro de receitas com que o marido a presenteara, Kate fora capaz de preparar a carne e temperá-la antes de colocá-la no tacho sobre o fogo da lareira. Quando morava em Chicago, nunca tinha pensado em pôr os pés em uma cozinha. Agora, porém, julgava-se afortunada pela vida que levava.

Por algum milagre que ela não conseguia compreender, a transgressão de Peter parecia ter sido abrandada. O medo inicial que sentira de que o marido fosse preso a qualquer momento não mais a assombrava. Ao que tudo indicava a lei do Oeste não era tão severa quanto parecia. Por certo, os homens estavam dispostos a dar oportunidades para que os infratores se regenerassem e seguissem com suas vidas.

Peter havia se tornado um novo homem. Pelo fato de ele ser indispensável na ausência do proprietário de Diablo Camp, conseguiu juntar o dinheiro que sobrava do modesto salário semanal que o marido ganhava e construíram uma casa confortável e aconchegante na floresta. Aquele homem era simplesmente maravilhoso!

Sob a gerência de Peter e Jigger Jansen, o capataz do acampamento, os trabalhadores rendiam cem por cento. Graças ao poder de persuasão de O'Rourke, o novo proprietário de Diablo Camp permitira a construção de catorze casas para os madeireiros casados. Várias famílias haviam se mudado para o acampamento nos últimos meses. Estavam até mesmo aventando a possibilidade de contratarem um professor no próximo ano. Idéia que atraía os trabalhadores.

Sim, a vida era maravilhosa! Peter tinha um emprego estável. O pai havia lhe perdoado o fato de haver se casado com um ex-ator paupérrimo. E, acima de tudo, os problemas de Peter com a lei tinham sido esquecidos. Kate obtivera a certeza por ocasião da visita do gerente do Wells Fargo Bank na semana anterior. Após passar uma hora trancado no escritório com o marido, o homem partira com os mais cordiais cumprimentos.

Não lhe causava espanto o fato de os trabalhadores gostarem tanto de Peter. Ele era um entusiasta. Nada o desanimava. Nem mesmo o conde de Wickstead, que Kate definia como um playboy ardiloso. A serraria, equipada com o que havia de mais moderno, superara os concorrentes do território entre Donner's Pass e Verdi. E agora Peter estava construindo a armação de uma via férrea. Os projetos de expansão do marido pareciam ilimitados.

Kate pendurou a cesta de morangos silvestres na coluna da cerca da horta e contornou a cabana de três cômodos para espantar um veado que ameaçava comer mais algumas folhas de sua plantação. Os cabelos macios e brilhantes, soltos em cascata pelas costas, adotavam uma tonalidade ainda mais avermelhada sob o sol do Pacífico.

De repente, a perseguição de Kate ao veado cessou de modo abrupto quando ela avistou a sofisticada carruagem preta, puxada por um par de perfeitos cavalos, parar em frente à cabana.

Quem os estaria visitando àquela hora? perguntou-se Kate, curiosa.

Apressada, alisou a saia. O avental estava repleto de morangos e os cabelos, em desalinho. Consciente da própria aparência desleixada recuou alguns passos, observando o condutor impecavelmente vestido descer e abrir a porta da carruagem com um movimento afetado.

A mão delgada e repleta de jóias se estendeu para segurar a do cocheiro.

— Obrigada, sr. O'Hara. — A voz calma e firme flutuou como música através do jardim até onde Kate observava, fascinada. Do veículo saiu uma mulher pequena e elegante, trajada de veludo púrpura e verde-esmeralda. As mãos delicadas suspendendo de leve a saia do vestido para que não resvasse no caminho de terra batida. A dama, obviamente riquíssima e de uma beleza ofuscante apesar da meia-idade, avistou Kate antes que ela tivesse tempo de se esconder.

— Ah! — exclamou, observando a aparência simplória da dona da casa. — Você deve ser Mary Katherine. — O olhar da sofisticada mulher explorava-a com amigável curiosidade, enquanto lhe estendia a mão para cumprimentá-la. — Permita-me que me apresente. Sou a condessa de Wickstead.

— Oh... Desculpe-me... madame — balbuciou Kate. — Acho que não nos conhecemos...

A elegante visitante caminhou até o portão da casa e parou, observando ao redor.

— Sr. O'Hara, por favor, leve as bagagens para o hotel em Truckee e depois volte para me buscar — ela pediu ao condutor. — Preciso esticar um pouco as pernas, se não se incomoda — declarou, dirigindo-se a Kate.

— Claro que não, milady — garantiu a anfitriã, impressionada com a atitude amigável, porém imponente da dama.

— Espero que a minha longa viagem não tenha sido infrutífera. Onde está meu filho errante? — perguntou, olhando em volta.

Kate piscou várias vezes, confusa.

— Não tenho idéia de onde possa estar. Nem sequer o conheço.

— Ora, vamos. Onde ele está se escondendo? — E percebendo a perplexidade de Kate: — Tudo bem. Pode me dizer. Sou a mãe de Peter.

— Qual Peter?

— Se for necessário, posso provar com a certidão de nascimento que meu filho é Peter Casey O'Rourke. — Os olhos verde-esmeralda se estreitaram ante a total consternação da nora. — Alto, cabelos loiros, olhos verdes. E um insolente pelo qual me desculpo! Nunca consegui refrear seus excessos. — A dama riu do próprio comentário espirituoso, e Kate logo percebeu a quem o marido havia puxado.

— Oh, esse Peter — disse Kate, por fim, sentindo como se tivesse recebido uma pancada na cabeça.

A condessa tomou a mão de Kate nas dela e sorriu.

— Vejo que não estava me esperando.

Kate sacudiu a cabeça, enquanto Anne O'Rourke gesticulava em direção à cabana.

— É aqui que vivem? Que charmoso! Não me admira que agrade a Peter. Meu filho é um romântico.

Com a mente em turbilhão, Kate subiu os degraus e guiou a sogra para o interior da cabana. Sentia-se constrangida ao receber uma pessoa tão refinada nas modestas instalações de sua residência. Era um local aconchegante e um excelente abrigo contra o frio dos meses anteriores, mas não constituía nenhum palácio.

Amplas cortinas de musselina com listras coloridas forneciam uma aparência clara à sala pouco iluminada. Grandes vasos de argila indianos estavam repletos de flores e plantas que captavam a luz solar. Das vigas, pendiam chifres de veados que Peter e os homens de Diablo Camp haviam caçado durante o longo e tenebroso inverno. Cestos confeccionados com material fornecido pelos índios encontravam-se pendurados por cavilhas, contendo produtos criados pelas mãos de Leila White Feather. Uma lamparina estava na mesa baixa ao lado da cadeira favorita de Peter, e outra, na mesa ampla, onde faziam as refeições.

Até então Kate havia sido feliz ali e, ao que tudo indicava completamente iludida.

Enquanto a sogra a indagava sobre a vida no campo e fazia comentários quanto ao fato de Kate cozinhar na lareira, esta mordiscava o lábio, tentando conter a onda de revolta que sentia.

Anne O'Rourke era graciosa e simpática. Não demonstrava nenhum sinal de atitude crítica. Mas não era suficiente para abrandar a ira que Kate sentia pela traição do marido, como Peter fora capaz de enganá-la durante todo aquele tempo? Ela pensara que o relacionamento dos dois tivesse rompido a barreira dos segredos.

— Milady, por favor, sente-se — ofereceu Kate, gesticulando em direção à cadeira favorita do marido. — Aceitaria uma xícara de chá?

A condessa de Wickstead sorriu, afundando na ampla cadeira que parecia engoli-la.

— Por favor, você pode me chamar de mãe. — Kate levou a chaleira à lareira.

— Peço-lhe desculpas pela minha aparência. Estava cuidando da horta.

— Eu também tenho propensão à jardinagem — revelou a sogra, divertida.

Enquanto Kate preparava o chá, as duas conversavam de maneira amigável. Quando terminou, a nora depositou a bandeja na mesa baixa, próxima à cadeira onde estava acomodada Anne, e sentou-se na frente dela.

— Parece-me prendada nas tarefas domésticas — elogiou a condessa, aceitando o cubo de açúcar que lhe era oferecido.

Kate meneou a cabeça, sorrindo.

— Antes de Peter me raptar e arrastar-me para as montanhas, eu não sabia nem ferver água.

— Meu filho fez isso? — indagou a sogra, estupefata. — Oh, querida. Eu não fazia idéia...

Kate corou.

— Não foi tão mau quanto possa soar — apressou-se em explicar.

Depois de revelar todos os detalhes de seu primeiro encontro com o filho da condessa e a tentativa de fugir do esquema montado pelo pai, Kate se inclinou para frente, fitando Anne O'Rourke nos olhos.

— Como pode ver, o casamento foi idéia minha. Paguei mil dólares a seu filho — afirmou, sorrindo com certo orgulho. — Depois de casados, Peter se opôs à minha fuga para San Francisco e me levou com ele para as montanhas. No início, não gostei nem um pouco da idéia.

A condessa mantinha o olhar fixo na fumaça que saía da xícara.

— Então Peter queria protegê-la dos perigos de San Francisco? — indagou, com um sorriso malicioso.

— Foi o que ele disse.

— Meu filho já devia estar encantado por você àquela altura — garantiu a sogra. — E você, Kate, ama Peter?

A pergunta a tomou de assalto. Kate sorveu um gole da bebida quente, quase queimando a garganta.

— Sim, muito — sussurrou. — Mas...

— Suspeito que ele a enganou esse tempo todo, escondendo sua verdadeira identidade — declarou a Sra. O'Rourke.

— Sim. Iludiu-me por completo — concordou Kate, furiosa. Anne O'Rourke pousou a xícara de chá na bandeja e se inclinou para a frente, segurando ambas as mãos da nora.

— Deixe-me revelar um segredo que aprendi há muito tempo. O amor não é sempre o suficiente.

— Oh, Sra. O'Rourke! — exclamou Kate, ajoelhando-se em frente à sogra e escondendo o rosto no colo aveludado. — O que devo fazer? Peter me decepcionou e, ainda assim, eu o amo tanto! Estava disposta a fazer tudo, ir a qualquer lugar contanto que ficássemos juntos.

— Acalme-se, querida. Tudo acabará bem. — Os dedos repletos de anéis ergueram a face delicada de Kate. — Meu filho sempre quis ser amado pelo que é. E ao que parece — continuou a condessa, gesticulando para o interior da cabana —, ele tomou medidas extremas para testar o seu amor, Kate. E você passou com louvor no teste. Não casou com Peter por dinheiro, título ou uma vida abastada.

Kate limpou a face molhada com o dorso das mãos.

— Pensei que ele era pobre — afirmou pesarosa.

— Sem você, meu filho seria pobre de fato — declarou a sábia mulher de Wexford.

— Mas a senhora disse que o amor nem sempre é suficiente — lembrou Kate.

— Isso mesmo. Um bom casamento requer dois bons perdoadores.

A afirmação, porém, não pareceu convencer a nora.

— Não me sinto propensa a perdoá-lo de imediato.

Anne O'Rourke riu, divertida.

— Isso é bastante compreensível. Mas quando estiver disposta, perdoe-o. Seu amor significa tudo para meu filho.

Depois da partida da mãe de Peter, Kate se encaminhou ao toalete. Existiam formas sutis de fazer sofrer um homem. Durante todo aquele tempo, o marido havia se divertido à sua custa, brincado com a compaixão que ela lhe dedicara. Deixara que Kate sofresse ante a possibilidade de que o levassem preso. Oh, o que Peter havia feito era imperdoável! Por certo, o marido não havia mentido, lembrou-se. Apenas deixara que sua imaginação corresse solta. E como uma cega, ela havia sacrificado uma vida de conforto para provar o amor que lhe dedicava.

Sim, Peter iria pagar pela fraude. Quando terminasse de se vingar, não sobraria um só osso naquele belo corpo!

Vasculhando nos baús, Kate começou a delinear a mais perversa tortura: iria ostentar seu corpo perfumado diante de O'Rourke, fingindo doce submissão, porém negando-lhe acesso aos prazeres que ele esperava ter direito como marido. Iria permanecer indiferente.

Rindo consigo mesma, retirou do baú um espartilho de barbatanas de baleia que pertencera à mãe. Claramente medieval, pensou Kate, divertida. Perfeito para dar uma lição, em Peter.

Ignorando todos os adoráveis presentes que o marido lhe comprara em Virginia City, colocou sobre a colcha de retalhos várias saias, anáguas e camisolas. Só Deus sabia onde a mãe dela encontrara aqueles monstruosos apetrechos!

Para se assegurar, optou por um par de ceroulas de flanela vermelha. Conhecia o termostato sexual do marido. Estava sempre com a temperatura alta. Aquilo deveria deixar por terra toda e qualquer tendência lasciva. E por cima de tudo usaria seu vestido favorito: o azul-esverdeado brilhante com fios prateados.

Vestindo-se apressada, caminhou até o espelho e analisou o próprio reflexo. No exterior estava resplandecente. Por baixo, uma autêntica fortaleza. Nem mesmo o exército mexicano conseguiria penetrar sua armadura!

Estava pronta para receber o marido.

Que viesse o poderoso conde de Wickstead, o filho errante de Wexford. Pobre jovem irlandês!

— Katie, cheguei!

Kate ergueu a cabeça e sorriu. Peter parecia estar de muito bom humor e... totalmente desarmado. Perfeito, pensou ela. Tudo de que precisava era pôr o plano em prática.

O ruído dos calçados de lenhador do marido contra o chão fez seu coração disparar. Tentou afastar aquela emoção repetindo para si mesma que O'Rourke não passava de um patife. Como poderia se vingar se não conseguia ter raiva dele?

Após um último olhar no espelho, Kate deixou o quarto, confiante de que toda aquela produção iria surtir efeito. Durante sua visita, a condessa de Wickstead havia lhe ensinado um penteado glamoroso. Do tipo que faria o sangue de Peter ferver. Era exatamente isso que Kate almejava. Levá-lo ao máximo da excitação e depois deixá-lo a ver navios.

Enquanto Kate, majestosa, atravessava a sala para ir cumprimentá-lo, um misto de orgulho e prazer tomou conta do marido. Ela parecia succulenta como uma maçã quando ofereceu os lábios úmidos e macios para beijá-lo. Os cachos avermelhados caíam-lhe pelas costas, brilhando à luz da lamparina. Tomado pelo desejo, Peter atirou o chapéu em sua cadeira favorita.

— Querido, você chegou! — saudou-o Kate em tom de voz lânguido e sensual.

— A comida está cheirosa — elogiou o marido, caminhando em sua direção. — Estou faminto, meu amor!

Kate tencionou o corpo quando Peter a tomou nos braços.

— Onde esteve durante toda a tarde, querido? — indagou, retirando-lhe a jaqueta.

— Está linda, Kate — declarou O'Rourke, inclinando-se para beijá-la.

— Obrigada, senhor — ela agradeceu, esquivando-se de modo discreto e sorrindo, sorradeira, ao notar o olhar do marido fito em seu decote. — Eu me vesti para você. Gostou do meu penteado?

Ignorando o estômago vazio, Peter a seguiu como um lobo faminto ao encalço de uma ovelha.

— Não precisa fazer nada de especial. Está sempre linda! As mãos firmes deslizaram em torno da cintura delgada, e Kate pôde ver o brilho intenso do desejo estampado nos olhos do marido. Com um meio sorriso, pousou uma das mãos sobre o peito musculoso para evitar a aproximação de Peter.

— Querido, por favor, contenha-se! Não me arrumei para que você me amassasse toda.

O'Rourke se afastou, lançando-lhe um olhar confuso. Aquela não era a acolhida com a qual estava acostumado.

— Você está maravilhosa — afirmou ao mesmo tempo em que esvaziava o conteúdo dos bolsos da calça e o colocava sobre a mesa. — Teve um dia agradável?

— Sim — respondeu Kate, retirando tudo que Peter depositara na mesa. — Querido, francamente! Não pode colocar estas bugigangas em outro lugar? — reclamou, lançando-lhe um olhar de reprovação.

O'Rourke franziu o sobrolho.

— Antes, nunca se importou com o lugar onde coloco minhas chaves e dinheiro.

— Não sou de reclamar, mas gostaria que reconhecesse o quanto eu trabalho nesta casa. Escravizo-me o dia todo para que tudo fique perfeito e, quando você chega, parece um touro bravo solto pela casa.

— O que há com você? Jamais reclamou disso antes. — E lançando-lhe um olhar malicioso: — Acho que eu deveria me mostrar um touro na cama com mais frequência. Talvez assim retorne o seu bom humor.

— Que linguajar! — exclamou Kate, tentando ignorar os dedos ágeis que lhe acariciavam o pescoço.

De repente, Peter estacou.

— O que é isso? Um espartilho de aço? — indagou curioso. — O contato áspero deve machucar a sua pele, não?

— Bobagem. Espartilhos estão na moda — informou Kate, divertida. — Não quer que eu descuide da minha aparência, certo?

— Não há nada de errado com ela — retrucou Peter, indignado. Com as mãos na cintura, pôs-se a observar a esposa. Sabia que as mulheres costumavam ficarem mais sensíveis no período menstrual, mas aquele por certo não era o caso de Kate.

— Aconteceu algo que a deixou impaciente?

— indagou após um longo silêncio.

— Nada que você já não saiba — replicou ela, empinando o queixo e afastando-se para pôr a mesa.

Fitando-a com olhar insolente, O'Rourke se postou no caminho da esposa. Quando Kate fez menção de se desviar, ele a impediu de passar.

— Meu Deus, que odor desagradável! — reclamou Kate, dispondo três pratos na mesa. — Poderia ao menos tirar essa camisa suada.

— Desagradável? — Os olhos verdes brilharam de raiva. — Qual é o problema? Um pouco de suor honesto a incomoda?

Kate torceu o nariz como se estivesse sentindo um cheiro horrível.

— Por que não vai se lavar?

— Era exatamente isso que eu pretendia fazer. — A caminho da porta, Peter avistou um terceiro prato na mesa. Aquilo o lembrou do que precisava dizer à esposa quando chegara em casa.

— Teremos visita para o jantar.

— Isso mesmo — concordou Kate.

— Desculpe-me. Tinha a intenção de avisá-la mais cedo. Precisa colocar mais dois pratos na mesa.

— Apenas mais um — ela argumentou.

— Não, dois — corrigiu-a Peter. — Convidei seus pais. Devem chegar às dezoito horas.

— Eles virão aqui esta noite? — perguntou Kate, alarmada. — Tem certeza?

O marido lhe voltou um sorriso confiante, certo de que a visita dos pais melhoraria o humor de Kate. — Sim. Encontrei-me com eles em Truckee, quando fui ao banco esta tarde.

Franzindo o cenho, Kate dirigiu-se ao armário, de onde retirou mais dois pratos de porcelana.

— Dois, querida, não três — disse Peter, no limite da paciência. — Ou prefere que os levemos para jantar fora?

— Não passei a tarde toda cozinhando para comer um assado sofrível naquela espelunca que se denomina hotel.

— O que temos para jantar? — ele quis saber com um tom de desafio velado na voz. — Quero que esta noite seja um sucesso.

Kate virou-se para encará-lo com os olhos brilhando de indignação.

— Ainda não confia nos meus dotes culinários, não é?

O'Rourke a fitou com um brilho perigoso no olhar.

— Kate, não sei o que aconteceu para que ficasse nesse estado, mas é melhor se acalmar para que...

— Oh, já sei! — exclamou Kate, cruzando os braços sobre o peito. — Tenho de desempenhar o papel de esposa perfeita e dócil. — E lançando um olhar de reprovação aos trajes de trabalhador do marido: — E quanto a você? Não vai se vestir de maneira apropriada? Não quer causar boa impressão?

— Quero apenas ser eu mesmo.

— Oh, um pobre e simples irlandês, certo?

— Não. Um lenhador irlandês que ficaria eternamente grato à sua esposa se ela

voltasse a ser a doce mulher com quem ele se casou — resmungou Peter.

— E tonta, quer dizer? — provocou-o Kate, em tom sarcástico. — Que grande ator você é, querido. Enganou-me por completo.

— Do que está falando?

— Conheci sua mãe hoje!

Os olhos de O'Rourke se dilataram de surpresa.

— Minha mãe? — repetiu com um fio de voz.

— A primeira e única condessa de Wickstead — confirmou Kate, erguendo o queixo, desafiadora. — Já ouviu falar dela? — indagou, voltando às tarefas domésticas.

— Então é isso. Está agindo dessa forma ridícula porque minha mãe... sua...

— Eu, milorde? Não fiz nada. Sou apenas uma coadjuvante nessa comédia de erros que você protagonizou.

— Você, Katie, é a atriz principal! — disparou Peter. — Onde está minha mãe agora?

— Hospedada no hotel.

— Mal posso esperar para vê-la — afirmou o marido, esfregando as mãos.

— Você é um ser frio e calculista — resmungou Kate. — Mentiu para mim este tempo todo, sem se importar com os meus sentimentos.

— Planejava contar-lhe a verdade.

Kate o seguiu até o quarto.

— Depois de todos estes meses, para que a pressa?

— Peça-lhe desculpas — Peter disse em tom casual, desabotoando a camisa. — Acredito que tenha feito minha mãe se sentir bem-vinda... — Jogou a camisa no chão e a fitou com um intenso brilho no olhar. Um frio avassalador percorreu a espinha de Kate, que engoliu em seco ante a visão dos ombros largos e o peito musculoso. A atração que sentia pelo marido tornava quase impossível qualquer tipo de vingança.

— Você é um grosseiro, Peter.

— Eu sei — concordou ele, exibindo um sorriso que lhe ressaltava as covinhas do rosto. — Mas a conheço mais do que pensa. Está mesmo zangada comigo, não?

— Não posso calcular quanto.

— Estava feliz quando pensava que eu era um pobre trabalhador — lembrou-a O'Rourke. Sentou-se na cama, retirou os calçados e os chutou para o canto do quarto. Em seguida, encheu de água a bacia de porcelana que se encontrava sobre a cômoda. Kate observou-o molhar a cabeça e o torso e depois pegar uma toalha para se secar. De repente, um sorriso infantil curvou os lábios do marido, iluminando-lhe o rosto. — Então, qual é o problema? Ainda sou o mesmo homem adorável com quem você se casou.

— Mentiu para mim! — insistiu Kate, irada.

— Alguma vez parou para pensar em como eu me sentia? — Peter ergueu o queixo, colocando-a na defensiva. — Por Deus! Você acusou seu próprio marido de ser um ladrão de bancos!

Kate estremeceu.

— O que eu poderia pensar? Confundi-me deliberadamente.

— Negativo! Você não me deixou explicar — argumentou ele, espalmando as mãos na parede e fazendo-a cativa entre elas. — Então resolvi brincar com você para ver até onde iria.

— Brincar comigo? — repetiu Kate, agachando-se e passando por debaixo do braço de Peter. Furiosa, dirigiu-se apressada à penteadeira, pegou a escova de cabelos e a arremessou contra ele.

Mas Peter a interceptou no ar e a jogou na cama.

— Sua insolente! Atreva-se de novo se for capaz! — Marchou em direção à esposa, esquecendo-se de que os parentes estavam prestes a chegar. Tudo que ele tinha em mente era sua adorável esposa se deslocando pelo quarto e arremessando-lhe frascos de perfume, travesseiros e meias dobradas.

— Oh, eu me atrevo, sim! — gritou Kate, descontrolada. Subiu na cama, esticou a mão e puxou uma mecha de cabelos do marido. Peter soltou uma gargalhada, atirando-a de forma pouco gentil no chão.

— Seu canalha! — ela resmungou, batendo com os punhos nas pernas musculosas. — Vou acabar com você, seu mentiroso declamador de poesias!

— Contenha-se, Mary Katherine! Se quiser brigar, levante-se — desafiou-a Peter, colocando-se em posição de luta.

Ela o fitou boquiaberta.

— Como se atreve? É mais alto e forte que eu.

— Você começou tudo isso — ele retrucou, sorrindo, divertido, enquanto a circundava socando o ar.

— Não se atreveria a bater em mim!

O'Rourke fechou a porta do quarto com um estrondo. O barulho a assustou. Ele estava postado entre ela e a saída. Por mais aborrecida que estivesse Kate não ousaria testar a paciência do marido.

— Abra a porta! — ordenou ela com voz trêmula.

— Não, minha doce esposa. Insistiu nessa querela, pois não sairá deste quarto enquanto não a concluirmos — declarou Peter, arregaçando as mangas.

Apesar de alarmada, Kate estava igualmente divertindo-se.

— Muito bem. O que tem a dizer em sua defesa?

— Nada — respondeu ele, aproximando-se e lançando um olhar cheio de luxúria nos seios fartos. — Pode discutir à vontade, minha querida esposa.

— Na... nada temos a discutir.

— Errado — contrapôs O'Rourke. — Lembre-se que tenho todas as razões do mundo para duvidar da sua sinceridade depois do nosso... como posso chamá-lo? Casamento de conveniência.

— Você sabia que eu tinha mudado de idéia — argumentou Kate. — Quando... dormi com você.

Ele deu de ombros.

— Muitas mulheres dormiram comigo. Isso não prova nada.

— Não significou nada para você? — indagou Kate, incrédula.

Os olhos verdes pousaram na face afogueada da esposa.

— Significou tudo para mim. Naquela ocasião, eu desejava o seu amor desesperadamente, não apenas o prazer físico. Oh, Deus, Kate! Era terrível amá-la e saber que a única coisa que você tinha em mente era me abandonar tão logo chagássemos à cidade.

As defesas de Kate quase caíram por terra. Sentia-se tentada a se atirar nos braços fortes e suplicar que Peter a perdoasse.

— Oh, Peter... — Interrompeu-se, lembrando o quanto ele era mentiroso. Não podia se deixar enredar pelos dotes de ator de O'Rourke.

— Se pudesse me afastar de você, eu o teria feito — afirmou Peter, em tom sincero. — Não queria abrir mão de você, mas também não podia forçá-la a ficar comigo.

— Iria partir e me abandonar?! — gritou Kate.

Meneando a cabeça, ele deu um passo à frente.

— Quando recebi aquela ordem de restrição, senti como se o chão me faltasse. Você era a coisa mais preciosa da minha vida e pensei tê-la perdido para sempre. Fiquei desesperado, tentando encontrar uma forma de fazê-la ciente de quanto eu a queria junto a mim. — E, sorrindo, embaraçado: — Tinha vontade de empurrar cada níquel daquelas sacolas pela sua garganta abaixo.

— Que idéia brilhante!

— Estava fora de mim.

— De fato. — Ante a confissão patética, Kate não pôde conter o sorriso. — E o que eu deveria pensar a não ser que não estava interessado no meu dinheiro?

— Que eu queria você, e não o seu dote. Pretendia que houvesse um recomeço, no qual nós dois estivéssemos no mesmo patamar.

— No mesmo patamar? — repetiu Kate com sarcasmo. — Meus míseros mil dólares não chegam aos pés da sua fortuna.

Um sorriso triunfante curvou os lábios de Peter.

— Mas você não sabia disso.

— Mas agora sei. Seu comportamento foi abominável. Dinheiro e título nenhum no mundo compensam o que me fez passar nos últimos meses.

— Nada mudou — afirmou ele, dando de ombros. — Você ainda me ama. Não negue.

— Conquistou-me trapaceando!

O'Rourke sorriu, malicioso, tentando tomá-la nos braços.

— Tudo é válido no amor e na guerra.

— Fique longe de mim! Você mentiu... Nunca mais acreditarei em você!

Peter deixou escapar um suspiro exasperado.

— Esta deve ser a primeira vez na história da humanidade que uma esposa faz

objeção em ser casada com um nobre em vez de com um ladrão de bancos. Quanto à minha condição, não menti tanto assim. Sou um lenhador e trabalho duro! Tudo por você — acrescentou, esperando abrandar-lhe as defesas.

— Sinto muito, Peter, mas não é o suficiente. Você me faria crer indefinidamente que era um lenhador com um salário de quarenta dólares por semana.

— Isso é um absurdo! — vociferou O'Rourke. — Eu estava apenas aguardando o momento adequado para lhe contar a verdade. Esta noite, para ser mais preciso. Por isso convidei seus pais para jantarem conosco. Deveria ser uma noite de celebração. — Os olhos verdes brilhavam sedutores. — Acho que nós dois tínhamos uma revelação a fazer. Eu que havia comprado Diablo Camp, e você contaria sobre o bebê.

Kate recuou, lançando-lhe um olhar furioso.

— Seu irlandês irritante! Há quanto tempo sabia?

Peter sorriu sarcástico.

— Há quase dois meses — informou, com um sorriso vitorioso nos lábios.

A presença máscula confundia os sentidos de Kate. Antes que o marido notasse sua vulnerabilidade, rumou apressada, em direção à porta apenas para se ver detida por um par de braços musculosos. Com um movimento lento, O'Rourke inclinou a cabeça e arrebatou-lhe os lábios num beijo ardente.

— Eu te amo, Kate — declarou Peter com voz rouca de desejo. — Não fique aborrecida comigo, meu amor. Não estava troçando de você. Foi apenas uma brincadeira que fugiu ao meu controle.

Kate fez um gesto em direção à porta.

— Como acha que me senti quando sua mãe apareceu aqui? De repente, me surpreendi queixando-me como uma aldeã idiota!

— Lamento ter perdido tal cena. — Logo em seguida, O'Rourke teve de se abaixar para que o punho fechado da esposa não o atingisse.

— Que diabo, Kate! — exclamou ele, agarrando-a pelos braços. — Isso é intolerável — dizendo isso, jogou-a em cima da cama. Kate fitou, aterrorizada, o marido se aproximar com um estranho brilho no olhar. — Desta vez foi longe demais! — bradou Peter, empunhando o facão que trazia no cinto.

Os olhos de Kate se dilataram de pavor quando O'Rourke ajoelhou-se na cama, mantendo-a cativa entre as pernas musculosas. Indefesa, engoliu em seco, sabendo que o havia provocado além de um limite aceitável. Por certo ele concluiria que aquele casamento havia sido um erro e agora queria eliminá-la.

— Tem... de... fazer isso? — sussurrou ela.

— Pode estar certa que sim — afirmou Peter. Em seguida, segurou-lhe o corpete do vestido e posicionou a faca contra o rígido espartilho.

Kate umedeceu os lábios, imaginando como reagir ante a força evidente do marido. Ele parecia tão poderoso! Os cabelos loiros caindo como a juba de um leão feroz por sobre os ombros. Fitando aquele belo espécime masculino, sentiu as entranhas desfazerem-se de medo e desejo. Oh, devia estar ficando louca. Como podia pensar em fazer amor com uma faca apontada para o seu peito?

— Não o provocarei mais... serei obediente. Dê-me mais uma chance — suplicou

ela.

— Fique quieta! — ordenou Peter, cortando o espartilho do pescoço à cintura.

Apesar de Kate sentir o frio metal contra a pele, não havia dor.

Cautelosa, abriu os olhos e observou o marido cortar a fita que prendia sete anáguas em volta da delgada cintura.

— Agora sim — declarou Peter, colocando a faca entre os dentes. Em seguida, retirou o rígido espartilho e atirou-o pela janela. Depois, foi até o guarda-roupa e o vasculhou. — Onde está aquela camisola de seda que usou ontem à noite?

Desafiadora, Kate soltou uma gargalhada, concluindo que Peter nunca seria capaz de feri-la. Sentou-se na cama, observando as roupas rasgadas.

— O que significa isso? — perguntou Peter, estupefato. Kate sorriu e mostrou as ceroulas de flanela vermelha.

— Já que não lhe agrada a moda feminina, por certo não se oporá se eu usar isto esta noite. — E fazendo uma profunda mesura: — Com licença, milorde. Vou cuidar dos últimos preparativos para o jantar — disse se encaminhando à porta.

Com a rapidez de um felino, Peter se adiantou e a agarrou pelo braço.

— Katie O'Rourke! — gritou.

Ela o fitou por sobre o ombro com um meio sorriso, preparando-se para um segundo round.

— Sim, querido?

— Basta! — Estavam agora face a face. — Eu adoro esse tipo de jogo na intimidade, mas por Deus, não diante dos nossos pais!

— Grosseiro! — disparou Kate. — Destruíu o meu vestido e me despenteou. Agora arque com as consequências.

— Proponho-lhe uma trégua.

Pensativa, Kate o fitou por alguns instantes.

— Tudo bem. Mas não pense que está perdoado.

— Depois que nossos pais partirem, prometo-lhe que teremos uma conversa séria.

— Concordo — anuiu Kate, observando o olhar lascivo com que o marido lhe fitava os seios.

— Oh, diabo! — exclamou Peter, puxando-a em sua direção e beijando-a com intensidade. Os lábios quentes desceram pela curva do pescoço delgado, pelo colo, ao encontro dos mamilos intumescidos. Com a respiração acelerada, sugou-os com avidez até que Kate soltasse um gemido alto e arqueasse o corpo de encontro ao dele.

— Oh, meu amor, não brigemos mais. Você é tão linda e desejável! — sussurrou Peter, enquanto continuava a executar a doce tortura.

Kate ofegava, retribuindo-lhe os beijos com igual intensidade. Bastava aquele homem a tocar para que todo o seu corpo se transformasse em lava incandescente. Resistir a Peter era como querer apagar um incêndio de grandes proporções com um copo de água.

Oh, danação! desesperou-se Kate. Seria sempre daquela forma? A irresistível

atração versus uma incontrolável batalha de temperamentos? Seu casamento seria sempre como um campo de batalha?

Porém não havia como negar o quanto aquilo lhe agradava, o que ela deixava claro na forma como correspondia ao marido.

— Não consigo parar de tocá-la — confessou Peter, ofegante, enquanto a língua quente e macia traçava o contorno dos seios firmes.

Kate parou de resistir. As ações provavam mais que as palavras. Se pretendia que O'Rourke respeitasse sua opinião, tinha de ser mais enérgica. Com um movimento repentino, mudou de posição, subjugando o corpo másculo ao seu. Os seios fartos tocando o nariz de Peter, que de pronto sugou-os com avidez.

Disposta a não perder o domínio da situação, ela inclinou os quadris para frente, roçando a excitada virilidade do marido.

— Está sob o meu poder — exultou, percebendo-o sem forças para resistir.

— Sim — concordou ele. — Puna-me, querida. Eu mereço.

— Farei com que suplique por clemência — prometeu a feiticeira ruiva, antes de fechar os dedos em torno do membro rígido e, com um só movimento, impelir-se contra ele até a completa união dos corpos suados.

Sem lhe dar tempo para uma reação, Kate imprimiu um ritmo violento. Percebendo o furor da esposa, Peter seguia a cadência imposta, em completa rendição. Era o mínimo que podia fazer depois de todo o sofrimento que ele lhe causara. Pensando assim, movia os quadris ao comando da mulher amada até que ambos sucumbissem aos violentos espasmos que pontuaram o alucinante clímax.

— Espero que isso tenha lhe servido de lição, Sr. O'Rourke — sussurrou Kate, ainda ofegante, aconchegando-se, saciada, nos braços musculosos.

Permaneceram colados até que houve uma batida na porta.

— Olá! Tem alguém em casa? — a condessa de Wickstead gritou do lado de fora.

— Oh, Deus! — sussurrou Peter, erguendo-se de imediato. — É minha mãe! Precisamos nos vestir depressa!

Em segundos, O'Rourke havia vestido as calças e abotoava a camisa, ao mesmo tempo em que procurava os calçados que havia jogado para um dos cantos do quarto. Enquanto isso, Kate vestia uma camisola por sobre a cabeça para, em seguida, pegar as meias e a anágua.

— Estamos indo, mãe! — gritou Peter, correndo em auxílio da esposa. Ele encontrou um vestido amarelo simples e elegante no guarda-roupa e o colocou sobre a cama. — Deixe-me ajudá-la.

Em minutos, ambos estavam vestidos de maneira adequada para receber a visita. Os cabelos de Kate haviam sido penteados para o lado e atados com uma fita de cetim estreita.

Peter observou a aparência da esposa com um olhar de aprovação.

— Aí está a nova condessa de Wickstead!

— Não brinque Peter — objetou Kate, franzindo a testa. Ele levou a mão ao queixo, analisando-a, pensativo.

— Pensando bem, é muito insolente para ser uma condessa e também muito americana.

— Graças a Deus por isso! — declarou Kate, observando o marido. Ele trajava uma blusa de linho com uma gravata fina e calça marrom. Mas a elegância que emanava de Peter pouco tinha a ver com a roupa, e sim com o estilo pessoal.

Prontos, caminharam de braços dados para cumprimentar a condessa.

Próximo à lareira, Anne O'Rourke examinava o guisado de coelho. A concha ainda nas mãos.

— Oh, aí estão! Cheguei muito cedo?

Os olhos verdes brilharam de orgulho quando avistaram o filho e a face afogueada e radiante da nora. Peter correu ao encontro da mãe.

— Que surpresa agradável! Por que não me escreveu, informando-me da sua chegada?

A condessa depositou um beijo demorado na face do filho e, em seguida, piscou para Kate, que, inebriada, assistia à cena de ternura.

— Para estragar a surpresa?

— E então, o que achou da minha esposa? — quis saber 'Rourke, incluindo Kate no abraço.

— Kate é tudo que eu poderia desejar como nora — declarou a mãe, envolvendo a ambos com os braços delicados. — É linda!

Emocionada, Kate caminhou até a lareira.

— O que achou do meu guisado, mãe O'Rourke?

— Está quase pronto e parecendo delicioso! — E voltando-se para o filho: — Vejo que agora está caçando como seu pai costumava fazer.

— De vez em quando, mas não fui eu que cacei o coelho. Estava ocupado preparando uma surpresa para Kate.

— Outra? — indagou a esposa. — Não sei se sobreviverei a tantas.

— Gostará dessa — assegurou Peter.

— Seu filho convidou também meus pais para jantarem conosco esta noite — informou Kate à sogra.

— Esplêndido! Eu não poderia ter escolhido ocasião mais oportuna para vir visitá-los.

Peter acomodou a mãe na cadeira próxima à lareira e, em seguida, sentou-se na sua favorita.

— Conte-nos sobre a viagem — sugeriu ele.

Enquanto a condessa descrevia os percalços da longa jornada, Kate fazia os últimos retoques na comida. Minutos mais tarde, o ruído de uma carruagem parando em frente à cabana lhes chamou a atenção.

— Devem ser seus pais — manifestou-se Peter, adiantando-se em direção à porta.

— Olá, Peter. Onde está minha filha? — a voz retumbante de Homer se fez ouvir.

— Por favor, entre senhor — convidou O'Rourke. — Sra. McGillacutty, é sempre um prazer revê-la.

Madeleine entrou na residência conduzida pelo braço do marido.

— Obrigada, Peter. Que refúgio charmoso! — elogiou, observando o interior da cabana.

— Kate fez maravilhas com este lugar — opinou Homer, piscando para o genro.

Kate veio correndo ao encontro dos pais e jogou-se nos braços da mãe.

— Oh, que bom revê-la!

Depois de Kate abraçar o pai, o casal fez as apresentações.

— Então, a senhora é a condessa de Wickstead. Prazer em conhecê-la — cumprimentou Homer, levando a mão delgada aos lábios.

— Oh, deixemos a formalidade de lado. Todos os meus amigos me chamam de Anne.

— Contou sobre a sua identidade para meus pais? — sussurrou Kate para o marido.

Peter lhe dirigiu um sorriso maroto.

— A esposa é sempre a última, a saber.

Enquanto dispunha biscoitos em um tabuleiro e os colocava para assar, Kate observou a reação dos pais ao título de Peter. Nunca vira o barão tão satisfeito. Apressou-se para verificar os últimos detalhes da mesa, e Madeleine veio se juntar a ela.

— Oh, querida. Estou tão orgulhosa! Tudo parece perfeito — declarou no instante em que o marido se aproximava.

— Parece muito bem disposta, filha.

Peter riu às escondidas, enquanto Kate franzia o cenho.

— Está bem — começou ela, deixando escapar um suspiro exasperado. — Pensei em lhes fazer uma surpresa, mas acho que já sabem. Voltou o olhar para o marido, que sorria, divertido. — Vá em frente, querido, não deixe sua mãe em suspense.

Quando O'Rourke informou a mãe da gravidez da esposa, a condessa exultou de alegria.

— Oh, sinto-me abençoada! — exclamou, apressando-se em abraçar a nora. — Meu marido ficaria felicíssimo!

— Esta ocasião merece um brinde! — sugeriu Homer. — Há algum vinho nesta casa?

— Melhor do que isso — respondeu o genro, precipitando-se pela porta em direção ao lago das trutas, ao lado da residência.

— Para onde está indo, Peter? — indagou Madeleine, surpresa.

— Espero que não esteja pretendendo nadar — disse Kate. — Por que não nos sentamos à mesa?

Kate acomodou os pais à sua esquerda e a sogra, à direita, deixando a cabeceira da mesa para o marido, que voltava naquele instante com duas garrafas de champanhe nas mãos, ainda pingando a água gélida do lago.

— Querida, por favor, providencie as taças.

Todos brindaram à felicidade do casal e à saúde do futuro herdeiro dos Wickstead.

A medida que a noite passava, Kate sentia-se mais feliz a cada minuto. Sem nenhum resquício de rancor, o pai e o marido conversavam animados sobre os negócios. Peter dividia com o sogro os planos para o futuro. Falavam a respeito dos investidores da via férrea e ambos concordavam que muito em breve pessoas e cargas seriam transportadas por ela por todo o país.

A condessa e Madeleine também se juntaram à conversa.

— Deus! Ao que parece, o conde de Wickstead está decidido a plantar suas raízes neste país! — exclamou a mãe de Kate, com um sorriso que lhe iluminava a face de traços perfeitos.

— Sim — concordou o genro. — Esta é a minha surpresa para Kate. Esta manhã entrei com um pedido de cidadania junto ao governo. Levará algum tempo, mas por certo conseguirei — anunciou, fitando a esposa com olhar intenso. — Foi aqui que encontrei o amor da minha vida e é aqui que pretendo trabalhar e criar meus filhos.

Uma sombra de preocupação perpassou o semblante da condessa.

— E quanto ao seu título, meu filho? — perguntou em tom suave.

— Tanto ele quanto as terras serão herdados pelo filho mais velho de Sean ao atingir a maioridade. Acho que é o mais justo a ser feito. — Sorrindo, O'Rourke retirou um morango da tigela e o atirou na taça de champanhe da esposa.

— Peter! — admoestou-o a mãe.

— Tenho tudo de que preciso aqui — declarou sem desviar o olhar de Kate. Uma onda de alívio aqueceu a alma de Kate. Desde que tomara conhecimento de que o marido era um lorde irlandês, havia temido que ele desejasse se fixar na terra natal. O fato de Peter abrir mão de retornar ao seu país por ela a deixou sem palavras. — Além disso — continuou O'Rourke —, títulos nunca me agradaram. Jamais conseguiria conviver com todo aquele protocolo.

A condessa se ergueu e caminhou em direção ao filho.

— Vim de muito longe para encontrá-lo e meu coração está repleto de alegria para contestar qualquer decisão sua. Acho que sabe onde se encontra o seu destino — afirmou, voltando o olhar cheio de ternura à nora. — Seu pai ficaria orgulhoso com o rumo que você deu à sua vida. E eu também estou.

Pela primeira vez em sua vida, Peter se encontrava emocionado demais para pronunciar qualquer palavra.

A mãe contornou a mesa e foi se postar atrás de Kate.

— Este — declarou, pousando a mão repleta de jóias no ombro da nora — é o seu verdadeiro tesouro. O amor é tudo o que importa, e você, meu filho, foi sensível o bastante para perceber isso.

Encarando Peter por sobre a cabeça de Kate, a condessa retirou uma caixa de veludo do bolso do vestido.

— Ainda assim, meu adorado filho, não seria justo se eu não concedesse um presente apropriado a esta linda dama que se tornou o tesouro da sua vida.

Todos os olhares pousaram na nobre irlandesa.

— Venha até aqui, Peter. Preciso da sua ajuda. Atordoados, o filho obedeceu profundamente emocionado com a sincera aprovação da mãe à escolha de Kate como sua esposa.

Anne lhe tomou a mão e o fitou com os olhos rasos d'água.

— Peter, a generosidade que devotou aos filhos de seu irmão tem minha total aprovação. A decisão de permanecer neste país, embora mais difícil de aceitar, é compreensível. Portanto desejo passar à sua esposa — anunciou a condessa, abrindo a caixa e revelando as reluzentes jóias — o conjunto de colar e brincos de diamantes que pertencem à nossa família há três séculos. — E voltando-se para Kate: — Agora estas jóias são suas como prova do meu amor, embora meu filho recuse o título que vem com elas.

Da caixa aveludada, Anne O'Rourke retirou um grosso e brilhante colar de diamantes, dispostos em forma de coração incrustado de rubis.

Kate e os pais fitavam com os olhos arregalados de surpresa o conjunto de jóias de inestimável valor que a condessa estendia para o filho.

— Vamos, coloque-os em sua esposa.

Kate tencionou o corpo enquanto o marido colocava a jóia de família em seu pescoço. Embora se sentisse honrada com o generoso gesto da sogra, era a atitude de Peter que mais a emocionava. Ele havia anunciado sem hesitar a decisão de ficar nos Estados Unidos. Durante toda a tarde tomara providências para permanecer para sempre ao lado dela e do futuro filho.

E ela pensando em vingar-se daquele homem extraordinário!

Peter ergueu a esposa da cadeira e beijou-a com ternura.

— Mamãe roubou a minha cena — fingiu protestar, enfiando a mão no bolso e segurando a mão esquerda de Kate. — Feche os olhos, querida.

Atônita por ser o centro das atenções, Kate obedeceu, escutando as exclamações de admiração dos presentes quando o marido deslizou uma aliança em seu dedo anular.

— Oh, meu filho! Sempre tão romântico! — exclamou a condessa, emocionada.

Sentindo o contato do metal com a pele, Kate descerrou as pálpebras e seus olhos se dilataram de surpresa.

— Oh, Peter! — exclamou, atirando-se ao pescoço de O'Rourke.

O marido soltou uma gargalhada.

— Já estava na hora de lhe dar um apropriado anel de casamento.

Kate olhou para a aliança, observando a pureza do ouro à luz bruxuleante das velas. Mas nenhuma jóia poderia ser mais sólida do que os braços fortes que lhe envolviam a cintura.

— Peter O'Rourke, eu te amo com toda a força, do meu coração. Nenhuma aliança é mais forte do que o amor que me une a você, amado esposo.

Com um brilho intenso no olhar, Peter arrebatou a esposa, tomando-lhe os lábios em um beijo ardente.

Kate deslizou as mãos pelos cabelos loiros, pensando que poderia explodir de tanta

felicidade. Como um espelho que lhe retratava a alma, os olhos de Peter refletiam um amor que a impressionava por sua intensidade.

— Katie O'Rourke, usará esta aliança como uma prova do meu amor? — indagou Peter, com a voz repleta de paixão.

As palavras havia muito estavam presas na garganta de Katherine, e naquele momento ela não se importava de proferi-las.

— Até que a morte nos separe seu adorável declamador de poesias — sussurrou Kate contra os lábios do marido.